

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PABLO HENRIQUE PASCHOAL CAPUCHO

REMINISCÊNCIAS DIVERSAS: NARRATIVAS DE DIVERSIDADE
NAS VIVÊNCIAS EM ORGANIZAÇÕES

CURITIBA

2025

PABLO HENRIQUE PASCHOAL CAPUCHO

REMINISCÊNCIAS DIVERSAS: NARRATIVAS DE DIVERSIDADE
NAS VIVÊNCIAS EM ORGANIZAÇÕES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração Estratégia e Organizações, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Natália Rese

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Capucho, Pablo Henrique Paschoal

Reminiscências diversas: narrativas de diversidade nas vivências em organizações / Pablo Henrique Paschoal Capucho. – 2025.

1 recurso on-line: PDF.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Administração, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Natália Rese.

1. Administração. 2. Ética. 3. Memória. 4. Identidade (Psicologia). I. Rese, Natália. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ADMINISTRAÇÃO -
40001016025P6

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ADMINISTRAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **PABLO HENRIQUE PASCHOAL CAPUCHO**, intitulada: **Reminiscências diversas: narrativas de diversidade nas vivências em organizações**, sob orientação da Profa. Dra. NATÁLIA RESE, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

13/04/2025 20:58:04.0

NATÁLIA RESE

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

24/04/2025 16:00:04.0

JUSSARA JÉSSICA PEREIRA

Avaliador Externo (ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE
SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica

13/04/2025 21:30:39.0

GIOVANNA PEZARICO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

29/04/2025 13:57:32.0

BRUNO EDUARDO SLOGO GARCIA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

24/04/2025 10:48:04.0

EDUARDO GUEDES VILLAR

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Av. Lothario Meissner, 632 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80210-170 - Tel: (41) 3360-4365 - E-mail: ppgadm@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 441755

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 441755

Dedico esta obra a todos os gentis corações que se
abriram para mim e compartilharam suas estórias
com este sensível pesquisador em doutoramento.

AGRADECIMENTOS

Prezado/a leitor/a, por mais que você esteja lendo essa seção logo no início do trabalho, sua construção ocorreu de fato como a última seção desta tese a alcançar um espaço fora da minha mente. Essa, para mim, é uma seção muito pessoal. Quando pego Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações ou Teses, eu corro para ver os Agradecimentos que o/a pesquisador/a escreveu. É algo tão íntimo da pessoa e que reflete muito sobre a pessoa. Sinto que, por meio dessa seção, posso entender um pouco mais sobre a pessoa, algo que nem sempre o trabalho consegue transmitir. Não por culpa da pessoa, mas diria que é pela impessoalidade que muitas dimensões epistemológicas prezam tanto por. De todo modo, foram quatro longos anos para finalmente chegar a este momento, da concretização da escrita dos meus agradecimentos, de abrir meu coração para agradecer a todas as pessoas que não só fizeram parte do meu processo de doutoramento, mas àquelas que deixaram suas marcas em mim e que carrego sempre comigo. Dá até um nervosismo... e já adianto que minha memória nem sempre é das melhores. Eu posso, e provavelmente vou, esquecer de algumas pessoas. Saibam que não é por mal. Mas tenham certeza de que vocês estiveram comigo ao longo de toda a jornada vivida até agora e estarão comigo pelas jornadas que virão.

Primeiramente, quero agradecer a todos os amigos que fiz ao longo da vida. Eu não sou uma pessoa de muitos amigos, mas tenho *grandes* amizades que, mesmo distantes, estão presentes comigo. Desde o pré-ensino, que fiz o meu primeiro melhor amigo no Sesi, Guilherme Hill; ao Ensino Fundamental, na Escola Municipal Carlos Dietz que pude conhecer o Luiz Katsuyama, Eloisa Cola, Clara Cola, Tayane Delalibera, Nathalia Vasconcelos; a mudança para o Colégio Estadual Marcelino Champagnat, onde cursei os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em que conheci o Lucas Martins, Eloisa Lima, Daniela Paiva, Larissa Ribeiro, Larissa Belieiro, Mariane Kimie, Anderson Bruscagim, Amanda Fontolan, Giovanna Giangiacomo, Débora Isabel, Gabriela da Silva, Tawany Sanches, Gabriela Cubaski, Marcos Candido, Solange Pinheiro, Kathulin Tanan, Fábio Nathan; a entrada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde tive o prazer de dividir a graduação com Anna Rockenbach, Jonathan Martins (a partir de quem pude conhecer a Luana Ribeiro), Rayanna Bezerra, Nathalia Lopes, Vinícius Germano, e o mestrado com a Beatriz Zanoni (a quem reservarei um espaço especial), o Jacques Chiba e Maria Fernanda Tomio, e enfim chegar na Universidade Federal do Paraná e me encontrar com os queridos Daniel Valotto, Noah Brito, Ingrid Matos (a quem também reservarei um espaço especial), Gustavo Forapani, Rodrigo Pacheco, Simone Kunde, Carla

Lopes, Elielton dos Santos, Gabriele Lopes, entre tantos outros. Sem também, deixar de mencionar, amigos que fiz durante essa jornada da vida no ambiente online ou outros espaços, que são tão queridos para mim, como Henrique Piratello, Maria Cardoso, Guilherme Sobral, Lucas Pinheiro, Felipe Mendes, Willian Kodama (Sushi), Matheus Nagao, João Souza, José Souza e outros tantos que não mantenho contato, mas que os lembro carinhosamente.

Minha família, que também foi (e continua a ser) uma base importante para toda a formação do meu ser. Ao meu pai, Nilton de Oliveira Capucho, com quem pude aprender esforço, paixão e dedicação àquilo que nos identificamos com. À minha mãe, Maria Angélica Paschoal Capucho, que sempre me cobriu de carinho e fez muitos sacrifícios por mim. Ao meu irmão(zinho), Eduardo Augusto Paschoal Capucho, que sempre foi meu grande parceiro, meu companheiro nas jogatinas, no cinema, nos passeios, que foi acolhedor quando eu precisei, e que está agora entregue ao mundo, buscando se colocar e deixar sua marca. Aos meus bichinhos de estimação, que passaram muitas horas do dia deitados perto de mim, ou até mesmo no meu colo durante as aulas síncronas na pandemia, o falecido Bidu, meu primeiro e querido cachorro, a falecida Laika, a cachorra de rua mais inteligente do mundo, a Meg, a cachorra mais carinhosa e amorosa de todas, e a Hannah, que é uma pentelhinha alegre demais. Ao “Loro”, que chegou quase como um intruso na família, mas que eu levei para meu quarto durante muitas tardes para que ele pudesse ter uma companhia, e eu também.

A minha tia e madrinha, Suely de Moura, que sempre agiu como minha segunda mãe, tanto na preocupação quanto no amor que me proporcionou. A minha falecida avó por parte de mãe, Maria de Moura, que fazia o arroz e feijão mais gostoso de todos e que eu lamento muito não poder sentir o sabor dessa comida tão saborosa, que surpreendia até com um simples prato de arroz, ovo e farofa. A minha avó por parte de pai, Vany de Oliveira Capucho, que em um momento sensível, me transmitiu uma preocupação boa que me surpreendeu, e quem também tem muitos *filhos de Deus perfeito* como netos. Ao meu avô, Everaldo Capucho, que é o homem com a saúde mais de ferro já conhecida neste planeta, e que brincamos que vai viver o suficiente para ver todos os netos velhinhos.

Aos meus primos, que sempre me proporcionaram alegrias aos montes, meu quase-irmão, João Gabriel Cassiano Paschoal, com quem eu vivenciei uma grande parte da infância e que o tenho até hoje como meu irmão do peito, suas irmãs igualmente queridas, Débora e Camilla, que quando nos reunimos sempre proporcionam ótimas lembranças. Aos meus primos por parte de pai, Felipe Capucho, que me deu um espaço para fugir de ambientes às vezes sufocantes, e aos seus irmãos, Arthur e Aline, que sempre estiveram juntos nas reuniões familiares e que faziam parte do nosso forte de resistência.

Aos professores, que tive ao longo da vida. Infelizmente, não lembro de todos os nomes (na verdade, lembro poucos dos da infância), mas lembro seus rostos, sua paixão e dedicação em ensinar, que me inspiraram a chegar até aqui. Aos professores que me inspiraram a seguir uma carreira acadêmica (e a continuar nela). Aos professores membro da banca de minha tese, que estão aqui em um papel tão importante e carinhoso de avaliarem meu trabalho e construir essa reflexão juntos à mim. Ao meu orientador do mestrado, Saulo Fabiano Amâncio Vieira, que me ensinou praticidade, que foi quase meu financiador por um bom tempo do Doutorado com as bolsas e os projetos em que ele sempre me trouxe ao seu lado, e foi extremamente compreensível durante esse processo que não me foi fácil. Ao meu *praticamente* coorientador do mestrado, Rafael Borim de Souza, que sempre foi um confidente, um estimulador e um desafiador cognitivo, que acredita no nosso potencial reflexivo e que inspira por meio de suas pesquisas tão interessantes e, muitas vezes, difíceis de acompanhar, mas que nos obriga a sempre buscar mais e mais, para enfim entendê-las.

A minha orientadora do doutorado, Natália Rese. Natália, acredito que me faltam palavras para descrever todas as queridas emoções que você me trouxe nesse processo que, por muitas vezes, é sofrido e doloroso. Desde que te vi pela primeira vez durante as qualificações de Bia e Jacques e na palestra que você foi dar na UEL, você me passou a imagem de ser uma pessoa não somente muito inteligente, mas também *humana*. Vir para o doutorado e, no meio de tanto caos, ter você como orientadora foi algo que permitiu apenas ter argumentos para dizer o quão incrível você é, não somente enquanto orientadora, professora e pesquisadora, mas como mãe, como pessoa, que nunca deixou de estender a mão para seus orientandos, para os seus não orientandos, e ajudar pessoas que precisam de ajuda, mesmo que você esteja com várias coisas acumuladas. Você sempre deixa sua porta aberta, e isso a torna tão diferente de qualquer coisa que a academia pode proporcionar. Você torna essa experiência menos sofrida e dolorosa, mesmo quando você nos desafia a ler uns autores difíceis, como o Ricœur. Você está lá, para esclarecer coisas, responder meus áudios quase podcasts, me ajudando a organizar a bagunça que há aqui dentro da cabecinha. Pelos seus áudios tão carinhosos e instigantes, que sempre nos inspiram a continuar pensando, a continuar crescendo. A possibilidade que você me trouxe de conhecer pessoas tão queridas, e a ter como irmãs acadêmicas a Bia e a Ingrid, mas também uma nova irmãzinha de coração, a Catarina, que eu não preciso imaginar a pessoa incrível que irá se tornar, porque eu vejo a pessoa incrível que ela é porque ela tem você. Eu sei que você disse logo no início do doutorado que não devemos construir estátuas para os autores/pesquisadores, nós devemos ser aqueles a desconstruir essas estátuas. Mas, Natália, você torna isso tão difícil. Porque você, com toda a certeza do mundo, é uma pessoa que eu

construiria uma estátua para e manteria sempre cuidada. Como não tenho essa competência motora, ficarei com a estátua que construí para você em meu coração e a cuidarei com muito carinho para sempre.

As minhas queridas irmãs de orientação, irmãs acadêmicas, irmãs da vida, Beatriz e Ingrid. Beatriz, você é um divisor de águas para minha vida. Vir para a UFPR teve um desejo maior por saber que a teria aqui como companhia, na cidade nova, e alguém com quem contar. Você foi tão mais do que isso. Você foi realmente uma irmã para mim. Alguém que sempre me deu dicas sobre as coisas da vida, que me recomenda medicamentos que surtem efeitos rapidamente, que me levou para conhecer restaurantes e me deixou mal-acostumado com essa vida de sabores, que me levou para experiências únicas, como o show do Coldplay, e até para experiências que eu nem saberia dizer se gosto ou não, mas que hoje posso dizer com toda certeza de que não gosto (estou falando de vocês, VU e Pedrão). Você é uma pessoa com quem pude compartilhar tantas experiências nesses curtos três anos do doutoramento e que teve um impacto imensurável em minha vida. Eu te agradeço demais, por todas as portas da vida que abriu para mim, por todas as mensagens carinhosas de apoio e pelas não tão carinhosas de repreensão, e por ser uma inspiração para mim enquanto pesquisadora, profissional e pessoa. Sei que já passamos por isso várias vezes, mas eu te admiro demais. E espero que nossa amizade continue a perdurar por anos e anos.

Ingrid. Você foi o maior presente inesperado que tive ao vir para a UFPR. Eu nem havia sido aprovado ou sequer chamado, e você me mandou uma mensagem no Instagram para me acolher. Você, junto de Simone, foi tão acolhedora comigo, quando entrei após as aulas terem começado, compartilhando tudo comigo, me recebendo com tanto amor que eu jamais esperaria de uma pessoa que era quase uma estranha para mim. Quando me mudei para Curitiba, você me convidou para sua casa, e eu tomei um leite com achocolatado com você, a tia Rosa e Savinho. Naquela hora, eu estava tão nervoso, porque isso foi algo que fugia tanto do meu padrão, da minha forma de ser, e até ali vocês me acolheram tão bem que eu duvidava da realidade daquilo. Ao longo de todos esses anos, você e Beatriz foram um porto-seguro, um apoio, parcerias de pesquisa, e, mais importante, parceiras da vida, que compartilhava segredos, confissões, preocupações. Eu te admiro tanto, e sei que você vai construir trabalhos tão lindos e humanos, porque você, simplesmente, é assim. Você promoverá mudanças, porque com certeza promoveu em mim (e espero que continue, amiga).

Aos meus outros amigos do mesmo ano que eu, em especial, Daniel, que é um amigo aventureiro e guerreiro, que superou muitos desafios no doutoramento, que compreende meus gostos caseiros e que é o maior fã de Como Treinar seu Dragão; Noah, que é o cara mais

carinhoso do mundo, que proporcionou ao longo dessa jornada uma companhia tranquila, e que tem o abraço mais aconchegante de todos; Carla, que é uma amiga transparente, que não poupa palavras e que é muito decidida e dedicada, que junto de Bia e Ingrid, fica desafiando os meninos a saírem dos nossos casulos.

Agradeço também aos namorados de minhas queridas irmãs, que mais do que isso, se tornaram meus amigos também, Rodrigo e Gustavo, que são os caras heteros mais divertidos da UFPR. Como podem ver, sem preconceito a heteros, até tenho amigos que são. Mas, sem brincadeira, Rodrigo, você é uma pessoa paciente, brilhante e humilde. Você me assusta com o quão incrível e quão real você é, mesmo sendo doutor em Matemática, que pesquisa uma sopa de letrinhas! Espero que você conquiste tudo o que você merece (e mais!), porque é visível quanta dedicação e paixão você coloca em tudo que faz. E, junto de Ingrid e Bia, vocês me proporcionaram muitas experiências únicas, como ir assistir um jogo da Copa do Mundo em um bar com o cabelo pintado de verde e com uma camiseta do Brasil, algo que em nenhuma realidade possível eu me imaginaria fazendo. Foi tão bom viver tudo isso contigo, e tenho muitas saudades de você amigo. Gustavo, você que é o mais recente de todos do doutoramento, que me chocou desde o primeiro momento quando aceitou um convite para ir à festa de aniversário de alguém que você nem conhecia bem, que aceitou viajar com um grupo do nada, e que construiu uma conexão sinceríssima com a minha querida irmã. Sou muito feliz que você esteve presente em todas essas lembranças. O maior torcedor do Cruzeiro, com um coração gigante. É parceiro das idas à UniBrasil, confidente das insatisfações com alunos, e uma pessoa que, como você mesmo diria, é viciada em viver.

Não menos importante, ao meu praticamente marido, José Carlos Rodrigues Júnior. Durante esse doutoramento, começamos a morar juntos, e pude compartilhar muitas experiências novas e divertidas com você. Encontrei alguém com quem eu pudesse compartilhar as alegrias e tristezas desse processo, meus momentos de saúde e de doença. O biomédico e estudante de ciências da computação sempre esteve disposto a me ouvir falar sobre filosofia e sociologia, a refletir sobre coisas, como ele mesmo diz, tão abstratas, mas que isso não o impedia de discutir comigo, de me questionar as coisas a partir do seu próprio olhar. Sua participação nessa tese é grande. Seja ela de me provocar em alguns momentos de *pequenas certezas* que fui construindo no meu exercício teórico, ou quando me deixou deitar no seu ombro e fez carinho na minha cabeça. Espero poder continuar a compartilhar essas experiências com você, e que continuemos a crescer juntos.

Por fim, à todas essas pessoas, e muitas outras, quero agradecer imensamente, de todo meu coração, de tudo que eu sou enquanto ser, por terem feito parte de minha vida, por terem

feito parte da minha história de vida. Mencionando uma tirinha do artista Caetano Cury, criador do Téo & O Mini Mundo, que eu tanto amo, vocês são traços em mim, que compõem o que eu sou enquanto sujeito, mas que não me limitam. Muito pelo contrário. Abrem espaço para que eu possa ser tão mais, como infinitas folhas em branco (Cury, 2023). Muitíssimo obrigado por tudo até aqui. Eu amo vocês.



Certas flores a gente só vê ao tomar alguns desvios.

(Haikyū!!, Temporada 2, Episódio 4)

RESUMO

Este relatório de tese busca trazer um olhar, a partir da filosofia ricœuriana sobre o contexto de diversidade vivenciado pelos sujeitos diversos. Para tanto, construímos uma discussão que se volta para o reconhecimento da diversidade a partir de um olhar desuniversalizante, um olhar que reconheça e aceite as diferenças entre os sujeitos diversos, a fim de que se alcance instituições éticas e justas de viver bem junto conforme defendido por Ricœur (2014). Nosso objetivo de pesquisa foi compreender como os sujeitos rememoram suas vivências no contexto de diversidade nas suas relações em organizações. Olhar para as memórias dos sujeitos diversos, memórias essas que pertencem a sua própria construção narrativa de sua identidade, nos permitiu compreender aquilo que é rememorado do contexto de diversidade em organizações. O percurso teórico-metodológico se pauta em uma abordagem qualitativa, no método de história de vida, e análise fenomenológica-hermenêutica em que pudemos colher histórias de 11+1 narradores-recordadores, de diferentes “grupos” de diversidade. Nosso processo de teorização contou com um conto confessional, em que eu, pesquisador-escritor, mas também narrador-recordador, relato inicialmente minha própria história, para em seguida adentrar nos relatos dos narradores-recordadores, organizados em instituições, para identificar primeiro *o quê?* as reminiscências disseram. Em seguida, construímos uma discussão teórica focada no *como?* e *por quê?* as reminiscências dos narradores-recordadores disseram para, então, construir um olhar analítico da realidade a partir dessas vivências dos sujeitos diversos. Por fim, em um exercício imaginário, como proposto por Bachelard (1990), tentamos sonhar, ou evidenciar a *proposição futurista* de uma desuniversalização da diversidade para que, enfim, possamos reconhecer os Outros como um Si que não o Si-Mesmo. Essa pesquisa não buscou trazer receitas, políticas de diversidade e tão pouco métricas de diversidade. Entendemos que ao colher, reconhecer e ouvir as memórias do sujeitos, podemos capturar a realidade a partir das narrativas não homogêneas, não totalizantes, não universalizantes. Capturar a unicidade do sujeito diverso e reconhecê-lo como um *fim em si* é algo que defendemos neste trabalho e continuaremos a defender.

Palavras-chave: Diversidade. Organizações. Memória. Ética. Identidade.

ABSTRACT

This thesis report seeks to look, from the perspective of ricœurian philosophy, at the context of diversity experienced by diverse subjects. To this end, we have constructed a discussion that focuses on the recognition of diversity from a de-universalizing perspective, a perspective that recognizes and accepts the differences between diverse subjects, in order to achieve ethical and fair institutions for living well together, as advocated by Ricœur (2014). Our research objective was to understand how subjects remember their experiences in the context of diversity in their relationships in organizations. Looking at the memories of diverse subjects, memories that belong to their own narrative construction of their identity, allow us to understand what is remembered in the context of diversity in organizations. The theoretical-methodological path is based on a qualitative approach, the life story method and phenomenological-hermeneutic analysis in which we were able to collect stories from 11+1 narrator-recorders from different diversity “groups”. Our theorizing process included a confessional story, in which I, the researcher-writer, but also the narrator-recorder, first told my own story, and then delved into the stories of the narrator-recorders, organized into institutions, to first identify *what?* their reminiscences said. We then built a theoretical discussion focused on *how?* and *why?* the reminiscences of the narrator-recorders were told, in order to build an analytical view of reality based on the experiences of these diverse subjects. Finally, in an imaginary exercise, as proposed by Bachelard (1990), we tried to dream or highlight the futuristic proposition of a de-universalization of diversity so that we can finally recognize the Others as a Self other than the Oneself. This research did not seek to provide recipes, diversity policies or diversity metrics. We understand that by collecting, recognizing and listening to the subjects' memories, we can capture reality from non-homogeneous, non-totalizing, non-universalizing narratives. Capturing the uniqueness of the diverse subject and recognizing it as an *end in itself* is something we have defended in this work and will continue to defend.

Keywords: Diversity. Organizations. Memory. Ethics. Identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	OBJETIVOS	22
1.1.1	Objetivo geral	22
1.1.2	Objetivos específicos	22
1.2	JUSTIFICATIVA	22
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1	DIVERSIDADE E UNIVERSALIDADE EM ORGANIZAÇÕES.....	25
2.2	ANTROPOMORFIZAÇÃO DA MEMÓRIA E HISTÓRIA ORGANIZACIONAL..	34
2.3	A REMEMORAÇÃO E O SI-MESMO EM RICŒUR	40
2.3.1	Diversidade, Memória e a Visada Ética	46
3	PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	60
3.1	ACESSANDO O CAMPO: COLHENDO AS FLORES	61
3.2	A TEORIZAÇÃO A PARTIR DA REMINISCÊNCIA.....	68
4	PABUIK, O FILHO DE DEUS PERFEITO	75
5	O CAMPO DE FLORES: AS INSTITUIÇÕES E A DIVERSIDADE NAS REMEMORAÇÕES DOS NARRADORES-RECORDADORES	84
5.1	INSTITUIÇÃO FAMILIAR.....	85
5.1.1	“eu não me entendia com ninguém” – Vínculo Familiar	85
5.1.2	“você vai sofrer” – Medo.....	87
5.1.3	“é só uma fase” – Preconceito	90
5.2	INSTITUIÇÃO RELIGIOSA.....	94
5.2.1	“abdicar em prol do seu irmão” – Controle	94
5.2.2	“você vai pro inferno” – Exclusão e Conflito.....	96
5.3	INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	98
5.3.1	“caramba, esse menino é igual a mim” – Amizade e Representatividade	98
5.3.2	“esse contexto que eu tive limitou o meu contato com a diversidade” – Visão de Mundo	100
5.3.3	“se eu for fracote aqui, os cara vão me trucidar” – Preconceito	101
5.4	INSTITUIÇÃO MIDIÁTICA.....	104
5.4.1	“eu me espelhava muito nela” – Representatividade.....	104
5.5	INSTITUIÇÃO VIRTUAL	107
5.5.1	“foi onde eu conseguia acolhimento” – Redes Sociais e Jogos.....	107

5.5.2	“você não tem como você saber quem que você pode abordar” – Aplicativos de Namoro	109
5.6	INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA	111
5.6.1	“era como se eu vivesse uma utopia” – Identificação	111
5.6.2	“eu não sabia se ia ser uma relação boa ou não” – Socialização	114
5.6.3	“você vai dar conta?” – Preconceito e Privilégios	116
5.6.4	“foi tudo culpa da UEL, né?” – Visão de Mundo	119
5.7	INSTITUIÇÃO POLÍTICA	121
5.7.1	“não acredito que vocês vão votar numa pessoa que é contra mim” – Eleições	121
5.7.2	“precisa ter políticas afirmativas” – Políticas públicas	123
5.8	INSTITUIÇÃO TRABALHO	125
5.8.1	“quando dá trabalho, já não é tão legal ter diversidade” – Políticas de Diversidade..	125
5.8.2	“um homem não vai passar por isso...” – Discriminação	128
5.8.3	“sempre uma incógnita” – Relações de trabalho	138
5.9	INSTITUIÇÃO SOCIAL	141
5.9.1	“para mim mudou na hora” – Identificação e Aceitação	141
5.9.2	“eu tô sempre alerta” – Medo e Preconceito	145
5.9.3	“era tudo o que eu queria” – Relações sociais	150
5.9.4	“mais um dia de luta” – Direitos e Resistência	153
5.9.5	“no meu tempo era diferente” – Visão de mundo	154
6	(A) DIVERSIDADE NAS INSTITUIÇÕES	157
6.1	SUJEITOS LGBTQIA+: “DECEPÇÃO”	158
6.2	SUJEITOS MULHERES: “INCAPAZ”	165
6.3	SUJEITOS NEURODIVERGENTES: “INADEQUADOS”	168
6.4	SUJEITOS NEGROS: “AGRESSIVOS”	168
6.5	O OUTRO COMO... OUTRO?	174
7	DESUNIVERSALIZANDO A DIVERSIDADE: RECONHECENDO O OUTRO COMO UM SI QUE NÃO O SI-MESMO	183
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
	REFERÊNCIAS	193

1 INTRODUÇÃO

Eu provavelmente deveria iniciar essa tese pedindo desculpas. Peço desculpas às pessoas que eu ofendi ao longo da vida. Peço desculpas para os autores dos trabalhos que citei ao longo desse relatório de tese. Eu acredito que não consegui capturar toda a essência da problemática que discutirei neste trabalho, e, sinceramente, acredito que ninguém conseguiria capturar todas as nuances presentes nesse tema. Ainda assim, ainda que eu não possa capturar *toda a essência*, não me resta outra escolha a não ser tentar. Não por causa da necessidade de escrever a tese para obter o título de Doutor (ok, talvez um pouco), mas pela necessidade de, assim como Ecléa Bosi (1994) coloca, eu, enquanto um ouvinte de *memórias de sujeitos diversos* (ou *diversos sujeitos?*), me coloco na obrigação de utilizá-las para teorizar e contribuir para aquela tríplice famosa que hoje em dia é cobrada em todas nossas publicações (teórica, prática e social).

Mas, devo admitir, quanto mais li a respeito do tema, e aqui devo dizer que não acredito sequer ter arranhado a superfície deste, mais inseguro me encontrava para escrever. “Eu devo ler esses autores que citaram? Eu devo buscar a palestra que mencionaram? Será que eu tenho que buscar mais referências para abranger a totalidade da discussão?”. Meu carrinho da Amazon poderia dizer horrores sobre o quanto investi nessa tese. Caro(a) leitor(a), foram inúmeras perguntas que me fiz ao longo dessa trajetória para pensar na melhor forma de construir essa discussão. Devo assumir também que eu desisti. Ao menos para essa tese, eu desisti de abranger a totalidade. Agora, enquanto escrevo isso, me pergunto se ao longo da vida eu terei a possibilidade de apreender ela. Mas, para essa tese, eu fiz escolhas. Nesse momento, eu escolhi seguir por esse caminho pensando em mim, e pensando também nas vivências que eu tive o imenso prazer de prestigiar (e sentir, como verão). Espero de coração que meu pedido de desculpas seja compreendido, assim como espero que me perdoem por iniciar essa tese dessa forma tão pessoal (e que pretendo continuar ao longo de todo esse trabalho, ao menos tentarei).

Tendo dito essa parte necessária, há de se apresentar o que de fato compõe a discussão teórica presente nessa tese, a qual se debruçará sobre as narrativas de diversidade a partir dos sujeitos diversos, os quais rememoram, conforme Ricœur (2020), e criam sentido, consciência sobre si, a partir desta relação de temporalidade do *ser-no-tempo*, um jogo de palavras que o autor fez a partir do *ser-no-mundo* de Heidegger. Ainda que tal discussão pareça tender para uma questão de identidade (e esse conceito será de certa forma incorporado pelas discussões a serem construídas), não será a identidade de fato o problema a ser trabalhado aqui, mas as narrativas de diversidade feitas a partir de vivências em organizações. Sob esse ponto, é

importante mencionar que não olharemos¹ exclusivamente para as empresas, ainda que estas sejam por muito o principal objeto de trabalhos da área de Administração e/ou Gestão de Empresas. Não negarei a importância das empresas, pois devo reconhecer seu papel atual na sociedade e não cometer o equívoco como Rowlinson et al. (2010) colocam a respeito do distanciamento dos Estudos Organizacionais de Memória e os Estudos Sociológicos de Memória. Assumiremos, neste trabalho, um olhar para as organizações além da empresa, mas para organizações de sujeitos que se reúnem para uma finalidade, podendo esta ser diversa.

As organizações detêm relevância em assuntos que dizem respeito à sociedade, enquanto parte de uma sociedade capitalista regida pelo interesse do capital, elas atuam como guardiãs da vontade de sujeitos que buscam maximizar seu retorno. A sustentabilidade, por exemplo, é um assunto que surgiu fora das fronteiras organizacionais, mas que ao envolvê-las na causa fez com que elas assumissem um papel ativo para assumir essa narrativa para si, atuando como uma tradutora do que é ou não sustentabilidade (B. Zanoni, 2024). Ora, se as organizações atuam como tradutores de narrativas tão relevante para a sociedade como a sustentabilidade, por que as organizações não assumiriam também outras temáticas, como a própria *diversidade*?

É ao assumir esse assunto tão caro para tantas pessoas (mulheres, negros², LGBTQIA+, neurodivergentes, pessoas com deficiência [PCD], entre tantas outras diferenças) que as organizações negligenciam o próprio cerne dessa discussão. A diversidade, enquanto um tema que deveria problematizar e discutir sobre a representatividade dos sujeitos em múltiplos âmbitos da sociedade, torna-se aqui um grande *guarda-chuva conceitual*, onde grupos distintos, que hora compartilham lutas, hora divergem, são inseridos como se o fato de serem diferentes da normatividade padrão de *homem branco cis hetero* colocasse-os na mesma *categoria* (Ortiz, 2015).

Enquanto um *sujeito diverso*, quem me dera a questão de compreensão de si, a relação com o mundo, fosse simplesmente mediada por uma definição universal que promovesse um respeito mútuo e uma vida digna. Mas, por um lado, essa definição, o que muitas vezes chamamos de *caixinhas*, mais prejudicam do que auxiliam na compreensão de si enquanto

¹ Caro leitor, perceba que em alguns momentos utilizarei primeira pessoa do singular, me referindo a mim, o autor deste trabalho, e em outros, utilizarei a primeira pessoa do plural com a intenção de construir um diálogo entre nós, pois acredito que essa discussão construída aqui não diz respeito a mim, ou a grupos específicos, mas a todos nós, enquanto sociedade.

² Adotarei, nessa tese, a terminologia negro para se referenciar às pessoas de pele escura. Eu pensei em adotar o termo “preto”, dado que existe certas polêmicas quanto ao termo negro, mas optei por adotar este termo pois foi a forma como Íris se referenciou a si mesmo.

diverso. Posso assumir aqui, antecipadamente, quase como um *spoiler* de uma discussão que trarei mais adiante, ainda que eu seja um *homem gay*, há muitas coisas que eu não assumo para mim do comportamento, de escolhas, porque eu tenho a minha própria personalidade, a identidade-idem e identidade-ipse, como abordaremos a partir de Ricœur (2006, 2014) mais adiante para nos auxiliar a fundamentar essa discussão. Assumir que, como membro da caixinha do LGBTQIA+, isso me define, seria um total engano. E não sou o único. Muitas das histórias de vida que serão aqui discutidas compartilham dessa visão. Não pretendo adentrar exclusivamente na questão da sensação do pertencimento ou não, mas deve-se compreender que dentro do próprio grupo (LGBTQIA+) há divergência sobre direitos e há problemáticas sobre o apagamento de subgrupos (como a causa das lésbicas, dos bissexuais, das trans, assexuais, e assim por diante), onde poderíamos repousar o olhar a forma como a localização social altera a experiência (Ribeiro, 2024), dentre outras questões como a própria interseccionalidade pouco trabalhada empiricamente em outras pesquisas (Dennissen et al., 2020; P. Zanoni et al., 2010).

Ainda que um olhar apenas autobiográfico já coloque em ruínas a questão da universalidade da conceituação da diversidade, traremos nessa tese esse fenômeno como objeto de análise, a partir de um olhar da memória, da história e do esquecimento. A memória por si só já daria um fenômeno para uma extensa discussão. Ricœur (2020) inicia sua obra, com inspiração na fenomenologia husserliana, com uma proposição da fenomenologia da memória com as questões “De que há lembrança?” e “De quem é a memória?”. Ainda que questões que a princípio pareçam *simples* (eu tive essa ingenuidade), o autor preocupa-se com um caminho que vai de o quê (lembrança), para o quem (memória refletida), passando pelo como (reminiscência). Isso significa sair do *fato rememorado*, passando pelo *o que se conserva dele*, o que é *importante* (para o sujeito), para chegar na apropriação da lembrança por um sujeito capaz de lembrar de si, pois lembrar-se dos fatos é também lembrar de Si-Mesmo.

Apesar de tais reflexões, a memória, vista pelos Estudos Organizacionais, não se aproxima desses pontos, ao colocar a memória como algo da organização. A princípio, a memória organizacional fora utilizada como um conceito que busca responder as questões *what* (o quê?), *how* (como?) e *who* (quem?) referentes processos administrativos ou a conhecimentos internos da organização (Walsh & Ungson, 1991; Wegner, 1987; Wegner et al., 1991). Foi somente em 2010 que esses conceitos foram problematizados e uma reaproximação com os estudos sociológicos, filosóficos e antropológicos iniciou. A partir de então, novas vertentes que se aproximaram da memória nas organizações surgiram (Foroughi et al., 2020).

Além da memória, há também a definição de história, que muitas vezes sobrepõe o conceito de memória ou os posiciona ora como antagonistas, ora como complementares, ou até mesmo hierarquizados, como se a história fosse o passado *objetivo* e a memória o passado *subjetivo*. Decker et al. (2021) é um excelente exemplo dessa busca por construir melhor a relação entre estes conceitos e os posicionar de forma clara teoricamente. No entanto, aqui adentraremos não precisamente nessa discussão, mas em como existe um processo de antropomorfizar a *memória* e a *história organizacional*, realizando assim um apagamento dos sujeitos.

Para reconhecermos os sujeitos, utilizamos, além da dialética da memória, da história e do esquecimento, a dialética entre mesmidade e ipseidade, e ipseidade e alteridade a partir de Ricœur (2014), para olharmos além da rememoração e para o próprio processo de formação da consciência do si(-mesmo) e como este se relaciona com o Outro (que não o si). A partir dessa discussão teórica do autor, repousamos um olhar para a problemática da diversidade em organizações e como ela se relaciona com um bem viver, que Ricœur atribui à visada ética. Assumimos, portanto, um olhar reflexivo, crítico e reconhecemos a complexidade inerente do tema de diversidade, principalmente ao repousar o olhar sobre os sujeitos diversos e suas rememorações tão imersas na constituição e consciência de Si-Mesmo e em relação com os outros na sociedade.

Seguindo as estruturas de *como construir uma Introdução*, tão divulgadas hoje por diversos meios (e que me aparecem incansavelmente na linha do tempo do Instagram, entre ofertas de livros na Amazon), acredito que este agora seria o momento que eu deveria justificar a significância do estudo. Talvez, dada a temática, é algo surreal eu ter de explicar o porquê é importante discutir narrativas de diversidade dentro dos Estudos Organizacionais. Essa frustração eu tenho desde a graduação com diversos outros temas, como a sustentabilidade que mencionei acima que é tão querida a pessoas próximas a mim, e que durante a graduação eu não entendia sua relevância, me perguntando “precisa mesmo explicar que poluir é errado e que estamos prejudicando o planeta em que vivemos?”. Hoje em dia, depois de ser massacrado durante as aulas do mestrado e do doutorado, percebo o quão ingênuo fui. É sim necessário. É muito necessário.

Uma parte da significância do estudo é porque ele é significativo para mim. É significante para meus amigos e minhas amigas. É significante para todos orientadores e orientadoras que tive ao longo da vida. É significante para qualquer pessoa que busca uma vida ética, ao menos como apresentarei mais adiante a partir de Ricœur (2014). Infelizmente, assim como a sustentabilidade, discutir diversidade *ainda é necessário*. É triste, eu sei. Mas ainda

agora, em pleno 2025, existem inúmeros casos em que o Outro é posicionado como um estranho, como um *diferente* ao qual muitos agem *indiferente*. A busca por uma vida boa, por uma justiça, é coordenada e definida por uma voz, que silencia todas as outras. Esse trabalho traz vozes não ouvidas. Memórias ignoradas. Memórias esquecidas pela grandiosa, verdadeira e única história organizacional. Não quero me posicionar como um embaixador de todas as vozes não ouvidas, mas ao menos de algumas que, como mencionei antes, tive o prazer e a honra de ouvir. Essas experiências são importantes. É significativo ouvir elas e ponto. E não quero soar arrogante. Ao longo desse processo todo do doutoramento eu percebi o quanto é importante ouvir os outros. Apreender a partir da experiência do outro. Apreender com o outro, porque apreender com o outro, é apreender também a mim mesmo.

Ainda assim, não é difícil, a partir de acontecimentos atuais no mundo, demonstrar a importância de discussões sobre as narrativas de diversidade. Enquanto essa tese era escrita, tive contato com inúmeras notícias que traziam informações relacionadas ao grande tema de diversidade, aos sujeitos que são inseridos dentro deste tema. Recentemente, teve a posse do segundo mandato de Donald Trump nos Estados Unidos da América. E com ele, logo no início de janeiro, já houve mudanças significativas nas políticas de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) de empresas estadunidenses. Após uma decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos contrária sobre cotas de raça e etnia em processos seletivos no ensino superior, empresas vêm modificando suas políticas de diversidade e inclusão, como a Microsoft, Walmart e, mais recentemente, o McDonald's (Ozório, 2025). Tais mudanças também impactaram, além das empresas, o próprio convívio social nas redes, onde o Facebook alterou a Política de Conduta da Meta nos Estados Unidos no dia 07 de janeiro de 2025 para permitir que determinadas crenças religiosas ou políticas possam chamar LGBTQIA+ de “doentes mentais” ou “anormais” (META, 2025b), um esforço pela tão presada *liberdade de expressão*. Essa mesma alteração foi implementada no Brasil no dia 07 de janeiro de 2025, com a seguinte redação:

[...] **Permitimos** alegações de **doença mental** ou **anormalidade** quando baseadas em **gênero** ou **orientação sexual**, considerando **discursos políticos e religiosos** sobre transgenerismo e homossexualidade, bem como o uso comum e não literal de termos como “esquisito” [...]

Em certos casos, **permitiremos** conteúdo que possa não seguir os Padrões da Comunidade de outra forma, quando for determinado que ele é uma **sátira**. O conteúdo **só será permitido se os elementos violadores dele forem sátiras ou atribuídos a algo ou alguém com o objetivo de zombar ou criticar**. (META, 2025a, grifo nosso)

Outras mudanças menores foram feitas também, como no dia 08 de janeiro de 2025 (mesma data da alteração da Política de Conduta), a empresa alterou os temas de “Orgulho LGBTQ+”, “Orgulho Transgênero” e “Orgulho Não-binário” em seu canal de mensagens do

Facebook (*Messenger*) para “Arco-íris”, “Algodão Doce” e “Pôr do sol dourado”, respectivamente (Almeida, 2025a). No dia seguinte a empresa voltou atrás a decisão, nomeando o tema “Arco-íris” de “Orgulho”, enquanto os outros dois temas das bandeiras trans e não-binário foram excluídos da plataforma (Almeida, 2025b). Mas ainda há notícias referente a mudança de posicionamento interno sobre como a Meta lida com diversidade, indo dessas mudanças *sutis* (para quem?) em políticas, até a desumanização com pessoas trans (Newton, 2025), o que dá margem para a manifestação de discursos de ódio à grupos específicos sob o pretexto de *liberdade de expressão*. Isso é uma grande alteração de um cenário onde a maioria das empresas públicas no Fortune 500 apresentavam em algum nível as políticas de DEI (Brennan, 2023).

A implementação de políticas de diversidade demonstra-se com uma associação às mudanças políticas, principalmente em um cenário de tensão e polarização como o mundo ocidental vem vivendo nos últimos tempos. Trump continua, após assumir o cargo, com falas voltadas para minorias, atacando principalmente seus adversários políticos, comunidades trans, imigrantes e políticas DEI (Chaib & Lacombe, 2025), ainda que tenha proibido programas DEI no âmbito federal estadunidense (CNN, 2025). Temos então, numa atualidade, um cenário em que as empresas alteram seus discursos rapidamente na direção do capital e de orientações ideologicamente orientadas, demonstrando a fragilidade das narrativas por estes entes que querem promover o que é ou não diverso, e o que pode ou não ser aceito nas organizações. Ainda que tais notícias reflitam uma posição relacionada ao contexto estadunidense, existe uma preocupação sobre o impacto que isso terá no Brasil (Sukevicius, 2025) por sabermos a repercussão que decisões tomadas nos Estados Unidos refletem no mundo. O Brasil, por si só, apresenta um histórico de ser o país que mais mata pessoas trans (Vasconcelos, 2023), e ainda que apresentamos um cenário na contramão do mundo que fecha as portas para grupos diversos (Ozório, 2025), diferenças salariais entre gênero e raça (Agência GOV, 2024) e violências verbais e físicas com grupos LGBTQIA+ (Johnson, 2017) continuam a existir aqui e a caracterizar as práticas organizacionais brasileiras.

Dado esse contexto, minha tese tem como uma pergunta central: como os sujeitos rememoram suas vivências no contexto de diversidade nas suas relações em organizações? Aqui, portanto, pretendemos observar especificamente o nível individual, sem negligenciar o fato de que este indivíduo é um *ser-no-tempo* e um *ser-no-mundo*, imerso neste vasto mundo, neste momento histórico, na relação com o Outro, e que se afeta por aquilo que a organização conceitua e define enquanto “diversidade”.

1.1 OBJETIVOS

Essa subseção tem como finalidade o objetivo geral e os objetivos específicos estabelecidos para o desenvolvimento desta tese.

1.1.1 Objetivo Geral

Pretendemos, com essa tese, compreender como os sujeitos rememoram suas vivências no contexto de diversidade nas suas relações em organizações.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Significar minha própria vivência enquanto sujeito-diverso por meio de um conto confessional para me situar no contexto de diversidade;
- Explicar como as instituições, onde as experiências rememoradas aconteceram, foram experienciadas pelos narradores-recordadores;
- Explanar a forma como a construção do Si-Mesmo é feita no contexto de diversidade em instituições (in)justas e (anti)éticas;
- Imaginar³ a construção de um contexto de diversidade que promova a construção respeitosa das individualidades e propiciem instituições justas e éticas.

1.2 JUSTIFICATIVA

Eu acredito que este seja o momento no qual eu deva responder a fatídica pergunta: “qual é a sua tese?”. Esta tese é um anseio próprio, um anseio conjunto, um anseio de vozes que muitas vezes não encontram ressonância e se revestem de silêncio, não encontram espaços para serem ouvidas. Esta tese busca olhar para as memórias desses sujeitos diversos e entender *como* relembram sua vida, *como* a diversidade está presente na sua vida, *como* a diversidade está inserida nas suas relações, *como* a diversidade afeta sua vida em espaços organizacionais.

³ Usamos “Imaginar” no sentido apresentado por Bachelard (1990). Não como uma imaginação que se presta à fantasia, mas como atividade necessária ao fazer compreensivo do cientista: “Ver no broto a folha, a flor e o fruto é ver com os olhos da imaginação” (Bachelard, 1990, p. 14).

Se eu for olhar pelo lado da tríade de contribuição *teórica, prática e social* da minha tese, eu apontaria bem brevemente: **teoricamente**, essa tese traz o olhar de um filósofo, o Paul Ricœur, para construirmos uma compreensão sobre o contexto de diversidade vivenciado por sujeitos diversos. Os trabalhos de Ricœur (2006, 2010, 2014, 2020) são complexos, mas trazem meios para problematizar e entender essa realidade que nos foi dada por meio das memórias dos sujeitos. Entendo que o trabalho contribui para a teoria por um olhar reflexivo, que busca tirar pautas muitas vezes invisibilizadas ou negligenciadas que um olhar do diverso universal nos traz (Ortiz, 2015; Ribeiro, 2024); para a contribuição **prática**, entendo que só trazer a visibilidade para essas narrativas já me faz considerar uma promoção reflexiva e um direito de voz, um direito à própria vida destes grupos analisados e de outros que não foram contemplados pelos narradores-recordadores escolhidos. Nesta tese, buscamos, no último fôlego teórico, urgir para construções de instituições éticas e justas, como Ribeiro sugere.

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação de identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram consideradas implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (Ribeiro, 2024, p. 43)

Não temos quaisquer intenções de sugerir neste trabalho práticas de gestão de pessoas inclusivas, estratégias para um aumento na participação numérica de diversidade nas organizações ou pleitear pela diversidade em cargos de gestão. Essa tese foge disso, por mais que isso seja importante de discutir (Lysova et al., 2023). Foge porque entende que para romper com o movimento gerencialista pela diversidade, que ora a promove, ora a repudia, precisamos romper com as categorias dominantes, com os teóricos habituais e se lançar em um exercício também *diverso*. Temos a intenção de reconhecer as instituições como espaços estruturantes que atribuem vantagens à identidade-*idem*, enquanto distribui desvantagens à identidade-*ipse*. Entendemos que a solução para este problema explicito nas falas de nossos narradores-recordadores encontra-se na construção e promoção de instituições justas e éticas, que se preocupam com o bem-estar dos sujeitos diversos, e não com o impacto que a diversidade trará para sua organização (Brennan, 2023; van Bommel et al., 2024). Creio que junto desse pensamento encontramos a contribuição **social** dessa tese, que busca não somente pensar nos espaços das relações de trabalho, mas considerar o sujeito enquanto um *ser-no-mundo* e um *ser-no-tempo*, que não se encontra isolado, mas localizado em um espaço e tempo específicos. Esses espaços e tempos foram trabalhados a partir de Instituições, conforme conceituado por Ricœur (2014), que entende elas como as estruturas do viver junto, estruturas estas, em nosso tempo, articuladas em contextos organizacionais, predominantemente.

Mas, acima de qualquer uma dessas justificativas científicas, este trabalho é um trabalho que, como eu disse, diz respeito à mim. Diz respeito às pessoas queridas para mim (às não tão queridas também). Diz respeito às pessoas que nem conheço, e tão pouco sei suas histórias de vida. Falar sobre a diversidade me trouxe, em determinados momentos dessa tese, angústia. Angústia de olhar para as narrativas e ver vivências sofridas, de não poder estalar os dedos e mudar este mundo que tanto aflige pessoas por serem quem elas são. O tema diversidade não partiu de mim, apesar de ser um tema que eu sempre tive muito interesse. Partiu de minha querida orientadora. Eu sou grato à ela por ter sugerido essa mudança, e ter me colocado nesse caminho. Essa pesquisa tem sua importância justificada porque é um espaço de relato, é um espaço de reflexão e teorização, é um texto que reflete a vida de algumas pessoas, e remete à vida de muitas pessoas. As notícias que apresentei na seção de Introdução, por si só, já deveriam justificar essa tese. O assunto é urgente, e precisa ser discutido mais do que nunca, por diferentes perspectivas. Espero que essa tese encontre lugar no mundo e nos corações desamparados, e que sirva para que as pessoas possam se reconhecer neste trabalho e que também possam esperar junto de nós por *instituições mais justas e mais éticas*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DIVERSIDADE E UNIVERSALIDADE EM ORGANIZAÇÕES

Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam o país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro
(Cazuza, *O tempo não para*)

“No meu tempo não era assim”, alguns dizem. Não é incomum, em um ambiente que narrativas de preconceito ou de ofensas a determinados grupos, frases assim surjam de pessoas que menos se espera. Talvez seja de um parente, talvez seja de um amigo, ou, às vezes, até de um completo estranho que fala perto de você quando aparece algo que simplesmente não diz respeito a ele. Pode ser até que diga respeito, mas como veremos nessa seção, a diversidade é complexa e não podemos simplificar o sujeito a partir de uma visão classificatória do “ele é x”.

Primeiramente, acho que é necessário compreendermos o que é diversidade. Ortiz (2015) constrói essa discussão olhando a construção de “a” diversidade a partir de um contexto social, político e histórico, considerando sua relação com a universalidade, um desejo da sociedade e das organizações a partir do discurso da modernidade. Antigamente, havia um interesse soberano pela busca do universalismo. Isso claramente se reflete na própria construção do conhecimento, com as epistemologias positivistas que procuravam a generalização do conhecimento para todos os contextos. No entanto, o que Ortiz (2015) coloca nessa discussão, é uma busca pela universalidade, pelo que há de comum no homem. Como exemplo, menciona-se a Torre de Babel, que representaria a construção de uma unicidade da língua entre os povos. A queda da torre no conto é vista como algo negativo: “O episódio significa uma queda, e a passagem do uno para o diverso é um retrocesso, uma decadência”. (Ortiz, 2015, pp. 25–26).

Como no exemplo da Torre de Babel, o interesse, durante muito tempo, foi buscar uma padronização das coisas, e o diverso, o diferente, era visto em contramão à tendência da universalidade. No entanto, com os valores da modernidade, a diversidade é ressignificada, e o que antes era uma *maldição*, torna-se uma riqueza, um patrimônio. Reconhecer a diversidade é reconhecer uma “abertura para mundos distintos” (Ortiz, 2015, p. 28). Ainda que haja uma mudança na narrativa para tornar a diversidade como algo de interesse, Ortiz (2015) coloca que essa diversidade atende a uma narrativa específica: o diverso é do interesse desde que retorne à universalidade do homem.

As diferenças tornam-se interessantes, desde que este não questione as relações de dominação social e historicamente construídas. Um claro exemplo é o feminicídio. Posso recordar uma vez, assistindo um desses programas jornalísticos da hora do almoço que só

trazem tragédias e matérias sensacionalistas da região, apareceu uma matéria que não lembrarei exatamente os acontecimentos, mas que na declaração da pessoa responsável pelo caso classificou como um caso de feminicídio. Eu tinha pavor desses momentos, porque era sempre uma deixa para comentários desnecessários, e para minha decepção, a expectativa foi atendida: “feminicídio? É assassinato só. Para que criar esses termos que só ficam dividindo, segregando ainda mais a sociedade”. Infelizmente, não seria nem a primeira e tão pouco a última vez que ouviria esse tipo de comentário, que também refletiria em outros assuntos, como a própria criação de cotas. Meu ponto aqui, nesse exemplo de cunho pessoal, é que a diversidade é reconhecida, enquanto algo que está posto, existe no mundo. Mas quando a diversidade se torna um campo de lutas de direitos, aqueles indivíduos que estão, de alguma forma, em posição de dominação, podem optar por não reconhecer relações de poder implícitas no contexto da diversidade, porque a pessoa ou o grupo que é afetado não é a ele ou o dele, mas sim grupos dos quais esse indivíduo não faz parte.

Para Ortiz (2015), não se pode ignorar a dimensão política presente na universalização da diversidade. O autor questiona: “Seria correto subsumir os diversos níveis a um mesmo denominador?” (Ortiz, 2015, p. 111). Universalismo, portanto, é visto como retórica de poder, técnica de dominação, que visa (e por diversas vezes, consegue) apagar as diferenças dos grupos marginalizados e não reconhece a interseccionalidade presente nos sujeitos. Em contraponto ao universalismo, podemos posicionar o lugar de fala como uma contranarrativa que busca reconhecer *o que há de diverso na diversidade*.

Apesar das diferentes controvérsias sobre o lugar de fala, nos apoiaremos em Djamila Ribeiro (2024) para compreender essa discussão. Sem cair em um individualismo, a autora posiciona a discussão do lugar de fala como um debate estrutural, com a intenção de entender “como o lugar ocupado por certos grupos restringe oportunidades” (Ribeiro, 2024, p. 60). Por exemplo, no nosso caso, ainda que as histórias de vidas sejam dos sujeitos, e as memórias pertençam aos sujeitos, existem intersecções entre os sujeitos e o grupo (o que abordaremos mais adiante com a memória coletiva), o que permite assim olhar para os locais ocupados por esses sujeitos enquanto sujeitos diversos. Isso quer dizer que ainda que olhemos para os sujeitos, eles são sujeitos que compartilham (e às vezes podem divergir entre si) *localizações sociais*, tornando suas experiências únicas, mas que podem ser compartilhadas em diferentes graus por membros de grupos semelhantes.

Nessa construção, Ribeiro se baseia em Patricia Hill Collins para construir o argumento em torno da localização social do sujeito:

E, mesmo sobre indivíduos do mesmo grupo, Collins salienta que ocupar localização comum em relações de poder hierárquicas não implica em se ter as mesmas experiências, porque a autora não nega a dimensão individual. Todavia, aponta para o fato de que justamente por ocuparem a mesma localização social, esses indivíduos igualmente compartilham experiências nessas relações de poder. E seriam essas experiências comuns aos objetos de análise. (Ribeiro, 2024, p. 64)

Sem negar a experiência dos sujeitos, o que se busca é compreender “as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha como grupo” (Ribeiro, 2024, p. 67). A multiplicidade das experiências, situadas social e historicamente, servem, portanto, para refutar uma pretensa universalidade. A autora posiciona esse questionamento ao exemplificar a distinção da experiência da mulher negra e da mulher branca. A partir de uma visão hegemônica do homem branco, a mulher branca seria a *Outra* (diferença de gênero), enquanto a mulher negra seria a *Outra da Outra* (diferença do gênero e raça). É nesse sentido que se manifesta a interseccionalidade do sujeito, que sofre diferentes opressões a partir de suas múltiplas localizações sociais ocupadas.

Mas e as organizações? Onde elas entram nisso tudo? Sem expandir para não nos prolongarmos demais, olhemos para a organização símbolo do modelo capitalista: a empresa. Ortiz (2015) questionou, como apresentei anteriormente, a inserção de diferentes níveis em um mesmo denominador. Nisso, o autor continuou:

Consideremos as seguintes frases: “toda cultura encerra uma identidade” e “toda sociedade encerra uma identidade”. Ao substituírmos “cultura” por “sociedade”, a argumentação se debilita. Dificilmente conseguiríamos associar, de maneira inequívoca e convincente, as relações sociais a um único tipo de identidade. Seria plausível dizer “no interior da sociedade existem tipos de identidades”. (Ortiz, 2015, p. 111)

Observamos que, apesar do autor se referir a um nível cultural na sociedade (o que inclusive fora objeto da comparação), termos assim são comumente utilizados no ambiente corporativo. “Identidade organizacional” e “cultura organizacional” são rotineiramente incorporados pelos departamentos de pessoas das organizações para buscar construir uma identidade e cultura que auxiliem a organização a caminhar na direção de seu objetivo. Essa apropriação também ocorre com a própria diversidade, que não surgiu dentro da organização, mas foi incorporada pela mesma:

Nesse momento, o singular nomeia o fenômeno inequívoco, o evento plenamente tangível da “diversidade como valor universal”. A partir de então é possível falar em: *administrar a diversidade, teoria da diversidade, por que a diversidade é importante?, cultivando a diversidade*. O termo torna-se em si evidente, remetendo-nos a um conjunto de significados partilhados pelo senso comum planetário. Sua objetividade é tal que pode até ser mensurada. São inúmeros os textos que propõem técnicas e modelos ideais para sua apreensão (de uma ingenuidade incrível). Mas a ideia de medida é um indicador de sua materialidade inquestionável. A diversidade não seria apenas uma temática, ela existiria concretamente, podendo ser avaliada de

maneira evidente, como fazia Taylor com suas medições científicas. (Ortiz, 2015, pp. 118–119)

As empresas buscam instrumentalizar a diversidade para algo que a torne gerenciável, a fim de que essa diversidade se torne um diferencial e agregue valor à organização. Isso não é diferente do que é feito com os conceitos de “identidade organizacional” e “cultura organizacional”, que busca condicionar o sujeito dentro da organização a padrões, valores, práticas... assim como diferencia o “nós” (organização) dos “outros” (que se encontram fora dos muros da fortaleza). E isso não se limita ao ambiente corporativo, mas também à própria construção teórica sobre a temática. van Bommel et al. (2024) realizaram um extenso estudo bibliométrico sobre as publicações que trouxeram diversidade e inclusão⁴ no seu título desde o fim da década de 1950 até metade de 2022. Na análise composta por 2.510 artigos, alguns pontos se destacaram entre os achados:

- O artigo mais citado (1.675 citações) é de 1999 e seu tema é relacionado a desempenho organizacional;
- Dos países com maior número de publicação e citação, os Estados Unidos da América aparecem com 956 publicações e 60.519 citações, com a Inglaterra em segundo lugar com 291 publicações e 9.269 citações. A maior parte dos países mencionados (Australia, Canada, Alemanha, Holanda, França, Espanha) compõe o que uma posição de poder no mundo, em uma visão eurocêntrica, ocidental e do norte global. Os únicos países que fogem desse padrão foram a China, com 147 publicações e 2.895 citações (5º na lista, apesar da distância significativa com os concorrentes acima dele) e Índia, com 69 publicações e 526 citações (10ª e última posição da lista);⁵
- Nas palavras-chave dos artigos, surpreendentemente, a palavra *performance* (desempenho) apareceu 465 vezes, enquanto a palavra *diversidade* apareceu 426 vezes;
- Nas dimensões de diversidade trabalhadas pelos artigos a partir das palavras-chave, a maior parte dos artigos trabalhou com uma diversidade classificada como “tipo

⁴ Os autores informam que apesar de Equidade fazer parte dos estudos, ao colocar o termo, os resultados de artigos saltavam muito, pois apareciam outros termos como “equidade econômica” “equidade de marca”, entre outros. Portanto, eles optaram por não incluir o termo equidade para construir melhor a discussão com o assunto pretendido. Caso queiram ver mais sobre esse artigo, que eu recomendo a leitura, vejam na lista de referências.

⁵ Devemos considerar também que a análise realizada considerou a base de artigos da Web of Science e somente a língua inglesa, devido a sua universalidade (*ironicamente*). Portanto, isso não quer dizer que os outros países não apresentaram discussões envolvendo diversidade e/ou igualdade, mas que não foram considerados na base ou na língua analisadas.

observável”, sendo os mais comuns, diversidade de gênero, diversidade cultural, e diversidade de raça ou racial. As diversidades “tipo não-observável”, como sexualidade, religião, cognitiva, apareceram significativamente menos;

- Na análise de *cluster*, foram identificados três: gestão de diversidade (*diversity management*), diversidade de equipe (*team diversity*), e diversidade do conselho administrativo (*board diversity*). No centro da Figura 2 apresentada no artigo (p. 494), é possível visualizar uma bola verde que se destaca sob os outros com a palavra *performance*, e sua relação com os três temas.

Essa minuciosa análise conduzida dos artigos demonstra algo que Ortiz (2015) menciona em sua obra: a diversidade interessa? Sim, ela interessa. Mas ela está subjugada, posicionada hierarquicamente abaixo daquilo que mais importa: o desempenho organizacional, a excelência do negócio. A diferença é vista mesmo por profissionais de *gestão de pessoas* constroem a narrativa em torno de ligação de coexistência e comparação, onde o primeiro busca apagar o sujeito em detrimento do grupo que ele *representa*, e o segundo coloca os grupos como opostos (“nós” e “eles”) para avaliar eles (P. Zanoni & Janssens, 2004). A diferença, no estudo de P. Zanoni e Janssens (2004), é vista ora como falta – focando no que o grupo não tem em relação ao *padrão* – e ora como valor agregado – em que os grupos minoritários estão mais abertos para trabalhar em horários irregulares, são mais flexíveis, comprometidos, mesmo com o pagamento ruim e a exclusão social.

Ainda que as políticas de diversidade (aqui podemos considerar junto a sigla DEI mencionada anteriormente) tenham esta transformação instrumentalizada, alguns podem considerar esse degrau como um *mal necessário*, para que se alcance uma equidade ideal (P. Zanoni et al., 2010). Mas será que as organizações realmente caminharão para isso? Ou seria só mais uma *fake news* do sistema para minimizar a insatisfação dos grupos que não estão no “centro do mundo”? Não seria a mesma falácia dita na divisão do capital conforme a sociedade torna-se mais rica? Talvez seja difícil de ter certeza do que o futuro nos reserva, mas é possível ter uma ideia a partir de outros trabalhos que investigaram essa problemática.

Por exemplo, uma narrativa poderosa que reduz os efeitos de políticas de diversidade efetivas é a famosa narrativa de meritocracia. Jammaers (2023) coloca que práticas que poderiam ser consideradas como *discriminação positiva* (cota é entendido nesse artigo como uma dessas formas) são malvistas por *stakeholders* da organização e até por pessoas que se beneficiariam dessas práticas. Discursos sobre colocar pessoas em caixas, gerar inveja em colegas, ser humilhante para o sujeito apareceram nas falas dos entrevistados, como se a cota fosse uma prática de inferiorizar um grupo ao outro. Essa visão não é chocante, pois em Köllen

(2021) as cotas são compreendidas como uma abordagem mais “radical” (o próprio autor usa aspas). Até certo período da graduação, eu mesmo pensava “Cota para negros? Mas isso não é pressupor previamente que ele é menos inteligente do que o outro?”. Hoje vejo que esse pensamento era um reflexo de um ambiente familiar bem meritocrático que moldou minha visão para isso, ainda que eu divergisse constantemente de muitas opiniões originadas de lá. Ainda assim, houve algum tempo até que eu compreendesse toda a raiz histórica que justifica a necessidade de cotas. Adoto uma visão de que as cotas são necessárias, entendo sua razão de existir, mas espero por um momento que elas não serão mais necessárias, quando de fato a equidade exista. Olhando para a sua radicalidade (como em Köllen, 2021), eu diria que não é radical o bastante. As cotas apenas fazem cócegas no *status-quo*, dando oportunidade para uma parcela da população sem endereçar o problema estrutural enfrentado pela desigualdade desde o início da vida. É necessária, mas não deveria ser a única estratégia.

Mas o discurso meritocrático, como aconteceu com o jovem Pablo, pode influenciar qualquer um. Em outro exemplo, Jammaers e Zanoni (2021) analisam a perspectiva de uma organização do setor privado, em que a diferença de pessoas com deficiência (PCD) eram minimizadas no ambiente organizacional em detrimento do ideal do trabalhador competente e especialmente selecionado. Dessa forma, a organização pode regular a identidade de forma mais indireta, ao sugerir que tipo de sujeito e identidade encaixa na organização por meio de discursos, ou por meio de regulações/orientações que ditam o comportamento e características ideais. Diretamente, a organização pode definir um indivíduo como diferente de outros por meio do uso de palavras e expressões específicas. Essas identidades sociais oferecidas (ou até mesmo impostas) proporcionam vocabulários, símbolos e imagens comumente usados pelos quais a organização molda noções idealizadas e normalizada da organização e seus trabalhadores. Ainda que haja espaço para resistência, esses atos podem trazer consequências, como marginalização ou até mesmo expulsão da organização.

Uma opção que temos para solucionar essa regulação, é construir um caminho até a equidade, para que os membros aceitem as diferenças no contexto organizacional. É isso o que Bernstein et al. (2020) buscam a partir da Teoria de Interações Generativas. As interações generativas podem guiar ações éticas, produzir benefícios para os *stakeholders* em forma de equidade e justiça social, desenvolvimento pessoal dos membros organizacionais e melhorar o desempenho organizacional. Interações superficiais inibem a inclusão na presença da diversidade e, ao se criar um contexto que favoreça as interações significativas entre grupos diferentes, um caminho frutífero (unindo aqui os níveis individuais, interpessoal/grupal e organizacional/estrutural) seria construído para que a equidade, justiça social e desempenho

organizacional e do grupo fosse alcançada. Apesar de concordar com a ideia proposta sobre as interações significativas servirem para produzir inclusão e equidade – principalmente com o exemplo vindo de McNair-Brown (2016) sobre interações em campus universitários nos Estados Unidos da América, que também aparece nas histórias de vidas relatadas neste trabalho –, há uma questão mencionada no final do trabalho que me deixava inquieto ao longo da leitura: “No nível interpessoal, se a vontade e a capacidade de envolvimento forem baixas, as interações de diversidade serão escassas e desconfortáveis” (Bernstein et al., 2020, p. 405). Ora, se uma pessoa “mente fechada”, não estiver interessada em construir conjuntamente um ambiente organizacional equitativo, justo, e se quer tiver vontade e capacidade de se envolver com o Outro, que aqui vou me apropriar rapidamente da definição de Ricœur que traremos mais adiante, o Outro que não o Si-Mesmo, de que forma a promoção de interações generativas na organização vão convencer essa pessoa de se manter aberta para o diferente?

A verdade é que o “buraco é mais embaixo”. Além da divergência entre *padrão* e *divergente*, há também as discordâncias entre os grupos de diversidade. Grupos marginalizados também disputam seus direitos entre si, conforme demonstram Dennissen et al. (2020). As autoras, ao realizarem uma análise em redes de diversidade na *intranet* em organizações, perceberam que cooperação entre os diferentes grupos eram inexistentes ou, quando apareciam, eram por motivos instrumentais (como se beneficiar do tempo de existência ou da organização do grupo). Essa separação dificulta a vida dos sujeitos que se encaixam em “múltiplas caixinhas”, formando negociações de identidade. Uma das entrevistadas, Sonya, participa de duas redes (grupo étnico e de mulheres). Quando Sonya busca construir uma parceria entre as redes, é repreendida por outra mulher que reconhece que a outra rede também apresenta problemas, mas os problemas dos *Outros* [étnicos/estrangeiros] são diferentes dos *Nossos* [mulheres]. Portanto, é necessário focar: “primeiro nós, depois eles”. Ironicamente, essa fala de uma entrevistada me lembrou de um poema.

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém

Ninguém se importa comigo

É PRECISO AGIR

Bertold Brecht (1898-1956)

É nessa divisão de grupos marginalizados-centrais e entre grupos marginalizados que as autoras buscam construir uma análise interseccional (Dennissen et al., 2020). Para isso, as autoras caracterizam dois tipos de interseccionalidade: (i) *estrutural*, reconhece que as pessoas dentro do grupo se diferem qualitativamente devido ao cruzamento de identidades. Portanto, traz um foco na experiência individual e pode proporcionar um olhar sobre o paradoxo da interseccionalidade, que se refere ao uso (intencional ou não) de uma categoria de identidade privilegiada para ganhar vantagem sobre outras identidades que têm maior desvantagem; (ii) *política*, observa as desigualdades e suas intersecções como relevantes para as estratégias legislativas e políticas de grupos que ocupam múltiplas identidades subordinadas ao grupo dominante. Permite sair do nível individual e teorizar sobre como eixos de desigualdades múltiplas “definem, moldam e reforçam um ao outro mutuamente” (Dennissen et al., 2020, p. 222, tradução minha).

Na análise do fenômeno, na interseccionalidade *estrutural*, as autoras observaram uma *Olimpíada da Opressão Invertida* (*Reversed Oppression Olympics*), na qual alguns membros das redes tentavam diminuir a visão de *oprimidos* para que fossem vistos como parceiros valiosos para o grupo. Assim, ocorre manutenção de privilégios e membros com múltiplas identidades subordinadas são marginalizados: “Por meio das Olimpíadas de Opressão invertidas das redes de diversidade, as desigualdades organizacionais, as desvantagens e os privilégios são silenciados” (Dennissen et al., 2020, p. 233, tradução minha). No eixo da interseccionalidade *política*, as autoras observaram o impacto de identidades políticas que buscam preservar seus privilégios. Em um exemplo de um entrevistado, ele encara uma situação delicada de ser membro da rede LGBT⁶ e da rede de minoria étnica, como um muçulmano. Quando se olha para os grupos étnicos, muitas etnias têm dificuldade de lidar com a orientação sexual, o que torna difícil uma construção fácil e colaborativa entre os grupos. No grupo da rede LGBT, preserva-se o interesse da maioria étnica, enquanto na rede de minoria étnica, preserva-se o interesse da maioria heterossexual. A estrutura de categoria única segue incontestada.

⁶ Optei por manter o nome da rede como apresentada no artigo, ainda que atualmente utilize-se a sigla LGBTQIA+ (entre outras variações com mais letras).

Torna-se difícil questionar a estrutura de categoria única, e a vasta maioria dos membros da rede concorda com a organização categórica das redes de diversidade. Embora alguns membros demonstrem sua preocupação com a forma como as redes de diversidade são organizadas, isso é construído como uma questão individual em vez de um problema estrutural. Poucos membros da rede tentam abrir espaço para suas múltiplas identidades dentro das redes de diversidade e realmente desafiam a estrutura de categoria única. Quando as redes de categoria única não são desafiadas como são, múltiplas identidades que se cruzam permanecem obscurecidas. [...] reduzindo ainda mais sua responsabilidade e envolvimento nesta questão [de se envolver com problemas de outros grupos outros grupos]. (Dennissen et al., 2020, pp. 235–236).

Se olharmos para os pontos apresentados até então, a diversidade envolve problemas relacionada a sua conceituação, a sua gestão, e a sua apreensão da complexidade inerente. Mas, retomando um aspecto central da gestão, muitos trabalhos que discutem sobre a sua gestão voltam-se para o benefício econômico que a diversidade traz para as organizações. Não digo nem somente a um olhar para os funcionários, mas a própria inclusão de grupos como potenciais clientes popularizou-se, dado o poder aquisitivo de determinados grupos. Expressões como “*pink money*” até surgiram para tentar denunciar empresas que buscam público LGBTQIA+ como consumidores, mas apoiam práticas ou ideologias contrárias a existência do próprio grupo que os financiam.

No entanto, o critério financeiro é, de fato, uma forma de convencer as organizações sobre o porquê elas devem investir em uma organização diversa, equitativa e inclusiva. E a lógica do capital é, como visto em van Bommel et al. (2024), utilizada não somente pelas empresas, como também pela própria construção do conhecimento nos mais de 2.500 artigos analisados em um período de mais de 70 anos. E aqui não estou tecendo uma crítica somente aos cientistas, pois entendo que muitos estudos provavelmente refletem o que observaram no campo organizacional: as empresas buscam diversidade quando esta contribui para atingir o seu objetivo.

Alguns outros trabalhos ainda juntam a lógica do capital à lógica da justiça, como mencionado anteriormente em Bernstein et al. (2020), e até em trabalhos de abordagem mais crítica, como Köllen (2021). No entanto, Brennan (2023) aponta uma tensão de ordem filosófica e empírica entre estes dois posicionamentos da diversidade para justiça e diversidade para desempenho.

Argumentos baseados em justiça e desempenho para diversidade falam sobre “diversidade”, mas a diversidade em questão não precisa ser a mesma. Como uma questão de definição, argumentos baseados em justiça são sobre parar e corrigir os problemas que resultam de maltratar pessoas por causa de sua identidade demográfica. Em contraste, é uma questão empírica quais tipos de diversidade melhoram ou rebaixam qualquer tipo particular de desempenho em qualquer contexto particular (Brennan, 2023, p. 434)

O autor continua: “Os argumentos baseados na justiça apelam à moralidade, enquanto os argumentos baseados no desempenho apelam ao interesse próprio” (Brennan, 2023, p. 435). Brennan (2023) é cético em relação ao aumento do desempenho organizacional com a diversidade. Se de fato traz uma vantagem relevante, por que há a necessidade de legislar sobre diversidade? Isso se manifesta como um dilema moral, no qual, se a organização promove a diversidade a partir do interesse próprio ou do desempenho, a diversidade é uma intenção secundária. Isso é de fato moral? Mesmo que a organização não promova políticas de diversidade para *aumentar* o desempenho, se ela promover para *não reduzir* o desempenho, decorrente de boicotes, propaganda negativa, não caímos no mesmo dilema?

Concordo (*muito*) com o ceticismo de Brennan (2023). Tendo a acreditar que as organizações não devam aderir a políticas de diversidade por *modismo* ou por desempenho organizacional. Ainda assim, é difícil, tendo em vista as notícias mencionadas na seção introdutória, desassociar a adesão do contexto sócio-histórico vivenciado. Às vezes até me questiono: se eu não fizesse parte de um grupo minoritário, eu reconheceria a importância de tais discussões? O que pensa uma pessoa na posição dominante? Porque eu não tenho dúvida que, em vezes exerci algum privilégio meu (como ser branco, ou ser homem). Inconscientemente ou conscientemente. É difícil abrir mão de algo que é bom *para você*? Eu acredito que sim. Quero reservar essa problemática para mais adiante, quando nos aproximarmos de Ricoeur. Por enquanto, adentremos em outro tema central dessa tese: a memória (e a história) a partir das organizações.

2.2 ANTROPOMORFIZAÇÃO DA MEMÓRIA E HISTÓRIA ORGANIZACIONAL

O que exatamente significa dizer “memória organizacional” e “história organizacional”? Esse pode ser um ponto de partida relevante para compreendermos o porquê de utilizarmos o termo antropomorfização para estes fenômenos. A memória, enquanto um dos protagonistas para nossa construção teórica, tem duas principais formas quando observamos as teorias organizacionais. A primeira, a memória *em função* da organização, equipará a memória humana à memória da organização, posicionando-a como fonte de conhecimento da e para a organização. Uma segunda leitura, a memória *recordada* pelo grupo, é uma visão mais recente, com a qual nos identificamos mais.

A antropomorfização da memória é mais evidente no primeiro caso, da memória em função da organização. Apoiada nos estudos de Walsh e Ungson (1991) e Wegner (1987), temos duas visões distintas, mas que colocam existência da memória associada à gestão de

conhecimento no espaço organizacional. A primeira, deveras reconhecida nesse campo teórico, equipara a memória organizacional a uma metáfora de *caixas de armazenamento* (*storage bins*), aos quais os membros da organização buscariam e acessariam para obter informações e/ou conhecimento para saber o que fazer (*know-what*) e o como fazer (*know-how*). Ou seja, sua função é compor e alimentar o *conhecimento organizacional* (Jasimuddin et al., 2009; Spender, 1996). Ao ler a memória a partir dessa metáfora, o conhecimento torna-se um capital intelectual e, portanto, gerenciável (Wexler, 2002).

Enquanto um capital, a memória torna-se fonte de vantagem competitiva, estratégica e de inovação (Chang & Cho, 2008; Guimarães Silva et al., 2020), identidade e cultura (Stoyko, 2009), aprendizagem (Antunes & Pinheiro, 2020; Barbosa et al., 2022; Schomaker & Bauer, 2020), gestão de conhecimento (Farooq, 2019), e capacidade dinâmica (Suddaby et al., 2020). Por se aproximar de perspectivas funcionais, a memória acaba sendo operacionalizada como um ativo que pode ser mensurado dentro das organizações (Bennet & Bennet, 2009; Moorman & Miner, 1998).

Retirar o sujeito da memória permite colocar a organização como a detentora da memória. Isso faz com que surjam questionamentos sobre como a memória organizacional opera: ela opera da mesma forma que a memória humana, ou é diferente? (Farooq, 2019; Paoli & Prencipe, 2003; Spender, 1996). Nesse aspecto da diferente operação, trazemos a perspectiva de Wegner (1987), que apesar de se diferir da proposta de Walsh e Ungson (1991), ainda nos remete a memória como algo que a organização detém.

Ao invés de se apoiar nas caixas de armazenamento, Wegner (1987) propôs os sistemas de memória transacional (*transactional memory systems*). Nesta perspectiva, a memória individual não é absoluta, o que faz com que as pessoas busquem suplementos externos para auxiliar no processo de memorização. Análises sobre os sistemas de memória transacional se preocupam com a comunicação entre sujeitos, como parentes, colegas de trabalho ou pessoas do grupo com o qual eles se relacionam (Moreland & Argote, 2003; Olivera, 2000; Ren & Argote, 2011; Wegner, 1987). A partir da relação, o sistema de memória transacional preocupa-se com as trocas entre sujeitos e seu papel para facilitar a transferência e retenção de conhecimento da e na organização (Argote et al., 2003).

Se em Walsh e Ungson (1991) a memória é associada ao conhecimento de o quê e como (*know-how* e *know-what*), em Wegner (1987) o sistema diria respeito ao *know-who*, quem detém o conhecimento nas redes. O produto dessas redes seriam as memórias transativas, que é como os sujeitos categorizam e localizam as informações a partir de outros membros do sistema (Ren & Argote, 2011). Ainda que o sujeito apareça como o responsável pela

categorização e localização da informação, as análises buscam a *memória organizacional*, o que é diferente da *memória individual*. O primeiro, é o todo *organizacional*, enquanto o segundo, é uma parte. Focar no sujeito, nessa perspectiva, desvaloriza as experiências passadas que foram compartilhadas e, então, compõem o sistema (Paoli & Prencipe, 2003).

Portanto, a memória transacional é um recurso organizacional (Antunes & Pinheiro, 2020). Discussões a respeito do sistema de memória transacional evidenciam seu papel no desempenho de trabalhos em equipes, como no caso de organizações por projeto (Moreland & Argote, 2003), ou em situações de alterações dinâmicas dos problemas (Miller et al., 2012). A memória continua associada a noção de conhecimento, enquanto um bem precioso e estratégico da organização, que deve ser gerenciado e zelado.

Retomando à questão da antropomorfização, podemos compreender, no sistema de memória transacional, algo equivalente a metáfora do *palácio de memórias*, comumente utilizada para significar o processo de armazenamento de lembranças pelos seres humanos. Se o palácio de memórias pertence a cada humano, ao posicionar o sistema de memória transacional como pertencente a organização, temos um apagamento da humanidade no processo. Ainda que em determinado momento o ser humano seja reconhecido, ao ser o *who* do *know-who*, seu reconhecimento e valor está diretamente associado ao *know(ledge)* que ele proporciona, ou seja, a o que ele traz para somar a organização. Portanto, independente das abordagens, caixas de armazenamento ou sistema de memória transacional, temos uma confusão entre a memória organizacional e a memória humana.

Não há dúvidas que estes tipos de memória diferem entre si. A "memória organizacional" é presa pelo conhecimento, como sua única finalidade. A memória humana não tem como única função armazenar conhecimento. Ela armazena vivências, relações, sentimentos... Algo que a memória organizacional é incapaz ou não se interessa em fazer. A memória organizacional conceituada a partir da perspectiva de recurso, ou até mesmo pelo sistema de redes, preocupam-se somente com os conhecimentos internos da organização, com aquilo que lhe é útil e detém uma função interna de contribuir, principalmente, com aquilo que a organização pretende alcançar. As vivências organizacionais, por outro lado, são incorporadas arbitrariamente à história organizacional. Trabalharemos isso adiante como outra problemática: a quem pertence a *história organizacional*?

Antes de nos adiantarmos e falar da história organizacional, gostaria de enfatizar um movimento contrário ao que Foroughi et al. (2020) chamaram de perspectiva funcional dos Estudos de Memória Organizacional. Esse movimento teve início nos trabalhos de Nissley e Casey (2002) e Feldman e Feldman (2006) que, inspirados no conselho de memória coletiva de

Halbwachs (1990), focaram no relembrar organizacional (*organizational remembering*). Por memória coletiva, entendemos as representações construídas e reconstruídas coletivamente do passado a partir do presente. Nesta leitura, o grupo coleta e transmite representações do passado, que é negociado e deliberado a fim de que se estabeleça um consenso que permita criar uma forma semelhante de interpretar tais representações (Adorisio, 2014; Decker et al., 2021), ou seja, cria um senso de identidade, um *framework* social (Foster et al., 2011; Hodge & Costa, 2020), e permite aos sujeitos terem coesão entre eles (Pollak, 1989, 1992).

Após essas publicações, Rowlinson et al. (2010) apresentaram uma crítica ao campo de Estudos de Memória Organizacional pelo seu afastamento dos Estudos de Memória Social, onde o primeiro desconsiderou os avanços do segundo, e o segundo não se preocupa com o papel das organizações para a recordação social. Ao negligenciar os avanços dos Estudos de Memória Social, os Estudos de Memória Organizacional negligenciaram a capacidade humana de conscientemente relembrar o passado, ou seja, apagou o sujeito do exercício da memória no contexto organizacional e atribuiu à organização a memória como um capital cognitivo organizacional. Isso resulta na incompreensão das formas pelas quais as experiências são (re)criadas ou (re)construídas, ao invés de resgatadas pela memória (Anteby & Molnár, 2012; Rowlinson, Booth et al., 2010; Rowlinson, Casey et al., 2014), pois os Estudos de Memória Social entende a memória não como uma exata representação de um momento vivenciado pela pessoa ou pelo grupo, mas como uma reinterpretação a partir do contexto social e história a partir do contexto social e histórico (Etter & Nielsen, 2015; Rowlinson et al., 2010) de forma semelhante entre o grupo (Adorisio, 2014) enquanto um contínuo processo de ressignificar e reinterpretar.

Com a provocação feita por Rowlinson et al. (2010), novos estudos e novas perspectivas da memória organizacional surgiram. Além da perspectiva funcional, Foroughi et al. (2020) identificaram as perspectivas interpretativa, crítica e performativa. A perspectiva interpretativa repousa seu olhar sobre como os sujeitos dentro de organizações atribuem significados a diferentes aspectos do passado por meio de práticas de relembrar e esquecer. A perspectiva crítica preocupa-se com as relações de poder e disputas políticas no espaço organizacional e com a construção *top-down* da memória como imposições e meios de controle. A perspectiva performativa foca no *agir* da memória, em como ela se manifesta nas práticas discursivo-materiais por meio de performances, representações e comemorações.

Este movimento retoma o sujeito na organização enquanto o rememorador. Quem rememora são os sujeitos, inseridos dentro de organizações, e não ela mesma (Hodge & Costa, 2020). No entanto, ao atribuir o rememorar aos sujeitos (ou ao coletivo, como em Halbwachs),

há uma preocupação com a subjetividade da memória. Nessa visão, alguns autores (Aeon & Lamertz, 2021; Delahaye et al., 2009) posicionam a *história*, como o produto da seleção, organização e (re)apresentação das memórias (antes dispersas), objetivando a história (Casey & Olivera, 2011; Decker et al., 2021) e construindo uma única narrativa onde o que é rememorado é a organização como um todo-inteiro e não como composto por diferentes sujeitos ou perspectivas (Aeon & Lamertz, 2021).

Nesta conceituação sobre a história como o passado definitivo e legítimo, retomamos a compreensão da antropomorfização que antes era da memória enquanto *conhecimento organizacional*, para agora obtermos uma história que pertence e conta a história de uma personagem: a organização. Ao objetivar, e remover o sujeito de sua construção, muitas histórias contadas se tornam meios pelo qual determinados grupos organizacionais organizam, selecionam e moldam o passado do contexto organizacional.

No entanto, seria leviano de nossa parte assumir que essa *organização* do passado é desinteressada. O passado assume neste momento, novamente, um importante capital organizacional, não somente atrelado ao conhecimento, como vimos com Walsh e Ungson (1991) e Wegner (1987), mas como legado e herança (Balmer & Burghausen, 2015; Vaujany et al., 2021), reputação (Etter & Nielsen, 2015), posicionamento no mercado (Foster et al., 2011), identificação e comprometimento com a preservação a partir das operações presentes e futuras (Aeon & Lamertz, 2021), e para fins de aumento de ganho econômico (Barros et al., 2019).

O *storytelling* mesmo, mais do que apenas um instrumento de pesquisa (Booth & Rowlinson, 2006), é uma forma pela qual grupos organizacionais podem moldar a identidade ou estratégias no contexto organizacional. A estória⁷ contada se torna um recurso retórico, permitindo o exercício de poder sob os sujeitos ali inseridos para deliberar sobre o que pode ou não ser lembrado (ou esquecido) interna e externamente (Hatch & Schultz, 2017; Ravasi et al., 2019).

Ao contarmos uma história *organizacional*, privilegiamos a alta-gestão enquanto sujeitos dela, ou, em alguns casos, apagamos completamente a presença de sujeitos. Não é incomum adentrar em espaços históricos organizacionais e se deparar com frases “a Empresa buscou...” ou “a Empresa fez...”, atribuindo neste momento uma condição de humanidade e de sujeito à organização. Isso não é um aspecto natural da história, pois se tomarmos como

⁷ Adoto, nesta tese, o uso de estória para se referir ao termo *story*, em inglês, enquanto história será a tradução do termo *history*.

exemplo a história de um país, não ouvimos “o Brasil fez...”, mas temos o reconhecimento de personagens históricos que participaram e fizeram parte de nossa história, ainda que haja espaço para muitas críticas sobre os apagamentos de personagens. Essa leitura da história organizacional permite a construção de histórias únicas (Adichie, 2019).

Entendemos, portanto, que as organizações utilizam estes conceitos tão preciosos para o ser humano (memória e história) para antropomorfizar a organização e ascender a empresa a um *status* de sujeito, capaz de relembrar (*memória organizacional*) e de ser o personagem principal de sua própria história (*história organizacional*). Nem a memória, tão pouco a história, pertencem à organização. As memórias, vistas, ouvidas, colhidas nesta tese, pertencem unicamente aos sujeitos. A memória não é organizacional, mas são memórias em um *contexto organizacional*, que pertencem aos sujeitos inseridos neste contexto. A história organizacional é uma história construída sobre estas pessoas, esses grupos, setores, inseridos neste mesmo contexto. Como comenta um entrevistado em Aeon e Lamertz (2021):

“Nós não temos a mesma história que teríamos se fôssemos o chefe ou o presidente... não é a mesma história... a história que foi realmente vivida pelas pessoas, é aquela que no fim do dia é a história da companhia na minha opinião. Isso é o que faz a verdadeira história da companhia.” (Entrevistado MW9 em Aeon e Lamertz, 2021, p. 587, tradução nossa)

Posicionar as memórias como pertencentes aos sujeitos nos permite reconhecer a memória como um ato de resistência à ortodoxia (Pollak, 1989). As organizações (sejam estas empresas privadas, públicas, ONGs, entre outros grupos com finalidades) são espaços de convivência, espaços de memória e histórias, são políticas (Barros et al., 2019). Aceitar levianamente discursos antropomórficos da memória e da história organizacional permite a existência de espaços de jogos de poder onde são privilegiados os interesses de grupos específicos que constroem histórias únicas que marginalizam sujeitos *diversos*, que *divergem* do padrão, do ortodoxo.

Considerando isso, entendemos que é preciso discutir seus usos, seus significados, a partir de uma visão ética (Booth & Rowlinson, 2006; Wadhwani et al., 2018). Queremos contrariar a história única narrada pelas organizações a partir das múltiplas visões, de múltiplas experiências, de múltiplas vivências, a partir de uma abordagem que converge as perspectivas interpretativista, crítica e performativa. Para isso, optamos por trazer Ricœur a fim de construir um entendimento da diversidade a partir da rememoração e compreensão de Si-Mesmo dos sujeitos diversos.

2.3 A REMEMORAÇÃO E O SI-MESMO EM RICŒUR

Como causa primeira da fragilidade da identidade, é preciso mencionar sua relação difícil com o tempo; dificuldade primária que, precisamente, **justifica o recurso à memória, enquanto componente temporal da identidade, juntamente com a avaliação do presente a projeção do futuro**. Ora, a relação com o tempo cria dificuldades em razão do caráter ambíguo da noção do mesmo, implícita na do idêntico. De fato, **o que significa permanecer o mesmo através do tempo?** (Ricœur, 2020, p. 94, grifo nosso).

Antes de adentrarmos na construção da relação teórica entre os conceitos apresentados, trataremos outro autor que traz uma contribuição para os estudos de memória com uma perspectiva filosófica: Paul Ricœur. Ricœur (2020) busca discutir a memória a partir da sua relação com outros dois conceitos: história e o esquecimento. Para o autor, os conceitos estão imbricados um nos outros, e fazem parte da construção da sua proposição da fenomenologia hermenêutica da memória. Inspirado em outros autores da memória, como o próprio Halbwachs (1990), com a perspectiva da memória coletiva, e Bergson (1999), que foca na memória a partir do sujeito, o autor complementa a compreensão da memória junto da fenomenologia, a partir de Husserl, e sua teoria hermenêutica, para compreender a memória enquanto um meio para os seres humanos atribuírem significados para a sua existência, e as formas como a memória se manifesta e é transmitida.

O autor distingue, primariamente, duas principais formas de lembrança, a partir das proposições de Aristóteles e Platão, a *mnēmē*, que se refere a lembrança que manifesta passivamente, como uma afecção (*páthos*), e a *anamnésis*, a lembrança buscada, compreendida como a recordação, ou a rememoração: o ato de usar a memória, de exercitá-la, enfatizando o caráter cognitivo e pragmático. Partindo destes conceitos (*o quê*), Ricœur (2020) passa pela reminiscência (*como*), a imagem lembrada do passado, ou a memória conservada, para enfim compreender a memória refletida, *o quem*, o sujeito capaz de lembrar de si (eu), do coletivo (a memória coletiva) e dos Outros (mediadores).

A memória é, na visão de Ricœur (2020), um caso particular e um caso singular. Particular dado que os fenômenos mnemônicos são fenômenos psíquicos, mas também singulares pois lembrar-se de algo é lembrar-se de si. Dessa forma, na fenomenologia hermenêutica da memória, ela é utilizada para fazer sentido do mundo da vida e, por meio da linguagem empregada na frase declarativa, chegar à compreensão de suas ações e de si. Isso compreende fenômenos mnemônicos como os corporais, os lugares e o horizonte do mundo, assim como a complexa relação do paradoxo da memória e da imaginação, o qual o autor utiliza dos conceitos de Husserl, *bild* e *phantasie* para construir essa relação.

No que se refere aos usos e abusos da memória, três são destacados: (i) o nível patológico terapêutico, a partir de uma visão psicanalista freudiana; (ii) o nível prático, que se refere à memória manipulada; e (iii) o nível ético-político, a memória obrigada (Ricœur, 2020). O primeiro refere-se à memória bloqueada, onde a rememoração é exercitada conjuntamente pelo analista e analisado. O segundo, refere-se a forma como os detentores de poder usufruem de sua posição para manifestar abusos da memória, excesso de memória, ou do esquecimento, insuficiência de memória. O último, conforme dito, refere-se à memória obrigada, geralmente associada a acontecimentos marcantes em que o grupo impõe uma memória aos sujeitos enquanto um dever (“você se lembrará”, ou também “você não se esquecerá”).

A dialética com a história e o esquecimento fazem parte da fenomenologia hermenêutica da memória. A história é, para Ricœur (2020), assim como a memória, uma forma de representação do passado. No entanto, enquanto a memória tem a ambição de fidelidade, o qual o autor problematiza ao falar sobre os limites da memória, e sobre o que lembramos, a história tem a exigência de verdade. O autor inicia a discussão sobre a história propondo um questionamento sobre seu papel: seria a história um remédio, que auxiliaria as pessoas contra o malefício do esquecimento, ou seria um veneno, que minimizaria a capacidade humana de recordar, dada a sua natureza de construção de rastros documentais.

Na dialética entre a memória e a história, surgem dois movimentos que Ricœur (2020) denomina de história da memória e historização da memória. A história da memória refere-se a pretensão de dissolver o campo da memória no da história, onde a memória é vista como matéria-prima para a construção da história. Ricœur (2020) tem suas ressalvas quanto a esse movimento, pois, com a autonomização da história em relação a memória, acaba-se por construir uma história descolada das pessoas, onde a memória é absorvida apenas como parte da história, tornando-a “uma história que ninguém pode se lembrar” (p. 399). A historização da memória, por sua vez, refere-se ao contraponto da memória, onde ela assume um protagonismo, como encarregada da história, e uma função matricial de contrariar a “verdade” histórica com a multiplicidade de relatos, testemunhos, que avassalam a história. Nesta relação dialética, Ricœur (2020, p. 399) afirma que a dialeticidade está no “vazamento” de uma sobre a outra, onde “entre a história e a memória não há compartimento estanque”.

O esquecimento, por sua vez, é tratado como algo natural, pois ele existe enquanto houver o rastro (histórico, mnemônico) de algo. Ele não é por todo mau, pois Ricœur (2020) defende a tese de que há esquecimento de reserva que se torna recurso para a memória e para a história, enquanto “tesouro do esquecimento que recorro quando tenho que me lembrar de que, certa vez, vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquiri” (Ricœur, 2020, p. 427), ou seja, a ideia do

inesquecível. No entanto, é essencial compreender que o “esquecimento é emblemático da vulnerabilidade de toda a condição histórica” (Ricœur, 2020, p. 300). Enquanto antítese da memória, seria considerar a máxima da vulnerabilidade da memória de que, eventualmente, “você se esquecerá”.

Permeando a dialética da memória, da história e do esquecimento, temos a temporalidade, precondição existencial da referência da memória e da história ao passado, o qual é o objeto exclusivo destes. A temporalidade diz respeito ao *ser-no-tempo*, o qual é “no tempo”, pois é onde os acontecimentos ocorrem, assim como é uma maneira temporal de *ser-no-mundo* e expressa a noção relacional de ser-no em ser-junto das coisas no mundo: “[...] a temporalidade constitui não somente uma das características principais do ser que somos, mas também aquela que, mais que qualquer outra, assinala a relação desse ser com o ser enquanto ser” (Ricœur, 2020, p. 359). Portanto, o sujeito tem sua significação e sua consciência de Si-Mesmo atrelada às suas relações com o mundo (ser-no-mundo) e com o tempo (ser-no-tempo), expressado pelo passado, presente e futuro (temporalidade).

Podemos repousar o olhar sobre as narrativas enquanto manifestações da temporalidade. É na narrativa que o sujeito constrói o enredo, os personagens, os acontecimentos e organiza-os temporalmente para construir então a narrativa em forma de estória. A temporalidade é intrínseca à rememoração. Ainda que o passado seja seu objeto exclusivo, esta também tem implicações para o tempo presente e futuro, enquanto influentes nas práticas executadas e em decisões para planos futuros. Ela é, portanto, conforme afirmou Ricœur acima, um aspecto constituinte da compreensão do ser-no-tempo. O autor ainda complementa: “Fazemos a história e fazemos estória porque somos históricos” (Ricœur, 2020, p. 362). E nossas estórias são construídas considerando nossas relações, pois o ser-no significa ser-junto, junto das coisas do mundo, junto das coisas no tempo.

O ser-no-tempo constitui sua narrativa na e pela dialética da memória, da história e do esquecimento. Retomemos a autonomização da história em relação à memória e a historização da memória. O ser-no-tempo é influenciado por uma história, externa a ele, enquanto uma narrativa ensinada, que traz um quadro de referência para a compreensão do ser enquanto ser. Por outro lado, há também as memórias, aqui marcadas pelas memórias individuais e memórias coletivas, que são mais próximas ao narrador-recordador, sendo as memórias suas ou de seu grupo. No fenômeno aqui discutido, as narrativas de diversidade, podemos ver tentativas de apagamento da diversidade em momentos na história (dos quais eu mesmo já vivenciei), enquanto por outro lado temos a memória que serve como uma contranarrativa para contestar uma “normalidade” imposta, muitas vezes exterior e sem sentido para o indivíduo, como uma

violência. Isso será discutido depois com maior profundidade quando repousarmos nosso olhar sobre a relação do Si-Mesmo, da rememoração e da visada ética.

Dando mais um bater de asas nessa discussão, gostaria de voltar ao início desta seção onde Ricœur posicionou a memória refletida, o *quem*, como ponto de chegada na fenomenologia hermenêutica da memória, para observar o sujeito capaz de lembrar de si (eu), do coletivo (a memória coletiva) e dos Outros (mediadores). Desta maneira, compreendemos que, a partir de uma análise reflexiva da memória que se transforma em memória refletida, o sujeito pode chegar à compreensão de suas ações e de si. Mas *quem* é o sujeito? As reflexões do autor a respeito da temática não se encerram aqui, nos levando para uma obra anterior, O Si-Mesmo como Outro.

O *si* remete um pronome reflexivo, ao qual implica que uma ação na oração refere ao próprio sujeito, ou seja, a Si-Mesmo. Neste contexto, Ricœur (2014) repousa o olhar sobre o “mesmo” de Si-Mesmo, presente no título da obra e na afirmação reforçada de mim *mesmo*, para “dissociar dois significados importantes de identidade, segundo entendamos como idêntico o equivalente a *idem* ou a *ipse* em latim” (p. XIII). Aqui, o autor inicia uma trajetória longa e complexa para discutir duas relações dialéticas a partir da afirmação “O Si-Mesmo como Outro”: a dialética entre identidade-*idem* e identidade-*ipse*, ou mesmidade e ipseidade, e a dialética entre alteridade e ipseidade. Por hora, trabalharemos primeiramente na dialeticidade da mesmidade-ipseidade para posicionar uma melhor compreensão quanto ao caráter idêntico/de mudança e a temporalidade implicada na identidade do sujeito.

Para compreender a dupla valência da permanência no tempo, a saber, a imutabilidade do *idem* e a manutenção de si do *ipse*, Ricœur posiciona, ora sobrepostos e ora opostos, a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*. À identidade-*idem*, ou mesmidade, o autor trás quatro princípios fundamentais: a *identidade numérica*, que se refere a operação de conhecer e reconhecer a mesma coisa *n* vezes; a *identidade qualitativa*, na qualidade de semelhança extrema, em que duas coisas são tão semelhantes que é indiferente confundir uma com a outra; a *continuidade ininterrupta*, na qual consideramos o mesmo indivíduo no seu estágio inicial ao estágio final, como considerar um homem – não uma pessoa – “na qualidade de simples amostra da espécie” (Ricœur, 2014, p. 116); e, por fim, o princípio de *permanência no tempo*, enquanto a estrutura invariável, tal como a permanência do código genético de um indivíduo biológico, no qual permanece a organização de um sistema combinatório.

Por outro lado, olhando para a identidade-*ipse*, ou ipseidade, Ricœur (2014) que reflete uma possibilidade de mutação, de mudança, na própria constituição do ser, ainda que, a ipseidade também apresente uma busca pela permanência ao longo do tempo. A ipseidade está

relacionada a própria relação com o(s) Outro(s), conforme veremos mais adiante, ao vermos aqui “um si instruído pelas obras da cultura que ele aplicou a si mesmo” (Ricœur, 2010, p. 419), onde:

Em grande parte, com efeito, a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas *identificações* a valores, normas, ideias, modelos, heróis, *nos* quais a pessoa ou a comunidade se reconhecem. O *reconhecer-se-em* contribui para o *reconhecer-se-por*... A identificação com figuras heroicas manifesta claramente essa alteridade assumida; mas esta já está latente na identificação com valores, que faz pôr uma “causa” acima da própria vida; um elemento de lealdade, de lealismo, incorpora-se assim no caráter e o faz transformar-se em fidelidade, portanto em manutenção de si (Ricœur, 2014, p. 122).

O autor ainda enxerga, na ipseidade, a identidade que ele viria chamar de narrativa, que, diferente da identidade substancial (mesmidade), é a identidade do *quem?*, o sujeito que pode narrar e que pode narrar-se (Ricœur, 2006, 2010).

Voltando-se para a dialética da mesmidade-ipseidade, são apresentados dois momentos: um primeiro em que a mesmidade e ipseidade se sobrepõe, o caráter; e um segundo onde ocorre o afastamento da ipseidade da mesmidade, a manutenção de si. O caráter “designa o conjunto das disposições duráveis *pelas quais* se reconhece uma pessoa” (Ricœur, 2014, p. 121). Sua dimensão *temporal* é demonstrada por meio da imutabilidade identificada na (re)interpretação do caráter ao longo do tempo, ou seja, enquanto disposições adquiridas *duráveis* que tornam uma pessoa identificável e reidentificável. A manutenção de si, por outro lado, é relacionada ao cumprimento de uma palavra dada, à uma promessa, que a pessoa se compromete ao Outro, “de tal modo que outrem pode *contar* com ela” (Ricœur, 2014, p. 177). Nessa dialética, a identidade narrativa retorna.

[...] a identidade narrativa fica de permeio [nesse espectro de variações entre o polo de ipseidade-mesmidade do caráter e o polo de pura ipseidade da manutenção de si]; ao narrativizar o caráter, a narrativa lhe devolve o movimento abolido nas disposições adquiridas, nas identificações-com sedimentadas. Ao narrativizar a visada da verdadeira vida, ela lhe dá as características reconhecíveis de personagens amadas ou respeitadas. A identidade narrativa mantém unidas as duas pontas da cadeira: a permanência do caráter no tempo e a permanência da manutenção do si (Ricœur, 2014, pp. 177–178).

Em seguida, temos o Outro que aparece por meio da alteridade do Outro que não o *Si*, àquilo que é diferente e externo ao “Si-Mesmo”. Ricœur afirma que a partir do título da obra (“O Si-Mesmo como Outro”), a ipseidade do Si-Mesmo implica a alteridade tão intimamente que não pode ser pensada uma sem a outra. Na relação mesmidade-alteridade, o Outro é visto como algo que não o si, como contrário à, pois a própria essência do termo “mesmo” tem como antônimo os termos “contrário”, “distinto”, “diverso” etc. Por outro lado, na relação ipseidade-alteridade, eles se constituem em um grau íntimo que implica no Si-Mesmo *na qualidade de* Outro. Eu só posso me compreender enquanto “eu” a partir do Outro. A relação da ipseidade-

alteridade manifesta o afetar do *ipse* pelo Outro, um *afetar-se*, e permite identificar o Outro não como somente como um estranho, “mas pode tornar-se *meu semelhante*, a saber, alguém que, *como eu*, diz ‘eu’” (Ricœur, 2014, p. 396). Um Si-Mesmo como (na qualidade de...) Outro (que não si).

A partir desses pontos apresentados, que não exaustam o amplo debate e construção feita por Ricœur em sua obra, podemos iniciar um esforço inicial para relacionar as obras supramencionadas (“A Memória, a História e o Esquecimento” e “O Si-Mesmo como Outro”), ao inserirmos a discussão do Si-Mesmo com a fenomenologia hermenêutica da memória e as dialéticas envolvidas nessas relação. Estabelecemos, a partir de Ricœur (2020), que a memória é uma lembrança de acontecimentos passados, originária de uma conexão próxima a vida do sujeito, ou seja, ela é uma memória individual ou coletiva, que busca a partir do passado reconstruir imagens de acontecimentos ou fatos anteriores ao momento presente. A rememoração, o ato de rememorar, é, para Ricœur, um ato de não somente lembrar-se de algo externo ao sujeito, mas é também um lembrar-se de si. Tal como o ser-no-mundo de Heidegger que posiciona o sujeito em relação com o mundo, o ser-no-tempo posiciona esse mesmo sujeito em relação com a temporalidade envolvida na sua existência, a partir do qual, ele toma consciência de si, compreende a si mesmo enquanto ser junto.

Tendo a narrativa como o ato de “objetificar”⁸, ao narrar um acontecimento anterior, o sujeito está narrando a si mesmo enquanto um personagem na história e construindo o que Ricœur (2010, 2014) viria a chamar de *identidade narrativa*, pois, “*A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa*” (Ricœur, 2010, p. 418). Tal como a memória, que pode ser compreendida como uma memória individual como uma memória coletiva, Ricœur (2010) afirma que a identidade narrativa pode ser aplicada tanto ao indivíduo como a uma comunidade.

A noção de identidade narrativa mostra ainda a sua fecundidade no fato de que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo. Podemos falar da ipseidade de uma comunidade como acabamos de falar da de um sujeito individual: indivíduo e comunidade constituem-se em sua identidade ao receberem tais narrativas, que se tornam para um e outro sua história efetiva (Ricœur, 2010, pp. 419–420).

Reconhecer sua potencialidade individual em coletiva nos traz de volta a alteridade, a dialética com o Outro, que aparece também em ambas as obras de maneiras distintas. Em “A Memória, a História e o Esquecimento”, o Outro aparece como um mediador, um conector, entre o sujeito com suas memórias individuais e a memória coletiva, compartilhada, entre o

⁸ No sentido de trazer para fora da consciência, da mente do sujeito.

grupo para conectar, compartilhar e construir significações. A memória coletiva, portanto, aparece na relação do sujeito com Outros, e temos a imbricação destas memórias *continuamente*, assim como os Outros também fazem parte do surgimento da História na dialética da Memória-História-Esquecimento (Ricœur, 2020). Em “O Si-Mesmo como Outro”, o Outro, visto como alteridade, aparece para construir a relação do Si-Mesmo com o outro para constituir a significação do si enquanto Si-Mesmo e do outro enquanto um outro si que não o Si-Mesmo. No reconhecimento do Outro, que não o Si, cria-se uma relação com ele que deixa de ser um estranho e se torna um semelhante, que, assim como eu, é também seu próprio “eu”. Para constituir a mim (*Si*) como a mim mesmo (*Si-Mesmo*), é necessário ter a relação com o Outro (intersubjetividade) e uma relação comigo mesmo (consciência). Dessa forma, a dialética ipseidade-alteridade assume um “Si-Mesmo” *continuamente* formado e reformado pela presença e pela interação com o “outro”.

Dito isto, podemos compreender que a rememoração compõe intrinsecamente o ato de *tomar consciência de si*. Ao narrar meu passado, manifesto a identidade narrativa em um processo de significação do Si-Mesmo e de minhas lembranças que formam o meu *eu-presente* e serão utilizadas para formar o meu *eu-futuro*, sem minimizar as possibilidades de acontecimentos futuros que, após acontecerem, se tornarão lembranças também. O Outro aparece em constante relação comigo. A partir dela, a atestação permite que eu me posicione enquanto um ser com possibilidade de mudança, em continua formação e reformação, mas que também *promete* manter-se. Meu caráter, ou seja, minhas disposições duráveis, simboliza minha identidade-idem (mesmidade), enquanto a promessa da manutenção de si simboliza minha identidade-ipse (ipseidade).

Estabelecido a rememoração, a contínua (re)constituição do Si-Mesmo e a sua relação com o outro. Tentaremos agora, brevemente, estabelecer uma conexão teórica a partir das leituras aqui apresentadas, para olhar a diversidade a partir da ética de Ricœur (2014).

2.3.1 Diversidade, Memória e a Visada Ética

A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não para
(Cazuza, *O tempo não para*)

Acredito que fora uma viagem e tanto passar pela diversidade, a antropomorfização da memória e história organizacional, e mergulhar na profundidade (e baita complexidade, diga-se de passagem) de Ricœur, para então pensarmos: aonde tudo isso vai parar? Aonde vamos chegar? Acho que aqui não me cabe ser omissos e fingir que é óbvia a relação entre estes assuntos. Sinceramente, minha cabeça borbulha com os termos, com as reflexões que as discussões construídas até aqui desaguam e inundam a mim. Já dizia Djavan: “você deságua em mim, e eu, oceano”. E tal como no oceano, às vezes sinto que não vejo o fundo. Parece que quanto mais penso, mais relações eu construo, mais coisas eu deixo passar. Mas, como Cazuzu trouxe acima, *o tempo não para*⁹. E algo que o professor José Henrique de Faria disse nas aulas que fora convidado de Epistemologia, há aqui um tempo da CAPES, de doutoramento. Farei esse esforço para construir essa ligação e me fazer entendido, sendo este segundo, para mim, algo extremamente importante. Provavelmente quem ler tudo o que apresentei até aqui construirá outras relações, outras ligações. Não acho que a minha estará mais correta que a sua. Acho que o que a construção da discussão até aqui, principalmente pautando-se na dialética da memória e da história, é essa grande questão entre o “certo” e o “errado”. Mas, a partir da tese dessa obra, farei um esforço hercúleo para, como eu disse, construir algo inteligível e que servirá de base para discutir as histórias de vidas posteriormente.

Superado esse quase desabafo, retomemos o que construímos até então. Primeiramente, temos a diversidade, que é um discurso que presa pela diferença entre os sujeitos, construindo relações que se orientam para uma justiça. Nesse contexto, surgem as políticas de diversidade, equidade e inclusão (DEI), mencionadas na Introdução e que atualmente encaram um duro desafio de sobreviver às mudanças políticas em múltiplos países, principalmente em um país que busca um poder hegemônico. Algo interessante de se observar na DEI é os termos que acompanham a “diversidade”. É possível que a diversidade seja reconhecida e incorporada sem práticas de equidade e inclusão? Acho que são termos caros que merecem essa consideração. No entanto, apenas as políticas antidiscriminatórias não significam necessariamente que as organizações conseguirão se adequar a elas corretamente (Köllen, 2021).

Continuando para nossa segunda seção, questionamos a forma como a memória e a história organizacionais são apropriadas pela organização (ou melhor, pelos sujeitos em cargos de poder) para direcionar narrativas históricas ao interesse da organização. Aqui, observamos

⁹ Leitor, a música é utilizada aqui apenas retoricamente, sem qualquer relação com a apresentação e teorização. Mas, como até mesmo em uma das histórias fora mencionado: a música nos ajuda a fazer sentido. Às vezes me faltarão palavras. E por que não utilizar essas palavras tão lindas e melódicas para tentar fazer-me entendível?

que as memórias são recortadas, fatiadas e esquatejadas para encaixarem dentro do molde da história organizacional que teve sua intencionalidade construída antes ou após os seus acontecimentos. Esse apagamento da memória, algo tão vital, como vimos em Ricœur, para a compreensão de si, é usurpada dos sujeitos e negada ao seu lugar de direito nas organizações, como vozes que demonstram versões distintas da história daqueles grupos. E essa dialética conversa com a diversidade ao observarmos como as organizações constroem suas histórias de justiça, suas histórias de inclusão, sem que possamos observar os sujeitos diversos nesses espaços e o sentido construído por eles sobre essas políticas e práticas de diversidade. Ora, a história contada pela organização não necessariamente reflete a perspectiva dos trabalhadores ali inseridos (Aeon & Lamertz, 2021), não é?

Agora chegamos, enfim, em Ricœur, que nos traz discussões sobre a dialética entre a memória, a história e o esquecimento (Ricœur, 2020), e a compreensão de Si-Mesmo como Outro (Ricœur, 2014). Na primeira obra temos a proposição de uma fenomenologia hermenêutica da memória e a dialética entre memória, história e esquecimento, e, na outra obra, uma discussão sobre a consciência de Si(-Mesmo) e a relação intersubjetiva do sujeito com o Outro. Estabelecido anteriormente, entendemos que o sujeito é um ser-no-tempo tanto quanto é um ser-no-mundo, um si inserido em relação com o mundo e com a temporalidade. A temporalidade nos permite olhar para o papel da memória, da história e do esquecimento não somente sob o sujeito, mas também para as relações desse sujeito no mundo e no tempo. Como posicionamos anteriormente, a memória vem com a ambição da fidelidade e a história com a exigência da verdade. O esquecimento como um símbolo da fragilidade da nossa própria condição histórica, que ora é um símbolo da própria limitação do ser humano, em que nos esquecemos das coisas, ora é interesse do ser humano, quando há um esquecimento desejado e promovido por grupos específicos. Rememorar-se de algo, diz Ricœur (2020), é rememorar-se de si, pois ao me exercitar esse acesso ao passado, lembro-me de mim mesmo, de aspectos que agora fazem parte de mim. E para entender o que exatamente *sou eu*, olhamos para a segunda obra, onde Ricœur (2014) constrói a constituição do Si(-Mesmo) a partir da relação com o Outro (que não o Si).

Como apresentei anteriormente, a breve discussão da constituição do Si-Mesmo feita anteriormente não é exaustiva, de forma alguma, para toda a construção feita por Ricœur na obra. Um aspecto muito importante é o papel das instituições e da justiça construída pelo autor entre o sexto e sétimo estudos (Ricœur, 2014). Mas, antes de irmos para a visada ética e a norma moral, quero estabelecer brevemente a importância do Outro e das instituições para a diversidade.

Ortiz (2015) apresenta que na antropologia a noção de diversidade está intimamente associada à ideia do Outro. Podemos olhar, primeiro, para as relações construídas entre sujeitos no mundo, que nos coloca em relações com diferentes pessoas, mas também podemos olhar para o que a Ribeiro (2024) coloca sobre a posição do Outro diante da norma, do padrão. Nesse caso, o sujeito diverso seria o Outro, pois a qualidade de si é única e exclusivamente do *típico homem branco cis*. O entendimento do Outro, portanto, surge a partir do si e isso é algo presente em qualquer sociedade: “As sociedades possuem, inevitavelmente, uma concepção do Outro. Não basta definir-se a si próprio; na verdade, isso se faz em contraposição aos que se encontram fora de um determinado círculo simbólico” (Ortiz, 2015, p. 108). Ao Outro, pertence o diferente, o *estranho*, e ao Si-Mesmo, o normal, o padrão. Mas, e quando me é negado a minha possibilidade de ser um si?

É compreensivo, aqui, o motivo das múltiplas bandeiras que compõem o guarda-chuva da diversidade, como uma forma de anunciar “Eis-me!”. Como bem coloca Ribeiro, p. (2024, p. 44), “definir-se é um status importante de fortalecimento de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”. A identidade aqui é um símbolo, não somente algo que delimita onde a autenticidade encontra e o que separa o normal do estranho, mas como “uma referência coletiva, mas também algo em disputa, sobretudo no caso das identidades nacionais e étnicas” (Ortiz, 2015, p. 112). Enquanto uma construção simbólica, a identidade é disputada, tanto por seus detentores como por seus opositores. O que é de fato ser mulher? O que é de fato ser gay? Lésbica? Trans? Neuro divergente? PCD? A própria ausência de consenso em algumas diversidade sobre a conceituação ou o nome já demonstram essa constante luta para (re- e des-)construir algo que servirá como referência para todo um grupo marginalizado socialmente.

Nessa construção, o processo histórico é de grande importância (Ortiz, 2015). Reconhecer a multiplicidade da historicidade dessas disputas não é algo fácil. Em cada espaço, em cada nação, acontecem diariamente infinitas disputas que poderão ou não compor a narrativa histórica, um registro que seguirá o mandamento “não se esquecerás”. A construção da universalidade, tão problematizada por Ortiz (2015), muito se assemelha ao que Adichie (2019) coloca como *história única*. A construção da história única está associada ao *poder*: “O poder é a habilidade não apenas contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (Adichie, 2019, p. 23). Retornaremos ao poder posteriormente ao falarmos da dissimetria entre os sujeitos nas instituições, mas, aqui, é importante observar o movimento em que a história busca apagar as *diferenças*, que posicionaremos como as memórias dos sujeitos,

que muito lhe importam para a consciência de si. Ao buscar por esse universalismo, essa unicidade, o diferente é ignorado, é marginalizado.

Ricœur (2020) nos remete a essa relação ao comentar sobre a ligação entre sujeito e nação:

No início, porém, certa violência vinda do exterior é exercida sobre a memória. A descoberta do que se chamará de memória histórica consiste numa verdadeira aculturação à exterioridade. Essa aculturação é a de uma familiarização progressiva com o não familiar, com a inquietante estranheza do passado histórico (Ricœur, 2020, p. 405).

Aqui vemos, numa relação do sujeito e da nação, como a *memória histórica*, externa a ele, acultura-o a algo que não lhe pertence, que vem de fora do sujeito. Ricœur (2020, p. 406) continua: “[...] a memória, tanto pessoal como coletiva, enriquece-se com o passado histórico, que se torna progressivamente o nosso”. O enriquecimento é reconhecido pela incorporação do passado externo como algo de nós, tal como uma herança geracional vindo das histórias escutadas de membros anteriores a nossa existência do nosso grupo. O problema da história aqui encontra-se em seu segundo traço distintivo¹⁰: enquanto existem várias memórias, a história é única e há quem afirme que só há uma história. Por isso, há estranheza.

Os Outros aparecem aqui como mediadores entre o si e o coletivo da rememoração na construção do *quem* (memória refletida, o sujeito capaz de lembrar de Si-Mesmo). Então, os Outros estão presente na consciência de si e na constituição da memória individual e coletiva. Pensando especialmente no papel dos Outros, do Si e da Memória, conforme veremos nos relatos, o Outro tem papel importante no rememorar, tanto para recordar das coisas (“Você tinha falado pra mim uma coisa, aí depois eu lembrei” [Azaleia]) como também na construção do Si (vendo as diferenças na universidade, Jasmim e Lilás puderam se permitir vivenciar a sexualidade, pois ali ele só seria mais um). É em contato com o Outro que eu me construo, construo ele, e nos construímos. A construção dessas identidades, para Ricœur (2006, 2010, 2014) é a própria *identidade narrativa*, projetada a partir da identidade pessoal sob a forma reflexiva do “narrar-se”. A partir da identidade narrativa, o sujeito beneficia-se de uma apropriação crítica¹¹ de Si-Mesmo e passa a narrar a si mesmo de outro modo.

Esse embaralhamento [da história de vida à história de vida dos outros] pode ser observado tanto no nível individual como no nível coletivo da identidade. É preciso antecipar aqui o que será dito mais adiante sobre o estatuto da memória coletiva em

¹⁰ O autor baseia em dois traços distintivos a partir de Halbwachs (1990). O primeiro traço reserva à memória coletiva o papel de exercer o revisionismo histórico, periodicamente promovido pelo próprio conhecimento histórico.

¹¹ “[...] a fascinação, a suspeição, a rejeição, e o distanciamento em relação a modelos de identificação e seu poder de sedução” (Ricœur, 2006, p. 115)

comparação com a memória individual. Se se admite, como proponho, atribuir a capacidade de fazer memória a todos os sujeitos que encontram sua expressão lexical no uso de qualquer dos pronomes pessoais, toda coletividade é qualificada para dizer “nós outros”, por ocasião de operações particulares de rememoração. É na prova da confrontação com outrem, quer se trate de um indivíduo ou de uma coletividade, que a identidade narrativa revela sua fragilidade. As ameaças que atestam a fragilidade da identidade pessoal ou coletiva não são ilusórias: é digno de nota que as ideologias do poder procurem, com um sucesso inquietador, manipular essas identidades frágeis pelo viés das mediações simbólicas da ação, e principalmente graças a recursos e variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa, pois é sempre possível, como dissemos anteriormente, narrar de um modo diferente. Esses recursos de reconfiguração tornam-se assim recursos de manipulação. A tentação identitária, que consiste no recuo da identidade-*ipse* em relação à identidade-*idem*, prospera nesse solo minado. (Ricœur, 2006, p. 118).

O Outro também se manifesta na visada ética. Entendemos por visada ética a estima a Si-Mesmo e o respeito a Si-Mesmo. A visada ética passa por três fases de um discurso, sendo elas: “vida boa”, solicitude e senso de justiça. Vida boa refere-se a busca por uma capacidade do sujeito de lançar sobre si mesmo o olhar da apreciação. A vida boa do sujeito não é um viver solitário, mas é um viver junto com o Outro, ao qual Ricœur (2014) menciona a amizade. A amizade é uma virtude, e apresenta três tipos distintos: segundo o “bom”, segundo o “útil” e segundo o “agradável”. Ao “bom”, reconhece-se a ideia de mutualidade, reciprocidade e intimidade que tornam o *viver junto* possível. Em uma amizade “utilitária”, por exemplo, não há um amor ao outro pelo que ele é, mas um amor ao outro pela vantagem esperada, assim como não há esse grau de mutualidade em uma amizade “agradável”.

Para Ricœur (2014), o que move o Si-Mesmo em direção ao Outro é a carência (necessidade), na qual retomamos a noção de alteridade, “outro si”, que detém “o papel de prover aquilo que o outro é incapaz de obter por si mesmo” (Ricœur, 2014, p. 204). Há, no sujeito, um desejo da existência do amigo, da mutualidade.

[...] ela [ideia de que só um Si-Mesmo pode ter outro que não si] encontra a legitimação mais próxima na ideia de que a estima a si é o momento reflexivo originário da visada da vida boa. À estima de si, a amizade acrescenta, sem nada subtrair. O que ela acrescenta é a ideia de mutualidade no intercâmbio entre humanos, cada um dos quais estima a si mesmo. O corolário da mutualidade, a saber, a igualdade, leva a amizade para o caminho da justiça, em que a comunhão de vida entre um pequeníssimo número de pessoas cede lugar a uma distribuição de papéis numa pluralidade em escala de comunidade política histórica. (Ricœur, 2014, p. 207)

No caminho da vida boa, da vida junto, à justiça, passamos pela solicitude, que é o estatuto de “uma *espontaneidade benevolente*, intimamente ligada à estima a si mesmo no âmbito da vida ‘boa’” (Ricœur, 2014, p. 209). O sujeito, aqui, não faz bem porque é exigido, mas é devido a mutualidade construída entre Si-Mesmo e o Outro que não si. Quando um sujeito não atua pela solicitude, ele posiciona o Outro como padecente. Enquanto padecente, o Outro (que pode ser um si *estranho*, não reconhecido) pode sofrer dor física ou mental, ou ainda

“diminuição ou até pela destruição da capacidade de agir, de poder-fazer, sentidas como um atentado à integridade do Si-Mesmo” (Ricœur, 2014, p. 210). Todo sujeito pode ser padecente, mas ao buscar a vida boa, o viver junto, constrói-se uma estima mútua: estima ao Outro como um Si-Mesmo e estima a Si-Mesmo como Outro. A igualdade, portanto, é o compartilhamento da fragilidade, da mortalidade do Si perante o... Outro.

O que define o lugar da solicitude na trajetória da ética é essa busca de igualdade através da desigualdade, seja esta resultante de condições culturais e políticas particulares, como na amizade entre desiguais, seja ela constitutiva das posições iniciais do si e do outro na dinâmica da solicitude. À estima a si mesmo, entendida como momento reflexivo do desejo de “vida boa”, a solicitude acrescenta essencialmente a da *carência*, que nos faz ter *necessidade* de amigos; por contrachoque da solicitude sobre a estima a si, o si se apercebe *como* um outro entre outros. É o sentido do “um ao outro” (*allelous*) de Aristóteles, que torna *mútua* a amizade. (Ricœur, 2014, pp. 212–213).

O viver junto não se limita as relações interpessoais, mas inclui a vida nas *instituições*. Por instituições, Ricœur (2014, pp. 214–215) se refere “a estrutura do viver junto de uma comunidade histórica – povo, nação, região etc. –, estrutura irredutível às relações interpessoais, porém vinculadas a elas num sentido notável, que a noção de distribuição possibilitará esclarecer em breve”. É às instituições que atribui a responsabilidade da justiça, do senso de justiça, do que é justo. Também é a ela que cabe a função de distribuição de papéis, tarefas, vantagens e desvantagens.

Por justiça, atrelamos a percepção de igualdade entre os sujeitos, conforme construímos anteriormente ao abordarmos a solicitude. Por outro lado, a injustiça seria a marca da desigualdade, a sensação de que algo não está como deveria estar, pois, se é nas instituições que buscamos viver juntos, quaisquer interrupções nela serão percebidas como um ataque a igualdade. Ao nos colocarmos em instituições, surgem outros elementos externos da relação que construímos (entre o Si-Mesmo e o Outro que não si): o *terceiro* (oriundo da ideia de pluralidade), e a noção de poder. Ao poder, Ricœur (2014) dá uma dimensão de temporalidade, pois o poder detém uma fragilidade (assim como o sujeito) relacionada a duração das próprias instituições.

Da visada ética, Ricœur (2014) busca submeter à prova da norma o desejo de viver bem a partir da *universalidade*. Universalidade, aqui, ele se refere à transposição do viver bem, viver junto, instituído como norma para *todos*. Isso implica que adentramos a noção de dever e de coesão no plano societal: “À ideia de universalidade liga-se indissociavelmente a de *coerção*, característica da ideia de *dever*” (Ricœur, 2014, p. 231). À coerção e ao dever, o autor acrescenta a *obediência* como um diferencial entre a norma moral e a visada ética. A *obediência* implica a obrigatoriedade de obedecer a norma moral. Na relação de obediência do si à vontade de

outrem (heteronomia), a obediência é caracterizada como dependência ou submissão. Para confrontar isso, Ricœur resgata a *autonomia* como a obediência verdadeira, uma obediência a Si-Mesmo e a oposição entre autonomia e heteronomia mostra-se constitutiva da ipseidade moral.

Há também na moral a norma da reciprocidade, voltada para uma relação entre o si com outrem, que é evidente na dissimetria entre os sujeitos: “Contudo, o mais notável da formulação dessa regra [norma da reciprocidade] é que a reciprocidade exigida se destaca sobre o fundo da pressuposição de uma dissimetria inicial entre os protagonistas da ação – dissimetria que põe um na posição de agente e o outro na de paciente” (Ricœur, 2014, p. 248).

Na dissimetria se manifesta uma relação vista antes nas dimensões da visada ética sobre o sujeito atuante e padecente, o agente e o paciente. Nessa relação, o agente exerce *poder-sobre* o paciente. Esse poder-sobre pode passar de uma influência até uma tortura, indo da forma mais suave até a mais extrema do abuso de um si sobre outrem. O poder-sobre apresenta diferentes graus de coesão e ela é o equivalente ao tirar o *poder-fazer* de outrem ou, pior ainda, retirar a *estima de si* ou *respeito por si mesmo* de outrem. Ao retirar o princípio do viver bem pela estima a si mesmo do sujeito, existe uma substituição da pessoa-fim-em-si para uma pessoa-coisa-meio (Ricœur, 2014).

Por fim, Ricœur (2014) traz o equivalente moral a solicitude da visada ética, a noção de humanidade. A humanidade é vista como uma universalização da *espontaneidade benevolente*, retomando algo bem ouvido quando adentramos a diversidade pela afirmação “somos todos humanos”. Seria de estranhar se alguém não tivesse visto a clássica imagem do crânio para demonstrar que debaixo de todas nossas diferenças, há a mesma estrutura de esqueletos. No entanto, a noção de humanidade viria, em sua universalização, eliminar a alteridade presente na relação do si com o outro.

[...] se admitirem que a regra de universalização é uma condição necessária da passagem da visada ética à normal moral no nível de seu primeiro componente, será preciso encontrar para seu segundo componente o equivalente do universal exigido para o primeiro; esse equivalente outro não é senão a **ideia de humanidade: esta apresenta a mesma estrutura dialógica da solicitude, mas elimina toda a alteridade radical**, limitando-se a conduzir para a pluralidade o princípio de autonomia da unidade, que não faz menção a pessoas. Ao fazer isso, essa pluralização, interna ao universal, verifica retrospectivamente que o si implicado reflexivamente pelo imperativo formal não era de natureza monológica, mas apenas **indiferente à distinção das pessoas** e, nesse sentido, é precisamente essa inserção que constitui problema. Caso se bastasse o argumento a favor do primado do imperativo categórico, em sua formulação geral, com relação à segunda formulação do imperativo redundaria em privar de originalidade o respeito devido às pessoas em sua diversidade. (Ricœur, 2014, pp. 253–254, grifo nosso).

A ideia de humanidade, portanto, como um equivalente a solicitude, acaba, no plano moral, extinguindo a alteridade do sujeito, tornando a norma indiferente à distinção das pessoas, privando a diversidade das pessoas de respeito. Para solucionar este problema da transposição da solicitude à norma moral por meio da humanidade, o autor retoma a noção de pessoa-fim-em-si e pessoa-como-meio, reconhecendo assim a pluralidade dos sujeitos que a universalidade apagaria com sua ideia de humanidade.

É aí que a **noção de pessoa como fim em si mesma vem equilibrar a noção de humanidade**, uma vez que introduz na própria formulação do imperativo a distinção entre “tua pessoa” e “a pessoa de qualquer outro”. Só com a pessoa vem a pluralidade. Essa sutil tensão no interior de uma fórmula que parece homogênea permanece dissimulada pelo fato de que **a prova de universalização, essencial à posição de autonomia, prossegue com a eliminação da máxima oposta: nunca tratar a humanidade simplesmente como meio.** [...] Com efeito, **o que é tratar a humanidade como meio, em minha pessoa e na de outrem, senão exercer sobre a vontade de outrem esse poder que, cheio de pudor na influência, irrompe em todas as formas de violência e culmina na tortura?** (Ricoeur, 2014, p. 254).

É nessa medida de tratar a pessoa como fim em si, que podemos superar a visão da diversidade enquanto um apagamento da alteridade como vimos na dialética mesmidade-alteridade, onde o Outro é algo que não reconheço. Estabelecer outrem como uma pessoa-fim-em-si nos remete a dialética ipseidade-alteridade, onde o Si-Mesmo se reconhece na relação com o Outro e reconhece ao Outro como um Si-Mesmo, alguém que também pode dizer “Eis-me!”.

Na diversidade, trouxemos uma discussão sobre como as organizações se apropriam de um conceito que deveria ser um culto à pluralidade, um festejar as diferenças entre os sujeitos para obter um respeito mútuo, para transformar ela em um discurso de universalismo com a intenção de remeter a ideias que atendem as noções construídas voltadas para um interesse de um grupo específico. Por exemplo, Djamila Ribeiro coloca em uma roda de conversa com Grada Kilomba a partir de uma perspectiva decolonial a negação da liberdade do sujeito negro de ser humano, em que só se reconhece como humano aquilo que é branco (a branquitude), que é a norma (CLINICAND - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE, 2021; Pinacoteca de São Paulo, 2019). Na própria definição de humano, o homem branco se identifica como humano, enquanto o diferente é um não-humano, quase como um ato de desumanização do Outro.

Ao universalismo, podemos retomar a dialética entre a Memória, a História e o Esquecimento, porque a história é uma pretensão de universalização. Tenta-se construir uma história universal, a verdadeira história por trás dos acontecimentos, enquanto, na memória, a partir de Ricoeur (2020), não tem a verdade como fim, mas uma ambição de fidelidade, que retoma à própria reminiscência do sujeito, o que se conserva, o que aquele sujeito considerou (consciente e inconscientemente) importante, e até a uma questão de ressignificação da

memória a partir de acontecimentos posteriores. Nas próprias histórias de vida essa ressignificação acontece ao narrador-recordador falar que durante o acontecimento determinados detalhes passaram despercebidos, mas ao amadurecer, olhar para trás significa repensar, perceber estes detalhes.

Também há uma busca por universalizar um conceito, ou, no caso das organizações, de se apropriar um conceito para remeter novamente ao interesse da organização ou das pessoas que estão em cargos de poder na organização. A memória, na sua antropomorfização, se torna um ativo da organização, onde metáforas como caixa de armazenamento ou sistemas de memória transacional, que buscam armazenar o conhecimento, estabelecer o *know-what*, *know-how* e *know-who* se tornam norma. A história organizacional é uma construção de uma história que retrata em um *storytelling* construído o interesse de grupos. Quantas vezes, ao acessar a história organizacional das empresas em seus sites, conseguimos ver registros dos sujeitos? As histórias focam em acontecimentos, fatos importantes para a construção da narrativa que privilegia a posição que ela detém ou que almeja alcançar. A memória e a história se tornam da organização, algo que antes pertenciam aos sujeitos.

Nós retomamos, novamente, ao sujeito, à questão da diversidade. Ricœur coloca em sua construção de Si-Mesmo a pluralidade aparece a partir *das pessoas*. A pluralidade não se manifesta nesse universalismo. A tentativa de absorver a pluralidade pelo universalismo ocorre por meio do discurso da *humanidade*. Mas o discurso da humanidade, da forma como ele é feito, não se restringindo as organizações, mas de forma geral, acaba eliminando a alteridade dos sujeitos, a o que há de diferente nas pessoas, o que diferencia eu de você, o que diferencia você de mim. Ainda que haja legislação, uma norma, que consiga reduzir as injustiças aos grupos marginalizados, observa-se que elas são frágeis, como já tratamos anteriormente decorrente das mudanças políticas¹², e que são suscetíveis aos interesses dos grupos dominantes, pois a visão moral do mundo, este contrato social, é uma herança que segue uma ordem de dominação do grupo padrão sobre aqueles que destoam do padrão, do Si-Mesmo *branco, hétero, cis, sem deficiência, classe alta*, entre outros. O Outro aqui, seria o *não-padrão*: não-branco, não-hétero, não-cis... e o fato de ser um não-padrão, tão pouco é reconhecido como

¹² Ortiz (2015, p. 76) adiciona a isso: “É preciso, portanto, transcender os indivíduos e integrar as diversas dimensões sociais numa mesma totalidade. A ideologia, seja de uma época, seja de uma classe social, é um lugar de produção de sentido. Ela tem a capacidade de integrar significados distintos numa mesma matriz de compreensão social.”

um outro como um Si-Mesmo, mas um paciente do poder-sobre (violência, coação), que tem o seu poder-fazer e o seu respeito por Si-Mesmo removidos da equação social.

A alteridade é importante para a construção do Si-Mesmo em Ricœur, pois, enquanto ele divide a identidade do sujeito, da construção do Si-Mesmo, na identidade-idem e na identidade-ipse, que é a mesmidade e a ipseidade. À ipseidade, que é nossa manutenção de si, reserva a permissibilidade de mudar ao longo da vida e identificabilidade a partir de signos culturais que nos inspiração na construção da nossa própria identidade. Portanto, a ipseidade está em constante dialética com a alteridade, em uma co-constituição contínua que eu atribuo significado a você e você atribui significado a mim. É o que Ricœur construiu com a afirmativa de ver o Outro como um Si-Mesmo, aquele Outro como um ser capaz de dizer “eu” como eu, e a permissibilidade de ver a mim, a Si-Mesmo como Outro, eu me vejo na qualidade de Outro. Construindo, mutuamente, uma relação de interdependência entre os sujeitos, em um nível intersubjetivo de duas pessoas.

Ao expandir para um nível além do intersubjetivo, a um nível social, que adentramos nas instituições, a estrutura onde se manifestam as ações, as interrelações entre sujeitos, surge também o *terceiro* e a questão do poder. Não que o poder não existisse na relação intersubjetiva, mas, ao construirmos a percepção mútua de o Outro como um Si-Mesmo e Si-Mesmo como Outro, existe uma igualdade entre os sujeitos, ao compreender e tornar consciente o Si-Mesmo e o Outro. Quando adentramos nas instituições, que se insere outros sujeitos que não nessa relação *face a face*, entre o Si-Mesmo e o Outro, a questão do poder, o poder-sobre, é reforçada pelas distribuições de papéis, tarefas, vantagens e desvantagens, que posiciona ora o sujeito como agente/atuante, ora como paciente/padecente. Sendo que, nesse caso, o poder-sobre permite inibir a capacidade de agir e a própria visada ética, a estima a si. A estima a si, que não é um viver bem isolado, mas um viver bem com o outro, viver bem junto, ao ser retirada do sujeito, que antes era um Si-Mesmo, lhe é roubado a participação do *viver junto*. O sujeito é marginalizado.

Aqui, novamente, retomamos à própria construção que fizemos da diversidade, da memória e da história. Da mesma forma que algumas memórias (individuais e coletivas) são apagadas da construção da história organizacional, a diversidade, apesar de ser acompanhada pelo termo *inclusão* nas políticas, coloca alguns grupos de lado, excluindo-os para atender ao interesse organizacional, que geralmente se reflete no interesse do capital. Nos próprios artigos sobre diversidade, vimos diversas vezes aparecer a relação entre diversidade e o desempenho organizacional, como um argumento que busca convencer a organização. Tudo se volta para o capital. Pouco se fala ali, com raras exceções, como a diversidade não é uma questão de

melhorar o desempenho organizacional, mas algo ético de se ter e de se fazer. A organização não deve ser um espaço que exclui as pessoas por elas serem quem elas são.

Quando Ricœur constrói a relação entre os sujeitos, entre Si-Mesmo e outrem, ele utiliza a amizade como uma forma ideal. Da amizade *boa*, dos níveis extraídos de Aristóteles (“bom”, “útil” e “agradável”), que construímos a igualdade, uma relação com o Outro que é amar ele como ele é, e não amar ele pelo que ele pode me oferecer. A diversidade, a memória e a história, construídas a partir da visão universalista (do humano padrão), têm suas dialéticas entre sujeitos, entre constructos, remetem mais a relação de amizade útil (como o sujeito pode contribuir) ou agradável (quase um alto nível de tolerância), ao invés da boa, da aceitação do Outro pelo que ele é, pela sua própria memória e pela sua própria história.

Por isso, construir essa discussão para entender como os sujeitos rememoram a forma como as narrativas de diversidade se manifestam nas organizações é um *escutar a voz* de um sujeito marginalizado nas políticas de DEI e escutar essas memórias que não são úteis para a construção da história da organização ou que não são vistas como conhecimento que possam ser aproveitados dentro da concepção de memória organizacional. Os conceitos aqui apresentados de visada ética, solicitude e do senso de justiça existente nas instituições, nós remetemos para o *viver bem dentro de instituições justas*, que é o que esperamos que as organizações sejam, e não somente uma organização que busca atender ao interesse de um grupo específico, que vemos aqui como o grupo do sujeito homem, branco, cis, hetero, típico, sem deficiência... pois é ao interesse dele que as organizações têm servido. Não queremos, obviamente, virar o jogo e marginalizar esse sujeito, negligenciar seus interesses, mas é extinguir (otimista? Sim) as consequências para o “Outro” (que não-homem, não-branco, não-cis, não-hetero...) e reconhecer a pluralidade das pessoas existente na sociedade, a pluralidade das pessoas existente entre os sujeitos no próprio guarda-chuva da diversidade.

Para isso, precisamos assumir que essa concepção de narrativas de diversidade não funciona como deveriam. As narrativas de diversidade são utilizadas conforme o interesse da visão do dominante, aqui situada historicamente no capital, que populariza a concepção da diversidade organizacional como uma espécie de vantagem aos concorrentes (flexibilidade, múltiplas visões, *democracia*), enquanto no nível social, a diversidade, quando defendida a partir dos interesses dos grupos marginalizados, torna-se uma narrativa de divisão, políticas afirmativas que criam “coitadismo”, “mimimi”, ou que “subjugam um grupo ao outro” com a implementação das cotas, como se as cotas fosse um atestado de incapacidade do sujeito ao invés do reconhecimento de uma desigualdade historicamente e socialmente construída. Ortiz (2015, pp. 34–35) comenta a respeito:

[...] na discussão sobre políticas afirmativas o paradoxo entre o universalismo e a diversidade se manifesta com toda força. Pode-se considerá-las como antagônicas às ações universalistas, republicanas, em princípio, dirigidas a todos; a crítica retém a dimensão restritiva que impede sua generalização. Nesse sentido, o particularismo levaria à fragmentação social, à incompreensão entre as pessoas, diriam adeptos da língua universal. Não obstante, é visível que a valorização das diferenças se faz em nome de um ideal também universalista: democracia, igualdade, cidadania. Os negros se revoltam contra as barreiras sociais porque elas os discriminam em relação aos brancos; a reivindicação identitária repousa na denúncia da desigualdade e da condição de subalternidade. Ela se fundamenta numa herança da modernidade que, longe de se extinguir, legitima o discurso e a ação.

A partir dessa visão, o sujeito torna-se um *meio* para alcançar os objetivos da organização. Na visão de valor adicionado, o diverso agrega à organização a flexibilidade, o *compliance* e o comprometimento, ilustrado pela busca de utilizar o sujeito até sua exaustão que, em situação de vulnerabilidade, não possui forças para contrariar trabalhos injustos, desiguais, para trabalhar em horários inapropriados, por salários inferiores, e serem segregados socialmente (P. Zanoni & Janssens, 2004). Zanoni e Janssens (2004, p. 65) adicionam: “No seu conjunto, são retratados como um meio eficaz para atingir os fins organizacionais”. E a proposição de um universalismo para superar tais divisões entre os sujeitos, não se reconhece a origem das proposições que visam retornar novamente a ideia do padrão: “Seu universalismo é sempre interessado. Convenientemente, não se objetiva nunca o lugar a partir do qual o discurso se enuncia, omissão intencional que atribui ao Outro o pecado do provincianismo” (Ortiz, 2015, pp. 105–106). O universalismo não observa o lugar de onde o discurso é construído (Ocidente), e atribui ao Outro a *culpa* pelo tratamento da diferença, por se afastar do padrão.

A organização não pode deter o monopólio da identidade do sujeito, ainda que o sujeito esteja inserido dentro dela como um trabalhador. Tal qual o Estado-nação não possui o monopólio da definição da identidade-nacional, que é marcada por uma convivência e concorrência entre diferentes afirmações identitárias (Ortiz, 2015), a organização também tem de se construir um espaço em que permite que a identidade organizacional não seja imposta (ou controlada como a *mão invisível*), mas que assuma a verdade de que ela é algo disputado, construída socialmente pelos membros, a fim de reconhecer a pluralidade das pessoas e não mascarar por narrativas de diversidade que enquadram as pessoas e as colocam em conflito entre elas e até entre grupos marginalizados (Dennissen et al., 2020).

Voltarmos para a relação de Si-Mesmo, a própria construção desse si que busca um viver bem junto, pode narrar-se, reconhece-se diante do tempo e diante de outrem e que está inserido em diferentes localizações sociais. Principalmente neste último, reconhecer a interseccionalidade é, por si própria, reconhecer a complexidade do sujeito. Há, dessa forma, uma necessidade urgente de retomar aos sujeitos como pessoas-fim-em-si para construir uma

organização que seja de fato, como Ricœur coloca, uma instituição justa que promove um viver bem. Isto é, claro, um desafio que vai além dessa tese. Como bem coloca Grada Kilomba (Pinacoteca de São Paulo, 2019), se trata de uma proposta *futurista*, que busca curar o passado no presente e só aparece como concretizável no futuro. Ainda que tenhamos medo de que o futuro venha a repetir o passado, como Cazuza afirma, o tempo não para. Não nos¹³ resta outra escolha a não ser levantar e lutar, esbravejar “Eis-me aqui!”, nem que seja um pouquinho, para possibilitar que as vozes de alguns sujeitos saiam da *marginalidade*. Essa tese não é somente um exercício de construção teórica, é também um ato de *esperançar*, apesar e independente de tudo.

¹³ Aqui eu me refiro a mim, às pessoas que se encontram em certo grau marginalizadas pelo debate da diversidade e universalismo, e à você, que pode se sensibilizar por essa luta. Bem... você leu até aqui, não?

3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para construirmos uma análise que nos permita alcançar o objetivo de pesquisa proposto na primeira seção dessa tese, assim como compreender a forma como as relações teoricamente apresentadas se manifestam no mundo da vida, a abordagem adotada por essa pesquisa será a qualitativa. Não consigo nem imaginar outra abordagem se não a qualitativa para considerar as perspectivas subjetivas e contextos sociais ao investigar as memórias dos sujeitos, referentes a como a diversidade e suas narrativas permeiam sua constituição de Si-Mesmo, sua relação com os outros, e significam-no enquanto ser-no-mundo e ser-no-tempo.

Adotaremos uma abordagem qualitativa, mas não nos debruçaremos em um protocolo de pesquisa pré-estabelecido e aceito para garantir rigor ao estudo proposto, ainda que, como demonstraremos mais adiante, traremos procedimentos propostos por outros autores para guiarmos o acesso ao campo e o processo de teorização. Utilizaremos, alternativamente, o conceito de rigor proposto por Harley e Cornelissen (2022, p. 240).

[...] desafiamos os entendimentos de rigor que o consideram como parte integrante dos modelos ou mesmo que limitam o rigor à aplicação adequada de um modelo. Em vez disso, oferecemos uma perspectiva alternativa, que conceitua o rigor como um *resultado* de processos de raciocínio inferencial. Assim, o rigor, tal como o desenvolvemos aqui, não reside em técnicas ou métodos protocolizados, mas no próprio processo de raciocínio dos pesquisadores sobre o uso de técnicas ou métodos específicos e relato dessas reflexões em seus artigos.

Dessa forma, entendemos que o rigor objetiva-se no trabalho escrito, ou seja, no documento final da tese, mas não se restringe somente a ele, sendo um pressuposto que deverá nos acompanhar ao longo de toda a pesquisa, por meio de uma coerência metodológica (onde os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos são consistentes) e de uma consistência lógica (análise dos dados, reportar achados e explanação teórica).

No que diz respeito ao primeiro, já apresentamos anteriormente a coerência onto-epistemológica a partir da Fenomenologia Hermenêutica da Memória de Ricœur (2020) e suas relações teóricas junto a outras obras do autor, sendo a principal a Hermenêutica do Si (Ricœur, 2014). Ontologicamente, por nos aproximarmos das propostas teóricas de Ricœur e em outras obras, vejo esta tese seguindo uma concepção do ser relacional, no sentido da relação como rastro (Glissant, 2021, 2024) que nos liga, que nos põe todos em relação, não universalizante, mas repleta de silêncios, aprisionamentos e mesmo “mundos unidos pela própria separação” (Kiffer & Pereira, 2021). A diversidade, seu entendimento, sua concepção, manifestam-se na relação do Si-Mesmo com o Outro, em termos ricœuriano, ou na relação entre sujeitos, em termos mais modestos. A formação e construção das narrativas de diversidade que nos auxiliam

a construir sentido do mundo, do sujeito, e da relação com outrem, surgem unicamente e exclusivamente a partir de uma relação, seja esta qual for. Ricœur (2014, p. 370) coloca: “Sem dúvida, apesar da afirmação a interioridade da própria vida, o si é essencialmente abertura para o mundo, e sua relação com o mundo é, como disse Brague, uma relação de concernência total: *tudo* me concerne.” A concepção do ser-no-mundo e do ser-no-tempo, onde o ser-no significa ser-junto, atrelada a visada ética do viver bem, viver-junto, nos encaminha para essa compreensão ontológica do ser a partir das relações construídas. No que diz a respeito da consistência lógica, nos aprofundaremos mais adiante, na seção 3.2 ao apresentarmos nosso caminho de teorização a partir da tríade-hermenêutica no *headwork* e *textwork*.

Conforme afirmado por Cornelissen (2017, p. 369), “o método que nós usamos para coletar e analisar os dados empíricos (incluindo questões do que conta como dado) tem uma relação próxima com os nossos esforços teóricos”. Portanto, essa seção busca apresentar as formas pelas quais acessaremos o campo e, a partir dos dados coletados neste campo, de como será feito a teorização na relação sujeito↔objeto, ou no que poderíamos chamar de relação sujeito↔sujeitos. Nessa relação sujeito↔objeto, adotaremos Bosi, que diz

Nessa pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (Bosi, 1994, p. 38).

3.1 ACESSANDO O CAMPO: COLHENDO AS FLORES

Para acessar o campo, nos basearemos no método de história de vida a partir de uma inspiração metodológica no trabalho de Bosi (1994, 2022). Creio que posicionar Ecléa Bosi como uma pesquisadora extraordinária e sensível não faria jus ao que pude ler sobre ela e de autoria dela. A sensibilidade de Ecléa em permitir entoar a voz de sujeitos marginalizados por meio de uma relação de amizade e confiança com os recordadores é... sem igual.

Enquanto técnica para acessar o campo, a história de vida é coerente com nossa proposta apresentada até então, pois dá a oportunidade ao narrador-recordador de contar sua própria história, sua vivência, a partir da forma como ele achar melhor. A veracidade não é um problema que nos assombra nessa pesquisa, pois, como a autora coloca: “A veracidade do narrador não nos preocupa” (Bosi, 1994, p. 37). O registro do passado a partir dos olhos do sujeito nos permite capturar a *verdade desse ser social*, e não necessariamente uma *verdade absoluta*.

A apreensão de histórias de vida não é um trabalho simples, apesar de o parecer. Confesso que ao longo do processo de registrar as histórias dos narradores-recordadores,

presumi que seria um trabalho simples de “apenas explicar brevemente o que espero e deixar o sujeito construir sua história como bem entender”. Não foi bem assim que os relatos foram construídos. Como mencionamos acima, a relação de amizade e confiança com os narradores-recordadores foi imprescindível para que essas histórias possam emergir do sujeito para que eu, enquanto pesquisador, pudesse acessar e *colher* essas vozes por meio das suas narrativas.

Partimos do entendimento que antes dos acontecimentos ou eventos se tornarem objeto do conhecimento histórico, ele é objeto de narrativa (Ricœur, 2020). É por meio da narrativa que capturamos as memórias, que compreendemos como a atividade básica para caracterização das ações humanas e a própria forma que as sociedades se lembram (Adorisio, 2014; Czarniawska, 2004). Dessa forma, as narrativas nos permitem dar conta do nosso objeto de pesquisa, a saber, as narrativas de diversidade. A partir da narrativa, o sujeito resgata, traz para o presente momentos passados, revisita-os, ressignifica-os, e compartilha com outro a *sua vivência*.

As narrativas históricas manifestam-se, principalmente, por histórias, que circulam intersubjetivamente e passam a compor um repertório que tem inúmeras funções na organização, como significar acontecimentos passados, construir sentido ou justificar o presente, servirem de rito para entrar e se tornar parte de comunidades. Essas histórias não se encontram no campo como dadas, para serem coletadas, ainda que poeticamente utilizaremos o termo “colher”. Cada vez que as histórias se manifestam por meio dos atores, ela é recontada, podendo trazer diferenças. Portanto, reforço, não nos preocupamos com a veracidade das histórias contadas, nem apontar suas falhas ou incoerências (Bosi, 1994; Czarniawska, 2004), mas explicar, a partir delas, como as narrativas de diversidade se fizeram presente ao longo de sua vida, na contínua formação do Si-Mesmo.

Ao narrar suas experiências pessoais, os narradores-protagonistas não apenas constroem relatos cognitivamente coerentes que ajudam a dar sentido aos vida como temporalmente ordenados, causalmente ligados e psicologicamente motivados. Eles também avaliam as ações e escolhas, apresentando um “eu” (self) estorificado que convida os receptores da história a investigar as dimensões morais da experiência humana (Katriel, 2012, p. 275).

O grupo de sujeitos que busquei para compor o corpo de narradores-recordadores dessa pesquisa foi baseado principalmente em conexões minhas, amizades, em sua maioria, de pessoas com as quais eu tive o prazer de compartilhar e vivenciar algum estágio da vida com. Isso não foi o caso para todos, é claro. O viés da seleção dos respondentes não é um problema para nosso método escolhido, pois ainda que reconheçamos as diferenças das experiências, até pelo interseccionalidade e pela localização social dos sujeitos, as vivências foram selecionadas por meu interesse levando em consideração as relações pré-construídas com os narradores-

recordadores ou por serem pessoas que se enquadram dentro do entendimento de diversidade organizacional em contextos que permitiriam ter vivências a serem compartilhadas. Ao todo, eu fiz o convite para 14 pessoas. Dentre elas, mulheres, homens, gays, héteros, lésbicas, neurodivergentes, trans, migrantes... como disse ao início deste trabalho, não acredito ter registrado vozes de todos os grupos forçados sob a conceituação de diversidade (“*organizacional*”), mas pude colher relatos que, aos meus olhos, foram importantes de ter sido aceito como ouvinte para vivências tão únicas.

Das 14 pessoas que fiz o convite, uma visualizou o convite e não me respondeu. Uma aceitou o convite, mas não conseguiu contar sua história para mim, pois não se sentiu confortável para fazer uma chamada de vídeo. Foi-lhe oferecido a opção de escrever o relato escrito, algo que a própria pessoa perguntou se poderia ser uma forma de coletar, mas após encaminhar as instruções, a pessoa não respondeu mais. Uma outra pessoa aceitou o convite, mas não teve disponibilidade durante o período de coleta de dados. Retirando estes dos convites feitos, tivemos ao todo 11+1 narradores-recordadores, e um total de nove histórias de vida individuais e uma em dupla, ainda que cada um tenha narrado sua própria história individual. A história em dupla foi feita dessa forma pois se trata de um casal, do qual eu só tinha proximidade com um deles. Optamos por essa forma para que eles se sentissem confortáveis e ambos relataram não ter problema em compartilhar coisas com o cônjuge ali presente. Dos 11+1, sete são amigos próximos com os quais compartilhei intensamente vivências em algum momento da minha vida. Os outros quatro foram: uma antiga conhecida, um cônjuge de um amigo, e duas recomendações que obtive por meio de alguém próximo a mim.

Para garantir o anonimato dos narradores-recordadores, alterei o nome deles para flores. Creio que flores seria adequado, considerando o Epígrafe apresentado antes dessa tese, ao uso do termo *colher* para representar o processo de ouvir as histórias narradas. Além disso, flores são tão diferentes, únicas, e belas. Como estes relatos. A escolha das flores foi baseada na obra de Roux (2020), tomando como partida minha percepção própria dos sujeitos e de suas narrações. No Quadro 1 apresento a escolha das flores, seus significados, e como cada narrador-recordador tem sua diversidade-individual nomeada.

A operacionalização da coleta das histórias de vida foi feita em três momentos: (i) um primeiro momento focado na relação do sujeito com a diversidade; (ii) um segundo momento focado na relação do sujeito com o outro e na mediação da diversidade nas relações; (iii) um terceiro momento que visava construir as relações entre o sujeito, a diversidade e o outro, com a finalidade de relembrar coisas que não foram mencionadas nos momentos anteriores. Os três momentos foram apresentados e explicados para cada um dos narradores-recordadores, com a

finalidade de auxiliar eles a construir suas histórias. No entanto, eu enfatizei, no primeiro momento, que o narrador-recordador não precisava se ater a estas divisões, podendo construir sua história como achasse melhor. Não dei um direcionamento temporal para nenhum narrador-recordador, pois o enquadramento temporal é pessoal de cada sujeito e ele é utilizado para fazer sentido dos acontecimentos passados, podendo ser um enquadramento diferente do básico (dia, mês, estação, ano e geração) (Czarniawska, 2004). A maioria optou por iniciar da infância e construir uma evolução a partir das fases da vida, ainda que tenha havido movimentos de ir e voltar entre momentos presentes ou recentes e acontecimentos do passado. Apenas uma narradora-recordadora, ao ouvir minha proposta, falou que construiria a própria lógica durante os três momentos (que fora fases da vida, mas que a pessoa afirmou que o faria dessa forma, diferente dos demais que não manifestaram interesse de fazer isso, mas o fizeram mesmo assim na grande maioria das vezes). Ao final da explicação no primeiro momento, utilizei uma frase inspirada na obra de Bosi (2022): “*Conte-me a sua vida!*”.

Quadro 1. Identificação dos narradores-recordadores

Flores	Significado	Identificação
Azaleia	Fragilidade, Temperança	Homem, branco, cis, gay, morando fora do país
Camomila	Energia na adversidade	Mulher, branca, cis, hetero
Croco	Alegria, júbilo juvenil	Mulher, negra, cis, hetero
Dália	Amor eterno, compromisso	Homem, branco, trans, hetero, neurodivergente
Edelvais	Coragem, ousadia	Homem, branco, cis, gay, morando fora do país
Íris	Valor, sabedoria, fé	Homem, negro, cis, gay
Jasmim	Amabilidade, alegria	Homem, branco, cis, gay, morando fora do país
Lilás	Primeiro amor, reminiscência	Mulher, amarela, cis, lésbica
Louro	Glória, vitória, sucesso	Homem, branco, cis, hetero, neurodivergente
Margarida	Inocência, Infância, Pureza	Mulher, negra, cis, bissexual
Orquídea	Elegância, beleza	Mulher, branca, trans, hetero

Fonte: elaborado pelo autor.

Durante a coleta de dados, fui melhorando o processo de explicar a finalidade da pesquisa. Às primeiras pessoas, eu dizia que gostaria de ouvir sobre as narrativas de diversidade que se fizeram presente em sua vida. Após algumas pessoas, percebi que o termo “narrativas” poderia gerar confusão, ou até mesmo incompreensão, então optei por dizer que estava interessado em saber como a diversidade se fazia presente na vida da pessoa. A adaptação é coerente com as recomendações de Elliott (2005), que sugere uma pergunta direta e simples, ao invés de perguntas sofisticadas ou, nas palavras da autora, “sociológica”, para convidar o recordador-narrador a rememorar e relatar sobre o tempo e situações específicas que possibilitem-nos compreender o objeto da pesquisa. Esses relatos ocorreram de 16 de dezembro

de 2024 até 13 de janeiro de 2025, por meio do software *Microsoft Teams*. Optei por utilizar este programa pela possibilidade de gravar e por ter uma ferramenta de transcrição automática, ainda que eu tenha tido de revisar essa transcrição após a coleta. Para a revisão, adquiri outro serviço (TurboScribe) que se mostrou mais preciso para apresentar o texto, ainda que eu tenha revisado todas as novas transcrições e feito correções. Tentei manter os três momentos durante o tempo de uma semana, com um espaço temporal de um a três dias por momentos da história de vida. No entanto, em alguns casos, a agenda do narrador-recordador não permitiu que acontecesse dessa forma. As datas dos momentos foram apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Datas dos momentos da colheita

Narrador-recordador	M1	M2	M3
Camomila	17/12/2024	08/01/2025	13/01/2025
Íris	24/12/2024	27/12/2024	08/01/2025
Azaleia e Edelvais	20/12/2024	26/12/2024	31/12/2024
Jasmim	19/12/2024	22/12/2024	23/12/2024
Lilás	26/12/2024	27/12/2024	30/12/2024
Margarida	17/12/2024	22/12/2024	28/12/2024
Dália	03/01/2025	07/01/2025	09/01/2025
Orquídea	06/01/2025	10/01/2025	13/01/2025
Croco	16/12/2024	18/12/2024	19/12/2024
Louro	18/12/2024	22/12/2024	23/12/2024

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação aos dados que as histórias de vidas geraram, foi uma experiência única. Alguns narradores-recordadores preocupavam-se em “dar dados para sua pesquisa”, ainda que, quando não se esforçavam, compartilhavam relatos tão ricos e emocionantes comigo. Alguns conseguiram desenvolver melhor suas histórias, outros apresentavam dificuldades na construção. Em alguns relatos, eu compartilhei experiências minhas, com a intenção de reforçar a relação de amizade e confiança, para que a pessoa se sentisse confortável em compartilhar comigo. Apesar das durações apresentadas adiante, todas as chamadas de vídeo foram mais longas. Com amigos, eu gastei um tempo conversando sobre coisas da vida, outros sobre bobagens. Teve um caso em especial que é um amigo próximo que fiquei aproximadamente uma hora conversando com ele antes de iniciarmos o relato. Dos relatos registrados, foi possível obter aproximadamente 31 horas e meia de histórias de vida. Estes dados possibilitaram 631 páginas de transcrição e 289.072 palavras, sendo as transcrições e as gravações os dados brutos utilizados para a construção da teorização conforme apresentado adiante. Durante as histórias fui fazendo anotações com o intuito de me auxiliar a acompanhar a história construída, assim como para facilitar questionamentos ou solicitar detalhamento aos sujeitos sobre algumas experiências. A Tabela 2 apresenta as durações dos momentos por narrador-recordador. Apenas

para fins de registro, os três momentos tiveram duração média de 57:38 (M1), 01:04:34 (M2) e 01:06:36 (M3), o que totalizou uma média da duração total de 02:51:38.

Tabela 2. Duração dos relatos coletados

Narrador-recordador	M1	M2	M3	Duração total
Camomila	00:39:35	00:58:00	01:03:28	2:41:03
Íris	00:59:12	01:24:47	01:56:10	4:20:09
Azaleia e Edelvais	00:55:31	00:41:45	00:38:47	2:16:03
Jasmim	00:57:07	00:50:00	00:58:33	2:45:40
Lilás	00:43:28	00:44:11	00:32:44	2:00:23
Margarida	00:46:08	01:14:10	01:10:20	3:10:38
Dália	01:41:04	01:57:54	01:24:47	5:03:45
Orquídea	01:34:26	01:11:28	01:18:20	4:04:14
Croco	00:38:45	00:50:46	00:52:35	2:22:06
Louro	00:40:59	00:52:36	01:10:21	2:43:56
			<i>Total</i>	<i>31:27:57</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Como disse, nem todo tempo pertenceu aos narradores-recordadores, tendo momentos que eu também falei nas gravações. Essa participação minha é pertinente ao método, pois as narrativas se formam durante os relatos por meio do diálogo entre dois sujeitos (Czarniawska, 2004). Entendemos que ao posicionar a entrevista de história de vida como um diálogo, nos afastamos desde já da neutralidade presumida por algumas dimensões epistemológicas durante o processo de coleta de dados, para evitar contaminar os dados, ainda que reconheçamos que as perguntas, interjeições e interpretações do pesquisador possam moldar como o narrador conta suas histórias (Katriel, 2012). Ao compartilhar experiências próprias não tive intenção de fazer com que o narrador-recordador se apropriasse de minha vivência e torna-se sua, mas que ao compartilhar algo pessoal, construíssemos esse sentimento mútuo de confiança e amizade, e que permitisse um reconhecimento entre nós, enquanto sujeitos que se encaixam dentro dos grupos de diversidade. Não pretendi, de forma alguma, direcionar os dados para atender a interesses próprios, mas não acreditei ser possível presumir um distanciamento sujeito↔objeto (ou até mesmo sujeito↔sujeito) nessa colheita das memórias dos recordadores-narradores, até porque, como já mencionei antes: eu compartilho este “objeto” com essas pessoas. O fato de ser um diálogo até auxiliou momentos de comparação entre vivência e construirmos juntos um entendimento de quão único é cada vivência.

Um adendo importante que eu acho válido mencionar para este acesso é que confesso que não me dei por satisfeito pelas histórias de vidas. Foi uma experiência extraordinária me permitir ouvir os relatos, as vivências desses sujeitos. Durante conversas iniciais com minha querida orientadora, quando mencionamos pontualmente a possibilidade de investigar

diversidade, ela mencionou para mim quão doloroso poderia ser investigar um tema que estamos tão próximos do fenômeno. Na hora, ainda que eu compreendesse o que ela disse, eu percebo que não havia de fato compreendido a intensidade que essa relação traria. Durante muitos relatos eu tive vontade de chorar. Algumas vezes foi por vivências compartilhadas, vivências dolorosas, outras foi por empatia, por me sentir mal por outra pessoa ter vivenciado experiências que o fizeram expressar ela, narrar ela, com tais palavras. Creio que aqui percebi duas coisas: primeiro, o “compromisso afetivo” (Bosi, 1994, p. 38) necessário para colher essas histórias, e segundo, a própria palavra *afeto*, que minha orientadora novamente me compartilhou que a palavra carrega tanto o sentido de carinho, como no sentido de “afetado por”, de me afetar por. Nessas horas, sentia que se estivesse fazendo uma pesquisa com uma epistemologia “padrão”, seria o momento que eu encerraria a pesquisa. Não tive como não me emocionar durante os relatos. E também fiquei triste quando tive de encerrar a coleta de dados. Até falei para o meu namorado “e se eu fizesse mais?”. Eu sei que não poderia pelo famoso *tempo da CAPES* que mencionei anteriormente. Mas como eu queria. Como eu desejo continuar a ouvir outras histórias de vida.

Há também de se mencionar outro sujeito (+1) que participa dessa pesquisa, sendo este, eu mesmo. Assim como minha vivência se fez presente nos relatos dos nossos narradores-recordadores, eu sou incapaz de me separar do nosso objeto (e, para dizer a verdade, não o gostaria de fazer). Além da relação com as histórias de vida em que ora fui sujeito (pesquisador) e ora fui objeto (ouvidor), há também esse outro momento em que fui sujeito (pesquisador) e também fui objeto (narrador-recordador). Apesar de não considerar esse método um trabalho de campo (não é), gostaria de mencionar um trecho de Van Maanen.

Trabalho de campo é uma técnica de coletar material de pesquisa ao sujeitar a si mesmo – corpo, crença, personalidade, emoções, cognições – a uma série de contingências que atuam sobre outros ao longo do tempo – geralmente um longo tempo – que eles podem ver, ouvir, sentir mais ou menos e entender os tipos de respostas que os outros apresentam (ou escondem) em uma situação social particular (Van Maanen, 2011, p. 151).

Assim como em um trabalho do campo, eu, enquanto sujeito *diverso*, e parte dos *diversos* sujeitos, tenho uma sujeição de mim – corpo, crença, personalidade, emoções, cognições – ao mundo, enquanto um ser-no-mundo, e minha vivência dentro de uma temporalidade única, enquanto um ser-no-tempo. Muitos desses amigos com os quais tive esses momentos de ouvir suas histórias se misturam na minha própria construção, na constituição do Si-Mesmo com o outro, como outro. Apesar de minha vivência enquanto um homem gay não faça parte de toda minha vida, a diversidade interveio ao longo de muitos momentos da minha vida, mesmo quando eu não me entendia dessa forma, mas que outros impunham uma

categorização sob mim em formato de *bullying*. Como disse, não consigo e não quero ignorar essas experiências, ainda que assim como nas histórias construídas pelos narradores-recordadores, eu estou sujeito à minha própria reminiscência.

O acesso *ao campo* descrito a partir das experiências pessoais narradas por meio de histórias (de todos os sujeitos apresentados), pressupõe dois pontos: reflexividade e temporalidade. Reflexividade porque, conforme Ricœur (2020), é um rastro irrecusável da memória em sua fase declarativa, quando o sujeito narra de coração o que viu, o que experimentou, e o que aprendeu, essa narração está intimamente ligada à esfera de interioridade do sujeito. As narrativas também são temporais, porque compreendem múltiplas interpretações dos acontecimentos em múltiplos tempos e contextos. Além de que as memórias são uma importante ligação com o passado para construir o presente e moldar o futuro. Assumimos, conforme Kilomba (Pinacoteca de São Paulo, 2019), que investigar e discutir diversidade (em quaisquer níveis e grupos que sejam) é uma tese *futurista*, pois é uma discussão que acreditamos, esperançosamente, que só se concretizará no futuro. Olhar para o passado, para as experiências que serão nossa porta de acesso ao campo *do mundo*, a partir dos olhos de *sujeitos diversos*, nos seus respectivos *tempos*, para compreender como estes sujeitos rememoram o contexto de diversidade nas suas relações em organizações é, sem dúvida, um olhar reflexivo e temporal.

Explicitado a forma como escolhemos acessar o campo, a seguir, nos debruçamos no que vem a ser o nosso “produto” de uma longa jornada, que concentra uma vida – *minha* –, apoiada em diversas vidas – *narradores-recordadores, professores, autores, amigos* e quaisquer outras pessoas que cruzaram este caminho tão tempestuoso para que pudéssemos chegar no momento final da *famosa* teorização.

3.2 A TEORIZAÇÃO A PARTIR DA REMINISCÊNCIA

A teorização, que se refere ao processo de teorizar a respeito dos dados do campo para construir teoria. Adotamos nessa tese, enquanto forma de teorizar, o interesse interpretativo, que se preocupa com os processos de significação e representação, “as camadas de significado social que moldam experiências e ações na vida organizacional” (Cornelissen et al., 2021, p. 6). Olhar as rememorações dos narradores-recordadores, nos permite acessar a forma como tais experiências foram significadas e incorporadas na construção do Si-Mesmo a partir da relação com outros em diferentes contextos organizacionais.

Para fazer esse processo, adotaremos um processo de teorização baseado em Van Maanen (2011). Ainda que o autor construa um processo de teorização baseado em métodos etnográficos, entendemos que, ainda que não classifiquemos essa pesquisa como uma etnografia, há uma teorização envolvendo o sujeito-pesquisador, o sujeito-narrador, e um processo de *deskwork* que o autor caracteriza como etapas “invisíveis” do trabalho (*headwork* e *textwork*). O que o autor caracteriza como *fieldwork*, ou trabalho de campo, caracterizamos nessa pesquisa como as coletas das narrações-recordações nos três momentos da história de vida, assim como a minha vivência, tendo em vista que muitas dessas histórias seguem trajetórias semelhantes ou discordantes da minha.

O *headwork* é o momento em que ocorre um choque e mistura entre sistemas de significados e experiências: por um lado, não posso negligenciar minha vivência e meu *local de fala* ao teorizar um fenômeno no qual eu sou sujeito e objetivo, e, por outro lado, temos as histórias de vidas construídas pelos narradores-recordadores que compõem a fonte de dados para o acesso ao mundo social que objetivamos discutir. Minha aproximação com o contexto da diversidade, ainda que diferentes vivências tenham manifestadas durante os relatos colhidos, permite que eu, enquanto pesquisador e teorizador, compreenda aspectos linguísticos, conceituais e crenças presentes nas narrativas (Van Maanen, 2011). Isso nos permite construir um processo de teorização mais rico, sem que haja necessidade do pesquisador de se familiarizar com estes para, então, iniciar o processo de teorização.

Ao compreender que há uma imersão presumida minha no contexto estudado, há também de se assumir, para essa pesquisa, a emersão como um afastamento meu, enquanto pesquisador, para possibilitar a teorização. Essa relação imersão-emersão foi presente durante todo o processo de coleta de dados, de organização dos dados, e da análise. Houve uma preocupação em não impor minhas experiências, minhas visões de mundo, sob a dos narradores-recordadores, permitindo que eles manifestassem suas próprias histórias de vida, suas próprias significações construídas em suas narrações. Em determinados momentos isso tornou-se um desafio. Houve acontecimentos relatados pelos narradores-recordadores em que eu encarava como algo negativo, mas que para eles havia uma visão positiva do acontecimento. Construir essa separação para que eu não imputasse minha vivência na do outro foi importante, tendo em vista que uma emersão completa do campo seria impossível, pois *a diversidade é vivenciada diariamente por mim*.

Assim como evitei que minhas significações sobressaíssem às significações dos narradores-recordadores, há também um cuidado para que a teoria não determine a minha leitura dos textos construídos a partir das narrações, mas que ela servisse como base para

orientar a organização que permitisse construir sentidos. Os termos utilizados remeteram a esse processo de conexão sem que ele construísse *caixinhas* que excluíssem parte da riqueza dos relatos coletados.

Para organizar os dados, segui o seguinte procedimento: (i) após a conferência das transcrições, fiz a leitura atenta dos relatos, selecionando trechos em que os narradores-recordadores apresentavam traços mnemônicos referentes ao contexto da diversidade em suas diferentes formas. Ao todo, foram selecionados 850 trechos das 31 histórias; (ii) os trechos foram organizados em uma planilha de Excel, para que permitisse uma melhor visualização dos dados, e devido a minha própria familiaridade e casualidade de utilizar a ferramenta; (iii) os trechos então foram lidos, um a um, para que fosse possível identificar uma primeira relação entre eles, o que classifiquei como “Grupo”. Por grupo, assumi para grande maioria o termo “Instituições” em referência às instituições justas e éticas de Ricœur (2014). Dentre as instituições, foram estabelecidas: Ensino Fundamental/Médio (67), Ensino Superior (109), Familiar (128), Política (15), Religiosa (30), Trabalho (218), Mídia (24), Redes Sociais (26) e Vida Privada e Social (233)¹⁴; (iv) em seguida, em uma nova leitura dos trechos, foram classificados “Subgrupos”, para tentar entender quais assuntos apareciam mais nas reminiscências das instituições. Ao todo foram estabelecidos 34 subgrupos, sendo os principais Preconceito (161), Discriminação (120)¹⁵, Identificação (107), Medo (77), Visão de Mundo (68) e Representatividade (65); (v) por fim, ao iniciar minhas reflexões sobre a abrangência e totalidade dos meus dados, tive a impressão de que havia mais reminiscências ruins do que boas. Por preocupação que houvesse uma imposição minha aos trechos observados, foi realizado uma nova leitura e classificado, a partir da perspectiva do narrador-rememorador, se o trecho se referia a algo negativo ou positivo. Ainda que houvesse trechos que eu, enquanto pesquisador, atribuía uma classificação ou outra para este, optei por priorizar a significação do narrador-rememorador. Dos 850 trechos, 597 foram classificados como negativos e 253 como positivos. Essa classificação baseia-se na noção de textualização:

Textualização em Ricœur (1973) é um termo para processos pelos quais os comportamentos, crenças, valores, rituais, tradições orais, entre outros não escritos, tornam-se fixados, atomizado e classificado como datas de algum tipo. Apenas na forma textualizada os dados são passíveis de análise (Van Maanen, 2011, p. 95).

¹⁴ A classificação foi construída arbitrariamente por mim, mas considerando a principal ligação que o contexto de diversidade era narrado. Vida Privada e Social foi como uma classificação coringa onde inseri trechos que não estivessem diretamente ligados a uma instituição, mas que permeou a vida dos narradores-recordadores.

¹⁵ Optei por utilizar o termo Discriminação para o preconceito ocorrido no ambiente de trabalho e o termo Preconceito para os demais ambientes. Além disso, a Discriminação eu categorizei quanto ao tipo de discriminação (Gênero, LGBTQIA+, Racismo etc.) para que fosse possível identificar os principais tipos nas relações de trabalho.

Além do processo de *headwork*, temos o *textwork* como etapa presente no momento de teorização (*deskwork*). Entendemos que o *textwork* é o momento da materialização ou manifestação de toda a teorização feita ao longo do desenvolvimento da tese que, apesar de não se encerrar ali, é o momento de trabalho de construir reivindicações de conhecimento (Cornelissen et al., 2021). A apresentação do *textwork* será feito de duas formas: em um primeiro momento, adaptarei o conto etnográfico confessional Van Maanen (2011) para trazer minha própria narrativa sobre minha vivência; e, em seguida, adentrarei na organização feita em Instituições em uma inspiração à obra de Kilomba (2019), que a partir dos relatos de suas narradoras-recordadoras, ela identificou macro-temas e subtemas assim como fiz na organização dos relatos coletados.

O conto confessional, é focado no relato do próprio pesquisador sobre a sua vivência no campo, ou seja, “envolve uma atenção para a disciplina do próprio pesquisador, como seus hábitos, aos problemas epistemológicos da pesquisa e da relação com o campo” (Van Maanen, 2011, p. 74). Ainda que não seja um estudo etnográfico, repousar um olhar sobre minha própria vivência me permitiu criar conexões e desconexões entre minhas vivências e as vivências dos outros sujeitos diversos. Apoiando-se na ideia de que este exercício torna o relato etnográfico uma construção mais filosófica, artística, fenomenológica ou política (Van Maanen, 2011), um olhar sobre o sujeito-pesquisador enquanto um sujeito diverso permite olhar para mim enquanto ser-no-mundo, ser-no-tempo, e refletir sobre minhas próprias emoções e reflexões à respeito do tema estudado.

No que diz aos aspectos onto-epistemológicos mencionados anteriormente na introdução desta seção de percurso teórico-metodológico, temos por um lado uma Fenomenologia Hermenêutica da Memória e uma Hermenêutica do Si, ambas partindo de Ricœur (2014, 2020). O aspecto fenomenológico de nosso estudo volta-se para a experiência (no mundo) sobre um assunto: (o contexto da) diversidade. Como relatei, houve esse direcionamento ao solicitar para que os narradores-recordadores contassem suas vidas com essa *intencionalidade* em mente. Dessa forma, compreendemos que isso permitiria ao narrador-recordador manifestar em sua fala os significados construídos sobre as coisas, as atividades, sobre os outros, sobre o *mundo* no qual está inserido (Cerbone, 2014). Portanto, a experiência e a significação do mundo são consideradas, nesta pesquisa, a partir da memória, da reminiscência do sujeito narrador-rememorador que as manifesta por meio da sua história de vida.

Por hermenêutica, assumimos a postura ricœuriana da compreensão e explicação, onde o primeiro refere-se ao processo de entender e o segundo ao processo de significar e interpretar

os textos. O significado do texto aparece a partir da apreensão de algo *estrangeiro*, ou *impróprio* (no sentido de não-próprio ou não pertencente a mim), para tornar *próprio* (ou seja, pertencente a mim). Ainda que a experiência e significância pertençam aos narradores-recordadores, no processo de teorização, passamos por um processo de interpretação (ingênuo e crítico) para poder apreender o texto, *a reminiscência* (a)colhida nessa pesquisa para podermos construir uma compreensão a respeito da diversidade nas relações em organizações.

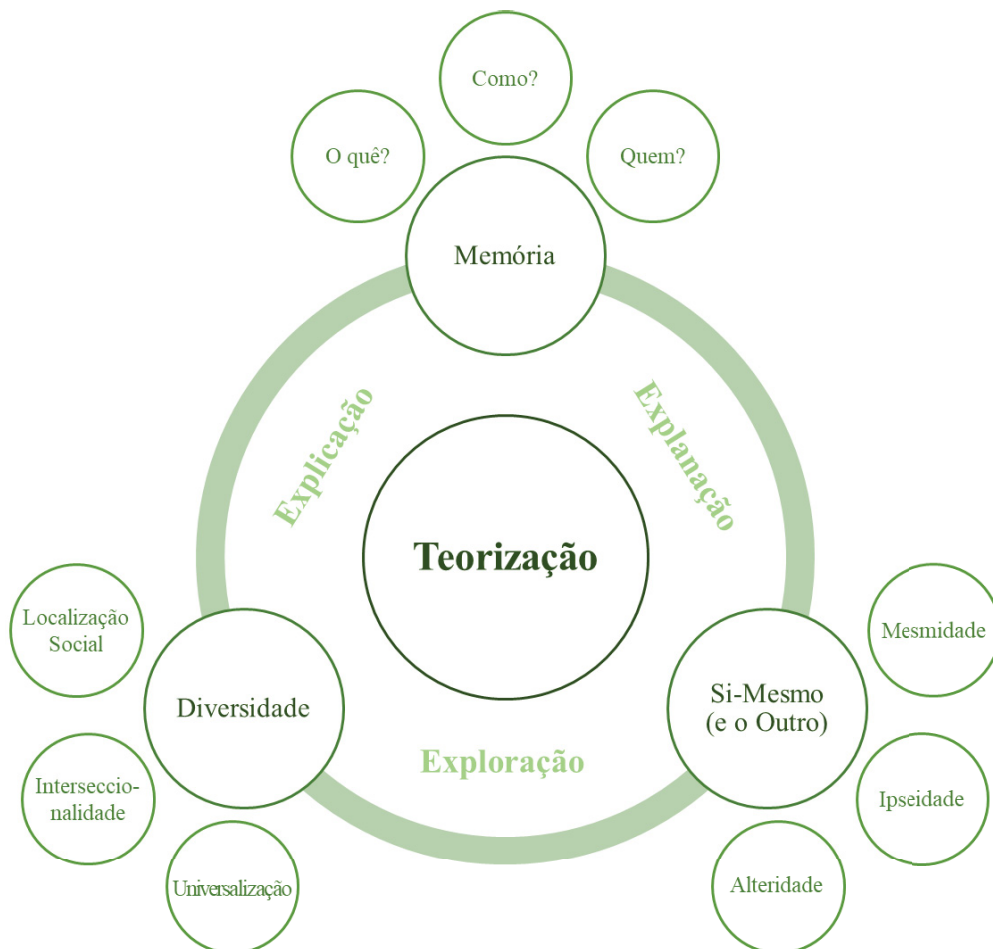
A ontologia relacional se torna evidente principalmente, ainda que não exclusivamente, pela Hermenêutica do Si (Ricœur, 2014), onde entendemos que a construção do Si-Mesmo, do sujeito reflexivo, surge da interação com o Outro, aquele que não si, a partir das dialéticas *mesmidade-ipseidade* e *ipseidade-alteridade*. Ao *quem?* desse Si-Mesmo podemos retornar à memória refletida, onde o sujeito é capaz de lembrar de si (eu), do coletivo, e dos Outros, sem negligenciar *o quê?* é lembrado e *como?* é lembrado (reminiscência). E ainda ao relacional podemos atribuir aspectos importantes presentes a própria compreensão da diversidade que apresentamos anteriormente, sendo estes a *localização social*, a *interseccionalidade* e a própria *universalização* do constructo de diversidade. Esses conceitos serão chave para nossa teorização, conforme Figura 1, considerando uma leitura narrativa a partir da tríade-hermenêutica: explicação-explanação-exploração (Czarniawska, 2004; Elliott, 2005).

Explicação se refere a compreensão de “o que o texto diz”, respeitado os múltiplos relatos, que representam múltiplas perspectivas, originados do campo, sem nos preocupar com o que é “certo” ou “errado” (Czarniawska, 2004). A partir dos relatos, pude identificar o que cada narrador-recordador considerou no seu próprio contexto de diversidade. A explicação se apoia nos sentidos e normas ou regras locais de produção e interpretação do contexto social analisado (Katriel, 2012). Ainda que haja manifestações diferentes da diversidade a partir da localização social do sujeito-narrador (Ribeiro, 2024), seria difícil deixar de perceber similaridades no processo de narração das histórias colhidas nesta tese. Considero a organização mencionada anteriormente como algumas tentativas de organizar o que os textos-reminiscência quiseram dizer. Essa etapa foi apresentada nas seções 4, como um olhar sob o Si-Mesmo construtor da pesquisa, e na seção 5, respeitando o que nossas flores disseram.

Explanação busca responder as perguntas “como o texto diz isso” e “por que ele diz isso”. Para a explanação, adotamos uma explanação construtivista por entender que os significados atribuídos nas histórias de vida dos sujeitos à diversidade em organizações são construídos a partir de significados já existentes no contexto (texto, tradição ou gênero – de texto) na interação entre leitor e texto, entre leitores, entre autor, leitores e texto. As histórias de vida, ainda que fossem a história de vida dos narradores-rememoradores, houve participação

minha para esclarecer e construir significado em momentos durante as entrevistas, quando exemplificava, a partir de uma experiência própria, um sentimento à vivências compartilhadas, mas que poderiam ter significações diferentes. Nas palavras de Elliott (2005), a perspectiva construtivista foca em identificar as práticas de construção de sentido e em entender de que formas as pessoas participam na construção de suas vidas, “interessado nas formas como as atividades sociais são localmente organizadas e conduzidas” (Elliott, 2005, p. 19). Ao compreendermos como a diversidade é significada a partir da relação com o Outro, consideramos também a *localização social* dos sujeitos, sua *interseccionalidade*, pois são formas de entender o porquê o narrador-recordador diz o que ele diz.

Figura 1. Teorização da tese



Fonte: elaborado pelo autor.

Por fim, a *Exploração* consiste em “jogar a própria identidade em um texto ou construir sua identidade por meio de um texto” (Czarniawska, 2004, p. 72). Assumirei novamente inspiração a obra de Kilomba (2019), que em seu último capítulo “*Descolonizando o Eu*”, constrói essa identidade compartilhada entre as narradoras-recordadoras e ela, ao me colocar

aqui, em um processo de “*Desuniversalizando a Diversidade*”. Para isso, construímos, a partir das relações teóricas, algo que eu poderia chamar de sonho, um exercício imaginário, ou uma proposta futurística para instituições justas e éticas.

4 PABUIK, O FILHO DE DEUS PERFEITO

Eu escolhi começar minha análise a partir de um sujeito que eu conheço muito bem (ao menos acho que sim), que sou *eu-mesmo* (reafirmado! Tal como Ricœur disse). Eu pensei em inúmeras formas de (re)escrever essa seção. Talvez eu tenha a reescrito na minha cabeça ao menos umas centenas de vezes. Nunca linearmente. Apenas revisitando episódios da minha vida. Pensando o que seria relevante escrever e o que seria relevante ocultar. Pensei no anonimato de minha escrita, não de mim, mas dos *outros* que inevitavelmente fizeram parte do meu passado, fazem parte do que eu sou hoje e do que continuarão fazendo parte do que eu serei amanhã em diante.

Em uma aula que fiz sobre *Escrita Criativa*, ouvi um caso interessante de como alguns autores posicionam a si mesmo como personagens em suas narrativas. Aqui eu trarei adiante vários sujeitos que serão personagens em suas próprias narrativas e serão personagens para meu exercício de teorização. Para tentar distinguir um pouco a mim mesmo, e talvez em posicionar *O Si-Mesmo como outro*, me colocarei aqui nessa seção enquanto um personagem, ainda que eu venha a utilizar a primeira pessoa. E o nome desse personagem é “Pabuik”. A escolha é bem óbvia para mim. Apesar de que tenho outros nomes que utilizo como *nicknames* na internet, principalmente relacionado a jogos, Pabuik expressa muito algo essencial a mim, pois é a forma como meu irmão me chamava quando ele ainda estava iniciando sua vida e não conseguia pronunciar “Pablo Henrique” (que ele ouvia com frequência quando minha mãe me dava broncas). No que diz respeito ao “filho de Deus perfeito”, foi algo que minha avó sempre disse para nós, quando estávamos doentes, enfrentando desafios. Me pareceu adequado colocar aqui.

Agora me vejo no dilema que todos os nossos narradores-recordadores tiveram: por onde começar a história de Pabuik? Me colocar como objeto de interpretação é um exercício peculiar. A interpretação não é imediata, tal como proposto pelo Cogito de Descartes no “Cogito, ergo sun” (Penso, logo existo). Na hermenêutica do si, Ricœur posiciona que a compreensão deve ser feita a partir de uma reflexão do sujeito, um Si-Mesmo reflexivo que, por meio da narrativa, constrói a identidade narrativa que considera a temporalidade do sujeito que permanece ao longo do tempo (mesmidade) e que tem possibilidade de mudança (ipseidade). Pensando nisso, adotei uma abordagem de construir minha narrativa e, consequentemente, minha identidade narrativa, por meio de uma gravação.

Pois bem, acredito que de início eu deva pontuar uma característica chave que me enquadra dentro do que estou chamando de *sujeitos diversos* ao longo dessa tese. Eu sou um homem gay. E apesar de parecer que isso diz muito sobre mim, sinceramente, não o diz. Mas,

infelizmente, diz muito (ou ao menos muitas coisas) sobre a minha vivência na relação com o Outro. Curiosamente, essa concepção a meu respeito não veio na infância, como muitos relataram ao narrar suas histórias de vida. Meu entendimento sobre minha sexualidade veio somente após a conclusão do Ensino Médio, apesar dos sinais existentes naquela fase da vida para mim. Os sinais era basicamente atração por meninos (pasmem!). Mas, na época, eu não entendia dessa forma. Via mais como um desejo intenso de ter amizade com uma pessoa que eu achava *interessante* observar. Hoje, bem entendido, eu vejo que aquilo era uma atração sexual por uma pessoa do mesmo sexo, como uma reconstrução de sentido de algo que eu entendia como certo da época.

O meu período de reflexão mais intensa sobre minha sexualidade, que passou de um questionamento para a concretização de “ok, eu sou *isso*”, iniciou durante o tempo que fiquei “isolado” do mundo presencial, entre o ensino médio e meu ingresso na universidade (2010-2013), no qual a redução da minha presença no mundo *real* significava uma intensa presença no mundo *virtual*. Durante essa época, como não estava mais compartilhando ambiente com amigos que construí ao longo dos anos (na época eu tinha entre 17 e 20 anos), eu acabava ficando em comunidades online voltadas para objetos de interesse pessoal, que eram basicamente *animes/mangás*¹⁶ e jogos online. Utilizava bastante redes sociais como Twitter, Tumblr, o MSN e Facebook. Nesses ambientes, acabei conhecendo muitas pessoas que compartilhavam estes interesses e passava muitas horas dos meus dias conversando sobre nossos assuntos em comum, algo que eu não encontrava com meus amigos da escola e de outros espaços.

Então foram pessoas com quem eu conseguia compartilhar esse mundo que eu não conseguia compartilhar com pessoas que eu conhecia no meu... que eu conhecia na escola, conhecia em outros ambientes da minha vida. E durante essas conversas, eu ainda me entendia por hétero, assim, de modo geral, mas chegou um momento que eu comecei a ter contato com algumas coisas online que eu pensava, tipo, hum, talvez, não sei. (Pabuik)

Esse contato com sujeitos *diversos* abria um pouco minha possibilidade de ser, ainda que a identificação com elas não me libertasse totalmente de *correntes* que existiam (e ainda existem) atuando sobre mim. Havia expectativas, medos, receios, temores, inseguranças, e muitas delas se remetiam principalmente a dois aspectos da minha vida: família e amigos. Talvez o temor pelo mundo seja algo que estivesse ali presente, mas não da mesma forma como estes dois estavam. E, além disso, havia também o desconforto comigo mesmo, que existia em

¹⁶ Mangá refere-se aos gibis japoneses, enquanto animes seriam as animações japonesas.

bater os pés firmes no chão, bater a mão no peito e afirmar algo assim. Não gostava de rótulos e tão pouco gosto agora¹⁷.

A primeira vez que fui contar de fato para alguém sobre isso foi em 2014 para um amigo do Twitter da época, em uma conversa pelo Skype, onde me senti confortável de falar para ele sobre isso, pois ele era aberto quanto à sua sexualidade na época. Esse reconhecimento e identificação do medo, do receio, era algo que compartilhávamos, não em relação às pessoas na internet, mas em relação às relações familiares, relações de amizades. Eu ainda não me sentia confortável para contar para outros amigos tão queridos que eu tinha do colégio e da universidade (que ali já fazia mais de ano que estava cursando Administração na UEL e tinha amigos muito especiais).

É bem engraçado isso, né? Porque por mais que a gente perceba que as pessoas, elas são pessoas que super são suas amigas e vão te aceitar. Que vão te, de certa forma, eu acredito que vão te acolher. Mas, assim, é bem inseguro manifestar isso em palavras para essas pessoas, porque sempre existe o medo de ser rejeitado. De... isso pode ser algo que vai te... reescrever tudo que você significa para aquela pessoa. Que o fato de mudar uma característica em mim, isso vai mudar completamente a relação que eu tenho com essas pessoas. (Pabuik)

O medo aqui se manifestava como algo muito temeroso, ainda que existisse muita segurança de eu contar para amizades do colégio, pois tínhamos amigas abertamente LGBTQIA+ no ensino médio, além de saber muito bem sobre os valores delas, ainda assim parecia que o medo de rejeição, de que eu assumir uma característica minha mudaria minha imagem, minha identidade. Eu até tentei, no mesmo ano, contar para uma de minhas amigas mais próximas, pois estudávamos na UEL no mesmo horário e no mesmo centro. Mas, apesar de eu ter ensaiado diversas vezes o que eu queria falar, eu não consegui na hora.

Eu lembro que eu me sentia muito mal por isso, porque pô, é... uma pessoa tão querida para mim, uma pessoa que eu gosto tanto. E foi muito difícil pra mim que eu não conseguia chegar no ponto de me abrir pra uma pessoa que é importante pra mim. Então eu lembro que eu fiquei muito incomodado na época em relação a isso, porque era... velho, como que você... não pode se sentir bem com algo a respeito de você mesmo e você se sentir desconfortável a ponto de você não conseguir contar pra outra pessoa que você confia, que você gosta. (Pabuik)

Essa necessidade de assumir, o famoso *sair do armário*, era algo que eu sentia que precisava passar por. Mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia fazer. Tanto que, até hoje, eu nunca passei por esse momento de ter de falar “olá x, sou gay”. Não escondo ou camufo mais (se é que era possível), mas entendo que na época era algo que eu inclusive torcia para que me

¹⁷ Apesar de não gostar de rótulos, e por isso evitar muitas vezes afirmar “sou gay”, eu entendo que falar minha sexualidade, ou meu posicionamento no momento, não é uma forma de me classificar, me colocar numa caixinha ou me limitar, mas uma forma de trazer um aspecto do meu posicionamento social e também ressaltar uma vivência política do sujeito em uma sociedade em que falar abertamente isso é sim um ato político e de resistência.

perguntassem, para eu tirar essa angústia do peito, ainda que naquela época eu não afirmasse ser gay, mas sim bissexual. Isso foi pauta em uma consulta na psicóloga em 2017, quando comentei para ela a respeito disso e ela me perguntou “será que isso não é um rótulo que você está usando para não ter de quebrar expectativas que foram colocadas sobre você ao afirmar que só quer se relacionar sexualmente com homem?”. Apesar de acreditar que haja um fundo de verdade nisso, meu apreço pelo bissexualismo era não fechar portas para relacionamentos amorosos. De me permitir me relacionar com qualquer pessoa, desde que eu esteja feliz.

Enfim, ainda que eu não tenha me assumido *em palavras*, talvez eu tenha me assumido em atos. Não acho que seja necessário ser algo para buscar justiça por determinado grupo minoritário, mas existem pessoas que pensam dessa forma. Como eu disse, rede social era algo que eu passava muito tempo utilizando, e em uma determinada época houve uma intensificação de opiniões sobre minorias que passaram a ser expressas abertamente em encontros familiares. Coincidentemente isso se intensificou após um *impeachment* na década de 2010 e uma eleição em especial. E eu, apesar de minhas opiniões contrárias, não gostava de confronto. Então eu as manifestava, assim como meu descontentamento, por meio de postagens nas redes sociais a respeito de preconceito, conscientização, entre outras coisas.

Foi no dia 04 de fevereiro de 2017 que Pabuik teve sua sexualidade exposta para todos. E, veja bem, não é como se não houvesse manifestações aqui e ali. Havia. Na época eu já namorava com um homem, ainda que fosse um namoro virtual, existia trocas de afeto na rede social com comentários, postagens. Mas, ainda assim, houve uma “*lavada de roupa suja*” no meu perfil naquele dia. Coisas foram ditas, e compartilhadas, que me deixaram muito mal e que gerou um rebuliço na minha família, com pessoas vindo me perguntar se eu estava bem (curiosamente, apenas pessoas que não faziam parte do grupo que eu considerava mais próximo), palavras foram proferidas a meu respeito, cartas disseram que eu devia priorizar a família do que a externos, ainda que tivesse sido justamente a família que afirmou que eu caminharia por um caminho de espinhos sozinho. Não era a primeira vez que isso acontecia, pois já havia passado por uma exposição e invasão de privacidade desnecessária em 2015 quando recebi uma caixa de presente desse mesmo namorado.

Eu sempre fui uma pessoa reservada. Eu sou muito aberto com quem eu gosto, mas odeio que me forcem para fora do meu casulo. Ainda assim, em todas as vezes que sofri exposição e, novamente, todas vindas de um ambiente familiar, eu fingia que aquilo não me atingia. Mas como atingia. No entanto, demonstrar que eu ficava vulnerável poderia ser pior e intensificar comportamentos que viriam tentar me mudar *para o meu bem*.

[...] algo que tinha sido exposto numa rede social não por causa do que eu postei, mas por causa do que comentaram nesse post e das consequências desses comentários... e foi muito engraçado porque aquilo ali claramente foi algo que foi um ataque à minha pessoa, mas muitas pessoas chegaram em mim e me colocaram como o errado da história como se eu tivesse causado aquilo como se eu fosse o culpado e nessa história envolveu meu namorado e eu tive que ouvir até que eu deveria priorizar o meu sangue como se fosse uma espécie de realeza. Meu sangue é mais importante, relação familiar é mais importante. E foi... e eu lidei com aquilo lá na época... tipo assim, obviamente foi horrível... horrível tanto que é algo que toda vez que eu penso eu fico “velho, como que eu aguentei isso?” (Pabuik)

Eu não havia passado ileso até ali. Mesmo antes de entender minha própria sexualidade, o fato de eu falar mais fino, ter demorado para amadurecer corporalmente, foi motivo de diversas piadas, brincadeiras sem graça, *bullying* durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio, principalmente quando entrei no colégio onde fiquei da 5ª série até o 3º ano. Mas, ser atacado dentro de lugares onde eu me sentia seguro desse tipo de comportamento, sendo eles minhas redes sociais (onde poderia filtrar quem adicionava e interagira com) e na família, foi algo que realmente me atingiu na época. E 2017 era um ano de mudanças, pois era o ano que eu ingressava o mestrado. Apesar da grande dificuldade e sofrimento que foi o início do mestrado, eu lembro que as aulas de Teoria das Organizações foram especialmente importantes por me permitir interpretar as coisas de outra forma e em pensar melhor sobre como eu poderia agir.

[...] o que de certa forma me salvou ali foi realmente o mestrado porque quando a gente começou a adentrar em discussões relacionado a relações de pessoas... relações da pessoa com o mundo, com a sociedade, aquilo ali começou a me fazer muito sentido da forma como eu tinha sido criado, das coisas que me moldavam ali, que me faziam sentir como eu deveria me sentir. E eu lembro que quando adentramos num tópico no mestrado... a gente tinha uma disciplina chave que era a Teoria das Organizações... quando a gente adentrou numa no segundo bloco que era da regulação e quando a gente começou a entender o que que são estruturas sociais e a relação da estrutura com a gente... aquilo ali pra mim parecia que tinha feito, tipo assim, um boom assim na cabeça. E eu comecei a ver que, porra, tem muitas estruturas que tão me definindo e foi bem uma época que também a gente começou a estudar sobre institucionalismo... e daí tinha um texto lá que era da gaiola de ferro e eu lendo aquilo... eu lembro que eu atribuí uma metáfora na minha família... Na época, eu tinha uma música do Codplay com a Beyoncé que é *Him For The Weekend* que eu adorava aquela música... inclusive adoro ainda acho que é uma música bem especial pra mim e eu... tem um trecho da música que ela fala que tipo assim quando eu estava lá embaixo me colocaram asas, você me colocou asas meio que pra me tirar do buraco sabe. E eu, naquela época já conversava mais com meus amigos a respeito de coisas assim, da minha vida pessoal, e eu sentia que pra mim os meus amigos eram isso eram as minhas asas que me permitiam sair do buraco, e a minha família, por outro lado, se meus amigos eram quem me davam asas, a minha família pra mim eram correntes. Correntes que me prendiam correntes que eu não conseguia ser eu mesmo (Pabuik)

As correntes não originavam da família, mas eram carregadas por ela. Quando me refiro a correntes, acabo pensando mais no **catolicismo** forte de algumas pessoas da minha família; alguns **preconceitos** presentes em falas rotineiras que remetem à racismo, machismo, entre outros; ao incentivo da **heteronormatividade** que estivera ali presente desde o início, ainda

que se olhar a fundo, é possível encontrar outras correntes. Perceba que essas correntes estão relacionadas. E, como um sujeito que se formou nesse ambiente, compreendo que carrego também essas correntes. Ainda que consciente, e que lute contra, há vezes em que as correntes são ouvidas.

Relacionamentos entre homem e mulher mesmo... sempre fui uma pessoa que adora o amor. Vendo filmes, novelas, o amor sempre estava presente, e parecia uma espécie de salvação, de se encontrar, de se fazer completo. Eu sempre adorei a sensação de *amar*, e por isso desde pequeno eu já fantasiava com o famoso “eu vou me casar com x!”. Obviamente, na época, era apenas meninas que eu falava a respeito. E sempre foi até quando comecei a ter os questionamentos que relatei anteriormente. Ainda que eu falasse “gosto de fulana, ciclana”, eu fui chamado de *viado* como forma de chacota desde a 5ª série. Não me recordo de ouvir essa intenção de ofensa nos anos iniciais do fundamental. Acredito que a 5ª série foi um estopim para esse tipo de brincadeira sem graça devido a ter contato com várias pessoas de diferentes faixas etárias (havia contato entre alunos de 5ª série até 8ª, o que significava entre crianças de 10 anos até 14 anos).

Foi nessa época, entre os 10 e 14 anos, que tive de lidar com o *bullying* na escola, e ver ele atingir outras pessoas também. Ser um menino diferente não ajuda. “Como assim você não gosta de futebol?”. Demonstrar emoções? Um crime. Na sétima série, que acredito que tenha sido minha pior vivência de todas, eu ouvi frases como “faz cara de homem” e fui humilhado por ter chorado vendo um filme na escola, Corrente do Bem (devastador, por sinal). Essas coisas mexem com a gente. O fato de eu ter chorado e ter causado problema torna para mim muito difícil de chorar até hoje. Foram raras as vezes que chorei após isso e, quando sentia que iria chorar, segurava por vergonha de ser visto como fraco.

O *bullying* não era exclusivo da escola. Na época eu fazia catequese, e nos últimos anos a igreja solicitava que os alunos fossem para um retiro da igreja. Foram duas vezes que fui. Nas duas vezes tive de conviver e repelir brincadeiras *de meninos* que eu não compreendia ou achava estúpida, como dar soco nos outros. Eu poderia atrelar o problema à adolescentes. É uma fase difícil para todos, mas até hoje em dia, em ambientes com muitos homens, eu ainda vejo repetir comentários como “ô seu viado”, de pessoas que são adultas, bem-educadas, e que até estão em ambientes acadêmicos.

Como eu não me dava bem com as brincadeiras masculinas, eu acabava tendo mais amizades com meninas. Eu tinha amigos, mas tinha um por turma, no máximo dois. Meninas eu fazia amizade com muitas. Sempre me senti melhor perto de mulheres porque os comportamentos não eram tão abruptos como os que vivenciava vendo na interação masculina.

Minha família mesmo é mais composta por mulheres do que homens. Ainda que personagens femininas da família também exerciam seus comportamentos desconfortantes.

Eu lembro que quando eu estava no ensino médio, alguma coisa assim, ou por exemplo, começou a nascer pele na minha perna e eu não gostava. Aí eu raspei. Aí me perguntaram... na família, né? Tipo assim “por que você raspa a perna? Você é viado? É gay?” Nem lembro o termo que utilizaram. Só sei que eu fiquei puto, né? Porque eu tinha sido, acho que a segunda vez em casa que tinham me perguntado a respeito da minha sexualidade, eu neguei. Porque naquela época eu não tinha qualquer concepção a respeito disso. Porque pra mim ser gay era ser motivo de chacota dos outros meninos. (Pabuik)

Apesar dessa aversão a meninos, foi no Ensino Médio que tive minha primeira atração (*crush*) por um menino que jogava vôlei nos intervalos. Na época, como disse, atrelava a um desejo de amizade. Foi só durante a graduação que refletindo “quando comecei a gostar de meninos?” que voltei para isso e ressignifiquei o meu sentimento, aquilo que eu sentia por um estranho na quadra de vôlei do colégio. Não havia sido minha única atração. Durante a graduação também me atrai de uma forma diferente por um amigo da sala, e na época também houve o surgimento de aplicativos de relacionamento, como o Tinder, no qual eu pude conversar com algumas pessoas, apesar de que eu nunca marquei encontro com ninguém na época.

Foi bem na época que começou a ter, por exemplo, as coisas... Acho que Secrets no... No... De rede social que você podia postar segredos, né? Sobre coisas. E daí eu via muita gente postando segredos sobre isso, né? Da sexualidade. É... Tinha também o Tinder que eu tentei baixar e eu... A princípio eu baixei e coloquei com meninas lá e... Até dei match com algumas pessoas, mas nunca marquei nada. Aí depois de um tempo eu coloquei com meninos também e comecei a dar match e... E... Eu nunca saía em encontro. Eu tinha medo... receio, sei lá. Era medo de tornar a coisa real, né? Então eu... Nunca saía em encontro. Mas... Ali naquela... Naquele momento foi bem interessante conversar com algumas pessoas da minha cidade, né? De dar *match* e tudo mais. (Pabuik)

Ainda que eu tenha dito que eu amava amar, eu nunca havia me relacionado com ninguém de verdade. Sempre gostava de alguém e o sentimento não era correspondido. Foi durante a graduação que houve a primeira correspondência com uma paquera no Twitter que pude vivenciar a reciprocidade de alguém. Foi desastroso na época, porque eu fiquei muito empolgado pela primeira vez ter essa correspondência, mas ainda foi muito importante para mim. O fato de eu, poder reconhecer que havia sentimentos amorosos a uma pessoa do mesmo gênero, foi um divisor de águas.

A partir desse momento, eu me permitia compartilhar coisas, falar mais abertamente dos meus valores de respeitar as diferenças. Isso foi inclusive o principal motivo que levou a desentendimentos no ambiente familiar, que rejeitava uma “exposição excessiva” de mim perante os outros. Quando postei a primeira foto minha com meu namorado, foi um estrondo. Tive de dar um ultimato de que se não pudessem respeitar meu espaço, eu retiraria todos de lá.

Foi o que eu acabei fazendo. Porque minhas redes sociais eram, mais do que qualquer outra coisa, meu espaço seguro onde eu poderia ser verdadeiramente eu.

A questão da sexualidade é, de fato, algo que desperta o interesse das pessoas. Quando parei de esconder e me permiti vivenciar, acabei fazendo amizades com pessoas do meio (LGBTQIA+). Percebi que o designar uma sexualidade para o outro era bem natural, inclusive entre as minorias, independente do ambiente. Durante o mestrado na UEL, onde tive contato com homens gays, era comum partir deles questionamentos sobre “acho que fulano está no armário”, “quando será que ele vai se assumir”, e até determinados preconceitos que partiam, ironicamente, de pessoas que provavelmente, em algum momento da vida, foram alvos.

O mestrado foi realmente um momento ímpar no qual eu pude aprender a fazer sentido de coisas que eu vivenciava e não conseguia entender ou explicar. Mas, ainda assim, eu vivia na minha. Como meu namorado não era da mesma cidade, o fato de eu estar em um relacionamento não era algo vivenciado ativamente pela família. Somente em 2018, quando fiz uma viagem para a cidade dele, que isso talvez tenha alcançado outros níveis. A recepção de cara foi: “você vai se decepcionar, porque eu me decepcionei”, muito choro, “como ciclano vai reagir?”, e um seco “você sabe o que faz da sua vida” (acompanhado posteriormente de um tratamento de silêncio de algumas semanas).

Para mim, o momento de quebra das correntes, ocorreu somente em 2022, quando eu me mudei para Curitiba para fazer o doutorado. Foi a primeira vez que eu me senti confortável para falar com amigos sobre meu relacionamento, foi a primeira vez que eu fiz amizades sinceras e honestas com pessoas que têm vivências parecidas com as minhas, foi um ambiente de acolhimento em que pude me permitir ser eu mesmo. Mas... quem sou eu?

A construção dessa tese me deu um nó na cabeça. Ricœur colaborou bastante com isso, mas eu me vi de frente a conceitos como mesmidade, ipseidade, alteridade e tentei me ver a partir deles. Quanto a minha sexualidade, a princípio eu havia pensado como um traço de ipseidade, devido a minha visão de *poder mudar, mas ainda permanecer eu*. Ainda não tenho uma resposta certa sobre isso. Meu caráter, meus valores, com certeza mantêm-se. Independente do rótulo que eu receba ou assuma. Mas percebo que grande parte de mim se constituiu a partir da relação com o Outro. Quantos valores eu não carrego que vieram da minha família? Quantos valores eu não carrego que não vieram de amigos? Quantos valores eu não carrego que vieram de professores? Ou, até mesmo, de origem midiática onde eu via algo que me identificava e incorporava como um traço meu.

Como Ricœur (2020) coloca: lembrar-se é lembrar-se de si. Essas lembranças, embaralhadas e bagunçadas, transmitem uma parte ou um reflexo de quem eu sou. Narrar minha

estória é narrar a mim mesmo, enquanto sujeito, que viveu, sofreu, sorriu, chorou, e está aqui, construindo essa narrativa a partir do meu local, a partir da minha visão. Pode ter certeza de que acontecimentos que marcaram cicatrizes em mim talvez tenham sido só uma segunda-feira comum para os outros personagens. Será que os personagens da 7ª série imaginam que eu não consigo chorar por causa de uma gracinha? Será que familiares sabem que, apesar de se preocuparem comigo e com minha segurança, foram os atores das minhas piores lembranças relacionadas a minha sexualidade? Não quero culpabilizar ninguém. Esse não é o objetivo dessa tese.

Esse primeiro momento foi uma partilha de como a diversidade se manifestou para mim ao longo da vida. Uma autobiografia resumida, pois não quero estragar o que futuramente pode ser um livro “Pabuik por Pablo”. Mas ainda assim tentei trazer uma vivência única de Pabuik, o filho de Deus perfeito. Já diria meu avô: quem é perfeito, Deus ou o filho de Deus?

5 O CAMPO DE FLORES: AS INSTITUIÇÕES E A DIVERSIDADE NAS REMEMORAÇÕES DOS NARRADORES-RECORDADORES

Pela estrada afora, eu vou bem sozinho, por um trajeto espinhoso e doloroso (ao menos *me disseram*). Mas, ao caminhar por esse caminho de espinhos, logo percebo que não estou tão sozinho. Há outros que trilham esse mesmo caminho. Alguns caminhos parecem ter mais espinhos que o meu. Como eles aguentam a dor, eu me pergunto. Ao meu lado, uma pessoa *mais sortuda do que eu* olha para mim e se pergunta “como ele aguenta a dor?”. Acho que isso poderia se referir a muitas coisas. No início do mestrado, acredito que a sensação era exatamente essa. Mas a respeito da diversidade, quando me disseram que o caminho que *escolherá* trilhar, o dos tais “LGBTQIA+”, seria espinhoso, doloroso e tortuoso, mas mal sabiam que eu já não via mais tantos espinhos. Eu via mãos, eu via braços estirando-se em minha direção. Eu tinha asas que me ajudavam a romper correntes antes impostas a mim (ora por mim, ora por outros).

Eu poderia falar tranquilamente antes da coleta de dados que “eu sei a amargura que há de ser guerreiro e *se assumir todo dia*”, ainda que da boca para fora. Mas, se existia qualquer indício de certeza, o campo de flores (e não de espinhos) que me aventurei nessa linda jornada (que posso chamar de *vida* ou *mundo*, se quiser ser heideggeriano) me trouxe muito acolhimento. Em alguns momentos, quis chorar. Como tamanhas injustiças podem ser permitidas dentro de instituições que deveriam ser justas e éticas? Ainda assim, como em 2017 eu pude perceber que nem tudo são flores, nem tudo são espinhos também. Das 11 narrativas coletadas, reconheci algumas organizações nas quais elas se inseriam, ao qual atribui o nome de instituição (para honrar o uso da teoria ricœuriana e não correr o risco de ter uma perna puxada a noite).

Buscarei nessa seção atuar quase como um guia para você, leitor, com a finalidade de apresentar e discutir essas flores coletadas e as histórias por elas contadas. Eu gostaria de dizer com um sorriso de orelha a orelha que a maior parte dos relatos são alegres, mas não o são. Ainda assim, há muito a se ver para teorizarmos sobre a diversidade a partir da reminiscência desse belo e diverso campo de flores. Passaremos por algumas *estufas-instituições* pelas quais a maioria das flores fixou as raízes por um período de sua trajetória. A ordem das estufas-instituições foi totalmente arbitrária. Prefiro optar por seguir uma lógica de momentos da vida, onde eles se entrecruzaram, pois nenhuma dessas *estufas-instituições* agiam sozinhas. Iniciaremos, então, com a instituição familiar, presente desde o início da vida, e finalizaremos com a instituição social.

5.1 INSTITUIÇÃO FAMILIAR

5.1.1 “eu não me entendia com ninguém” – Vínculo Familiar

[...] esse laço familiar era muito difícil porque eu não entendia com ninguém. Com o lado da religião difícil, com o lado da outra religião também não dava certo. E aí com esse outro meu tio também era muita cachaça, muito barulho, muita zoadada, eu não gostava. Então eu ficava sempre sozinho, os meus rolês era eu dentro do meu quarto, com os meus mangás e os animes gravados em CD, que eu assistia na época... hah, aí que rolê. Enfim... e eu era aquilo. Eu sempre fui de estudar. Estudava muito, tudo para fazer, sabe, fazer aquelas coisas certinhas, caderno, tudo, acho que eu ali afogava as minhas mágoas também estudando. Então, era meu ponto de fuga, eu acho. Toda vez que eu estava estressado com alguma coisa, ou quando eu não podia existir naturalmente, eu ficava ali no meu mundinho, e por isso, não conheci nem vivi muitas coisas (Dália)

Temos, no vínculo familiar, o primeiro reconhecimento, a primeira identificação e construção da ipseidade-alteridade. No relato de Dália, é possível observar que há uma desconexão entre ver a Si-Mesmo e se reconhecer na relação com o outro na instituição familiar. A identificação não precisa ser com o todo, o que leva a uma busca por outros com os quais ele possa se identificar com. Ao não encontrar semelhantes, Dália se fecha, buscando identificar-se a partir de outras fontes, sendo a artística vindo de uma conexão com quadrinhos e animações japonesas, além dos estudos como uma forma de ocupar a mente ou, até mesmo, compensar pela não identificação ao “*fazer aquelas coisas certinhas*” para evitar ser um descontentamento para a família. Anteriormente, Dália também menciona sua preocupação em decepcionar a mãe e a dualidade de querer *ser-real* na relação consigo e com os outros.

Na sua busca para se adequar ao normal, Dália relata que criou uma *personagem*, a “Jéssica” (nome atribuído por ele) para lidar com as exigências de ser *menina*, como usar saias, agir femininamente. A partir de Jéssica, Dália encontrava uma forma de sofrer menos e atender às expectativas impostas nele durante sua infância. Hoje, reconhecendo-se como um homem trans autista, Dália visualiza nesse processo o termo *masking*, em que utilizou de uma máscara para conseguir suportar o sofrimento vivenciado na época por não se adequar aos padrões esperados para *uma menina*. Ainda na época, Dália não se entendia como trans. Por ter atração por mulheres, via-se como uma mulher lésbica, mas relatou que não gostava do termo *lésbica*, pois sentia ser inadequado para si. Apesar de existir um homem trans em sua família, Dália relatou que, na época, não se identificou com a narrativa contada por esse tio sobre a transição de gênero.

[...] tem um primo também da geração da minha mãe que é um homem trans. E a gente só descobriu... ele só se descobriu muito depois, né? Ele foi uma pessoa que teve uma influência assim, né, na minha, porque eu conheci... eu não conhecia ele. Não sabia

que existia. Porque todo mundo tratava como uma mulher lésbica, que namorava com outras mulheres. Aí as fofocas de família chegando em você, né? Então só sabia que existia, mas eu nunca conheci, nunca tive contato. E, um dia, depois da transição, ele apareceu lá, eu acho que foi assim, pra mostrar as pessoas. “Oi, meu nome agora é...”, acho que é [nome masculino], que ele mudou pra [nome masculino] o nome, mas a minha avó já mostrava as asas, né? Já não chamava de jeito nenhum pelo nome dele. Ficava chamando nome antigo. Não tinha nada a ver, porque o cara chegou com uma barba desse tamanho, e ele tava na transição, no auge, no ápice da transição, que eu olhava “carai, cultivo de barba”. Eu nunca tinha visto ele antes da transição, eu só vi depois. Só que eu lembro que o pessoal do lado de casa ficou todo mundo alto, tipo “ah, não sei o que”, aí eu fiquei até pensando, né “olha, legal, fez um negócio de uma transição”. Eu até pensei “poxa, será que eu não sou como ele?”. Porque ele foi a primeira pessoa que eu vi pessoalmente que fez uma transição e era da minha família! Eu lembro que a gente se encarou, ele olhou assim pra mim, eu olhei assim pra ele... não sei, ficamos nos encarando por um tempo. Só que a história e a narrativa que ele contou, da história dele pra minha família, me fez pensar que eu não era trans. Olha só que coisa meio doida, né? Eu até, a princípio, me identifiquei, achei legal, só que ele contou pra família, o que eu hoje acho, talvez não seja verdade. Eu acho que ele contou aquilo pra ter uma... pra ser aceito mais facilmente. Então ele contou uma história envolvendo médicos... ele disse que primeiro parou de menstruar. O rolê foi esse: parou de menstruar e foi no médico. Aí o médico chegou lá e disse que ele tinha um transtorno, ele tinha um problema, que ele precisava fazer uma transição de gênero, porque senão ele ia acabar tendo outros problemas. Assim, a menstruação foi um sinal físico que ele precisava tomar testosterona. Então foi toda uma história, pelo menos o que chegou até mim, que me fez pensar, pô, não, isso não aconteceu comigo, então eu acho que eu não sou [trans] (Dália)

Conforme Dália menciona, houve em um primeiro momento uma identificação, mas a *história* contada para a transição quebrou esse momento, pois, para um adolescente na época, entendeu que não era algo que ressoava com sua própria história e identificação. Ainda que houvesse outros membros familiares LGBTQIA+, na época, Dália se via como uma mulher lésbica, pois era o que o contexto permitia.

O conflito vivenciado por Dália na identificação familiar e na construção de um vínculo com o outro não é única. Íris, um homem negro e gay, relata que as diferenças familiares foram impulsionadoras para que ele buscasse prosseguir os estudos no Ensino Superior em outra cidade. Íris relata esse processo como um “romper a bolha de forma abrupta”, onde ele buscou obter certas independências dessa relação com o Outro e permitiu que ele entendesse que ele não precisa *se assumir* para a família, como se fosse algo que ele deve à eles. Para Íris, há uma diferença entre o conceito familiar socialmente construído (pai, mãe e os laços sanguíneos) e aquela família que realmente te escolhe, respeita e acolhe, algo que ele foi construir posteriormente sob outras instituições.

Na estória de Azaleia, um homem branco e gay, também houve conflitos familiares. Com a convivência familiar, os valores e até a sobreposição de outras instituições (religiosa), Azaleia relata que existia um conflito sobre gostar de pessoas do mesmo gênero por causa da criação que o levava a entender que esse comportamento e sentimento eram errados. Usando outras palavras, Azaleia vivenciou um sentimento parecido com Íris sobre a ideia de família: “[...] com

a minha família mesmo, tipo, tinha aquele relacionamento de tipo "somos família", mas não parecia que era muito real, sabe... porque parecia que eu não vivia a realidade do que eu era" (Azaleia). No entanto, diferente de Íris, Azaleia relata que, apesar de não haver acolhimento em um primeiro momento, hoje em dia existe uma boa relação.

Ainda que tenha sido fonte de angústia em alguns momentos, Jasmim e Orquídea consideram a família algo muito importante para eles mesmos e como algo a ser levado em conta ao firmar um relacionamento amoroso. Para Jasmim, um homem gay e branco, a família representa as pessoas mais próximas que ele tem em sua vida. Isso é afirmado também por Louro, um homem branco e neurodivergente, que recebeu cuidados especiais por parte de sua avó, ainda que não houvesse um laudo para seu autismo na época. Louro relata que isso o fez perceber que está tudo bem pensar em Si-Mesmo, porque o automático era não pensar.

5.1.2 “você vai sofrer” – Medo

Eu estudava muito sobre, e eu via muitos e muitos casos de pessoas que, nesse processo [de se assumir], acabam sendo expulsos de casa. E aí, eu acho que esse é o maior medo de todo mundo, assim, né? Você vai conversar com a família, você acha que a família vai te aceitar, e tudo mais. E aí, você perde tudo aquilo, né? Perde o apoio e tal. Inclusive, muitas pessoas que eu conheço hoje em dia, que são assumidas, que não são assumidas, na verdade, mas que vivem em ambientes que, possivelmente, podem ser homofóbicos, eu falo pra eles, gente, esse negócio de você... É porque eu vejo que, hoje em dia, tem muito um romantismo, ou até um brilho, assim, de, tipo, aí, você vai se assumir, você vai se desvencilhar de amarras que não existem, e não sei o quê, e nananã, nananã. Não, gente, você precisa, meio que focar um pouco na realidade. A partir do momento que você fala uma coisa dessa, e você tá num ambiente que pode ser, possivelmente, homofóbico, a partir daquele momento, a sua vida vira um inferno. E aí, é só por água abaixo. Eu acho que, às vezes, inclusive, eu aconselho muito os meus amigos que falam assim, gente, se você tá, tipo, nessa tipo de família, e isso foi uma coisa que eu aprendi nesse ensino médio, foi, se você tá nesse tipo de situação de que você acha que você tá numa família homofóbica e tal, e você quer realmente assumir, você vai sofrer. E você vai se decepcionar. Então, eu acho que, pra evitar esse tipo de dor de cabeça, e não só isso, eu não digo nem que é uma dor de cabeça, porque, dependendo da reação, eu acho que acaba com a saúde mental, sabe? E você fica muito desgastado. As coisas não funcionam do mesmo jeito (Orquídea)

Orquídea, uma mulher trans branca, passou por um momento de se assumir para a família a homossexualidade (na época se identificava como um homem cis). Para ela, esse momento foi muito importante. Ainda que ela se reconhecesse como *diferente* do padrão heteronormativo desde criança, foi durante os anos finais do ensino fundamental (5ª série, para os mais velhos, e 6º ano para os jovens), ela encontrou um amigo com o qual se identificou muito que possibilitou aceitar sua sexualidade. Apesar de compreender-se a partir do 6º ano como um homem gay, foi somente no primeiro ano do ensino médio que ela teve seu primeiro namorado. Quando teve seu primeiro namorado, viu ali uma oportunidade e um motivo para *se*

assumir para o seu núcleo familiar. Durante esse período, ela morava na casa com tias, avós e irmão, pois seus pais se divorciaram quando ela era muito pequena e sua mãe estava em outro município a trabalho. Uma casa muito religiosa acabou gerando alguns conflitos. Orquídea relata, conforme no trecho, que entende que o ato de *se assumir*, viver seu *verdadeiro eu*, é muito romantizado atualmente. Ela agiu por emoção na época e, apesar de ter desencadeado desentendimentos, ela compreende que foi por preocupação. Orquídea atribui as desavenças a um zelo que havia da família por ela e uma preocupação com o que poderia ocorrer com ela enquanto um homem gay.

De fato, a preocupação dela é coerente. Há famílias e famílias. E por mais que haja um desejo ardente em grupos minoritários que necessitam assumir sua diferença (as *diferenças não-observáveis*), como mencionado por Azaleia anteriormente ao dizer que sentia que a relação com a família não era verdadeira porque ele não era real com eles, não é sempre que é possível ser real. O medo de que esse *assumir o verdadeiro eu* pode desencadear consequências desastrosas não é tão incomum. Como Orquídea diz, há casos de expulsão, como o que Azaleia relatou ter vivenciado por um tempo quando foi expulso de casa por sua mãe e teve de morar com sua avó. O medo de um pode ser a realidade de outro.

A questão de assumir mesmo foi questionada por vários narradores-recordadores que se enquadram na sigla LGBTQIA+ (Azaleia, Íris, Jasmim, Edelvais e Lilás). Para Edelvais, um homem branco e gay, ele não vê necessidade de assumir sua sexualidade atualmente, ainda que no passado ele chegou em sua família e concretizou esse *rito* de passagem. Mas a reação da família de Edelvais foi um cenário ideal “só esperávamos você falar”, pois a família já tinha consciência e o aceitava pelo o que ele é. O mesmo não aconteceu com outros. Jasmim também não vê necessidade de assumir sexualidade ou relações. Para ele, independente de sua sexualidade (seja heterossexual ou homossexual), ele se sentiria desconfortável para apresentar o/a parceiro/a à família, pois entende que o relacionamento amoroso é algo pessoal. Apesar de sentir isso, durante seu primeiro relacionamento ele apresentou aos pais o namorado que não receberam muito bem. Questionamentos como “por quê?” foi algo que o marcou.

Mas enfim, a gente teve alguns meses de atrito. Porque, assim... Eles queriam entender. Por que eu era assim, né? E eu não estava interessado em entender por que eu era assim. Porque eu já sabia que eu era gay há muito tempo. E... Assim... Não... Entendeu? Porque eu sou assim não vai me ajudar em nada. Porque eu via que... Eu me sentia bem, sabe? Com os meus amigos. Eu me sentia bem com os relacionamentos que eu estava começando a ter. Depois que eu tomei coragem de... Ah, de não só ter isso pra mim. De externalizar também, né? De tentar me relacionar com outras pessoas, com outros meninos. (Jasmim)

O medo muitas vezes pode nos privar de *ser nós mesmos*, porque o medo é principalmente associado, na fala dos narradores-recordadores, com uma falta de segurança por

Si-Mesmo. Uma preocupação de que, caso seja verdadeiro consigo e com os outros, isso poderá afetar seu próprio bem-estar. Nesse sentido, a atitude que muitos escolhem é de se privar. Apesar de Orquídea ter sido mais desafiadora ao assumir a homossexualidade, ao se assumir uma mulher trans, ela relata que se privou de coisas, por medo de que isso representaria para sua própria segurança.

Outras pessoas podem, por medo, buscar outras formas de *se assumir*. Lilás, por exemplo, enquanto uma mulher lésbica que cresceu em um ambiente bem religioso, afirma que foi se identificar como lésbica mais velha (durante o 3º ano do ensino médio). A partir dali, se permitiu mudar, o que gerava questionamentos em sua residência. No entanto, a concretização da sua sexualidade para a família viria posteriormente, com a primeira namorada, que ela trouxera em casa enquanto seus pais não estavam. Os pais chegaram enquanto a namorada estava em casa, o que ocasionou grandes conflitos, principalmente entre ela e a mãe. Para Lilás, ela acredita que ela se sabotou para não ter que falar.

Outro medo relacionado à instituição familiar veio de Dália. Acredito que o que ele disse para mim foi uma das coisas que mais me marcou em todas as histórias. Ao comentar sobre a recente descoberta do autismo, ele diz que está passando por um momento de nova ressignificação do passado para compreender como essa recém-descoberta diversidade se fez presente ao longo da sua vida. Ao comentar sobre a necessidade de se adaptar de pessoas autistas, ele diz:

[...] então você acaba por se adaptar... se adaptar a esse ambiente, mas não é que você goste, o que você queria. É porque você precisa. Como pessoa trans também não existe a possibilidade. Talvez eu acho que isso cabe a muitas pessoas LGBTQIA+, não só a mim: não existe uma possibilidade de ir pra casa voltar, regredir entendeu? (Dália)

Aqui Dália relata a preocupação de falhar. O falhar, para muitas pessoas, pode significar retornar para casa, retornar para um lugar seguro e que possa reconstruir sua vida. Na perspectiva de Dália, e confesso que é algo que compartilho com ele, há um medo de voltar para casa. O medo aqui é referente a ter que conviver de novo em um ambiente que não te aceita, não te acolhe, que comete *pequenos* deslizos (como errar seu gênero ou nome), impedindo que você seja você.

O medo dentro da instituição familiar não está somente relacionado ao ato de *se assumir* e tão pouco é exclusivo aos grupos minoritários. Neste último, Croco, uma mulher negra heterossexual, teve um relacionamento com um rapaz que se assumiu gay durante sua adolescência. Isso gerou diversas inseguranças nela. Hoje, casada, ela relata que tem vezes que o seu marido *aflora*, e que ela já o questionou diversas vezes “você tem certeza de que não é gay?”. Neste caso, temos *outro lado* da história, que sente um receio quanto a possível

sexualidade do marido devido a comportamentos que ele tem em determinadas circunstâncias. O fato de ela já ter estado em um relacionamento em que a pessoa se assumiu, e falas que ela ouviu posteriormente decorrido deste acontecimento, geraram uma insegurança e trauma nela sobre isso.

Há também aqueles que temem por outros. Azaleia, quando foi trazer o namorado para casa a pedido da mãe (a mesma que outrora havia o expulsado de casa), ele diz que ficou com receio da forma como o namorado poderia ser recebido em sua casa.

[...] foi uma coisa natural também. Que, tipo, ninguém forçou nada a partir da... que nem tipo assim... já que não quer... eu também não vou forçar ninguém. Mas também não me enche o saco... eu vou continuar e pronto. E daí foi assim, aos pouquinhos ela foi... e daí ela quis conhecer. Eu falei “Olha... eu sou muito bem recebido na casa dele. A mãe dele e os irmãos deles me tratam muito bem e eu não vou aceitar que ele venha aqui e seja tratado mal. Então você preste bem atenção no que você vai fazer”. Até depois que a gente se conheceu... que ele conheceu, eu perguntava “minha mãe não está mandando nada para você?” Porque, tipo assim... a minha mãe... a hora que ela começa... dar uns cinco minutos na cabeça dela, ela manda cada texto para você que você não sabe de onde veio... (Azaleia)

O medo de que o namorado fosse tratado da mesma forma que ele havia sido preocupava Azaleia. O namorado, hoje marido, Edelvais, relata que realmente há uma preocupação até hoje sobre como a mãe de Azaleia conversa com Edelvais, mesmo que a relação esteja boa hoje em dia.

Por outro lado, em um medo mais futurístico, Jasmim relata seu medo de começar uma família. Apesar de considerar a família importante, ele relatou que tem medo de ter filhos. Atualmente casado e morando na Dinamarca, Jasmim disse que conversar sobre o passado fez ele refletir sobre o futuro, sobre como ele está construindo uma família e que pretende ter filho(s), mas que isso vem com outras preocupações: como os outros pais vão educar os filhos, como vão receber um filho de pais gays? Essa preocupação é um medo que você traga sofrimento para o Outro por algo que você é, ou por algo que você escolheu assumir.

5.1.3 “é só uma fase” – Preconceito

[...] eu lembro que ela me chamou, ali na entrada do portão da casa dela, que eu acho que foi a última vez que eu entrei na casa dela, quando eu tinha... sei lá, 13 para 14 anos, 14 para 15, eu acho. Que ela pegou e falou assim “Íris, vem cá que eu queria falar com você”. Eu fui lá. Aí, ela pegou e falou assim... gente do céu, esse dia, tipo assim, acho que hoje eu não choro mais falando disso, né? Mas esse dia, tipo assim, foi um dia assim, um divisor de águas. Ela pegou e falou assim: “eu acho que você tem que contar para papai”. Assim que começou a conversa. Aí eu falei “contar o que, [nome]?” Aí ela “Íris não se faça de desentendido. Você está entendendo o que eu estou falando. O pessoal da rua já está comentando. E ontem, quando meu esposo tal chegou, ele viu você lá na frente”. Aí eu peguei e falei “tá, viu o quê? Que eu ainda não estou entendendo o que você está falando. Eu estava conversando com o [amigo],

o [amigo] foi embora”. “Viu você abraçando o [amigo] de forma carinhosa”. Aí eu fiquei “hã?” Aí ela “é, eu acho que você tinha que contar para papai. Acho que você tinha que contar para papai que você é gay. Porque a gente já sabe...” nossa, é isso, uí, Jesus, “a gente já sabe que você vai ser...”, não, é porque essa palavra pra mim ficou na minha cabeça por muito tempo, por muito tempo, ela pegou e falou: “é porque a gente já sabe que você vai ser uma decepção, mas eu acho que se você ir contando antes agora para papai, a gente consegue conversar, e afins, e etc, não sei, você continuando para a igreja”. Eu peguei e falei “cara, isso não faz sentido nenhum para mim” (Íris)

Íris estava, durante a sua adolescência, conversando com um amigo em frente a sua casa no dia anterior quando, para se despedir, eles se abraçaram. O abraço foi visto pela irmã mais velha, que no dia seguinte, antes dele ir para a escola dominical. Quando Íris narrava essa lembrança, foi possível perceber o que foi *um divisor de águas*, e em como essa fala da irmã assombrou ele por muito tempo. Após o acontecimento, ele foi para a escola dominical e ficou martelando a palavra *decepção* em sua mente, para após o término, iniciar um choro que durou por horas.

Por não atender a expectativas comportamentais sobre o que é *ser homem*, “jogar futebol, torcer para o Flamengo, todas aquelas coisas...”, o termo decepção mexeu com ele, ainda que, na época, ele não tinha consciência sobre sua sexualidade. A sexualidade seria algo que ele trabalharia só durante a vivência universitária. Mas, ali, naquele momento, ele já vivenciou antes mesmo de *se assumir*, uma sexualidade imposta e uma conotação negativa que ela carrega, de ser uma *decepção*. “Generosamente” a irmã até busca oferecer uma solução de ir preparando o pai, buscar auxílio na igreja. Hoje em dia Íris não fala mais com a irmã, tão pouco a considera uma irmã.

Fico me perguntando se o questionamento da ex-irmã de Íris não seria uma abordagem comum, pois não me é estranho questionamentos sobre uma sexualidade que nem havia pensado a respeito por ter comportamentos que destoam de algo que a masculinidade prega. Azaleia foi outro que sofreu com implicâncias vindas de sua própria família.

[...] a minha família, ela é muito machista, né? Que nem... meu avô, serviu ao exército e tudo mais. E tem aquela coisa de você casar, ter filhos, pipipi, pópópó, e... Então era muito essa cobrança “não, você é menino, e tudo mais”. E não tinha muito essa coisa de masculinidade frágil, tipo, “ah, menino não chora, menino isso, menino aquilo”. Então teve muito isso de, tipo, os homens da minha família sempre foram muito mulherengos, e eu era um ponto fora da curva, porque, tipo, eu não tinha nada pra comentar, nada pra falar, eu era muito na minha. No entanto, quando começavam esses assuntos, eles falavam que eu ficava bravo e saía. Alguns episódios eu lembro, e outros não, tipo, começava com essas brincadeiras “ah, o Azaleia gosta de tal menininha”, e eu ficava bravo e saía fora. (Azaleia)

O ponto fora da curva, ser alguém que destoa do comum, torna-se motivo para brincadeiras que, do ponto de vista do Outro, pode ser leve, mas para o alvo é algo que mexe com sua própria concepção de si. Após se assumir, Azaleia relata que as falas mudavam de tom.

“É só uma fase”. Ele se questiona do porquê familiares afirmarem isso: “por que será que eles acham que é só uma fase? Será que eles tiveram essa fase e agora passaram dela?” (Azaleia). Edelvais relata ter vivenciado algo parecido, mas ao invés de afirmar ser uma frase, veio o questionamento “você ainda não experimentou mulheres, você não sabe”. A lógica do Outro é que, pelo sujeito-diverso não ter dado chance para *o normal*, não há como ele afirmar com certeza que ele não esteja vivenciando uma fase ou um desvio de conduta. Ironicamente, esse questionamento nunca é feito para a norma: você, pessoa hetero, já experimentou uma pessoa do mesmo gênero para saber que não é LGBTQIA+?

Saindo brevemente da questão da sexualidade, outras pessoas em condições diferentes relataram ter vivenciado ou presenciado atitudes preconceituosas vindo de familiares. Croco conta que seu avô era preceituoso, racista e homofóbico, ainda que sua mãe, principal familiar com quem convivia, não o era. Margarida, uma mulher negra bissexual, conta também que por ter pais de tons de pele diferente (mãe branca e pai negro), quando crianças a mãe era repetidamente questionada se era a babá de Margarida e seu irmão, que tinham traços mais fortes do pai. Margarida ainda conta que, apesar de ter casado e ter tido filhos (três) com um homem negro, a mãe tem falas problemáticas, racistas, homofóbicas e machistas.

Em conversas recentes com uma amiga, a mãe de Margarida falava sobre casos de jogadores de futebol que foram condenados por estupro que estavam sendo noticiados. Segundo Margarida, frases como “mas também, se você ver o jeito que essas mulher está andando... roupa curta”, atribuindo às mulheres o interesse de provocar para *querer ibope*. Outro caso é de afirmar que “hoje em dia todo mundo é gay, normalizou isso... virou festa”. Após um período sem trazer namorados em casa, quando Margarida trouxe um namorado para a casa em que mora com a mãe, ela afirmou “nossa filha, que bom que você trouxe um homem aqui para casa... Porque eu achei que você era lésbica”. A mãe não sabe sobre a bissexualidade de Margarida.

Ainda assim, a sexualidade ou identidade de gênero acabou se manifestando como algo mais presente na fala dos narradores-recordadores, ainda que não seja direcionado para eles. Croco, por exemplo, quando seu ex-namorado se assumiu gay, a família dele solicitava que ela *o salvasse*. O mesmo aconteceu com um amigo próximo dela e a família desse amigo que, ao assumir, esperava que Croco, em sua feminilidade, salvasse os meninos do *desvio de caminho*. Ela relata que lembra como o amigo sofreu durante a época que se assumiu.

O preconceito com a sexualidade dos sujeitos não ficava somente na residência familiar, ele acabou invadindo outros espaços também. Mencionando a presença digital, Azaleia disse que, em um momento, sua mãe veio a fazer uma lista de pessoas que ele deveria bloquear em

sua rede social, o qual Azaleia identificou ser, em maioria, seus amigos LGBTQIA+. Azaleia resolveu bloqueando a mãe. Em caso semelhante, Jasmim disse que após sua família lidar com a estranheza da sexualidade, disse aceitar, mas pedia para que ele “não mostrasse que é gay”. “As pessoas não precisam ficar sabendo”.

Em cenários como estes, ainda que haja talvez uma intenção de zelo, como Orquídea relatou ter sentido a partir dos comentários quando se apresentava como um menino gay, em outras situações, como a de Lilás, os preconceitos velados ou explícitos tornam a casa, que deveria ser um porto seguro em uma “zona de guerra”, e, como a própria afirma, se encontrava mais bem recebida na sociedade do que no ambiente familiar.

Por outro lado, Orquídea, que lidou bem com preconceito no ambiente familiar próprio, não repetiu a dose quando ela foi inserida no ambiente familiar do ex-namorado do ensino médio. Sem assumir como namorados, Orquídea frequentava a casa do ex-namorado como um amigo da escola. Orquídea relata que o ex-namorado, na necessidade de assumir o namoro, mudou completamente a relação.

É engraçado, eu fiquei três meses com ele, tipo, não, a gente namorou o ensino médio inteiro, né, mas a gente ficou três meses nessa, tipo, de transição [início do namoro] e tal, assim, eu indo na casa dele e tal. E foi muito tranquilo, tipo, a gente viveu coisas assim, parecia que era mágico, mas quando ele assumiu, nossa, foi tudo por água abaixo, juro. [...] E nessa época foi quando eu fui proibida de ir lá na casa dele, eu fui ameaçada pelo irmão dele, que ele falou assim, que se me visse na rua ele ia me socar. (Orquídea)

O mesmo aconteceu no último namoro de Orquídea. Em um contexto diferente, agora como uma mulher trans, quando o ex-namorado insistiu em contar para a família que Orquídea era uma mulher trans.

[...] e até com meu ex agora, eu passei pela mesma coisa. Só que com esse meu ex, eu já era... já tava em transição, né? Então eu já tava no processo de transição, então eu já era lida com uma menina trans e tal. E aí eu lembro que a mãe desse meu ex falou assim “ai, você é mais linda, que não sei o que, você é muito querida e tal”, e perguntava, e falava, e nananã, e me tratava bem, ela era mais querida, o pai era um querido e tal. E aí, e ele também não era assumido. Então eu falei assim “olha, eu já passei por isso antes. Você tem certeza?”. E ninguém me ouve. “Não, eu preciso falar, eu preciso falar” e jogou tudo pro alto. Nossa. Ficou uma bosta também. Ai, juro por Deus. E aí, tanto que assim, agora, por exemplo, eu sou solteira e tal, eu já até coloco lá: “família bem resolvida, por favor, requisitos, requisitos, família que aceite bem, tá, por favor”, porque gente, assim, eu sou uma pessoa com muita família, sabe? Amo minha família, tipo, eles têm as cricas deles lá, e tal, pode não ser 100% assim, perfeita. Eu sei que existem questões que são difíceis. Eu sou uma pessoa mente aberta contra isso, sabe? Eu sei que é difícil. É difícil pra mim. É difícil pra todo mundo, entendeu? E a gente tem que entender que ninguém é perfeito, que a gente tem as nossas, cada um é de um jeito, entendeu? Eu acho que só não pode faltar com respeito, não pode partir pra agressão nem nada do tipo. (Orquídea)

Mesmo em casa, quando Orquídea relata se assumir, pela segunda vez, agora como uma mulher trans, houve humilhação pelos parentes do núcleo familiar que implicavam com suas

roupas. Para Orquídea, a estratégia foi humilhar de volta, enquanto houvesse humilhação vindo deles. Dália foi outro que viveu uma transição, mas por morar distante dos familiares (do outro lado do país), ele agora encara “só” os erros de pronomes e nomes por membros mais longevos da família. Apesar de que possa parecer algo simples, ao casar-se recentemente, Dália temia pela aparição de parentes que pudessem causar alvoroço no casamento com esses erros *acidentais*.

A partir dos relatos apresentados, a Instituição Familiar aparece como uma instituição primária nas relações dos sujeitos, na constituição da identidade, na formação do Si-Mesmo dos narradores-recordadores. No entanto, em casos das diversidades não-observáveis, não aparentes, e que destoam de padrões da família (principalmente voltadas para grupos LGBTQIA+), a família, que poderia ser uma instituição segura, torna-se uma instituição que promove agressões ao sujeito. Para Azaleia, não quer dizer que não existam comentários chatos vindo de outros ambientes, mas nunca nada foi tão pesado para ele quanto o que sofreu dentro de casa: “quando a gente sofre dentro da casa da gente, o de fora nem faz tanta diferença assim...” (Azaleia).

5.2 INSTITUIÇÃO RELIGIOSA

5.2.1 “abdicar em prol do seu irmão” – Controle

Sempre quis. Tipo assim, sei lá, ter o cabelo grande, eu achava bonito. Antes de ter esse boom de cabelo cacheado hoje, que todo mundo quer ter, que todo mundo deixa ter, que todo mundo quer não sei o quê, eu já gostava, eu queria deixar o meu cabelo crescer. Eu achava muito bonito ter o meu cabelo cacheado. Mesmo sem entender, mesmo com muitos daqueles pré-conceitos sobre a ideia de cabelo bom, de cabelo bonito. E cara, eu lembro muito bem o quanto na igreja repudiavam eu tentar deixar o meu cabelo crescer. O quanto. Até chegar um dia que o pastor falou do púlpito, né? Tipo assim, dizendo que Deus estava revelando pra ele que eu tinha que cortar o cabelo porque isso não era cabelo de homem. Nossa, foi a última vez. Foi o meu último período dentro da igreja. Depois disso, não que eu não acredite, não que eu não já tenha vivido e sentido coisas que fizeram muito sentido pra mim naquela época. Tenho muitas coisas que fizeram muito sentido pra mim. Só que não consigo lidar com o negócio de como que até o racismo é sustentado pela igreja. (Íris)

Íris tinha uma vivência bem participativa na igreja protestante, uma crença compartilhada com sua família. Durante a adolescência ele relata que havia muito desejo de ter cabelo grande, mas quando começava a deixar o cabelo crescer, o pastor o chamava para conversar e *afirmava que Deus revelou para ele que tinha de cortar o cabelo, pois aquele cabelo cacheado cumprido não era cabelo de homem*. Íris continua posteriormente falando que jovens de pele mais clara poderiam “ter o cabelo grandinho, o cabelo que o vento batia e

balançava, mas eu não podia ter”. O corte instituído por Deus, revelado ao pastor e comunicado à Íris era o corte americano, baixo dos lados e pouco na parte de cima.

Para Íris, isso foi um episódio que se tornou um dos principais motivos que lhe afastou da igreja protestante. Apesar de ainda acreditar em Deus, e até se identificar com o termo “protestante” (aquele que questiona, em suas palavras), os ensinamentos da igreja se tornaram um controle sobre sua subjetividade, pois a sua subjetividade poderia fazer o irmão *pecar*.

Nossa, eu tive momentos que o pastor me chamou pra conversar na casa dele, perguntando, trazendo o versículo que está no Novo Testamento, dizendo que quando você tem algo que faz o teu irmão pecar, se você ama ele, seguindo a lógica de amar é o próximo como a ti mesmo, você deveria abdicar daquilo em prol do seu irmão. Então, se meu cabelo escandalizava os irmãos da igreja, melhor, se os irmãos da igreja se escandalizavam com o meu cabelo, eu, por amor a eles, eu deveria retirar. Nossa, assim, graças a Deus, eu sempre fui muito chato e insuportável pra questionar até as coisas que eu li, assim. Quando ele falou isso, eu falei, “ué, pastor, da mesma forma que se os irmãos estão se escandalizando com o meu cabelo, por amor ao próximo, já que foi o mesmo versículo que o senhor usou comigo, eles poderiam só não se escandalizar. Porque, se está pedindo pra mim isso, o que é que não pode pedir pra eles? Dá um sermão no dia, no domingo, lá, pega o microfone e fala sobre isso.”. “Ah, jovem, mas é muito difícil, assim, são os irmãos mais idosos, difícil de compreensão.” (Íris)

No relato, o pastor busca, ao limitar a liberdade de Íris, evitar que existam comentários voltados para o cabelo cacheado cumprido. Na época, como Íris disse, por ser antes das mídias de conscientização sobre o cabelo cacheado e crespo para reduzir o estigma negativo atrelado a esses cabelos, o cabelo cumprido de Íris seria um *escândalo* para os protestantes. Por ser Íris de um lado, jovem, e do outro lado *irmãos mais idosos, difíceis de compreender*, é mais simples buscar o Íris e moldar ele para adequá-lo aos padrões esperados e manter a harmonia no espaço religioso.

Em contexto semelhante, Dália também sentia a pressão por uma expectativa de comportamento condizente com o esperado de uma pessoa evangélica, que o levava a imitar e agir como este determinado grupo. Ainda sem se entender como um homem trans, Dália vivenciava a relação com a igreja um conflito interno, pois o ambiente de salvação tornou-se um ambiente de sofrimento para ele.

[...] havia a nossa grande questão, que era a igreja, né? Tanto eu como ele [irmão], a gente precisava ser crente, imitar, agir como as pessoas evangélicas. E dentro disso tinha uma questão muito pontual, que já afetava a minha vida na época da igreja, porque toda vez que a gente ia pra igreja, pra mim era um sofrimento, né? Eram, as pessoas ficavam felizes de ir pra igreja, geralmente. Mas, pra mim, era sempre um sofrimento. Era uma coisa que eu começava a sofrer antes de regar. Então, culto de domingo à noite, a angústia, ela já vinha de manhã... “é domingo, é domingo, é domingo”. Já começava e eu nunca entendi o que era isso. Eu falava “pô, tô indo pra igreja, o negócio que é pra salvar minha alma, eu devia ficar feliz”, entendeu? Se você parar pra pensar, não faz muito sentido você ficar sofrendo, né. Só que pra mim, pra ir pra igreja, tinha todo um ritual. Tinha que você, primeiro, soltar o cabelo. Eu só vivia com ele preso. De quatro horas com o cabelo preso, se dissesse “solta esse cabelo”, “não, deixa meus cabelos aqui em paz”. O cabelo eu não cuidava, porque eu

não gostava, né? Quando você não se identifica com aquele gênero, você não quer alimentar aquilo, você só quer... por mim eu nem tinha ele, mas na igreja, mulher tinha que ter cabelo, porque não sei o que do véu, sei lá, umas histórias doidas que tem lá na questão de bíblia, que eles interpretam dessa forma. Então pra mim era tudo um sofrimento ir pra igreja. Aí eu começava a me arrumar, soltar cabelo, aí eu inventava aquela personagem que eu falei pra você, a Jéssica, aí me transformava na Jéssica, e era uma coisa muito estranha, porque eu vou falar uma coisa que vai parecer estranha, mas na época é estranho mesmo. Como eu me sentia na época, quando eu fazia, essa transformação, eu me sentia um homem que se vestia de mulher (Dália)

A estética, assim como na história de Íris, se faz presente na vivência no local de fé para Dália. Na igreja, Dália relata que chamava diferente por *ser diferente*. O diferente aqui se refere ao comportamento e aparência atribuída a uma pessoa evangélica. Isso trazia um paradoxo para ele, pois, um ambiente que pregava salvação, felicidade e vida eterna, era fonte de angústia e sofrimento para ele. Para suportar, sua alternativa foi recorrer a personagem mencionada anteriormente, Jéssica, para que naquele momento, quem estivesse presente fosse ela e não Dália.

Louro, por outro lado, relata a extensão das crenças religiosas em outros ambientes, como no trabalho. Por trabalhar em uma ONG com freiras, ele diz que as pessoas religiosas acabam julgando-o por pintar o cabelo e fazer tatuagens. “Nossa, toda semana você vem mais rabiscado. Quando é que você vai parar com isso?”. Para ele, esses tipos de invasão do seu pessoal e do seu trabalho não tem nada a ver com a crença alheia.

5.2.2 “você vai pro inferno” – Exclusão e Conflito

[...] quando eu entrei em República, porque era o local mais barato, que era pra morar em Rio Preto, República sempre foi, lá, né... é visto como um local, um ângulo de perdição, um local de perdição. E eu nunca fui, nem sou, a pessoa do ângulo de perdição, mas eu morava lá, porque eu precisava morar lá. E eu comecei indo numa igreja, lá, uma igreja batista, que era perto da Praça Tiradentes. Eu ia e tudo mais, enfim, sentava lá atrás, fiquei indo por um bom tempo. Eu era até meio que, assim, zoad, dentro da casa, dia de domingo, a Igreja do Íris, Igreja do [apelido], né? Que era o meu apelido... meu apelido ouro pretano, meu nome de Ouro Preto era [apelido]. E aí, teve uma vez que eu fui, e daí um cara, um dos poucos caras que falava... das pessoas que falavam comigo, porque era só uma senhora da porta, uma senhorinha que falava comigo, bem animada e alegre, e um rapaz que falava comigo. O rapaz perguntou assim “ah, vem um dia tal, no sábado, no negócio dos jovens”, aí eu peguei e falei “olha, eu vou ver se eu consigo, porque eu tenho algumas obrigações republicanas para cumprir”, porque o fato de você morar na casa, te coloca sobre o regimento daquela casa, né? Então assim, ir para algumas festas era visto como obrigatório e afins e etc, e por aí vai. E aí o rapaz perguntou assim “ah, mas você mora onde?” Aí eu falei “ah, eu moro ali no [local], atrás da igreja do [local], eu moro na República [nome da república]”. “Meu Deus”. Essa é a expressão do rapaz. “Meu Deus jovem, eu vou orar por você”. E aí, desde então, o rapaz nunca mais falou comigo, da igreja, e olha que eu não fazia absolutamente nada, passei a minha graduação inteira sem beber, eu nunca tinha, ainda até hoje, né? Nunca tinha tocado num cigarro na vida, e até hoje eu nunca toquei, e eu fiquei assim, gente, ele não se deu nenhum trabalho de perguntar mais nada da minha vida, ele só criou todo um

estereótipo só pelo fato de eu morar numa república. E aí, quando eu voltei para casa nesse dia, eu fui no outro culto, né? E eu vi que ninguém meio que falou comigo, eu sentei lá atrás, só a tia da porta falou comigo, sorriu, foi gentil, igual ela foi das outras vezes, eu fiquei assim “caraca”. Daí eu lembrei da discriminação do que eu imagino que talvez eu já tinha feito em alguma instância mesmo sem saber, com alguma pessoa que entrava com vestimenta, com algum traje não muito usual, dentro da igreja, e eu lá, como um dos jovens da igreja, enquanto eu era um dos jovens da igreja, visualizei a pessoa, tipo assim, olhei, e aí eu passei, aí eu senti tudo que eu imagino que algumas pessoas já devem ter sentido enquanto eu estava na igreja, apesar de que eu não tinha muito tempo para ir lá falar com as pessoas, porque você fazia parte do grupo que cantava não sei aonde, então acabava que você era visto como uma das estrelinhas da igreja, então quando eu terminava o culto, você falava com a sua bolinha, a bolha sua, e ia embora. (Íris)

Em outra cidade, Íris vivenciou outro episódio em uma diferente igreja, agora imbuído de um preconceito voltado para sua condição de vida, ao local onde residia enquanto cursava sua graduação em Ouro Preto. Ao mencionar a República em que morava, o estigma de Repúblicas, da vivência republicana, reescreve toda a percepção do membro da igreja em relação à Íris. O termo “vou orar por você” aparece posteriormente, quando Íris retorna para a cidade natal, em que o pastor pergunta para ele se ele não conseguiria voltar com maior frequência para participar dos cultos. Quando Íris diz que não consegue, o pastor repete as palavras “vou orar por você”. Nesses episódios, Íris relata que a oração, que havia um sentido bom atrelado, desvirtuou. “Nunca vinha de uma forma positiva”. A oração, nesses episódios, é uma forma do Outro esperar que o sujeito (re)encontre o caminho, a salvação.

O sofrimento atrelado à vivência religiosa é presente na vida de Dália e de Lilás. Lilás foi uma pessoa que teve uma vida regrada pelos valores religiosos. Sua mãe foi catequista na igreja e participante ativa, ainda que fosse na religião católica. Para Lilás, o momento em que saiu da igreja foi um dos primeiros momentos de aceitação própria para sua sexualidade: “É um grupo de pessoas que já não vão me aceitar, então, eu não tenho para que ir”. Dália, na época, como uma mulher lésbica, relata ter sentido a mesma coisa. “Eu nunca vou ser uma pessoa bem recebida do jeito que eu sou aqui. Então não vai dar certo.”. Dália relata ainda que, por relacionar o preconceito à sexualidade com Deus, passou por um tempo a duvidar de sua existência e a se ver como ateu. Essa foi a solução para encontrar a felicidade, pois enquanto membro da igreja, vivia a dualidade de querer ser ele e viver bem com um relacionamento que começará a nascer, mas ficava triste por estar indo contra os ensinamentos da igreja.

Esse lado de preconceito, Íris chama de parte negativa da igreja: “e eu só me distanciei da parte mais negativa, que é quase tudo da igreja, depois que eu vivenciei, quando eu tive essa experiência ali, no início da graduação, que eu parei para entender como que se sentia uma pessoa naquela condição”. Na época, início da graduação, Íris teve contato com uma disciplina de Sociologia que, para ele, tornou-se um marco em sua forma de ver o mundo. A igreja aparece

para ele, então, como uma forma de catequizar a partir de uma visão religiosa eurocêntrica. Os versículos bíblicos são usados para impor o pecado ao próximo e validar uma vida socialmente aceita, como alguns parentes fizeram apesar de ter comportamentos incoerentes com a palavra pregada.

A partir desse momento de questionamento, Íris passou a perceber a igreja manifestando em todas as instâncias de sua vida e “tudo embutido em um grande preconceito, sempre foi de um grande preconceito”. Dália também manifesta a imposição da visão religiosa em sua vida.

[...] eu fiquei 10 anos na igreja e ela me influenciou muito muito, muito, muito. No sentido de que aí, eu ia pra escola, eu tinha muitos amigos LGBT, a comunidade LGBT ela já se aproximava de mim, eu dela, só que eu não sabia que eu era... eu não sabia, mas eles se aproximavam e eu gostava. Aí eu falava “cara gente bacana, gente boa”, mas eu aprendi as coisas na igreja e aí eu ia lá, falava pra eles entendeu? Eu dizia... eu tinha um amigo na época ele também hoje, recentemente se descobriu como homem trans e eu não fazia ideia que ele era, ele não fazia ideia que eu era, a gente... a gente se conheceu, digamos assim, como duas loucas na época um apoiava a loucura do outro e aí eu chegava eu não entendia ainda que eu gostava de mulher e que existia algo LGBT dentro de mim aí eu chegava e falava “você vai pro inferno” (Dália)

A Instituição Religiosa, portanto, ainda que pregue a palavra de um Deus bom, aqui nos relatos, principalmente referindo-se às crenças católicas e evangélicas/protestantes, foi motivo de conflito com as práticas e comportamentos pregados conforme os narradores-recordadores iam amadurecendo e formando suas próprias opiniões e questionamentos. Em um primeiro momento, as práticas conflitantes sofriam tentativas de controle, de retornar ao molde que se adequasse para o convívio dentro da instituição. No entanto, isso acabou ocasionando que todos se afastassem do convívio na igreja, ainda que mantenham sua fé a um ser divino.

5.3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR

5.3.1 “caramba, esse menino é igual a mim” – Amizade e Representatividade

E aí, acabou que foi quando eu [me] entendi como uma pessoa gay na época, né? E eu falei assim “bom, eu tenho isso”, porque... ah, e uma coisa, o que me entendeu mais ainda foi ter um amigo gay também na escola, foi o que me ajudou a me identificar como isso, porque tinha um menino na minha sala que ele era gay. Tipo, todo mundo sabia. E aí eu falei assim “caramba, esse menino é igual a mim”. Tipo, finalmente. Literalmente, foi o primeiro... a primeira pessoa gay que eu conheci foi esse menino aí. E a gente se tornou muitos amigos, tipo, muito amigos mesmo. E aí eu falei assim, bom, agora eu sou isso e tal. (Orquídea)

A vivência na escola durante o Ensino Fundamental e o Ensino Médio são épocas em que somos bombardeados com informações novas, sejam de conhecimentos, mas também de expandir o próprio mundo: agora, fora do ambiente familiar, nos deparamos com múltiplos

Outros que trazem consigo reflexos do próprio ambiente familiar. Alguns dos casos relatados, o Ensino Fundamental foi a época em que as pessoas passaram a se questionar sobre sua sexualidade. Para outros, foi durante o Ensino Médio que a realidade entrou em choque e a conscientização de si veio.

Neste contato com *Outros* é onde também se formam as amizades, um dos primeiros laços significativos com pessoas de fora da família. Orquídea relata que estudou em uma escola pública, onde acompanhou praticamente as mesmas pessoas da 1ª série (ou 1º ano do fundamental) até o 3º ano do Ensino Médio. Durante sua vivência, sempre se sentiu mais confortável com meninas, “porque eu me sentia mais confortável com elas, os meninos eram meio brutos, eles eram agressivos e eu não gostava” (Orquídea). Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Orquídea disse estar em negação sobre sua própria sexualidade. Mas, quando chegou na 5ª série (6º ano), ela se reconheceu enquanto um menino gay, e um amigo pode auxiliar nesse processo, conforme trecho apresentado acima.

Apesar de se entender como homossexual, Orquídea relata que não houve um momento de se assumir: “Eu não falava abertamente. Todo mundo sabia. Todo mundo sabia, eu também sabia, mas eu não falava, tipo assim ‘ah, sou gay’. Tipo, não falava assim. Era meio tabu ao mesmo tempo, sabe? Mesmo que ali todo mundo já tinha meio que o consenso de que isso existia.” (Orquídea). Diferente de Orquídea, Azaleia, Edelvais e Jasmim, também homens gays, compreendiam sua sexualidade, mas não afirmavam e nem demonstravam.

Porque ainda no ensino médio, apesar de eu não ser aberto com ninguém... eu tinha amizades boas ali. Tanto que duas delas eu tenho contato até hoje. O Edelvais conhece e tudo mais. Mas eu tinha aquele medo de falar sobre. Apesar de eu acreditar que elas eram de boas, e são mesmo, mas eu ainda tinha aquele receio de falar... não... sou tal coisa. E ter uma resposta negativa... porque você nunca espera. (Azaleia)

Isso que vocês comentaram, assim, de não sentir tão à vontade sobre falar [da sexualidade]. Eu também senti isso um pouco no ensino médio. Até porque eu ainda não estava, assim, certo do que me atraía, do que eu gostava, do que eu achava interessante. E eu também... eu sempre fui... não tive, assim, muita amizade. Eu sempre fui muito, assim, bem poucas amizades. Às vezes eu ficava também nessa coisa, tipo, falo ou não falo... falo ou não falo... ah, não sei como é que o fulano vai reagir. Já não tenho muitos amigos... aí, dizer o quê? (Edelvais)

Jasmim afirma que, durante os dois últimos anos do Ensino Fundamental, uma época em que os adolescentes começam a ter sua sexualidade aflorando, ele se sentia deixado de lado nessa descoberta sexual do *ficar* (beijar), pois ele não se sentia confortável para explorar sua sexualidade com outros meninos no contexto escolar. Ainda assim, Jasmim teve uma representatividade da sexualidade com um professor com o qual se sentia confortável na época. Depois, durante a sua graduação, descobriu que o professor era gay, e entendeu que isso

justificava o conforto que sentia com o professor, pela linguagem, o jeito e o acolhimento que recebia.

Curiosamente, muitos dos meninos gays, ainda que não demonstrassem, encontravam amizades junto às meninas. Assim como Orquídea apontou das diferenças e identificação que sentia mais com meninas, Azaleia e Íris relataram o mesmo. Para Íris, a falta de amigos homens representava uma lacuna, pois havia atividades (como jogar *Crash* no *PlayStation*) que ocorriam mais entre grupos de meninos. Para ele, “a única coisa que eu tinha dos homens era *bullying*”.

Olhando para os relatos femininos, Lilás relata que só foi encontrar representatividade em sua escola quando três meninas assumidamente lésbicas ingressaram na escola. Até ali, ela diz, tentava se adequar ao comportamento heteronormativo.

É, não, eu sempre estudei em escola particular e era, tipo, muita gente que se encaixa nos padrões da sociedade, assim. Então, tipo, eu lembro que na época que eu tava no terceiro, entrou duas... entrou três meninas, tipo, três sapatões. E daí foi, tipo, um baque, assim, tipo, nossa, tavam fofocando, e eu falei... daí eu fiquei feliz, assim, tipo, eu falei, nossa, então, tipo, foi uma das coisas que meio que me deu força eu falar, não, tipo, se elas conseguem, eu também consigo, entendeu? Então, tipo, foi muito importante pra mim ver isso, tipo, no ambiente que eu tava. (Lilás)

Margarida, por outro lado, não teve problemas em relação ao seu gênero ou sexualidade, mas sim à sua cor de pele. Durante a adolescência, aos 13 anos, ela usou um primeiro salário que recebeu para alisar o cabelo, pois o seu cabelo cacheado fazia se sentir fora da caixa. No entanto, o procedimento deu errado, e ela teve de passar por um tratamento de anos para o cabelo voltar a forma que ela se sentia confortável. Para ela, foi uma fase solitária: “Não falava para ninguém que eu estava fazendo nada com o cabelo e escondia do jeito que eu dava” (Margarida).

5.3.2 “esse contexto que eu tive limitou o meu contato com a diversidade” – Visão de Mundo

Então, eu acho que isso conta, isso tem um certo peso, assim, no meu desenvolvimento quando eu era adolescente, porque eu sempre estive num ambiente que era muito, como pode dizer, muito, muito previsível para mim, porque eu conhecia todas aquelas pessoas há muito tempo, né? Então, quer dizer, a gente criou uma relação que todo mundo se conhecia, tudo bem que, não quer dizer que você tem controle de tudo, né? Mas o que eu quero dizer é que eu sempre estive num mundinho ali pequeno, que eu conhecia há muito tempo e fiquei assim até o final do ensino médio, né? (Jasmim)

Jasmim e Lilás tiveram uma experiência parecida. Por estudarem em colégios particulares por um longo período de tempo, ambos relataram conviver com um padrão, e o padrão era heteronormativo. Se Lilás tentava se encaixar na heteronormatividade, Jasmim vivia descontente por não poder explorar sua sexualidade como acreditava que devia. Para Jasmim,

o ambiente controlado limitou o que ele teve acesso durante sua adolescência para se sentir confortável consigo mesmo.

Eu acho que isso, esse momento na minha história limitou o que eu poderia conhecer de diferente, porque eu fiquei há muito tempo com as mesmas pessoas e eu conheci a realidade delas e a gente compartilhava a mesma realidade ali. Então, eu acho que o contexto, esse contexto que eu tive limitou o meu contato com a diversidade. Então, eu acho que isso é uma das consequências também do contexto que eu tive durante a minha educação. (Jasmim)

Para Lilás, um choque de visão de mundo aconteceu durante seu terceiro ano. Para Lilás, a visão de mundo limitada não se resume apenas a sexualidade, mas a perfis diferentes de pessoas. Ao se comparar com a vivência de sua esposa, que estudou em escola pública, ela percebe que as amizades e relações que ela construiu e vivenciou durante a adolescência era muito mais diversa do que a que ela teve contato.

Eu sinto também que, tipo... Quem veio de uma... De um histórico de escola particular tem muita pouca diversidade pra conviver. Porque eu vejo, por exemplo... Eu tenho muitos amigos. Tipo, a minha esposa mesmo. Ela estudou em escola pública. E ela teve bastante contato com tanto gente LGBT, quanto gente de diferentes... Tipo, diferentes coisas, né? Tipo, no geral, tipo... Tinha gente rica, tinha gente pobre e tal. E quando você estudou em escola particular é todo mundo mais ou menos igual, assim. É sempre o mesmo padrãozinho, tipo... As pessoas, elas fazem... Ou elas são católicas ou elas são, tipo, evangélicas. E daí elas fazem, tipo... Participam de grupos de jovens. E é esse, tipo... Não sei disso, assim. Tanto é que quando eu... Tipo, quando entrou as meninas... As meninas lésbicas no meu terceiro ano foi um choque pra turma.

Por outro lado, pessoas que tiveram a realidade na escola pública tiveram outra vivência. Íris menciona que sua primeira expansão de possibilidade, de mundo de coisas que era possível, foi durante o Ensino Médio que cursou no Instituto Federal. Para ele, a formação técnica permitiu que ele vislumbrasse possibilidades que anteriormente ele não tinha. A educação fora, então, uma formadora além do básico de ensino.

Para Orquídea a escola pública é uma vivência diversa. Durante a época que começou a se politizar ao se aceitar como homem gay, ela relata que a escola foi um lugar que ela poderia ter voz para militar. Apesar de ter convivido com um grupo semelhante de pessoas durante todos os anos, para ela, a diversidade ainda se fazia presente e não sentia necessidade de se adequar para adequar a padrões impostos.

5.3.3 “se eu for fracote aqui, os cara vão me trucidar” – Preconceito

Eu já fiz um ensino médio técnico [em edificações], né? Mas quando eu me vi naquele ensino médio técnico, eu falei “meu Deus, o que que eu tô fazendo aqui”, entendeu? Porque... Primeiro, assim, que você... tinha que trazer o teu masculino muito forte, senão você era massacrado, entendeu? Você não podia chegar lá no curso técnico daqueles. Eu lembro que nas primeiras aulas que eu fui, eu fui com um tênis cor de rosa. Engraçado, né? A gente lembra de algumas coisas, né? Eu fui com um tênis cor

de rosa... um prateado... sabe, Deus, que tênis que era... E passou um tempo... eu vi um negócio escrito na carteira, sabe? Tipo, não lembro exatamente o que que era, mas tipo... ai... “Camomila, a Barbie, o seu tênis cor de rosa”, uma bobeira assim, sabe? Mas a gente tem 14 anos, né? A gente não gosta de nada, a gente acha que é maravilhoso e tudo é lindo, né? E aquilo ali eu falei... “cara, se eu não mudar, eu tô ferrada”. Dentro da minha mente eu pensei... eu não posso mais usar aquele tênis, né? Dentro da minha mente de criança eu pensei nisso, né? Então, assim, aquilo ali me moldou muito. Eu falo sempre pra minha filha e pro meu filho que aquilo ali pra mim foi um divisor de águas, entendeu? Então não foi tanto assim uma repressão de uma fala, mas foi um ambiente que eu pensei assim “cara, isso aqui é diferente, eu tenho que me adaptar”. Se eu for fracote aqui, os cara vão me trucidar. (Camomila)

A escola é um ambiente que existem muitas mudanças de corpo, mente e relações. Além da identificação e a visão de mundo, há também os casos de preconceito ou *bullying* que decorrem desses preconceitos. Segundo Jasmim, há um problema em que, por um lado, existe o lado frágil que não tem mentalidade e maturidade para lidar com aquilo, mas há o lado adolescente que não mede a mão, é muito cruel, e às vezes nem sabe que está sendo cruel. Se, de um lado, tem o sofrimento amplificado, do outro, temos a ausência de tato ou filtro.

No relato de Camomila, uma mulher hetero engenheira civil, ela relata que se inseriu nesse ambiente masculino desde o ensino técnico, quando fez um ensino médio técnico voltado para edificações. Nesse ambiente, por ser uma menina, ela relata que teve de se *masculinizar* para poder sobreviver as exigências do ambiente e lidar com os colegas de sala e professores. Nessa fala dela, ainda que não explicitamente, ela afirma “se eu for fracote aqui, os cara vão me trucidar”. Para ela, nesse momento da adolescência, a feminilidade era símbolo de fraqueza. Como ela relata, o simples calçado feminino já era motivo para ser apelidada de “Barbie”.

Fora do ambiente do ensino médio técnico, Croco, Margarida e Lilás contribuem com sua visão do lado das mulheres durante o Ensino Fundamental e Médio. Para Lilás, as meninas não faziam *bullying* direto como os meninos, mas havia fofocas. Margarida fala que não ligava tanto na época da escola. “as pessoas sempre foram muito cruéis. O tal do adolescente é uma desgraça. Então eu meio que zoava junto também... quando alguém zoava comigo... falava alguma coisa... eu entrava na brincadeira para não me abalar... e não me deixar ser levada por aquilo.” (Margarida).

Croco, por outro lado, não conseguia lidar bem com as piadas. Ela relata que durante o Ensino Fundamental e Médio sentiu dificuldades com brincadeiras que a desagradavam. Para ela, ela sofreu vários tipos de preconceitos relacionado a usar óculos, aparelho, ter engordado, ser fanática de uma artista pop famosa. Muitos destes relacionados a sua aparência, o que também dificultou que ela pudesse vivenciar sua sexualidade na época em que os adolescentes começaram a *ficar*. Sobre ser mulher, Croco também vivenciou episódios desde pequena.

Eu lembro de muito pequena assim, com 8 anos tinha um garoto na minha escola que eu gostava, ele corria mais do que eu, e eu queria correr mais do que ele para chamar

atenção dele. E ele falava que não, porque eu era menina. Eu nunca ia correr mais do que ele e não tem relação alguma. Então eu acho que é uma coisa de como a gente é criado, de pequenininho. (Croco)

Para ela, a fragilidade e inferioridade do gênero feminino ao homem é ensinado desde pequeno, o que ela pode vivenciar com comentários de um menino ainda com 8 anos. Ela associa esses comentários a criação. Portanto, algo que a criança reflete de um ambiente que tenha esse tipo de fala ou atitude em relação ao Outro.

No campo da sexualidade, todos os meninos gays relataram ter sofrido bullying ou ter sentido medo em relação ao Outro durante a escola e colégio. Na conversa com Íris, comentei sobre algumas coisas vivenciadas durante a época da escola, relacionado principalmente aos esportes e rede de amigos, e Íris afirmou “Horível. Horível. Eu também tive tudo isso”. O esporte era uma fonte de sofrimento, principalmente pela associação de menino joga futebol e menina joga vôlei. Azaleia relata que ficava muito nervoso nos jogos de interclasse e que sofria um pouco de *bullying* por parte dos meninos, o que fazia se sentir mais à vontade com as meninas.

Jasmim, consciente de sua sexualidade na época, tinha medo pelo que via fazerem com outros meninos que tinham comportamento que fugia do heteronormativo.

[...] mas tinham alguns meninos que eu não sei se eles eram assumidos, porque eles não eram próximos de mim, mas você via que, por exemplo, eles eram muito mais femininos. Era... era uma situação assim que estava na cara que o menino era gay, né? E eu sempre eu acho que essa questão, né? De que eu falei que eu tinha um pensamento de que “ah eu vou estudar, vou criar independência e depois eu conto para as pessoas que quando eu não sou dependente mais, ninguém... as pessoas podem saber que eu sou gay porque isso não vai mudar minha vida”. É... e eu ficava com muito medo porque eu via esses meninos, e eu via como eles eram tratados... sabe? É... pelos colegas.... às vezes professor fazer algum comentário... então eu acho que isso, sei lá, vai criando medo na gente, né? Porque é... você vê como as pessoas sofrem. É, eu não tinha contato com esses meninos, mas eu sei que eles sofriam porque eles passavam por situações que... que era o que eu tava evitando passar, entendeu? É, às vezes, ser alvo de chacota... é... sei lá. Às vezes ser.... é... as pessoas ignorarem eles para fazer alguma coisa em um grupo, de eu ou ser tratado como alguém que... ah, sei lá que não... que não tinha capacidade. Mas você tentar excluir ele das suas atividades, as coisas que você vai fazer porque a pessoa é diferente, sabe? (Jasmim)

O medo de ser alvo, como outras pessoas eram, inibiu Jasmim de ser verdadeiro sobre sua sexualidade consigo mesmo e com os outros. Ainda que o comportamento do medo não seja incomum, outros optam por uma abordagem em outra linha. Orquídea, por exemplo, quando aceitou sua sexualidade na época, entendeu que precisava se defender de qualquer ofensa que viesse.

[...] é engraçado porque eu tenho vários amigos que passaram momentos difíceis na escola, momentos de bullying e tudo mais, e eu fui uma pessoa que nunca deixei ninguém fazer bullying comigo. Eu era uma pessoa que, quando eu me entendi como isso, eu falei assim, bom, eu preciso estar à altura sempre da pessoa que está falando. E eu lembro que na época eu assistia muitos filmes, assim, de meninas transgressoras

e tudo mais, e aí eu me inspirava muito nelas. E principalmente de adolescentes rebeldes, sabe? E aí eu sabia que quando alguém fosse mexer comigo, eu tinha que humilhar a pessoa, eu não era forte nem nada, então a maneira que eu achei é humilhar a pessoa verbalmente, sabe? (Orquídea)

Inspirada nas meninas transgressoras, Orquídea optou por retaliação aos que poderiam fazer bullying com ela. Por esse comportamento, ela afirma que, na época, ganhou respeito dos meninos que tentavam tirar sarro dela, mas que isso não os impedia de oprimir outros que não tinham o mesmo comportamento que ela. Apesar de ter sido um mecanismo de defesa, Orquídea relata que esse mecanismo de defesa foi problemático, pois fez ela desenvolver um caráter meio tóxico que ela viria a corrigir posteriormente com terapia.

Mas, apesar desse comportamento *transgressor*, Orquídea relata que havia momentos que era pega de surpresa. Ainda que não tenha vivenciado agressões físicas ou ofensa à sua dignidade, existiam zoações com ela que a incomodavam. A que mais incomodava, relata ela, era quando imitavam o jeito que ela falava “miando”.

5.4 INSTITUIÇÃO MIDIÁTICA

5.4.1 “eu me espelhava muito nela” – Representatividade

Então eu mais buscava ah, tipo, filmes sobre isso, só tinha filme de desgraceira, aí eu não gostava tanto. E aí, acabava que o meu apoio maior mesmo, como tipo, pessoal LGBT e tudo mais, era das divas pop mesmo. Acho que ali foi quando, porque elas, na época, eram as únicas na mídia que falava que dava poder mesmo, assim, sabe? Pra gente. Porque os filmes, tipo, dava um pouquinho de medo, assim, porque eles eram muito sexuais, e na época criança, né? E não só isso, mas eles sempre... as pessoas morriam, ou a pessoa se matava, ou a pessoa se matava, então era um pouco assustador. Aí eu gostava muito daquela imagem que a Madonna trazia, que a Lady Gaga trazia, que as cantoras na época traziam, a própria Britney Spears também, que não estava louca na época. Então ela trazia todos esses negócios, esses conceitos e tudo mais. Eu falo mais pela Lady Gaga porque a Gaga foi, porque na época quando eu comecei a usar a internet, foi quando ela estourou. Então foi meio que junto, assim, sabe? Tudo que ela fazia aparecia em todo lugar. Tudo que ela lançava aparecia em todo lugar. Ela era polêmica, ela era transgressora, e eu achava isso um máximo. Porque a gente é meio transgressor também, sabe? Então eu me espelhava muito nela. (Orquídea)

Orquídea relata, em sua história, como as divas pop serviram, naquele momento de aceitação, como uma inspiração para a personalidade. Não somente isso, as divas pop foram o principal motivo pelo qual ela construiu uma conexão com o amigo da 5ª série que também era gay. Ela relata que foi ele quem apresentou à ela a Lady Gaga, Katy Perry, e outras mencionadas no trecho acima. Por meio da música, ela conseguia identificar outras pessoas LGBTQIA+, mas também se identificar com as letras.

Uma das principais músicas lançadas da Lady Gaga na época foi “*Born this Way*”. Na letra, Lady Gaga canta no refrão que “Deus não cometeu erros, eu estou no caminho certo, eu nasci desse jeito”.

I'm beautiful in my way
'Cause God makes no mistakes
I'm on the right track, baby
I was born this way

Don't hide yourself in regret
Just love yourself and you're set
I'm on the right track, baby
I was born this way

Born This Way – Lady Gaga

A letra, na época, ressoou bastante com pessoas do meio LGBTQIA+ que passavam por uma transição de postura, nas palavras de Orquídea, *transgressora*. Por desafiar o padrão, com muitas músicas polêmicas que faziam críticas sociais ou até mesmo buscavam polemizar (no mesmo álbum, Gaga lançou outra música polêmica “Judas” que teve uma recepção fervorosa). Essa postura de Gaga inspirou Orquídea a se posicionar sobre sua sexualidade.

[...] quando a Lady Gaga lançou Born This Way, que foi quando a gente soube realmente que, assim, nossa, gente, é isso aí que ela está falando. Gente, é um monte de viado, que não sei o que, que é brilho, é drag, é não sei o que, enfim, daí, nessa época, a gente meio que foi se descobrindo juntos, assim, essa reafirmação, sabe? Através da música, que era o que ele sempre gostava [amigo da 5ª série], e aí ele meio que me puxou pra ser assim, e aí a gente meio que foi gostando juntos, assim, sobre isso, sobre todo esse mundo do pop mesmo, que acho que o pop, naquela época, era o que abraçava a gente, assim, era o que fazia a gente se identificar, ganhar força e bater o pé e falar assim, “não, eu sou isso!”, sabe? Eu reafirmo que sou isso, porque... Porque ela está lá cantando sobre mim, entendeu? Ela está falando que se eu posso, se ela fala que eu posso, eu posso, entendeu? Se ela está com o peito pegando fogo, falando assim, caralho, você é muito foda, vai lá e fala pra sua família que você é foda. Aí eu falo assim, nossa, obrigado, Lady Gaga, vou lá falar pra minha família que eu sou foda. (Orquídea)

Além de ser uma identificação com a letra, a conexão com a Lady Gaga, com sua postura *transgressora*, que ia além das músicas para entrevistas também, motivou Orquídea a se informar sobre assuntos que ainda eram nebulosos na época, ou por não serem faladas ou por falta de acesso à informação. Ela menciona:

E aí, tipo assim, ela falava algumas coisas sobre, por exemplo, eu lembro que ela tinha dito alguma coisa sobre AIDS e tal, e eu não sabia o que que era. E aí eu fui pesquisar. E aí, só então fui entender que, tipo assim, há muito tempo atrás a gente tinha passado por isso, não sei o que, a epidemia de AIDS, então, tipo assim, foram coisas que iam ligando ali, elas falavam sobre algumas pautas, aí eu falava, nossa, o que que é isso? Daí eu ia pesquisar. (Orquídea)

Outras mídias além da indústria musical foram mencionadas nas falas dos nossos narradores-recordadores. Para Edelvais, durante sua adolescência, a mídia televisiva só apresentava casais heteronormativos, o que tornava aquele o padrão na cabeça quando se

pensava em relacionamentos. Ou a presença de grupos minoritários era primariamente com a finalidade de ser alívio cômico ou alvo de piadas, como comenta Camomila após reassistir “Os Trapalhões”. Atualmente, se vê diferenças em relação à esse período. Lilás menciona também que hoje em dia, a mídia consegue trazer maior representatividade para os jovens LGBTQIA+ e de outros grupos minoritários, ainda que a mídia seja reforçadora de papéis heteronormativos ou estereótipos.

Essa representatividade, no entanto, nem sempre é positiva. Para Azaleia e Edelvais, a pauta de representatividade às vezes acaba sendo forçada em mídias como filmes ou séries, em que um personagem, na obra original, não era de um grupo minoritário, mas na adaptação é escalado um ator de um grupo e, consequentemente, adaptado sua história (ou, em outros casos, alterações feitas pelo diretor da mídia). Nesses casos, eles entendem que forçar demais pautas de diversidade pode acabar prejudicando movimentos, gerando mais ódio para os grupos: “querem enfiar tudo goela abaixo” (Azaleia, em referência ao que podem dizer). Para Edelvais, a melhor forma é quando inserem representatividade de uma forma natural, sem forçar a pauta ou estereótipos.

Louro também vê dessa forma, quando durante seu relato mencionamos a série *Atypical* da Netflix. A série conta a história de uma família em que o personagem principal é autista. Durante nossa conversa, comentei sobre um baile que fizeram com fone de ouvidos com os outros alunos para poder incluir o personagem autista no baile, e Louro disse que odiou aquela cena, o que me surpreendeu. Nas palavras dele:

O que você falou do menino, botarem um monte de fone de ouvido. Eu já não ia curtir. Eu não ia curtir. Porque estão mudando a realidade para me incluir. Aí eu já não curto. Porque eu acho que o certo... Ao meu ver... É tipo... O que for adequado para cada pessoa é o que se faz. Então... Não custava ter a música lá, e botar um fone de ouvido nele, com cancelamento de ruído, e... tipo... sei lá... botar um microfone bluetooth que se a pessoa quisesse falar com ele... Eu acho muito mais inclusivo isso. Tipo... Não é nivelar todo mundo e dar a mesma coisa para todo mundo... É muito mais tipo... Inclusão para mim é isso... Botar uma linha base, e todo mundo tem que seguir? Isso está mudando o padrão. E aí os conservadores vão chegar e vão bater nesse novo padrão. Porque é muito fácil bater no padrão [novo] se o padrão de antes eles achavam que era melhor do que o de hoje. Eles batem no padrão. Mas se você incluir individualmente, cada necessidade, aí já se torna uma coisa pessoal. (Louro)

Foi muito interessante ouvir a perspectiva dele, enquanto autista, sobre a cena que eu havia achado muito interessante e inclusiva. Na sua visão, a inclusão ocorre quando não altera o padrão para todos, mas permite adequações que possam incluir individualmente cada sujeito baseado em sua necessidade. Ele ainda complementa: “Não esquecendo que o que importa é que o indivíduo esteja confortável naquele ambiente. Então aquele ambiente tem que ser confortável para todos os indivíduos.”. Ele se preocupa que uma mudança no padrão poderia

gerar desconforto e estragar a experiência do outro para incluir ele, ainda que houvesse boas intenções. Inclusive, Louro comenta que acha a série *Atypical* problemática. Pois ser autista parece ser a única característica do personagem, enquanto ser autista é, na verdade, apenas uma característica do personagem, que poderia ser inserida na história de forma mais natural.

A mídia, portanto, aparece como forma de identificação e de acesso de grupos minoritários a uma identificação. Em casos de sujeitos com mais consciência de Si-Mesmo, a mídia pode acabar se tornando um canal que reforça estereótipos e pode acabar prejudicando pautas que estão em discussão. Ainda assim, a mídia é fonte de conforto e conhecimento, como diz Íris: “A mídia em cima e a mídia tornando tudo mais palpável. As pessoas têm conhecimento. Chega essa informação nas pessoas, ou a gente imagina que chegue, né?”, que é o que se espera com a representatividade em mídias.

5.5 INSTITUIÇÃO VIRTUAL

5.5.1 “foi onde eu conseguia acolhimento” – Redes Sociais e Jogos

E daí quando foi crescendo, eu deixei, comecei a deixar de me importar com isso, mas não me sentia à vontade de falar isso com ninguém. Foi quando, acho que foi quando eu fiz o Twitter mesmo, que eu acabei conhecendo vocês também, mas foi quando eu comecei a me expressar mais, tipo, como eu não conhecia ninguém, eu não tinha ninguém conhecido, foi quando, tipo, comecei a sair da minha bolha, né. E com isso eu fiz um círculo de amigos, que na época me ajudou bastante, hoje eu só tenho contato com uma pessoa, porque na faculdade eu também fiz engenharia, né, então a maior parte da sala, 90% era menino. Também não me sentia à vontade de me abrir, até porque tinha conhecido eles recentemente, né, não tinha aquela amizade, tipo, acho que confio em você. E fiz amizade fora, né, da faculdade, que eu fiz esse círculo de amigos, que foi quando, e também cheguei ali sem falar, ah, sou tal coisa. Conheci e com o tempo fui me sentindo à vontade de compartilhar isso com eles, e foi quando me ajudou bastante. Eu falo que eles me ajudaram muito numa época muito difícil, né, porque foi onde eu conseguia acolhimento, que nem em casa eu não tinha esse acolhimento. (Azaleia)

Construção de amizades, identificação, conhecimento e representatividade. Essas são algumas das categorias que foi possível identificar dentro da instituição virtual, onde os nossos narradores-recordadores falaram de muitos pontos positivos, que encontraram com as relações criadas ou vivenciadas no âmbito virtual permitiram um certo refúgio à realidade encarada fora do virtual.

Azaleia, por exemplo, relata que durante suas dúvidas e inseguranças sobre a sua sexualidade, acabou se tornando recluso socialmente por um período de dois anos, onde passava a maior parte do tempo dormindo ou jogando no computador, pois era o seu escape. Durante esse período, ele acabou encontrando um grupo no Facebook onde havia pessoas da sua cidade

que tinham um interesse em comum: eram *otakus* (fãs de animês e mangás japoneses). Após ingressar no grupo virtual, começou a participar de encontros presenciais que ocorriam no domingo. Para Azaleia, esse grupo composto por sete pessoas na época, foi essencial: eram um porto seguro um ao outro, e vivenciaram a época de descoberta e aceitação juntos. Edelvais relata também que sua aproximação com pessoas do meio LGBTQIA+ foi, inicialmente, somente virtual, em grupos de interesses em comum, sem intenção de encontrar pessoas desse grupo, mas que isso era algo em comum a mais. O ambiente virtual trouxe um conforto e conexões que eles não conseguiam vivenciar em outras instâncias da vida.

Além de conforto e construção de uma rede de amigos semelhantes, a rede social também foi fonte de conhecimento e representatividade para outros. Dália comenta que durante a época que se identificou como homem trans, iniciou uma jornada de descoberta na internet para obter mais informações sobre a transexualidade e transição. Além dos podcasts que foram muito mencionados na fala dele, há também os grupos de WhatsApp que participa até hoje onde diversos homens trans residindo na mesma cidade compartilham suas experiências, sejam estas boas ou ruins. Orquídea também ressalta em sua narrativa a importância das redes sociais para obter informações e mentalizar sobre o processo quando descobria sua sexualidade como, primeiramente, um homem gay. Ela relata que as páginas no Facebook que surgiram na época, como a “Quebrando o Tabu”, auxiliaram a tomar conhecimento de pautas e obter mais voz para debates em outros locais presenciais, como a escola. Apesar disso, ela relata não refletir sobre a transexualidade na época porque não era uma pauta como o “G” da sigla LGBTQIA+ que era mais presente naquele momento.

[...] nesse momento, eu acho que me entender como uma pessoa trans ainda não era uma pauta que existia. Tipo, eu sabia que tinha alguma coisa meio estranha ali e tal, mas eu acho que todo esse processo de dar uma sexualidade mesmo, era um ponto de interrogação gigantesco, que ofuscava todas as outras questões, sabe, qualquer coisa de gênero, qualquer coisa, tipo, era, o gay era muito maior, o GG, era gigantesco, sabe, e até na época mesmo, eu falo sobre isso, porque foi quando as páginas nasceram, as páginas de esquerda, né, que defendiam isso, foi quando o Twitter começou a falar sobre isso, quando todo mundo começou a falar sobre isso, a gente ganhou voz e tal (Orquídea)

Ainda assim, nem tudo são flores nas Redes Sociais. Dália relata que na época em que estava começando o seu relacionamento, houve uma pressão por parte de sua família para não expor seu relacionamento no Facebook. Assim como Jasmim e Azaleia, a rede social também havia um controle e preconceito que se manifestaram no ambiente, principalmente no controle sobre o que deveria ser publicado ou não. Porque, quando algo é publicado na rede, ele pode ser visto por outras pessoas.

Atualmente, ainda que não vivenciem esse problema mais, a exposição e a manifestação das opiniões no ambiente virtual estão intensificadas nos últimos anos, como Camomila disse. Para ela “nunca se deu opinião tanto sobre a vida dos outros como agora”. Para ela, o ambiente virtual se torna um ambiente em que questões como “liberdade de expressão” abre brecha para “direitos de comentar” sobre coisas que não lhe dizem respeito. Ela relata que, enquanto coordenadora, teve acesso à conversas em um grupo de WhatsApp de alunos de Engenharia Civil de uma instituição privada. O teor das mensagens vistas era ofensivo e preocupante, diz ela. Ainda assim, vê de forma positiva também o uso da internet para conscientizar pessoas, como sátiras voltadas para o machismo.

Outro meio de relações virtuais é por meio dos jogos. Além de Azaleia, Lilás e Orquídea relatam que os jogos foram parte importante também em suas vidas. Orquídea relata que, em jogos de multiplayer massivo online (*Massive Multiplayer Online*, MMO), ela sempre pode assumir o papel de uma menina com sua personagem, e até criava um perfil nas redes sociais *fake* feminino. Para ela, o virtual permitia a ela viver uma vida “Hannah Montana”¹⁸ e assumir uma identidade no virtual que serviria de inspiração para seu nome após transição.

Lilás, por outro lado, relata que vivencia um ambiente de jogos bem masculinizado, por gostar de jogos de tiro em primeira pessoa (*first person shooter* FPS). Atualmente, jogadora do Valorant, jogo da empresa RIOT dessa categoria, relata não ter problema durante as partidas devido a tonalidade da sua voz que não é muito feminina e permite que ela se passe por um menino adolescente. Por outro lado, sua esposa, tem mais problemas por ter uma voz mais feminina. Durante episódios de preconceito no ambiente virtual, ela relata que adotam uma estratégia de deboche em relação aos jogadores que praticam qualquer espécie de *bullying*. Ainda assim, relata preferir jogar com grupos fechados, do que arriscar cair com pessoas que possam ter comportamentos desagradáveis durante o seu lazer.

5.5.2 “você não tem como você saber quem que você pode abordar” – Aplicativos de Namoro

[...] muitas das vezes aconteceu o seguinte, tipo... a gente dava match, aí começava a conversar, e eu sou muito boa de conversar, sabe? Tipo, diga-se de passagem, ter um papo legal, conversa, conversa rende e tal. E aí, eu pegava e falava assim “olha, não sei se você reparou, se você leu, mas, tipo, no meu perfil, tá constado, né, que eu sou uma mina trans e tal, tem problema?” Porque aí eles, que eu meio assim, né, conversa, conversa, conversa, é, vamos marcar de sair, sabe? Daí, na hora, quando começava

¹⁸ Personagem de uma série da Disney que vivencia a vida de uma adolescente comum (Miley Cyrus), mas também a vida de uma cantora pop famosa (Hannah Montana). Famosa pela frase “melhor dos dois mundos”.

esse negócio de, ai, vamos sair, eu já... já dava o mata-leão ali, pra ver se rolava ou não. Aí, ele falava assim, “ah, nossa, não sabia, nem percebi e tal”, mas é, “ai, eu nunca saí, tipo, pra mim, mulher é mulher, e se você diz que você é, então pra mim tá tudo bem”. “Ah, vamos sair, eu nunca saí com uma pessoa assim antes, aí você vai ter que me ajudar, enfim.” Eu ficava tipo assim, nossa, gente, eu não sou um bicho, sabe? Só tenho um p*nto, entendeu? Enfim, olha, falando isso no meio da entrevista. Mas, enfim, daí, e aí, tipo, e não foram uma ou duas vezes, tipo, várias vezes assim, de homens, assim, que, tipo, falavam assim “ah, isso é hétero e tal”, daí você comentava, e aí eles falavam assim, “ah, bora, tipo, vamos ver como é que vai ser, gostei de falar com você e tal, e não sei o que lá”. Assim, por um lado, eu tento pensar mais positivo sobre a situação, mas eu acho que boa parte, na realidade, é que existe um grande fetichismo em cima da mulher trans, porque a gente é muito vista como uma coisa mais sexual e tudo mais, né? Mas, assim, nas experiências que eu tive, assim, e não foram muitas, tá? No nome de Jesus. Mas, assim, no geral, os caras, eles são muito de boa, tipo, contar isso, assim, no geral. Eu fui meio que pega de surpresa, porque eu achei que ia ter um... Como é que pode dizer? Um repúdio maior, assim, sabe? (Orquídea)

Com a ampliação do uso de diversas tecnologias em nossa vida, surgiram também outros aplicativos que permitiram construir novas formas de socializações no âmbito relacional amoroso. Os aplicativos de romance, sem adentrar especificamente nessa problemática, ressignificaram a forma como as pessoas podem encontrar pessoas para se relacionar, independente da seriedade ou finalidade dessa busca por se relacionar com outra pessoa. Para Lilás, a falta de *meios* como o Tinder para chegar em outras mulheres lésbicas durante a época em que estava solteira. Havia uma certa insegurança em se aproximar de mulheres sem saber se elas também eram lésbicas ou bissexuais: “Se você é um LGBT, mano... Um Tinder... Um Grindr... Ajuda muito. Porque você, tipo, você não tem como você saber quem... quem que você pode abordar. Na nossa época, assim, então era muito difícil. Tipo, eu fico... eu tenho inveja de quem pode vivenciar... tipo... essa adolescência [sapatão].”

No caso de Orquídea, por outro lado, há outro empecilho: ao ser trans, ela se apresenta como mulher no aplicativo, mas isso poderia gerar conflitos com homens que não aceitam ou enxergam mulheres trans como mulheres. No entanto, como ela disse, o que ela esperava ao voltar a usar o aplicativo após o término do seu último relacionamento era “um repúdio maior”. No entanto, o que ela recebeu foi uma grata surpresa, em que os homens se mantinham abertos para ela, com frases “para mim, mulher é mulher, e se você diz que você é, então pra mim tá tudo bem”. Em alguns momentos, ela demonstrou desconforto sobre o “nunca sai com uma pessoa assim”. Nisso, ela relata que ela não é um *bicho*, remetendo a uma espécie de curiosidade ao diferente e estranho. Outro aspecto que ela se preocupa sobre isso é pelo fetichismo existente em cima da mulher trans, que se volta para uma relação sexual e não uma conexão emocional ou amorosa entre os sujeitos. Ainda assim, ela menciona que foi pega de surpresa, em um sentido positivo, pela resposta que encontrou ao se inserir nesse campo virtual.

Para Azaleia e Edelvais, o meio virtual também foi um canal para encontrar relacionamentos com outros homens. Eles se conheceram por meio do aplicativo e atualmente estão casados. No entanto, eles contaram que o aplicativo tinha suas dificuldades. Azaleia usou mais vezes o Tinder, mas relatou não gostar do aplicativo, porque as conversas eram superficiais e não havia interesse do outro lado que não fosse sexual. Também contaram que nunca utilizaram outro aplicativo do meio gay, o Grindr, por achar que ele é muito sexual.

Ao que pode se observar, a instituição virtual aparece mais na fala de pessoas de grupos LGBTQIA+, com uma única exceção pela Camomila que relata sua preocupação com o ambiente virtual. Para os grupos LGBTQIA+, o virtual foi lugar de acolhimento e identificação, quando não conseguiam encontrar estes na vida fora do virtual. Creio que, como uma pessoa imersa virtualmente, esses relatos ressoam bastante comigo. Ainda assim, vejo que é um fenômeno muito complicado de entender por pessoas que não precisaram ou não viram necessidade de buscar refúgio da realidade, ou para encontrar pessoas que permitissem se identificar. Ainda assim, na própria fala das pessoas, hoje o ambiente virtual não é o único lugar que encontram esse tipo de acolhimento, o que é reconfortante.

5.6 INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

5.6.1 “era como se eu vivesse uma utopia” – Identificação

Porque quando eu terminei o ensino médio, que eu fui para a universidade, eu comecei o curso de engenharia na UEL em 2014 e eu vim de um colégio pequeno, que eu conheci as pessoas ali há 5, 6, 7 anos e eu fui para uma universidade que era imensa, que tinha mais de 10 mil pessoas trabalhando, estudando e eram pessoas muito diferentes, pessoas que vinham de realidades totalmente diferentes. Então, tinha gente que estudou em outro estado, tinha gente que teve dificuldade no estudo e, sei lá, era bem mais velho que eu e estava entrando na universidade muitos anos depois. E também pessoas de diferentes realidades sociais. Então, o curso de engenharia não é tão... Ele é homogêneo, né? Porque ele é mais homogêneo comparado com outros cursos da UEL. Porque eu acho que as exigências dele, as exigências de carga horária... Agora não está tão concorrido, mas com a concorrência que tinha um pouco antes, você tinha que ter uma determinada condição social para poder entrar. Mas a UEL é muito diversa, então você acaba tendo contato com várias outras pessoas. Então, eu acho que eu tive um choque de ter contato com pessoas diferentes quando eu entrei na universidade. E isso nos meus primeiros seis meses, no meu primeiro ano de universidade, foi uma coisa que mexeu muito comigo. Na época, eu sentia que eu tinha alguma dificuldade, porque eu saí daquele mundinho que eu conhecia. Foi bem difícil entender, e hoje eu vejo que eu estava perdido. Perdido porque eu não sabia como lidar com aquilo. (Jasmim)

Quando nos referimos a Instituição Universitária, entendemos todos os espaços em que a vivência universitária se faz presente, entre elas a vivência na república, na própria

universidade/faculdade, seja esta uma memória voltada para a graduação ou pós *stricto* ou *lato sensu*, e até mesmo em festas universitárias. Em alguns relatos, essa vivência universitária foi um momento de reconhecimento e identificação com a diversidade. Iniciamos essa subseção com o relato de Jasmim, que antes relatara que o ambiente escolar vivenciado por ele limitou a sua forma de compreender a diversidade e as diferenças.

A vivência universitária, para Jasmim, foi além de apenas seu curso. Por seu curso, Engenharia Elétrica, ele relata que a representatividade é mais limitada, *homogênea*. A homogeneidade do curso que ele fala é um gênero específico, masculino, e acessibilidade de classes sociais por sua carga horária e currículo Integral, além da concorrência elevada quando ele entrou, fazem com que o público do curso seja um perfil homogêneo. Outro ponto que Jasmim relata sobre o curso é masculinidade reforçada em todo o curso que pouco se importa com sua individualidade:

A engenharia parece que ela é indiferente a sua individualidade. Mas, ao mesmo tempo, eles querem que todo mundo siga um estereótipo, um padrão, sabe? Então, é meio que assim “Ah, a gente não se preocupa com que você... É... Com que você... [É... Sei lá,] as suas individualidades. Desde que você seja desse jeito. Porque se você não for desse jeito, aí... Você não serve.” (Jasmim)

A visão de Jasmim referente ao curso de Engenharia é levada para outras Engenharias, como a Mecatrônica (Azaleia) e Civil (Camomila). Para Jasmim, existe um potencial de mudança com iniciativas dos próprios alunos de ir em colégios para apresentar os cursos de Engenharias e outras tecnologias para inspirar mais mulheres a ingressarem o curso. Apesar da situação atual do curso, Jasmim relata alegremente sua vivência na universidade pelo convívio e identificação que pode construir ao conviver grande parte do seu dia no campus universitário. Algo semelhante aconteceu com Lilás, que ingressou na mesma universidade, ainda que em um curso diferente (Ciências da Computação).

Durante o terceiro ano do ensino médio, quando teve contato com meninas lésbicas, Lilás encontrou identificação, mas ainda se sentia insegura quanto à sua apresentação perante o mundo. Queria cortar o cabelo, mudar suas vestimentas, só que isso destacaria ela em relação aos outros no ambiente escolar. Na universidade, ela sentia estar livre para mudar sem que ela se destacasse por isso: “Era bem bom. Porque, tipo, a gente não está acostumado. Eu vim de uma, tipo, eu vim de uma realidade onde era, tipo, todo mundo praticamente igual, assim. Então, tipo, ver tanta diversidade, assim, fez meio que bem, eu diria.” (Lilás). Essa mesma mudança foi vivenciada por Dália, que na época se identificava como mulher lésbica em universidades na região Nordeste do país.

Orquídea, que frequentou a mesma universidade que Jasmim e Lilás durante um período diferente, relata como foi ser aluna de Design de Moda durante uma época com muitas mudanças políticas. Para ela, a vivência da moda permitia à ela explorar sua aparência, utilizar roupas femininas, ser *andrógena*, misturar roupas, para que pudesse expressar a diversidade de gênero, principalmente devido ao público do curso ser mais feminino. Durante a graduação, começou a usar saia, deixou o cabelo crescer e se sentia melhor ao expressar sua individualidade com roupas femininas, ainda que isso tenha gerado microagressões sociais em casa.

[...] dentro da faculdade, eu sentia que, na realidade, era como se eu vivesse uma utopia dentro de Londrina, sabe? Então, lá dentro, era como se aquelas barreiras de preconceito, ou homofobias que eu tinha escutado, e até aquelas notícias péssimas, porque, na época, era a época do Bolsonaro, né? Aquilo não existia. Então, a gente vivia numa época, numa bolha ali dentro, que era muito gostoso, assim, sabe? Era como se, lá dentro, eu pudesse ser quem eu quisesse, e estava tudo tranquilo, e era um ambiente seguro, onde eu podia me expressar, que eu podia falar do jeito que eu quisesse, porque ninguém ia, tipo, parar para imitar o meu jeito de dizer, ou de me expressar. E, a partir daquele momento ali, da faculdade, foi quando, realmente, as peças, tipo, se encaixaram de vez. E foi quando eu comecei a sair com pessoas LGBTQs, por exemplo, porque, na faculdade, tem muito viado, tem muito sapatão. Então, foi quando eu tive o primeiro contato, assim, de pessoas, assim, estilosas, que são sapatão e viado, e tem um modo de viver diferente do meu, que é muito mais tranquilo e tal. (Orquídea)

Durante seu ingresso na universidade, em seu primeiro ano, ela relata ter vivido presencialmente pela primeira vez o senso de comunidade, de pertencimento. Por ter muitas pessoas diferentes, essa *utopia* dentro do território municipal permitia a expressão de muitos grupos minoritários (como os LGBTQIA+) e de pessoas de diferentes lugares, com diferentes realidades, compartilhando isso, vivenciando aquela realidade juntos.

Jasmim relata que, por ser um curso predominantemente *machista*, feito por e para homens héteros, todos os *gays* que havia (e eram poucos) eram seus amigos. Sua maior rede de amigos da comunidade encontrava-se fora do curso de Engenharia Elétrica, onde ele acabava fazendo amizade com pessoas de cursos do mesmo centro (Arquitetura, que havia mais gays e mulheres), ou de centros próximos ao dele.

Do outro lado da UEL, no curso de Administração, Croco relata que durante a graduação, ela pode perceber outro aspecto da diferença entre as pessoas, que se volta para a diferença da classe social. Por estar em um ambiente de sala de aula que envolvia múltiplas classes sociais no mesmo lugar, ela disse que ali pode perceber o quanto as oportunidades fazem diferença durante o desenvolvimento do sujeito.

Além da identificação neste contexto específico, há também as mudanças que ultrapassam as barreiras da instituição. Íris, por exemplo, menciona que durante sua graduação em Ouro Preto, ele frequentou uma república que era predominantemente branca. Ainda assim,

fora muito bem acolhido por seus colegas e amigos republicanos, algo que os faz hoje ver eles como uma família. Apesar disso, depois que iniciou sua graduação, ao voltar para sua cidade natal, percebeu que estava dessintonizado das pessoas que haviam escolhido ficar na cidade. A sua nova realidade, e o conhecimento que obteve durante a graduação, alteraram a sua forma de ver o mundo e a forma como se relacionava com as pessoas.

Há também uma diferença entre a vivência na universidade pública e na universidade privada que merece ser mencionada. Camomila, como mencionado anteriormente, é coordenadora de Engenharia Civil em uma universidade privada. Na sua visão, o curso é elitizado, com um perfil semelhante a homogeneidade descrita por Jasmim sobre seu curso. Há maior abertura para as mulheres no curso, em relação a época que Camomila cursou engenharia na UEL, mas no seu relato ela conta que em uma turma do curso existe apenas uma menina. A menina tem voz na sala e é respeitada, mas os rapazes referem-se a ela como uma mãe para eles e fazer os trabalhos. Outro aspecto desigual refere-se a desigualdade racial no curso, em que há poucas pessoas negras cursando neste contexto particular.

Por fim, há a vivência na pós-graduação. Jasmim, um dos pós-graduandos entre os narradores-recordadores, relata que se, por um lado, a graduação foi o ambiente se expandindo, por outro lado, o mestrado e doutorado na mesma instituição foi um mundo fechado. Sua vida na instituição durante a pós-graduação *stricto sensu* era ficar o tempo inteiro em uma sala, construindo a sua pesquisa. Durante a graduação, ainda que o curso fosse homogêneo, a universidade era bem heterogênea. Preso numa sala, ele encontrava uma nova visão da UEL: pequena, só homens e da engenharia. Atualmente ele está na Dinamarca cursando o pós-doutorado. Lá, ele diz, o grupo de pesquisa tem presença de mulheres (duas), mas ainda são minoria em um ambiente majoritariamente masculino.

5.6.2 “eu não sabia se ia ser uma relação boa ou não” – Socialização

E um meio que negativo, assim, eu acho que foi na faculdade, né... porque como eu não me abri com todo mundo... quer dizer, não me abri com ninguém na faculdade, não conseguia criar aquele laço real, sabe? Era uma coisa só colega de faculdade, só para fazer um... como é que é o nome? Me esqueci. Aqueles relatórios de experimentos de faculdade, né? Não era uma amizade assim... vamos... construir uma amizade fora da faculdade, era uma coisa só ali porque não tinha aquela coisa de ser verdadeiro com eles, entendeu? Eu achava que isso ia ser um impeditivo, tipo, ia ser um bloqueio, a hora que eu falasse não ia ter mais aquela amizade, não me sentia à vontade de falar sobre. (Azaleia)

Além da identificação, há também uma preocupação voltada para a construção de relacionamentos significativos, como as amizades, que fazem parte da socialização no ambiente

universitário. Azaleia conta que, durante o período da faculdade, havia um receio de sua parte de construir vínculos com os colegas de classe. Por não conseguir se abrir com eles, ele entende que não construiu um *laço real* com eles. O medo era algo que permeava sua abertura com os colegas: “mas eu ainda tinha aquele receio de falar “não, sou tal coisa” e ter uma resposta negativa. Porque você nunca espera. E daí, como eu falei, na faculdade não dava porque eu ia ter que passar um tempo com aquele povo. E eu não sabia se ia ser uma relação boa ou não” (Azaleia).

Por outro lado, outras pessoas aproveitaram os laços construídos durante a permanência na universidade para significar a Si-Mesmo e a construir laços *reais*. Jasmim, por exemplo, ao fazer uma grande amizade com um menino gay no seu curso, sentiu-se mais à vontade para assumir sua sexualidade para os amigos da universidade e até para amigos do colégio, os quais ele relatava ter receio de compartilhar com sua sexualidade.

Dália, na época uma mulher lésbica, utilizou a graduação para se reinventar, ao construir estratégias de apresentação por meio de roupas que se adequavam a como queria se apresentar, e construir relações com pessoas na qual pode se espelhar. Um amigo de Dália era, para ela, especialmente uma inspiração. Por ser um cara musculoso, era uma pessoa que tinha características as quais Dália desejava ter.

[...] e eu olhava pra ele, só que ao mesmo tempo que eu olhava pra ele, eu falava, “velho, ele é um cara”, ele sempre foi muito... pelo menos a visão que eu tinha dele, né? Externa. Muito confiante, né? Cara alto. Imagina, você é o cara, é... você, todo privilégio do universo, você é um cara alto, você é cis, fortão, hétero, sei lá, todas aquelas coisas, então, é meio que, ele era pra mim um cara que me inspirava. Mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia ter, chegar no nível dele, né? Eu nunca tinha o nível dele, porque era impossível. Então eu sempre... a gente andava muito junto, mas eu sempre estava escondido. A gente era muito, mas muito amigo, a gente vivia um na casa do outro, não sei explicar a nossa relação, porque ele mesmo disse que eu o transformei, e você conversar com ele, ele disse, você transformou a minha vida, velho (Dália)

Apesar de não mencionar pensar sobre transição na época, Dália observava no amigo características que ela almejava, mas não conseguia ter, “*porque era impossível*”. Ainda assim, essa relação pode ter sido um dos pontos iniciais, além de outros relatados, que já marcavam a trajetória de Dália para se identificar como um homem trans e transicionar. Outro ponto que é importante relatar é a fala do amigo de Dália, que relata que ele também afetou o amigo, transformando sua vida, ainda que voltada para uma formação contínua.

A transição de Dália foi vivenciada somente durante a pós-graduação, durante o período da pandemia. A primeira pessoa a quem contou foi sua orientadora do mestrado, que aceitou tranquilamente e tomou o cuidado para se referir ao Dália por seu novo nome. Quando assumiu

para os amigos, ele relata ter sido tranquilo a aceitação dos amigos, que já atualizaram seu contato no WhatsApp e a respeitar a nova identidade de gênero de Dália.

Já Orquídea vivenciou a transição durante a graduação. Ela relata que quando assumiu ser uma mulher trans para as amigas da graduação, ela vivenciou uma nova época de redescoberta de Si-Mesmo, em que ela relata que as amigas perceberam que ela ficou mais calma (em relação a personalidade dela como menino gay), e que houve, durante um tempo, erros em relação ao seu gênero. Mas Orquídea relata compreensão, pois era algo novo para ela também.

[...] gente, até você acostumar... e eu sempre fui muito tranquila quanto a isso. Então, tá tudo bem, não se preocupa, tá tudo certo. “Ai, desculpa” e elas viviam se martirizando por isso, né? Eu falei assim: “não, tá tudo bem, eu sou muito pessoa de boa, entendeu? Tipo, desde que você se esforce e tudo mais, e eu vejo que isso tá acontecendo, meu, tá certo, sabe, tá de boa, porque é tão novo pra vocês quanto é pra mim também” (Orquídea)

Íris, por outro lado, pouco comentou sobre os amigos feitos no curso que fazia. Sua fala sobre o período da graduação e as relações de amizades (ou de família) construídas se restringem à sua república. Também durante a pandemia, Íris comenta que a convivência foi intensificada com os *Outros*, perfis muito diferentes entre si, mas que era um grupo que respeitava as diferenças. Algo que ele relata era a preocupação do grupo por alguns costumes próprios, como comida e bebidas, que em outros ambientes ele era tratado diferente por elas, na república ele era respeitado. Esse respeito, no entanto, não o acompanhou durante sua vivência na pós-graduação (mestrado e doutorado em Administração), em que ele destacou tratamentos que, para ele, foi um choque. Apesar de ter elevado o nível da formação, o respeito não existia mais.

[...] quando a gente leva essas mesmas situações pro mestrado e doutorado ali essa questão de diversidade eu acho que a maior questão que eu tinha era no respeito nas aulas durante as aulas. Respeito às opiniões, nos respeito a ponto de vista das outras pessoas, porque uma coisa que a gente mais vê, não sei se na sua turma, você teve os que vão de terno para a aula. Então esses daí, os que vão de terno, os que são podados de experiência da vida que tem seus 40 mais e afins, com todo respeito tem um ou outro que é legal que realmente fala que respeita. Mas pelo menos as experiências que eu tive com as minhas turmas. É uma opinião muito prepotente para sobrepor a outra para tentar diminuir a opinião da pessoa que é mais nova de existência no mundo. Só que isso não justifica isso não quer dizer que ela não tem uma opinião com base no texto que foi encaminhado para ler que é a única referência que a gente é para utilizar. E com base na experiência do mestrado também afim (Íris)

5.6.3 “você vai dar conta?” – Preconceito e Privilégios

A gente tinha um professor de mecânica dos fluidos, e esse professor, ele, o comentário dele nas aulas, assim, ele sempre fazia perguntas, né, ele tava fazendo os

exercícios, ele falava, Carolina, responda a tua coisa. Se você errava, ele falava assim, sabe cozinhar feijão, amiga, porque engenharia não é o teu curso. Ou ele pedia alguma coisa pra outra colega, ele sempre pegava as meninas pra fazer as perguntas, principalmente nas práticas de laboratório. E daí ele queria que a gente carregasse peso, ele queria que a gente fizesse os ensaios mais difíceis que tivesse, né, que subir escada, carregar peso e mexer em alguma coisa. Ele falava sempre “você vai dar conta? Porque se você quer ser engenheira, você tem que fazer a mesma coisa. Se eles conseguem levantar o peso, você também tem que dar conta de levantar”. Então, era isso. E você tinha 18, 19 anos, e você tava ali pensando que a pessoa ia te receber, porque ela tá sendo paga pra te receber com afeto e respeito, e ele não respeitava. E a gente reclamava, tá? A gente não ficava quieto. A gente reclamava pra coordenação. “Ah, mas ele é assim mesmo. Não, mas não precisa se preocupar. Ah, mas é só brincadeira.” (Camomila)

Camomila, atualmente, tem uma visão de que há uma mudança positiva e tem expectativas boas em relação a presença feminina no ambiente da construção civil, ainda que ele continue a ter um domínio masculino. No entanto, ao relatar sobre sua vivência durante a graduação em Engenharia Civil na UEL no início dos anos 2000, Camomila compartilha experiências próximas (ou até piores) do que ela vivenciou durante o ensino médio técnico. Para ela, a mulher, no ambiente do curso, é menosprezada e considerada incapaz, com restrições, quando comparada com o homem. Hoje, enquanto coordenadora, ela vê melhoras na relação da mulher no ambiente do curso, mas relata que percebe outras diferenças entre pessoas de cor (“dá pra contar nos dedos os alunos que a gente teve, que eram negros, nos dedos”), neurodivergentes (“Hoje a gente tem os neurodivergentes também, que também são muito discriminados dentro das universidades”), e até diferença de exclusão social entre os alunos por classes sociais, em que se cria uma distinção entre os alunos que estudam no período matutino e os do período noturno.

No curso de Engenharia Elétrica, na década de 2010, Jasmim relata que percebia diferença no tratamento em relação às mulheres. Por ser um homem gay, ele acredita ter mais sensibilidade para o que afetava elas, principalmente por se sentir vulnerável ao machismo presente no curso. Para Jasmim, por pertencer a uma minoria do curso, ele via o que, talvez, outras pessoas não viam, pois estava atento a certos comportamentos, dado que não queria se sentir mal ou ser alvo de algum tratamento preconceituoso.

E uma coisa que eu posso falar também, durante minha graduação, é que, como eu falei, o ambiente não é agradável para as meninas, porque sempre tem comentários desagradáveis, quando uma mulher faz uma coisa específica, ela tem um tratamento, quando o homem faz a mesma coisa, ele não tem o mesmo tratamento. Então as meninas são meio que coagidas a ficar ali, não se manifestar muito, só assistir as aulas, não participar muito, né? E eu acho que as pessoas não percebem isso, mas... Muitas coisas eu sentia que eu percebia, porque eu acho que, pelo fato de eu ser gay, eu acho que talvez eu tenha uma percepção um pouco diferente dos meninos héteros que estavam lá, entendeu? Então acho que... Quer dizer, eu acho que... Porque a minha realidade, vendo com os meus olhos aquilo, eu conseguia ver algumas coisas que talvez outras pessoas não viam. E talvez também porque eu me sentia um pouco vulnerável, não como elas, de outro jeito, mas também vulnerável, porque... Enfim,

como é um ambiente muito... Não é questão de ter só meninos, mas é um ambiente muito machista. Então você fica esperto, você fica atento, porque você não quer... Sei lá, você não quer ser... Você não quer se sentir mal, né? Então acho que você acaba reagindo de uma forma que... Que você não vai, sei lá, não vai... Pra você não se sentir mal, pra você não ser alvo de alguma coisa, de alguma piada ou de algum... Um tratamento que você não quer, né? (Lilás)

Sobre as mulheres, ele continua falando sobre a intenção de *uniformizar* (ou *padronizar*) que o curso promove sobre os discentes. Ele compara os discentes como máquinas, em que o curso apaga a individualidade dos sujeitos, e que o tratamento desigual é algo que não há interesse em mudar, pois isso promoveria uma alteração no *status-quo*. Somente ao final de sua permanência na universidade que ele relata que foi feita uma iniciativa para trazer mulheres, a “Tecninas”.

Existe essa ideia de uniformizar todos, e todos funcionam como máquinas para a engenharia, né? E se você for ver, assim... Uma coisa que é evidente para todos é a distribuição de gênero, né? Que você tem pouquíssimas meninas, e a maior parte são os meninos no curso. Então, na minha turma, eu consigo contar, acho que foram cinco meninas que entraram comigo no mesmo ano, né? E que terminaram foi... Foram duas, duas meninas. E eu acho que é muito mais difícil para elas do que para a gente, para os homens, né? Porque elas estão em um ambiente muito hostil, e o tratamento tanto dos colegas como dos professores não é agradável para elas, eu acho. E eu acho que... É, e eu acho que o ambiente não é agradável para elas, e... Assim, ninguém tenta entender ou observar, ou avaliar se é agradável ou não, sabe? Eu acho que... Quer dizer, não é uma coisa assim que as pessoas querem mudar, sabe? Porque... Enfim, muito se fala em tentar equilibrar um pouco mais, trabalhar para atingir o equilíbrio de gênero nas engenharias. Aqui eu vejo muito isso, existe essa discussão, no lugar que eu estou trabalhando agora, né? E acho que a sociedade como toda tem essa discussão, mas assim, quando eu estava na UEL, não tinha um esforço grande. (Lilás)

Além dos relatos voltados para as mulheres, Jasmim conta que durante a graduação presenciou um amigo de um amigo implicando com ele pela sua voz. Quando o amigo brigou com o implicante pela *piada*, ele buscou validação dos outros amigos, do qual o Jasmim estava incluso no episódio, “vocês acham que isso é ofensivo?”. Para Jasmim, ele buscou validação para saber se era engraçado e se o amigo não estava exagerando.

A amizade com grupos de pessoas LGBTQIA+, principalmente homens gays, foi o que ajudou Jasmim a enfrentar o ambiente machista que ele vivenciou na universidade. Dália entende que a universidade ainda não é um lugar seguro para pessoas LGBTQIA+. Apesar de que ele entende que há uma melhora na aceitação para LGBTQIA+, ele entende que a aceitação não é 100% ainda. Por mais que a própria Orquídea classificou a universidade como uma utopia na cidade para grupos minoritários, isso pode se dar pelo contexto e centro que ela vivenciou. Quando se olha para as falas de Camomila e Jasmim, que estudaram em centros do outro lado da universidade, em períodos diferentes, há uma outra realidade universitária sendo vivenciada.

Na mesma universidade, Croco, formanda de Administração, relata que vivenciou alguns episódios de preconceito (classificado por ela mesmo como assim) sobre ser uma mulher

adulta virgem. Por falar abertamente e não ter vergonha, ela relata que uma amiga próxima da graduação perguntou para ela “qual é o seu problema?” e, em outro episódio, que Croco foi utilizando uma meia de *pelinho* na universidade, essa mesma amiga falou “Tá vendo? Como que você vai arrumar um namorado usando uma meia assim?”. Para ela, além da questão da diferença entre as classes sociais, a vivência universitária presumia relações asseadas na competitividade, como a questão de *ser virgem* ser um objeto de competição.

Íris, por outro lado, traz em sua fala a (res)significação de preconceitos vivenciados anteriormente a partir do conhecimento obtido durante a faculdade. O preconceito como algo que estava presente ali, mas que ele só pode fazer sentido posteriormente conforme foi obtendo conhecimento sobre os temas.

Assim, se a gente para pra fazer uma reflexão a fundo mesmo, foi lá na igreja, foi lá na igreja a questão do cabelo, só que eu não tinha palavras ainda, eu não entendia que eu estava... O conhecimento foi construído quando eu tive acesso a essas falas, essas explicações, lá na graduação, no início da graduação (Íris)

Além desse processo de (res)significar, Íris relata receios que teve durante seu processo de doutoramento. Sendo um homem gay negro, Íris tem medo de reagir a alguns episódios, pois, para ele, o outro lado, uma pessoa branca, será interpretada como uma pessoa que *teve uma crise de ansiedade*, enquanto pessoas negras são retratadas como *agressivas* quando divulgados pela mídia. Outro aspecto é a expectativa que colegas do curso colocam sobre ele a responsabilidade de responder assuntos relacionados à diversidade de raça/cor. Para ele, a falta de reconhecimento dos privilégios, que se manifestam também em outras instâncias além de discussões em sala de aula, e a falta de respeito, distanciam-se da realidade vivida na república de Ouro Preto. Para ele, existe um interesse dos sujeitos, mesmo que inconsciente, em continuar se beneficiando: “esse conforto que as pessoas se dão em ficar no seu privilégio”. Ele complementa:

E aí enfim acho que assim apesar de alguns pontos terem sido mais velados outros mais escandalosos mais alarmantes e afins. Nessa minha trajetória até o momento assim eu vou considerar essa época de disciplinas tanto do mestrado quanto do doutorado o que eu mais vi que foi completamente discrepante em relação ao Ouro Preto foi a falta de respeito. Foi a falta de respeito ao outro. (Íris)

5.6.4 “foi tudo culpa da UEL, né?” – Visão de Mundo

E as famílias também, né? Elas têm que parar de querer proteger tanto os seus filhos, né? Achando que elas vão conseguir monitorar um comportamento, né? Me veio isso agora na cabeça, lembrando de algumas situações, né? Que às vezes... Hoje aconteceu isso. Hoje, agora a pouco. Eu recebi um colega, né? Que o neto dele fez vestibular pra contábil e não passou na UEL. Daí ele fez matrícula. Já tinha feito matrícula na [universidade particular que ela coordena] e tal. Daí ele acabou não passando. Isso é

o resultado dessa semana. Ele falou “ah, mas também é bom que você sabe que lá como é que é, né? Lá desvirtua.” Eu fiquei, como assim? Como assim? Nada desvirtua, cara, entendeu? Na verdade, você trancafia o teu filho, ou tua filha, proíbe ele de fazer qualquer coisa, acha que você vai controlar o circuito e as coisas que vão acontecer. E talvez quando você liberta, ela fala assim, não, mas não era isso bem que eu gostava. Na verdade, eu gosto disso aqui, mas eu não sabia que existia, né? Eu não gosto daquele comportamento. Eu quero fazer tal coisa. E pra mim é certo. E às vezes nem é contra a sociedade nem nada, entendeu? Também, assim, eu acho que os pais também... Por isso que eu falo que dentro da família também tem essa criação que é bem complexa. (Camomila)

Eu acredito que esse tipo de pensamento poderia ser encaixado dentro da subseção anterior, mas gostaria de deixar separado para não confundir um preconceito com grupos específicos e um preconceito com uma instituição de ensino superior (ou um grupo de instituições). Nos últimos anos não me é estranho ouvir ou ler opiniões sobre como a universidade pública apresenta uma ideologia específica e molda seus alunos para um caminho contra os valores “padrões” (algo como “*Deus, Pátria e Família*”, eu diria).

Nas falas que observamos aqui, para grupos minoritários, a universidade foi um espaço que permitiu às pessoas experimentarem e vivenciar algo que muitas delas relataram como o *seu real*. Sem adentrar especificamente no que é real e o que não é, para os narradores-recordadores, ter a oportunidade de se vestir como queria, agir como queria, amar quem quer amar, é algo *utópico*, como diria Orquídea.

Na fala que Camomila ouviu de um colega, sobre como a instituição pública desvirtua o filho, para ela, isso é apenas um conflito de percepção de mundo. A proteção exacerbada para limitar as visões de mundo da pessoa, para que ela não encontre caminhos alternativos para a forma como os seus superiores¹⁹ querem manter-se no controle. É engraçado, agora olhando para minha própria vivência, como eu já ouvi “você está sendo influenciado”, mas, se parar para olhar, estou apenas tendo uma opinião contrária a da pessoa que manifestou essa afirmação, uma pessoa que com certeza foi muito influente na minha construção de significados ao longo da vida. Quando é o outro, é influência. Quando é ela, é preocupação. Camomila ironiza ainda esse discurso:

É difícil, viu? Muito difícil. Então eu percebo muito isso, às vezes a pessoa fala para mim, meu filho nem fez vestibular na UEL. Na UEL ele vai se perder, como assim vai se perder? Não tem placa? Não tem placa para ele se achar? É umas bobagens assim, mas está tudo relacionado, né? (Camomila)

¹⁹ Aqui não quero culpabilizar somente a família, como uma instituição de controle e que busca limitar a visão das pessoas. Outras instituições também fazem isso, como já apresentadas anteriormente e que serão apresentadas novamente em instituições posteriores.

A universidade, além de um espaço utópico para grupos minoritários, ou até mesmo um espaço para identificação e construção de amizades *verdadeiras* (sem negligenciar as demais instituições como espaço para esse tipo de amizade), é um espaço de aprendizagem, de mudar percepções de mundo, como Íris relata do papel da universidade, em uma aula de sociologia, que o permitiu mudar sua atitude perante o mundo: “não serviu só para mim, para eu me entender enquanto indivíduo, enquanto sujeito pertencente a uma sociedade, mas para eu entender também os outros, ou minimamente é só respeitar” (Íris).

Não podemos, também, negligenciar que a instituição universitária tem também seus pontos negativos. Enquanto um reflexo da sociedade, não é de se estranhar que exista machismo também em cursos que são atrelados mais ao gênero masculino do que o feminino (como relatado por Jasmim, Camomila e Azaleia). Há também os problemas com o *stricto sensu*, em que o ambiente competitivo gerou insegurança em pessoas incríveis, como Dália, que abdicou de tudo que gostava para poder se dedicar aos estudos. Íris também menciona que o ambiente competitivo acaba impactando nas relações, onde algumas amizades tornam-se amizades *úteis* e não verdadeiras.

Apesar de não ser só flores, o espaço da universidade foi importante na fala de muitos dos narradores-recordadores, como pudemos ver nessa seção. Finalizo trazendo a fala de Jasmim que, antes de ingressar a universidade, tinha um plano elaborado de arranjar um emprego, começar a ter renda, sair da casa dos pais, e poder viver a própria vida (principalmente, sua sexualidade). Esse plano mudou ao ingressar na universidade e se sentir acolhido por ser quem ele é: “assim, acho que foi... foi tudo culpa da UEL, né?” (Jasmim).

5.7 INSTITUIÇÃO POLÍTICA

5.7.1 “não acredito que vocês vão votar numa pessoa que é contra mim” – Eleições

E aí acabou que a época de política acentuou muito mais [ser ácida]. Foi quando eu, tipo, briguei de chorar mesmo em casa, e as bichas não... Eu lembro que um dia eu cheguei e falei pra elas, gente, eu sinceramente não acredito que vocês vão votar uma pessoa que é contra mim, sabe? Tipo assim, vocês falam tantas vezes, né? “Ah, eu amo você, a gente te ama e tal”. Mas quando vocês fazem isso, eu não sinto que é esse amor mesmo, né? De fato, que vocês falam. Porque eu jamais, jamais votaria em alguém, independente da ideologia, que fosse contra vocês, por exemplo. Tipo, a gente já passou por muita coisa juntas aqui, brigamos e tal, mas vocês são minha família, e eu nunca, nunca. Pode ser da esquerda, né? Que é a vertente que eu mais voto atualmente, mas sinceramente, eu tô tão descontente quanto da direita. Pode ser da direita também. Se um deles, assim, falasse, ah, isso é uma contra véio. Eu nunca votaria neles. Nunca. Se falasse alguma coisa, assim, de existência, eu acho que existe até um certo ponto onde você pensa sobre o lado político, e eu acho que a partir do

momento que ele começa a infringir a individualidade do outro, a existência do outro, tirar os direitos da outra pessoa, aí que mora o perigo, né? Então, eu vivia falando pra elas, gente, não vota nele. Porque quando vocês votarem, tipo, nele, vocês estão votando contra mim, entendeu? (Orquídea)

A eleição de 2018 foi marcante na vida de muitas pessoas. Dentre os narradores-recordadores, a pessoa que mais mencionou essa época, diretamente, foi Orquídea. Ela comenta que na época vivia muitas discussões em casa, em que familiares atacavam sua aparência, pois ela começava a expressar mais sua feminilidade como mencionado na Instituição Universitária. Ela afirma que rebatia as críticas com muita acidez, mas que isso acentuou durante a época das eleições de 2018. Devido a sua família ser contra o PT, o discurso ideológico voltava-se para o partido oposto, em que o candidato era Bolsonaro. Bolsonaro tem um histórico de muitas frases contra minorias, e isso se repetia durante o processo das campanhas eleitorais.

O conflito gerado entre o posicionamento de Bolsonaro e a família demonstrar intenções de voto nele acabou desencadeando conflitos no ambiente familiar de Orquídea. Para ela, existia uma incoerência em afirmar que ama a pessoa, mas vota em um candidato que se manifesta *contra a existência dessa pessoa amada*. Esse clima, segundo ela, gerou muita insegurança e incertezas. A eleição era crítica para o bem-estar de minorias e existia uma disputa ideológica no país.

E eu achava isso muito triste, porque como pode, né? A gente ficar tão vidrado e iludido por uma coisa que faz com que você quebre até seus próprios princípios e vote em alguém que é contra da sua própria família mesmo, assim, sabe? Que fala mal da sua própria família, é sangue do seu sangue, sabe? Sou sangue do seu sangue, aquele cara não é nada. Tipo, porque você acredita no que ele diz, mas não acredita no que eu falo, enfim, questionável, né? (Orquídea)

Com o resultado da eleição, em que Bolsonaro ganhou a candidatura para presidência em 2018, para assumir em 2019, Orquídea relata que sentiu sua primeira e única crise de pânico. A crise de pânico não veio do nada, mas foi decorrente de uma experiência ruim em um ambiente público e nas narrativas existentes nas redes sociais na época.

[...] no terminal central de Londrina, eu tinha passado por uma situação de que, tipo, um cara, tipo, estava andando até o outro ponto, né? E um cara segurou no meu pulso e aí ele falou assim “quando o Bolsonaro ganhar, gente como você, vai tudo acabar”. E eu fiquei muito assustada, sabe? Daí, tipo, só soltei e saí, tipo, meio que desesperada. E, na época, tinha muito esse estigma, né? De, nossa, quando ele ganhar, fodeu, vão morrer e tal. E teve esse pânico, né? As redes sociais, elas deram muita ênfase sobre isso. (Orquídea)

Para Orquídea, as redes sociais acentuaram um sentimento de medo e de que o mundo iria acabar. Por medo disso, ela que tinha um cabelo cumprido (“um pouquinho abaixo da altura do peito”) cortou o cabelo bem curto por medo do que pudessem fazer contra ela.

[...] eu me tranquei no banheiro, arranquei todos os meus cabelos fora, cortei extremamente curto, tipo, dois dedos, assim, sobrou do meu cabelo, porque eu falei

assim, eu não posso mais ser do jeito que eu era, eu não posso me expressar mais do jeito que eu me expressava, porque eu vou estar colocando minha vida em jogo, né? (Orquídea)

Se no início do ano ela tinha vivenciado muitas emoções positivas por ter entrado na universidade e encontrado uma forte identificação e reconhecimento na *utopia*, agora, ela dizia ter ido do 80 ao 8. O final de 2018, por outro lado, foi terrível. Ao ir para a universidade de ônibus na segunda-feira, ela relata que o clima animado das pessoas havia desaparecido.

[...] era um ônibus que era muita gente conversando, muita fofocaiada para todo lado, e risadas e tal, e foi a primeira vez que o ônibus, que eu peguei esse ônibus no horário de pico, que estava muito silencioso. Tipo assim, assustador. E gente... E eu olhava assim para o lado, e eu lembro que tinha tipo uma menina que era da área lá do CECA mesmo, e ela tipo com uma cara muito abatida, tipo quase chorando, e aí eu olhava assim para o rosto das pessoas, assim, todo mundo meio assim, sabe? Tipo com gosto amargo, com a cara bem triste e tal. E eu também estava, sabe? (Orquídea).

Ao chegar na universidade, ela foi recebida por uma reunião com professoras que asseguraram sua preocupação com suas individualidades e seguranças, e demonstraram apoio aos grupos que poderiam sofrer repressões durante esse período. A universidade se manteria, na fala da professora, um ambiente de segurança para a diversidade.

[...] “gente, o que vocês precisarem, a gente está tudo aqui, nós todas aqui, todas as professoras, a gente foi um baque muito grande ter passado por isso e tal, mas a gente está aqui com vocês. Vamos todos nos unir, sabe? Se proteger, porque o ambiente da universidade é o lugar onde vocês vão mais passar tempo, né? Nesses quatro anos, e a gente quer proteger vocês. Qualquer coisa que acontecesse, vocês falam, porque a universidade até estava vendo de aumentar mais seguranças e guardinhas para monitorar as coisas” (Orquídea)

Para Orquídea, ainda que o final de 2018 tenha sido terrível, ele fez surgir um sentimento coletivo de irmandade e um sentimento mais político, muito mais de resistência que foi muito mais aflorado na época. Ela afirma que batia no peito e se sentia orgulhosa de ser o que era por causa dessa mudança política naquele momento. Atualmente, ela diz que aquela sensação de medo e de fim da existência não foi da forma como ela achou que seria, e que não permitirá mais que a política afete do jeito que a afetou em 2018. Ela acredita estar mais com o “pé no chão” quanto a mudanças políticas, mas entende que a humanidade continua a decepcionar quanto ao respeito pela diversidade, no qual ela cita as mudanças da política da empresa META, responsável pelo Facebook, Instagram e Threads, no início de 2025.

5.7.2 “precisa ter políticas afirmativas” – Políticas públicas

Do ponto de vista legal, eu acho que a diversidade é válida. Tem que ser imposta, sim. Eu acho que tem que ser imposto, porque senão não vai mudar. A galera prefere continuar do mesmo jeito e ignorar as individualidades. E ignorar as cores que cada um tem. Porque, tipo, vai ser mais lucrativo. E quem é marginalizado vai ficar mais

marginalizado, porque vai ficar mais tempo no rancor ali e se ferrando e perdendo chance. Então, eu acho que sim, precisa ter políticas afirmativas. (Louro)

Pensando no âmbito da Instituição Política, houve algumas falas feitas pelos narradores-recordadores que se voltavam para a noção de políticas públicas. Para Louro, as diferenças, em algumas instâncias, devem ser impostas legalmente. Isso não quer dizer que as pessoas devam ser obrigadas a inserir diversidade nas suas relações (pessoais), mas é preciso promover um ambiente em que a diversidade seja respeitada. Louro comenta sobre a dificuldade que passou em se adaptar, ao longo da vida, à realidade. As políticas públicas vêm para minimizar esse sofrimento individual, mesmo que seja uma simples prática de “boa vizinhança”.

Penso que o desafio de ser diverso mesmo, de ser diferente, é realmente tentar mudar a sociedade para ser um pouco menos inadequado. Mas, também, respeitar o espaço individual e cobrar das autoridades que a política se aplique e que a sociedade se transforme. Mas também entender que talvez seja melhor a pessoa só para praticar boa vizinhança e não se meter na nossa vida. (Louro)

Mesmo impostas, as políticas públicas de diversidade se demonstram frágeis em momentos de incerteza. Durante as eleições de 2018, Lilás comenta sobre os direitos conquistados de relacionamentos homoafetivos. Casada, ela se preocupava caso houvesse uma mudança no reconhecimento da união civil amorosa entre pessoas do mesmo gênero, pois isso afetaria sua relação amorosa e sua vida pessoal.

Há também o mau uso das políticas públicas implementadas. Íris relata que, durante uma época em que surgiu uma *trend*²⁰ de ver se alguma pessoa branca havia utilizado cota para ingressar na graduação, o pessoal da república resolveu conferir os membros da república sobre como eles ingressaram na universidade. Para surpresa, um aluno branco usou uma cota de negros, e isso acabou gerando discussão na república. Alguns membros entenderam que a prática foi incorreta e repreenderam o republicano. Mas outros membros da república entenderam que a prática, apesar de errada, não tinha tanto problema, pois a cota de negros tem uma grande taxa de evasão e a pessoa em questão continuava no curso. A discussão entrou na ata da república e deram a opção de o “cotista” sair da república ou prestar o processo seletivo de novo para ingressar em uma vaga que lhe era de direito. A pessoa ainda tentou argumentar, o que fez Íris, o único homem negro da república, rebater.

Já que a gente tinha colocado isso em ata, ele tinha duas opções: ou era ele sair da casa ou era ele fazer o Enem de novo para ele formar com uma matrícula que correspondesse a ele enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade afins porque não tem como ele ter... ele ter se confundido e achar que ele é pardo porque ele e o menino de [outra cidade], eles eram iguais. Eram assim tons de branco na mesma

²⁰ Tendência de comportamento online em que muitas pessoas buscam repetir algum comportamento ou tipo de postagem.

mesmo tom de branco sabe. E daí não faz sentido um menino se achar branco e o outro menino se achar pardo sem nenhum tipo de justificativa sem não tem ninguém na família não tem nada e aí tirou do. Ele veio com uma explicação dizendo que ele achava que quem estudava em escola pública era pardo. Eu fiquei “Isso não faz nenhum sentido. Eu sei que talvez está tentando arrumar uma justificativa esdrúxula para falar aqui comigo mas isso não faz sentido. Lá tem escrito cota de escola pública e tem de preto pardo indígena. Se você não é preto nem pardo indígena porque você foi nessa.” (Íris)

A instituição política, apesar de ter separada para trazer especificamente falas voltadas para as eleições e políticas públicas, é algo que afeta toda a vida dos sujeitos, pois os direitos, a segurança e bem-estar de todos os grupos representados pelos narradores-recordadores deve ser assegurado em uma *instituição justa e ética*. No entanto, o que se percebe na fala de alguns sujeitos é a insegurança que a instituição política acaba gerando por disputas ideológicas, abusos ou uso indevido de políticas públicas de afirmação para grupos minoritários.

De fato, a instituição política não se resume somente a esses dois tópicos, mas na fala dos sujeitos, o aspecto político apareceu somente dessa forma. Algo, de certa forma, inesperada para mim, pois o relato de Orquídea me parecia algo que iria estar presente em grupos que tiveram sua integridade e direitos questionados durante o governo eleito em 2018. Ainda assim, considerando a questão do que fica na memória, talvez o fato de ter assumido um governo que não implementou tantas mudanças como ele havia prometido, e também uma pandemia que marcou muito mais os grupos, possa servir para justificar a baixa relação da instituição política na fala dos narradores-recordadores.

5.8 INSTITUIÇÃO TRABALHO

5.8.1 “quando dá trabalho, já não é tão legal ter diversidade” – Políticas de Diversidade

E a minha empresa, ela tem uma cota de pessoas que são PCD. Tem que ter. E eu lembro que esse meu antigo gestor, quando ele foi contratar uma menina que ela... foi contratar uma pessoa com PCD, ele falou assim pra todo mundo do time ouvir “eu preciso de um PCD que tem uma deficiência não aparente”, porque a menina que tinha entrado antes e saiu, ela era cadeirante. E ela... para ela foi muito difícil porque não tinha acessibilidade de nada para ela. Então, pensa em uma empresa que é focada em escadas rolantes e elevadores, não ter o básico para a menina ir ao banheiro ou beber água, isso é inaceitável numa empresa do tamanho que [empresa] é. (Croco)

Muitas empresas atualmente contam com políticas voltadas para diversidade, comumente dentro de uma nomenclatura de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI). Alguns dos narradores-recordadores mencionam políticas que se voltam para a questão de diversidade dentro da empresa, mas nem todas as menções são com positividade em relação a tais políticas.

Começemos por Croco, que menciona que acredita que na empresa dela, uma empresa de grande porte que pertence a um grupo suíço, apesar de existir políticas de diversidade, ela não as sente de verdade, ou as vê como fachada para atender normatizações, sem o interesse de construir um ambiente que inclua de fato a pessoa. Nas suas falas, ela relata muita insatisfação com o tratamento da empresa com PCD: “Eles deveriam ter uma meta diferente da minha. Já que, por exemplo, tem uma menina que não tem alguns dedos. Então, ela não consegue trabalhar igual eu, que tenho os 10 dedos e uso ele no computador.” (Croco)

Além da não adaptação para as necessidades do PCD, ela relata que dada a normatização, a empresa obriga pessoas com deficiências não-observáveis a utilizarem o colar “como forma de classificar”. Na visão de Croco, o colar, ainda que ajude a identificar as pessoas, não deve ser obrigado, mas ser algo que a pessoa se sinta confortável de usar. Lilás, por exemplo, relata que é neurodivergente (autismo), mas que descobriu após ingressar a empresa em que trabalha atualmente e não sente necessidade de manifestar isso para a empresa, pois isso não atrapalha o seu dia a dia.

Por outro lado, Louro, um homem neurodivergente afirma que não utiliza vaga afirmativa na empresa, e gostaria que algumas de suas necessidades especiais fossem respeitadas. Durante momentos de hiperfoco, ele sente desconforto quando pessoas ficam conversando ou entrando na sala, pois atrapalham o seu desempenho. Assim como a iluminação, que ele gostaria de deixar de um jeito que lhe agradece mais. Em suas palavras:

Eu acho que é o papel da empresa incluir a pessoa no mundo. É isso. Eu não acho que são coisas muito difíceis. Literalmente. Talvez para mim, era só me botar em qualquer canto, que eu ia manter limpo, com uma luzinha e com silêncio... nada mais. É, nada... É, nada... E me deixar livre. Pronto. Para mim é isso. (Louro)

Apesar de trabalhar em uma ONG, o que para Louro já auxilia a ter uma relação com a empresa diferente do que uma empresa da iniciativa privada teria, ele não vê a organização construindo práticas voltadas para a diversidade. Para ele, é importante discutir diversidade, não somente quando é bom, mas quando há intenção de “cobrir a pessoa com um certo carinho especial”. O que ele classifica como “quando é bom” é o interesse de organizações em utilizar os neuroatípicos quando eles trazem ganhos financeiros ou de produtividade para a organização.

Em outro episódio que ele lembrou, Louro, junto da ONG, visitou uma confecção pequena de roupas com foco em roupas especiais para pessoas neuroatípicas que se preocupa com a sensibilidade tátil, que incomoda muitos neuroatípicos. No entanto, quando foram levar a ideia para um colégio de freiras, a recepção foi diferente da esperada.

[...] as freiras têm dois colégios gigantescos, mas um bem famoso lá em [cidade], e a conversa era de fazer uma parceria com ela para fazer [as roupas], porque eles têm bastante estudante neuroatípico lá. E estudante neuroatípico para um colégio que quer

ser padrão, é só problema. É problema da criança, é problema do pai, é problema da família, é problema da criança com as outras crianças. Então, assim, só dá trabalho, entendeu? Para quem está prestando o serviço, é um trabalho a mais por pouco lucro a mais. Então, a [pessoa] propôs, “ah, e se a gente fizesse um estudo, um levantamento com essas crianças, e a gente já fizesse uma farda mais adequada para elas, e sei lá, tipo, possibilidade de parceria”. Aí a freira “é, eu acho legal, mas tem que pensar se vai ser comercialmente viável”. Eu fiquei tipo “gente, mas não é uma associação beneficente?” E aí, tipo, deu para ver a tristeza no olhar da menina, e ela conseguiu ver também a minha surpresa no meu olhar de tipo “putz, cara, quando dá trabalho, já não é tão legal ter diversidade, né?” A verdade é essa, assim. Então, parece que a beneficência tem que separar também as crianças normais das crianças dos beneficiários mais normais, dos beneficiários neurotípicos, assim. (Louro)

Retomando algo que ele mencionou e foi trazido na instituição pública, para ele deve existir a imposição da diversidade nas relações de trabalho. Caso não seja imposta, ela pode dar margem para marginalização do sujeito diverso, ou a atitudes que faltam respeito com este sujeito no ambiente de trabalho. Mas, mesmo com a imposição, ele ainda sente uma sensação de interesse ao inserir sujeitos diversos nas instituições de trabalho: “a sensação é que é mais para incluir a empresa no mercado, tipo, fazer com que ela fique dentro do que é esperado, do que incluir a pessoa”.

A ideia de vagas afirmativas também é vista com preocupação por Dália. Apesar de entender que há necessidade de ter vagas afirmativas, como cota para pessoas trans em concursos, ele sente receio de que ao se inscrever para uma vaga afirmativa, esteja colocando um alvo em si mesmo por identificar-se como uma pessoa trans. Atualmente, com sua aparência, Dália não aparenta ser um homem trans. Caso ele não veja necessidade de falar, a sua passabilidade permite que ele não diga isso quando não se sente confortável. Para ele, fica o questionamento: vagas de afirmação o ajuda ou o prejudica?

Camomila acredita que empresas internacionais apresentam políticas de diversidade mais rígidas. Além de ser coordenadora de curso de graduação em uma instituição privada, ela também atua em uma empresa de um grupo francês. Para ela, o grupo não permite preconceito, algo que empresas brasileiras possam ter de diferente porque brasileiro é “brincalhão”. O mesmo não é observado na empresa de Lilás, estadunidense, que ela relata não ter nada efetivo nas políticas de diversidade. Croco, quando menciona sobre a organização (também multinacional), fala que as políticas voltadas para mulher, assim como as outras políticas, não são realmente eficazes.

eu acho que eu não me sinto acolhida no mundo corporativo de maneira nenhuma. É, por mais que tenha o Pilar de gênero na empresa, é que tem.... É... o Pilar de diversidade. Eles promovem, sim, é... papos entre mulheres e tal... mas eu vou pegar, por exemplo, a minha gestora hoje que ela é mulher. No Dia da Mulher, a gente teve uma palestra e ela mandou mensagem “não quero que ninguém vá, quero que todo mundo vá trabalhar”. Então, pensa, ela como mulher que deveria dar o exemplo e incentivar. Ela não faz... então eu acho que é muito mais da pessoa... como é o “para

trás”, no quesito familiar mesmo. Como aquilo surgiu, como foi criado, como foi... é mostrado para ela o que está certo, que está errado (Croco)

Apesar da empresa promover conscientização, e ter até grupos de diversidade na empresa, Croco relata que todos os cargos importantes estão com homens, e mesmo cargos de níveis gerenciais há poucas mulheres inseridas nesses cargos. A sua supervisora anterior, por exemplo, demorou bastante para subir de cargo, por não se encaixar nos padrões esperados de aparência feminina (Croco relata que a supervisora é albina e entende que isso não a encaixa no padrão ou convencional). No entanto, uma nova supervisora pulou cargos, sendo esta mais jovem e seguindo o padrão estético feminino.

Outro fato curioso é que Croco, uma mulher, negra, obesa, buscou os grupos de diversidade para participar. Quando quis participar, a pessoa responsável perguntou a ela “qual é a sua diversidade” e ela afirmou “eu não tenho diversidade”. Ao responder isso, a responsável barrou o ingresso de Croco aos grupos, pois é necessário ter diversidade para participar. Isso me deixou surpreso, dado que nenhuma das diversidades de Croco são *não-observáveis*. Todas são identificáveis apenas de olhar para ela. Ainda assim, Croco foi rejeitada de participar dos grupos. Ela conclui dizendo: “eu aprendi que tem algumas coisas que elas existem só para cumprir tabela. Não é que elas existem de verdade.” (Croco).

Do outro lado do Oceano Atlântico, em Portugal, Edelvais e Azaleia relatam que nos trabalhos que têm contato com múltiplos grupos de diversidade, e que há um comportamento de respeito mútuo entre todos. Eles relatam que não esperavam isso, tendo já ouvido falar de preconceito de portugueses com brasileiros, e que foram para Portugal preparados para resistir a quaisquer formas de discriminação. No entanto, o que encontraram foram receptividade e respeito nos trabalhos que fizeram, como auxiliar de cozinha, mercado, entre outros.

5.8.2 “um homem não vai passar por isso...” – Discriminação

Então eu lembro que a primeira, o que eu posso descrever que afetou mesmo, foi a forma como eu reagia... então a primeira vez que eu tive, por exemplo, o feedback do meu gestor falando que eu “precisava de uma lipo na língua”, eu fiquei exatamente muito mal mesmo. No tipo “nossa”, pelo fato de ser obesa, ele usar “lipo”, foi algo que... né? E como a minha empresa tem políticas de *compliance*, caberia super, lindamente abrir um *compliance*. Mas o problema do *compliance* é que você precisa ter provas. E como que você tem provas numa reunião onde só está você e o seu gestor? Nunca nem passou pela minha cabeça gravar qualquer coisa, porque jamais passou pela minha cabeça que eu seria ofendida de alguma forma, até porque eu era a primeira do time a bater a meta (Croco)

Quando falamos de discriminação, entendemos quaisquer tipos de preconceitos voltados para grupos específicos ou para características da pessoa. Dentre os tipos de discriminação que

apareceram nas narrativas dos narradores-recordadores, podemos falar sobre corpo, gênero, LGBTQIA+, neuroatípico e neurodivergente, racismo e xenofobia, além de discriminações que incorporavam múltiplos grupos. Algumas das falas, ainda que se voltem para algo discriminatório, são visões positivas sobre o atual cenário de discriminação, em que a instituição trabalho não promove discriminações para grupos específicos. No entanto, essas falas são minoria, como veremos nessa subseção.

Começemos pelo **corpo**, no qual já podemos chamar a citação que iniciou essa subseção onde Croco relata que um gestor dela falou para ela fazer uma “lipo na língua”. A frase dita não se referia à Croco emagrecer, mas para que Croco tivesse cuidado ou pensasse mais antes de falar ou se posicionar. No entanto, a seleção do termo lipo foi algo que pegou Croco de surpresa: “gestor é, ele se referiu a mim como uma pessoa obesa para fazer uma lipo na língua”. Ainda que, após a fala, o gestor afirmou que não tinha “nada contra o seu peso”, o que foi dito já havia mexido com Croco. Ela relata que após o incidente ela passou quatro dias sem falar no trabalho, “porque eu não sabia como contar para as pessoas que porque eu me senti ameaçada”.

Na discriminação voltada para questões de **gênero**, três mulheres contaram sua história: Camomila, no contexto da Engenharia Civil, e Croco e Margarida, no contexto administrativo ou de gestão. Camomila relatou, primeiramente, que na empresa atual não existe preocupações com gênero na empresa, pois “competência e habilidade” se sobressaem. Ela até questiona a necessidade de discursos de aceitação, mas logo em seguida ela reforça: “então isso me parece óbvio, né, mas não é. Precisa ter [discursos de aceitação]” (Camomila).

Durante seus anos iniciais, ela diz que não refletia tanto sobre o que significava ser mulher na área das engenharias. Com vinte e poucos anos e atuando na área, relatou diversas situações constrangedoras que a colocaram, como se a desafiassem.

E eles sabiam, né, que eu não tenho condições de dirigir qualquer carro, mas eles me deixavam uma Toyota Bandeirantes, e eu falava, gente, que absurdo, uma Toyota Bandeirantes para mim, eu tinha vinte e poucos anos, daí eu precisava ir nas obras, eu tinha que ir com aquele carro, né? Então, eu tinha que ir com o carro, ou eles deixavam, assim, o pior carro para mim, assim, ninguém pensava assim, nossa, né? Não era questão que eu não tinha capacidade, mas, assim, uma questão de respeito, entendeu? Eles queriam me provocar, eles queriam me deixar numa situação constrangedora, eles queriam dizer para você, ah, já você não quer ser engenheiro? Então, vai. Faz, pega o caminhão aí e vai, pega a Toyota e vai. Aí, eles não pensavam, eles falavam, não, vamos provocar ela, sabe? Eles não pensavam assim, não, vamos respeitá-la. (Camomila)

Nesse primeiro trecho, ela diz que os colegas de trabalho deixavam os piores equipamentos para desempenhar o trabalho. Ela repete uma frase que ela relatou ter ouvido também durante a sua graduação “você não quer ser engenheiro? Então, vai. Faz.”. Ao colocarem ela nessa situação, ela se sentia, além de desafiada, desrespeitada pelos colegas de

trabalho. Em outros casos, quando assumiu funções de engenheira e teve de lidar com pedreiros e serventes, ela ouviu “você que vai mandar em mim?”. Aqui ela também era constantemente desafiada pelos homens, que buscavam validar com ela coisas que ela sabia que eles sabiam, mas que perguntavam como se fosse com a intenção de fazer *sacanagem* com ela.

Em outro momento, Camomila ainda teve de lidar com um caso de um pedreiro ter sido preso. Ela estava em uma obra na Itaipu, longe de casa, passando por longos períodos afastado de familiares, e quando se viu com essa situação, o seu chefe falou que ela deveria ir na prisão e demandar que ele assinasse o documento de dispensa do serviço. Nesse momento, desconcertada com a situação, ela ouviu do chefe a mesma frase: “você tem que fazer! Você não quer ser engenheira?”. Croco, apesar de trabalhar em outro setor, corrobora com essa visão:

Todo ambiente corporativo é predominantemente masculino, hétero, não existe a possibilidade de você destoar um pouquinho. Rapidamente você é cortado, substituído. É importante destacar que não importa se você só bate suas metas, você precisa condizer o padrão da empresa, como vestimenta, como aparência, mesmo que a empresa não te forneça ferramentas para isso (Croco)

Margarida vivenciou algo parecido. Trabalhando na área de consultoria, em uma das maiores empresas da área no país, ela relata que em alguns momentos, quando ia prestar consultoria para empresas do agronegócio, foi recebida com perguntas “cadê o auditor?” ou “quem é o auditor”. Ela reflete depois sobre o caso: “situações que você fala... nossa, eu acho que, se você pensar no geral, um homem não vai passar por isso... se fosse uma mulher branca, bonita, loira, do olho azul, também talvez não passaria. Então, você acaba vendo que infelizmente não é um... só um achismo ou uma coisa da sua cabeça” (Margarida).

Em outro caso, quando saiu da empresa de consultoria e foi entrevistada por uma das empresas do agronegócio onde qual exerceu a consultoria, ela diz que ficou numa sala com seis sócios (homens) e somente ela de mulher. Durante a entrevista, um dos sócios disse “não é muito comum mesmo ter mulher nesse ramo, né? Ainda mais nessa parte de auditoria e não sei o que vai ficar fiscalizando a gente. Mas, ao mesmo tempo, é bom botar mulher, né? Porque mulher é cri-cri, né? A mulher gosta de pegar as coisas no detalhe.” (Margarida). Ela disse que, na hora, afirmou não saber se era uma ofensa ou não, mas que consideraria como um elogio. Levou na brincadeira e continuou. Margarida é uma mulher bem forte e firme no que diz. Ela disse que sabe o machismo existente na área agro, conhecida por ser “extremamente masculina e extremamente bolsonarista”, mas que apesar de ser assim, ela não se afeta. Ela engole o orgulho e prioriza o profissional, pois ela tem objetivos maiores.

A gente tinha departamento de eletrônica, eletrotécnica, segurança, mecânica, construção civil, e eu era estagiária desses departamentos, assim, as coisas que eu ouvia, olha, eu nem contava com meus pais, porque, senão, eles iam mandar eu sair, assim, sabe? As coisas de conotação sexual, sabe? As piadas, sabe? Aquelas coisas

assim, ah, vamos lá na minha casa, sabe? Essas coisas assim. Quando eu entrei na Amanco, Amanco é maravilhosa, é uma empresa maravilhosa, mas tinha um representante comercial, que uma vez eu fui numa convenção também, e daí tinha várias mulheres e homens, mas eu era a única mulher solteira, e ele era um homem casado, e ele pegou, no meio da convenção, assim, entre outros colegas dele, e falou, “passa lá no meu quarto depois, pra gente conversar”, sabe? Então, assim, isso aí, e eu já tinha anos de formada, isso aí me incomodava demais, porque eu pensava, essa pessoa não me respeita como profissional, ela não respeita a atividade que eu desempenho aqui, ela acha que eu vim pra outra finalidade, então, a mulher passa por isso constantemente, sabe? (Camomila)

Nesse outro trecho, ela menciona as “piadas” que homens acabam fazendo no ambiente de trabalho. Piadas de cunho sexual, reduzindo a mulher a um objeto de prazer, foi mencionado também nas falas de Croco e Margarida. Margarida mesmo menciona que um funcionário mais velho, de aproximadamente 50 anos, chegou nela e pediu um beijo de cumprimento. Quando ela foi recebida por esse comportamento, avisou a ele que não gostou e que se isso se repetisse, ela o denunciaria por meio do *compliance* da empresa. Ele retrucou com a famosa “não pode falar nada para mulher que é assédio”. A questão é que existem elogios e elogios, segundo Margarida: “certos elogios que ao invés de enaltecer a gente, acaba deixando a gente mais constrangida. Então é isso que às vezes muitos homens não entendem...”

Na questão da vestimenta, Margarida ainda relata ter passado por situações que mulheres passam devido a forma de vestir. Quando era mais nova, começou a trabalhar com 15 anos em uma empresa como menor aprendiz e permaneceu nela até depois de atingir a maioridade. Quando estava entre 18 e 20 anos, ela diz que um homem (“homem velho, pai de alguém”, nas palavras dela) virou-se para ela e disse “dá para ver que virou mulher mesmo”. Esse comentário a pegou completamente despreparada, pois, segundo ela, vestia um uniforme, com botina, calça de peão, camiseta larga. Ela não usava nada que chegava perto de mostrar o seu corpo. Para ela, isso é uma preocupação recorrente na vida de mulheres e que “você se sente culpada, às vezes, ainda...”.

[...] agora que deram o uniforme, para a gente, a camiseta. Mas eu sempre tive posturas de uma calça social, não ficar marcando muito o corpo. É um ambiente muito masculino [empresa do setor agrícola]. Que eu também já não gosto, tipo, para não dar brecha de ninguém falar nada e não “ah, mas você está com uma roupa mais...”. Não. Não gosto disso. E já para não dar brecha para essas coisas, eu já meio que vou com uma roupa que também não chama tanta atenção e tudo mais. É bizarro. É bizarro, mas, infelizmente, a gente [mulheres] tem que pensar nisso. (Margarida)

Outra situação relacionada a mulher na organização diz respeito a gravidez que faz com que a mulher se afaste do serviço por determinado tempo. Croco menciona que na sua organização, houve uma mulher do time que em nove meses de trabalho engravidou. Quando ela saiu de licença, as pessoas falaram que quando ela voltasse seria demitida. Ao voltar da licença, a funcionária foi demitida. Croco não deixa claro quanto ao tempo, mas a suspeita de

demissão se concretizou. Apesar de não estar planejando uma gravidez atualmente, Croco relata que isso gera receio nela, pois é algo que futuramente vai acontecer.

[...] então isso eu já tô sentindo na empresa... que, quando você engravida, você para no tempo. Infelizmente você não... não... por mais que depois você volte, siga sua rotina, você não é mais promovida, você não é mais vista, você fica dentro de um... de um ciclo muito pequenininho assim, de mães que nunca vão sair daquilo E é isso. E você... e você pode batalhar muito, porque eu tô vendo assim, tem uma moça que trabalha, como é que ela tá, ela tá batalhando muito, e ela ainda não... não vai sair do lugar. E é literalmente porque ela teve um bebê, então eu acho que esse é um segundo preconceito, que eu não tô vivendo, mas provavelmente eu vou viver assim que eu engravidar. (Croco)

Croco entende que as mulheres que progridem na carreira “são bonitas, são magras”, isso quando há promoção de mulheres (em um cenário onde todos os cargos mais altos na hierarquia da empresa pertencem a homens, com apenas uma mulher entre eles). Essa única mulher promovida não tem filhos e é solteira. Margarida mesmo relata que durante sua permanência na empresa de consultoria, ela negligenciou todos os outros aspectos da vida para focar no trabalho. Era o objetivo dela para aquele momento, mas hoje ela diz que prefere um equilíbrio e não quer deixar de lado a importância de relações pessoais e amorosas. Isso, é claro, sem deixar de performar como acredita que precisa na organização.

Partindo para a discriminação com **LGBTQIA+**, iniciarei com o relato de Croco sobre ter presenciado discriminação contra um homem gay. O referido homem era uma pessoa que, segundo ela, já estava trabalhando um tempo com a equipe (18 mulheres e somente ele de homem), que durante o período da pandemia não mencionava nada, mas que, ao voltar ao presencial, ele tentou esconder por um tempo (“Mas eu entendo o lado dele na questão do corporativo, né? Sobre o preconceito, como ia ser”, Croco diz a respeito disso) sem sucesso. Devido a ser visivelmente um homem gay, ela presenciou piadas direcionadas à ele no ambiente de trabalho.

É, eu tenho certeza, porque eu presenciei sim, diversas piadinhas homofóbicas, diversas mesmo. E teve uma vez que eu cheguei para ele e falei “você que eu abra *compliance*” e ele falou “não, imagina”. Porque na minha empresa existe um mito que se você abrir um *compliance*, você é demitido. Então eu pensei que se eu abrisse para uma situação que não era comigo, talvez eu não seria, mas eu não abri. Ele não me autorizou. (Croco)

O que Croco presenciou não foi um caso isolado, mas apenas uma reprodução de comportamentos que outros narradores-recordadores mencionaram ter presenciado ou vivenciado em um ambiente corporativo. A ideia do colega de trabalho de Croco de esconder sua sexualidade não é única. Jasmim, por exemplo, relata que ao estagiar em uma empresa durante a graduação vivenciou medo em conviver em um ambiente muito masculinizado do

setor. Felizmente, Jasmim relata que nunca vivenciou violência ou preconceito diretamente a ele, mas já ouviu diversos comentários, estereótipos.

Durante os momentos de descanso na cafeteria da empresa, os homens conversavam sobre diversos assuntos. Muitos desses comentários que, como diz Jasmim, deixavam-no mais acuado a ter aproximação com estes homens. Dentre os comentários, eles falavam sobre mulheres lésbicas “na minha turma tinham três meninas, na verdade só tinham duas porque uma era sapatão. Porque se ela é sapatão ela não é mulher”, ou o clássico “esse cara é viado”, uma *brincadeira* comum entre homens.

Por presenciar essas brincadeiras, Jasmim se questiona caso o pegassem para *brincar*. O que ele responderia? “Eu sou mesmo”. Para ele, isso era confuso, pois ele sentia que deveria falar alguma coisa. “O que que eu respondo? Então era... era difícil”. Ele relata o quanto isso o deixava inseguro logo em seguida.

O momento quando estavam só homens... então, era o... ah, era o momento perfeito para eles fazerem esse tipo de brincadeira. Aí eu sempre ficava meio no canto. E eu nunca tive muito contato com eles também. Eu acho que talvez por isso também, porque... é... ah, você quer evitar. Porque você vê que se você atinge o nível de intimidade com esses caras, eles vão começar a fazer esse tipo de brincadeira com você e [ver] que você não gosta. Que você fica desconfortável. E geralmente essas brincadeiras, é, elas são... ah, funciona igual o bullying, né? É, se você responde com incômodo, você vai receber duas vezes mais. Então, quer dizer, você não tem saída. É, você ri com eles ou você não tem contato com eles. Você se isola, né? Então, isso é uma das coisas que me incomodava lá. É... Por isso eu tentava... com eles eu tentava ter o contato só profissional mesmo. (Jasmim)

Quando o perguntei sobre a escolha da vida acadêmica, se havia alguma relação com querer se afastar desse ambiente corporativo, ele relatou que não via dessa forma, mas que poderia haver uma relação. Para ele, a escolha de fazer mestrado e doutorado tem mais a ver com independência ou flexibilidade.

[...] se eu estou numa posição de independência, pouco me importa se eu estou trabalhando num departamento com outros professores que sabem que eu sou gay, alguma coisa da minha vida pessoal. Não muda nada. Mas na companhia, se tem um chefe que tem problema, pode tentar fazer a vida difícil. Então, existe o medo de ter a carreira profissional prejudicada pelo fato de ser gay (Jasmim)

Azaleia e Edelvais relatam que em Portugal não tiveram problema quanto a sua sexualidade e sobre estarem casados um com o outro. Quando um português hetero cis mais velho chegou em Edelvais para falar sobre isso, ele disse “entre eu e você não tem diferença nenhuma. A diferença é que você joga nesse time e eu jogo no outro”. No Brasil, no entanto, eles relataram que algumas vezes foram questionados sobre perguntas indelicadas. Para Azaleia, “por [eu] ser gay, [o outro] acha que pode perguntar certas coisas que não perguntaria [à heteros]” (Azaleia). Dentre os tipos de pergunta, Edelvais complementa: “quem tem o papel da mulher?”, ao qual ele responde que é um relacionamento entre dois homens. Edelvais é bem

crítico em relação à pergunta “você é gay”. Para ele, o rótulo limita sua própria existência. Ele comenta: “mas o que é gay? Eu sou eu. Eu sou o Edelvais. O que que é gay? O que é isso? O que é aquilo?”.

Em outra *letra* da sigla, temos a vivência trans no trabalho. Dália, por exemplo, por poder escolher ou não afirmar ser um homem trans, ele conta que, ao virar professor, teve de escolher lutas e priorizar um papel: “Dália professor” para depois vir “Dália trans”. Durante o tempo que ministrou aulas de diferentes assuntos, teve um caso especial com uma aula voltada para diversidade. Nessa aula, Dália relatou que muitos alunos faltaram, o que lhe permitiu se abrir e contar aos discentes sobre sua transexualidade. Segundo Dália, era “difícil não se colocar” naquele assunto. As reações dos alunos foram de surpresa, mas de aceitar bem. Esse ato de *sair do armário* foi significativo para ele: “aquilo para mim, foi um start assim... Não quero trabalhar em um lugar que eu não possa existir de verdade” (Dália).

Enquanto uma mulher trans, Orquídea relata uma percepção parecida. Ela começou a ver o aspecto legal da transição no início de 2025, então, todas as experiências no ambiente de trabalho foram com documentos da identidade masculina. Na primeira experiência, ela relata que não fez questão de se assumir trans e aceitava ser chamada pelo seu nome masculino e por pronomes masculinos. Para ela, era como uma guerra fria, onde ela não contava, e ninguém questionava. O fato de ser uma mulher trans, para ela, é como se fosse uma joia:

[...] eu sentia que isso era uma coisa muito... como se fosse uma joia minha. Assim, sabe, que eu escolho com quem as pessoas eu vou partilhar isso. E aquelas pessoas, para mim, não valiam a pena. Então eu meio que... era como se era uma outra persona ali, sabe? Um alter ego, ali, vivendo. (Orquídea)

Quando estava no processo seletivo para seu segundo emprego, ela relata que enviou os documentos masculinos, mas que, quando entraram em contato pelo WhatsApp, viram seu nome no perfil diferente do nome no documento e a foto feminina, logo a recrutadora deduziu se tratar de uma mulher trans. A recrutadora perguntou “como quer que eu a chame?”. Para ela, essa reação a deixou “muito ligada”. Durante a entrevista para a vaga, ela relata que preferiu enviar documentos masculinos porque “não é todo mundo que chama trans, né? Eu queria garantir minha vaga ali, então, tipo, se fosse pra, sei lá, no trabalho, fingir-se um garoto ali, mas pelo menos eu tivesse um dinheiro, eu faria, sabe?” (Orquídea).

Ao ser chamada para assumir a vaga, todos na alfaiataria passaram a tratar ela pelo nome e pronome femininos, ainda que não tenha documentos para isso. Durante a contratação, Orquídea relata que as donas do negócio se mostraram abertas para isso: “eu nunca conheci uma, vamos dar o nosso melhor! Você é uma de nós agora”. Para Orquídea, isso não foi

estranho. “As pessoas não têm muito contato mesmo”. Ela continua: “E é muito bom, assim, tá num ambiente, assim, que você é respeitada, que você... Eu me sinto segura lá dentro, sabe?”.

O único relato que ela teve referente ao segundo trabalho foi uma preconceção que uma funcionária mais velha teve dela.

“eu aplaudo você por você, tipo, ser quem você é, porque não é fácil”. Tipo, às vezes eu penso assim, na hora eu fiquei bem assim... eu achei bonito o que ela falou. Mas, no fundo, eu ficava pensando... gente, as pessoas devem achar que eu sou muito sofrida! Porque ela falou assim... “eu achei que eu fosse uma pessoa, assim, muito guerreira e pra frente, sabe? Mas olhando pra você, eu vejo que você é muito mais, assim, você é muito admirável, porque você já deve ter sofrido muito na sua vida e olha onde você tá trabalhando, tá seguindo seus sonhos e tudo mais. Você deve ter, tipo, passado por situações horríveis, mas mesmo assim, você chega aqui, tá vestida do jeito que você se sente confortável, tá com a aparência do jeito que você se sente confortável e tudo mais.” E aí eu ficava, tipo assim... ai, obrigada pelo carinho, mas ao mesmo tempo eu falava assim... gente, eu nunca sofri nada?! Tipo assim, no geral, assim, de dificuldade... mas eu entendo, assim, porque realmente não é fácil, gente. Na realidade, eu nunca sofri, porque eu também me privo muito, né? O que é triste, né? Mas eu entendi o que ela quis dizer e eu achei muito legal, assim, só porque ela já é uma pessoa mais de idade, então foi, tipo, assim, um outro olhar ainda, sabe? E foi muito bom, assim, estar ali, estar sendo validada (Orquídea)

Ainda que fosse, como a própria Orquídea relata, um olhar de que uma pessoa trans sofre, foi encarado por Orquídea como um olhar generoso e reconhecendo ela, validando-a como ela é, sem menosprezar ou diminuir ela.

Adentrando nos **neuroatípicos** e **neurodivergentes**, os relatos foram escassos, pois três dos relatos são descobertas muito recentes. Para Dália, ter se descoberto como pessoa com autismo permite para ele fazer sentido sobre o seu costume de criar personagens, para agir como menina durante a infância e adolescência, ou para ser professor agora. Lilás, também autista, afirma que após ter o diagnóstico, não anunciou isso para a empresa, pois não sente necessidade de falar sobre algo que não afeta seu desempenho: “na tecnologia, é um ramo bem mais fácil de... tipo, contanto que você entregue o que foi pedido de vocês, não importa” (Lilás).

Para Louro, o diagnóstico de autista permitiu que entendesse vivências passadas em processos seletivos. Em um processo seletivo quando morava em outra cidade, ele relata que houve uma rejeição por “falta de brilho nos olhos”. Hoje, ele entende que essa falta de brilho tem a ver com sua condição neurológica, pois o trabalho era somente trabalho. No emprego atual na ONG, ele relata que após afirmar ser autista na empresa, os recrutadores puderam compreender “estranheza” que houve na entrevista. Em momentos como as falas da freira para crianças autistas, ele mencionou para a pessoa que lhe acompanhava que era autista e a pessoa reagiu com surpresa “nossa, mas você é autista?”. Louro continua: “Essa é uma reação bem comum, assim, de as pessoas se surpreenderem mesmo por eu ser [autista]. Porque teoricamente funciona super bem em sociedade, eles esperam que autista seja aquele estereótipo, né?”

Outro aspecto é em relação a doenças, como a depressão. Croco relata que, durante um estágio na graduação, ela vivia um quadro de depressão e resolveu compartilhar para o chefe o que ela passava. Ao contar para ele, ele agradeceu por ter contado sobre a depressão para ele, mas respondeu *muito honesto* (em sua visão) que tinha uma vaga para ela, mas devido aos problemas apresentados (depressão), ela não era apta para a vaga. Para ela, isso foi quase como um livramento.

[...] quando eu tive uma fase de depressão, eu percebi que eu nunca tive acolhimento da empresa. E você não pode falar sobre isso. Você não pode falar sobre [a sua] saúde mental no corporativo de maneira nenhuma. E eu não sabia. Eu achava que era um ambiente seguro, porque é seguro falar o que se pensa. Porém, não no corporativo. Então eu fui bobinha e contei sobre as coisas que eu estava passando, que eu estava sentindo, as dificuldades que eu estava enfrentando, e eu gentilmente fui convidada a ser retirada da empresa. (Croco)

A empresa no qual esse episódio aconteceu era uma empresa de grande porte, de caráter internacional, mas que ainda lidou dessa forma quando a Croco relatou os problemas que estava passando. Esse estágio aconteceu entre 2015 e 2016, um tempo em que já se falava, menos do que hoje, sobre a saúde mental no trabalho. No entanto, para ela, isso demonstra como o meio corporativo reage a questões que ele não pode controlar ou, como Louro diz, usar para seu benefício.

Adentrando agora na questão do **racismo**, ele foi pouco manifestado nas falas das pessoas negras no ambiente de trabalho, sendo somente Margarida que comentou a respeito de problemas que a cor de pele gerou no trabalho. Para ela, não há clareza se os episódios que ela vivenciou foram atribuídas a sua cor de pele ou ao fato de ser mulher, sendo que ela acredita mais ser relacionado a ser mulher do que a cor de pele propriamente dito. Houve três momentos em que ela relatou ter vivenciado episódios de racismos, sendo um deles não diretamente para ela, mas que mexeu com ela.

[...] não tive problema com racismo, mas foi muito, com algumas coisas, algumas situações que aconteceram ali, que eu fui, assim, tipo, meio, meu Deus. Como, por exemplo, lá eles começaram a contratar haitianos, pessoas refugiadas, né? Que vieram pro Brasil, procuravam uma vida melhor e tudo mais. E aí, numa dessas, eu era responsável por um setor, e um dado momento, eu estava numa mesa com sócios da empresa, nós éramos cinco, e era uma empresa familiar. Então, era pai e mãe e os três filhos, todos brancos, né? E aí, eles falaram assim “ah, a gente tem que tomar muito cuidado com essa gente, porque tudo é questão de racismo hoje em dia, você não pode falar nada que qualquer coisa é racista. Então, tem que tomar muito cuidado, mas a gente também tem que ficar esperto, porque a gente sabe que essas pessoas podem vir aqui e roubar a gente, porque eles não têm nada a perder”. Então, essa foi uma frase que eu nunca esqueci, me chocou muito, assim. E aí, eu fiquei, tipo, sem reação, não pude falar muita coisa, porque eu precisava trabalhar. Mas, foi o único momento que eu tive mais impacto, eu falei, gente, eu também sou, né? Mas, na hora, eu não tive muita reação, e só ouvi, achei bizarro, e tentei absorver aquilo. E aí, eu percebia, no dia a dia, os tratamentos, o pessoal era um pouco diferente. Eles tratavam com um pouco mais de desdém, assim, incomodava um pouco. E foi um dos motivos, também, de eu ter saído. Eu fiquei sete anos nessa empresa, eu entrei como gerente, na época,

fiz a missão, e saí. Fui. Só fui, assim, porque eu cheguei no meu limite, assim, de esgotamento emocional e físico e mental e tudo (Margarida)

Neste relato, misturado um pouco com xenofobia, Margarida relata sobre a fala dos sócios da empresa sobre os haitianos que estavam trabalhando na época. Ela não comenta sobre as condições de trabalho, mas que havia um tratamento diferente em relação a esse grupo de trabalhadores. Enquanto pessoas brancas, a questão de falar “você não pode falar nada que qualquer coisa é racista” demonstra um comportamento hostil e que, como Margarida disse, ficou marcado nas memórias e a chocou muito.

Em outro episódio vivenciado por Margarida, dessa vez direcionado à ela, uma mulher comentou sobre seu cabelo, se referindo ao cabelo dela que é cacheado como “cabelo meio coisadinho” para exemplificar o cabelo da *menina que trabalha lá em casa*, apesar de que, segundo a mulher, o cabelo da menina é “um pouco mais ruinzinho”.

No trabalho eu tive poucas situações que eu me lembro, que eu me recordo, de sim ter... ah, eu já tive uma questão com o meu cabelo. Uma vez eu estava trabalhando, e eu sempre tive muito cabelo, meu cabelo sempre foi cacheado e tudo mais. E aí, numa das empresas que eu estava trabalhando, uma mulher chegou assim, dondoca também. Loira, toda padrão, cabelo platinado... aquelas coisas. Aí, eu não sei o que que ela... ela estava conversando com uma pessoa. E aí ela estava comentando sobre alguém, não sei quem é, e ela só olhou para mim e falou assim “Ah, o cabelo dela é meio... é meio...” ela fazia assim com a mão [gesto como se estivesse pegando algo] “é meio... é coisadinho... assim... tipo dela... sabe?” meio que foi lá no meu cabelo. Eu, tipo, eu fiz assim [se afastou da *dondoca*]. Ela falou assim “Não, eu não estou achando ruim o seu cabelo assim não. Só estou tentando dar um exemplo que o cabelo da menina que trabalha lá em casa é parecido com o seu, só que o dela é um pouco mais ruinzinho”. Aí eu olhei para a cara dela assim [com cara de paisagem ou confusão], aí eu “Defina ruim para mim. O que que é ruim para você? Eu não entendi, porque eu não acho o meu cabelo ruim não. Eu acho ele incrível. Inclusive, o meu cabelo é maravilhoso. Não sei qual que é a sua definição de ruim.” Ela “Não! Não é nesse sentido não! Jamais! Não quis ofender não. Ah, é modo de falar, a gente acaba com esse vício de linguagem... hoje em dia não pode falar mais essas coisas.” Eu falei... eu falei... “Realmente, hoje em dia a gente não pode falar essas coisas porque está ofendendo, né?” Então, eu falei “Eu acho então, não sei, eu acho que é porque você não tem o cabelo cacheado, que é o jeito correto de falar, ou crespo, que também é uma outra nomenclatura que a gente usa para o nosso cabelo... mas ele é ótimo. A gente não precisa gastar horas em um secador de cabelo, em uma chapinha igual você gasta. Então, meu cabelo é bem tranquilo mesmo. Bem de boa” “Ah, realmente...” aí ela já mudou... “Ah, realmente... nossa, eu gasto horas. É cansativo... não sei o que... Ah... mas eu acho o seu cabelo lindo... você é maravilhosa...” “Obrigada...” Então, foram situações assim, que a gente vai ouvindo. (Margarida)

Essa não foi a única situação voltada para o cabelo. Em um restaurante que ela foi com uma amiga do trabalho almoçar, um homem que estava na sua frente na fila virou-se para ela e para a amiga e comentou sobre o coque que Margarida usava no cabelo: “que interessante o seu cabelo, não precisa nem de chapéu”. Elas não reagiram e ele repetiu a mesma coisa, e, sem reação, elas apenas olharam para ele, falaram “meu Deus” e deram uma risadinha. Ela entende que, por ser um senhor de idade, na cabeça dele pode ser que isso tenha sido um elogio, mas ela pontua: “ninguém vai falar isso de um cabelo liso” (Margarida).

Quanto a **xenofobia**, além do episódio relatado por Margarida, há também Dália, que é nordestino, que relata ter vivenciado em uma entrevista de emprego no estado do Paraná, região sul do país, um comportamento que ele achou estranho. Quando ele passou pela entrevista, que um outro amigo sulista também havia feito, ele foi questionado em muitos outros pontos que o amigo não foi questionado, apesar de ter mais experiência que o amigo para a função da vaga. Para ele, isso provavelmente aconteceu devido ao fato dele ser nordestino e do estigma que existe com nordestinos na região sul.

Em outros casos de discriminação mencionado, há alguns que Croco menciona que não são direcionadas a ela diretamente, mas reflete seu pensamento e sua visão da realidade discriminatória no ambiente corporativo. Para ela, o preconceito existe, mas ele é jogado “por baixo dos panos”. Ela comenta:

Agora, focando no empresarial, durante todo o tempo, as pessoas tentam parecer que não [são preconceituosas]. Elas falam frases e fazem coisas pra não parecerem que são racistas, preconceituosas, xenofóbicas, ou o que seja. Elas tentam ser, mas é sempre aquelas mesmas piadinhas, aquelas mesmas entregas de “ai, mas você tá assim”, “mas você faz isso, sabe?” É uma coisa mais sutil. Até porque, se for muito explícito, tem problemas (Croco)

Nessa fala, ela exprime que os comportamentos controlados e ambientes não preconceituosos e/ou discriminatórios o são assim por medo de ter problemas, ou as consequências (tanto legais ou sociais) que determinadas falas possam desencadear. Por isso, os comentários são tecidos por meio de piadinhas ou frases mais sutis.

5.8.3 “sempre uma incógnita” – Relações de trabalho

A gente não é amigo ainda, mas eu estou todos os dias com eles. Agora não, que a gente está de férias. Mas eu estou todos os dias com eles e eu comecei a me sentir... sempre vem aquela insegurança sabe? Porque você muda de emprego e por mais que eu tenha uma titulação a mais, você nem sempre eu me sinto seguro para fazer aquilo. Mas está indo, sabe Pablo? Está fluindo e eu tento entender que na minha vida é um ciclo de aprendizagens. Então... não sei. Acho que eu falei sobre tudo, agora cheguei no meu ponto trabalho, aqui no meu post que eu botei. Essas relações não foram aprofundadas então não tenho como dizer se como é que vai dar. Mas quando se trata de pessoas é sempre difícil, sempre uma incógnita na minha cabeça. Se eu vou falar com aquela pessoa, no geral eu evito. Mas a gente não tem como fugir disso. (Dália)

Quando se está em um ambiente de trabalho, existem incertezas sobre o quão verdadeiro você pode ser com aquelas pessoas, pois existe um risco, uma *incógnita*, sobre como aquela pessoa vai reagir à sua diferença, ao que lhe torna diferente. Iniciando com Dália, ele comenta que no ambiente de trabalho, em uma instituição de ensino, ele contava pontualmente para seus colegas de trabalho que era trans, principalmente para pessoas que identificava serem do meio (LGBTQIA+) e evitava amizades com homens cis. Após trocar de trabalho, ainda na área de

ensino, mas agora no ambiente virtual, ele disse que não consegue saber se pode confiar nas pessoas, o que dificulta a criação de vínculos *verdadeiros*. Em alguns casos, quando há uma pessoa com crenças fortes, ele afirma ficar com um *pé atrás*. Sua relação com a religião, conforme tratamos dentro da Instituição Religiosa, fora um pouco conturbada, e ele ainda guarda traumas com pessoas que são ativamente crentes.

Apesar de sentir dificuldade na relação com colegas de trabalho, quando se trata dos seus alunos, Dália relata que cria um vínculo emocional forte com eles, o que lhe deixa com mais vontade de construir vínculos *verdadeiros* com eles. Ele disse que, na sala de aula, acabava identificando pessoas com comportamentos e histórias semelhantes aos seus durante a mesma idade dos alunos que lecionava. Por isso, ele entende que ele pode atuar como um pilar de representatividade, enquanto homem trans, para a vivência dos outros: “poxa, se eu falo que eu sou um homem trans, um professor trans, eu trago pra essas pessoas uma coisa que eu não tive: representatividade” (Dália).

Jasmim, que também segue a carreira de docente no nível superior, mas na área de Engenharia Elétrica, relata que não tem um plano de como pode contribuir para pessoas como ele no ambiente institucional universitário. Ele entende que ao estar lá, na posição que ele pretende alcançar, e sendo transparente quanto à sua sexualidade, como um homem gay à frente da sala de aula ou na pesquisa, ele pode ser um exemplo para minorias que queiram alguma coisa parecida, para saberem que dá para chegar lá.

Para Jasmim, o ambiente acadêmico ou da docência é melhor do que o ambiente corporativo. Durante seu estágio, ele relata algo parecido com o que Dália menciona sobre o ato de se assumir, no ambiente de trabalho, onde você se encontra sozinho. Para Jasmim, é um ato de coragem, pois você não consegue saber se isso pode ser usado contra você no futuro ou qual o nível de contato que aquelas pessoas têm com a diversidade, diferente da universidade onde, por se familiarizar com este ambiente, sabe que pelo menos as pessoas terão contato com diversos grupos, o que lhe tornaria só “mais um contato que a pessoa tinha com a diversidade na universidade”. Portanto, o ambiente corporativo é incerto.

[...] depois, pro trabalho, eu cheguei no meu trabalho e você chega fechado, né? Porque... Você não conhece as pessoas, aí você não sabe o nível de intimidade que você pode compartilhar da sua vida. Enfim, porque é trabalho, negócios. E, lá, eu não me senti confortável em me abrir nesse nível. Assim, de falar que eu era gay (Jasmim)

Isso não quer dizer que Jasmim quer se sentir à vontade para, por exemplo, compartilhar problemas amorosos. Para ele, o que é preciso é uma certeza de que, caso você encontre em um ambiente fora do trabalho com a pessoa enquanto está com seu namorado ou namorada, isso não se torne algo que vá impactar sua vida dentro do trabalho. Assim como a possibilidade de

falar tranquilamente, em conversas sobre o que fez no final de semana, que ficou com seu marido, algo que ele vivencia atualmente no pós-doutorado na Dinamarca.

[...] é que você não sabe como as pessoas vão reagir, né? Se, sei lá... se é que eu acho... que eu não sei se você tinha esse medo, mas esse medo das pessoas mudarem com você, sabe? De porque você já tem um carinho, já tem uma relação próxima, mas você não sabe como pessoa vai reagir. Então eu acho que isso é muito complicado... é, e isso faz a gente às vezes ficar relutando em... é... em se abrir, ou assim, eu não tô nem falando de você. É porque para casais héteros é tão fácil isso, sabe? Você começa a namorar uma semana, na outra os seus colegas do trabalho já sabem... é, sei lá, sua família já sabe. Para a gente acho que não é assim, porque eu não tô falando que eu quero conversar com a pessoa sobre um problema que eu tenho um relacionamento. Não. Só ela saber que ela vai me ver com esse cara na sala, no shopping, e é meu namorado. É uma coisa tão pequena, mas pra gente fica grande. Não é? Não é simples, né? E acho que devia ser simples também (Jasmim)

Camomila afirma que grupos minoritários, apesar de ter estudado e ser profissional, competente, sempre estão em uma posição de “lutar a mais” por julgamentos em relação à “cabelo, pela roupa, pela cor da pele, pelo *posicionamento* sexual, pelo posicionamento social”. Ela prossegue: “E ela tem que lutar porque não vão acreditar nela, entendeu? Mesmo que ela tenha todos os diplomas, todos os currículos, a pessoa vai julgar ela ali por aquela condição.” (Camomila).

De fato, a luta está presente nos relatos. Na questão da roupa, Margarida conta que devido a acontecimentos no passado (como os relatados anteriormente), ela busca se precaver para não criar situações que fossem constrangedoras no futuro. “O que é errado também. Você trabalha com medo. Que roupa que eu vou vestir hoje? Para não parecer muito o meu corpo. É uma coisa bizarra. Você não deveria se preocupar com isso, mas é uma realidade de muitas” (Margarida).

Louro comenta que, em um ambiente profissional, assim como em outras instâncias da vida, ele precisa construir um personagem (como o que Dália e Orquídea comentam), no qual ele performa para se conformar às expectativas de neurotípicos. Para isso, ele relata ter de calcular tudo, elaborar cenários, o que é exaustivo. Atualmente, com o diagnóstico, ele tem uma postura diferente da que tinha antes. Ele continua a levar o trabalho muito a sério, pois “trabalho é mais importante do que relação com as pessoas” para pessoas neuroatípicas, segundo ele, mas atualmente ele não *veste a camisa* de nada, pois “ninguém vai vestir a minha, sabe?”.

Orquídea, mulher trans, também se sente dessa forma. Para o ambiente profissional, no trabalho que era tratada pelo nome e pronomes masculino, ela sentia falta de confiança para se abrir com aquelas pessoas no ambiente. Devido ao estigma de “não tem lugar de trabalho para travesti”, o medo de se assumir uma mulher trans ocasionar uma demissão fazia com que ela performasse também um personagem *padrão* para que não houvesse problemas.

Apesar das situações relatadas, Camomila acredita que a desigualdade entre grupos diferentes melhorou muito. Como ela é a narradora-recordadora mais velha entre todos, sua percepção de mundo é que houve uma melhoria, com mais oportunidades para mulheres, que pessoas possam ser mais verdadeiras sobre si no ambiente de trabalho, ou que isso pelo menos não afete o julgamento sobre a pessoa, que ela será tratada de forma justa e igualitária.

Ainda que eu discorde que estejamos no cenário ideal de igualdade, eu entendo a visão de Camomila. De fato, existe uma maior divulgação e conscientização da sociedade de um modo geral a respeito da diversidade, mas isso não impede grupos minoritários (eu incluso) de sentirem medo sobre como as pessoas vão reagir ao manifestarmos nossas diferenças *não-observáveis*. Sem menosprezar os avanços, podemos melhorar a diversidade no contexto institucional do trabalho.

5.9 INSTITUIÇÃO SOCIAL

5.9.1 “para mim mudou na hora” – Identificação e Aceitação

[...] tendo essa aceitação social ali, foi meio que, tipo, assim, nossa, é meio que uma validação, sabe? Então, eu falava, nossa, meu, que bom que essa validação está acontecendo, porque cada vez mais eu ficava, tipo, assim, não, é isso, eu sempre vivi minha vida normal, sabe? Na realidade, eu nunca busquei validação de ninguém, né? Eu não preciso disso para viver. Mas, no fundo, no fundo, a gente quer ser validada sim, quer ser validada sim, porque nada melhor do que você só chegar no estabelecimento e, tipo, ser tratada do jeito que você quer ser tratada, sabe? Com respeito e tudo mais (Orquídea)

Nesse primeiro momento, olhando de modo geral para a vida dos narradores-recordadores, temos momentos em que eles falam sobre si, sobre se aceitar, e sobre entender a sua relação com o mundo. Para alguns, tudo sempre foi claro. Azaleia, por exemplo, entende desde pequeno que gostava de meninos, assim como Orquídea, que na época se via como um menino gay e foi entender posteriormente sua transexualidade. Outros, foram se entendendo ao longo da vida, como Jasmim que foi durante a adolescência (10-13 anos) e Edelvais que diz que não entendia o que significava gostar de meninos, mas quando compreendeu a Si-Mesmo, pode se aceitar e eliminar questionamentos internos que tinha. Lilás comenta que o ato de se aceitar torna a vida mais leve, por poder usar roupas e assumir uma identidade na qual se sente mais confortável. De fato, isso é algo importante para quem experiencia uma diversidade *não-observável*.

Quando falamos de gênero, temos os movimentos femininos que ressignificam muito sobre o que é ser feminino. Camomila, por exemplo, que durante sua adolescência concluiu que precisava se masculinizar para *não ser fraca*, pode acompanhar mudanças sobre o que significa ser feminino em um ambiente muito masculinizado como a Engenharia Civil. Em uma conversa com algumas alunas, elas disseram para a Camomila “você vai ver um movimento do feminino tão forte que você não vai acreditar”. Na hora, ela diz não ter entendido bem, mas que agora, ao observar um movimento “até *pop* sobre isso” ela percebe que mudou muito a relação da mulher com o mundo.

Não tinha esse respeito pelo feminino. Claro, não estou dizendo que tem limitação, mas obviamente eu tenho certeza absoluta que eu tenho limitação física em relação a você, entendeu? Eu acho que isso é uma coisa que não tem a ver com gênero, tem a ver com estrutura física. Somos feitos de forma diferente. Fisicamente a gente não tinha esse direito, sabe? A gente tinha que aguentar o tranco. Então isso aí moldou muito. Eu sinto que moldou muito o meu jeito de ser. E esse movimento feminino agora, para mim, é muita novidade, entendeu? Muita novidade. Você poder ser. Eu sempre pensei que você está numa área, e o que domina é isso, e você tem que se adaptar. E não é assim. Então, observando tudo isso, eu percebo que a gente tem essa questão essa questão que a gente pode... pode ser... o meu marido sempre fala isso para mim... “Camomila, você pode ser feminina, não tem problema. Isso não é fraqueza.” Ele fala isso para mim às vezes, porque às vezes eu estou assim... Ele... “calma... você pode ser feminina e resolver esse assunto do seu jeito. Você não precisa resolver do jeito das pessoas, né? Você pode ser como você é, né?” (Camomila)

Íris relata a mesma coisa sobre o *ser homem*. Existe um estigma sobre o que é masculinidade e o que é ser homem, que independe da sexualidade que puxa para um comportamento *viril*. É engraçado entender que existe um comportamento que, enquanto homens, precisamos seguir para nos adequarmos a essa construção social da masculinidade. Comentando sobre um projeto que ele participou no Instituto Papo de Homem, esse *ser homem* é questionado. Não há uma única forma de ser homem, que vão além de uma aparência ou comportamento: “existem diversas formas de ser um homem. Não é um homem só quem veste camisa polo. Não é um homem só quem joga bola”.

Na vivência de Margarida, a aceitação dela aparece sobre seu cabelo e sobre o nosso período da graduação, sobre a minha sexualidade. Sobre o cabelo, o processo que ela teve durante o ensino fundamental e médio com o cabelo a marcou bastante. O cabelo, para ela, é um símbolo de confiança e orgulho. Hoje o cabelo cacheado ou crespo é mais aceito e normalizado. Algo muito interessante que ela comenta é sobre uma aceitação também do capitalismo, que passa a fornecer produtos de cuidado para o cabelo cacheado ou crespo, algo que não tinha quando ela era pequena e fez a mãe ter muitas dificuldades de cuidar do cabelo dela. Em relação à minha sexualidade, ela relata que tinha muito desconforto sobre a forma como as pessoas invadiam minha privacidade para me forçar falar sobre algo que, eventualmente, eu

iria descobrir, aceitar e compartilhar. Essa fala dela me moveu bastante, porque foi um momento que eu sentia muito incomodo, e sempre senti do fato de pessoas imporem algo a mim sem que eu pudesse questionar (seja em forma de *bullying* durante a escola, ou em forma de uma *aceitação forçada*, como se quisesse *me tirar do armário à força*).

Além disso, Margarida comenta sobre sua personalidade. Margarida desde que a conheci no início da graduação foi sempre uma pessoa de opiniões fortes, decidida e, algumas vezes, impositiva. Para ela, surpreendentemente (para mim), ela disse que não quis ter esse papel *reativo* às coisas, mas que foi condicionada a isso desde jovem. Agora, por meio de terapia, ela busca entender quem é ela e quem tornou ela essa pessoa que é hoje. Brincando, ela comenta que há uma Margarida do *Velho Testamento* (a que eu convivi na graduação) e a Margarida do *Novo Testamento* (uma nova versão, mais calma). Fiquei muito feliz por ela, apesar de que ela já era maravilhosa do jeito que era.

Louro menciona em sua história a importância da terapia para ressignificar o passado e entender coisas pelas quais passou que não compreendia antes. Para ele, durante sua vida, ele se sentia *inadequado* e por isso era *forçado* a se adaptar à sociedade (e não o contrário). Ao estar fora das *normas sociais*, ele entende que isso te torna uma pessoa carente, na qual você se coloca em situações para melhor encaixar no ambiente ou suprir faltas suas e dos outros para evitar conflitos. O *padrão* é como um ponto de referência onde você tenta se enquadrar para obter sucesso, “medido dentro do que você fazer o padrão vai te proporcionar”. Mas, ele continua: “[o padrão] está lá como referência, não está lá como obrigação”. Essa ideia de obrigação, de algo que nos gera aflição, deve ser questionado e devemos buscar nos libertar um pouco mais desse tipo de *norma social*, ainda que isso nos faça perder oportunidades, conclui Louro.

Em outro momento, ele comenta sobre a aceitação, após compreender sobre o seu autismo. Louro entende que nós devemos nos perdoar, de nossas estranhezas, e perdoar as vezes que julgamos as estranhezas dos outros. Esse perdão, Louro comenta, *é mais do que se aceitar*. Nesse exercício de se perdoar, ele fala que atualmente se permite ser frágil. E, algo muito bonito que ele falou que me deixou pensando por muito tempo, foi sobre mudar a partir do diagnóstico, do “enquadramento” em uma caixinha.

Sabe, eu acho que receber o diagnóstico tão tarde faz a gente passar por um momento de muito afastamento de pessoas que não enxergam, não nos enxergam do jeito que a gente queria ser. Enxergado, porque receber o diagnóstico muda o jeito que a gente se enxerga. Mas, e muda automaticamente, sim. Porque se você já foi procurar um diagnóstico, é porque você já sente várias coisas, você quer explicação para essas coisas. Então, quando te explicam, pronto, faz sentido, show de bola. Vamos lidar com isso, mas assim, para mim mudou na hora. Mas para as pessoas, não, sabe? E às vezes... é, às vezes é porque essa mudança, essa tomada de consciência muda a nossa

utilidade para elas. E assim, às vezes é verdade mesmo isso. E muitas vezes é porque, tipo, para elas também é difícil lidar com essa mudança. Ou para elas também, tipo, é difícil processar... processar que mudou. Muita gente diz assim “ah, mas você continua a mesma pessoa. Você só tem um nome para isso agora”. Não é, galera. Não, não é, não é. Tem que lidar com muitos rancores quando você, quando você recebe o diagnóstico. Tem que fazer as bases com a situação, porque é difícil esquecer. (Louro)

Apesar de que naquele momento, eu me peguei muito pensando sobre a significação, por exemplo, de eu, enquanto um homem gay, assumir minha sexualidade. Para mim, compartilho muito do pensamento de Edelvais de “o que é ser gay? Eu sou Pablo”. Mas, ao ouvir Louro falando sobre o diagnóstico tardio, o que de certa forma poderia dizer que eu tive um chá de revelação de sexualidade tardio, por ter compreendido isso somente durante a graduação com meus 20 anos... realmente... muita coisa mudou. Mudou a forma como eu me relaciono com o mundo, mudou o que eu permito e não permito que se relacionem comigo. Essa fala de Louro foi algo que mexeu muito comigo.

A visão do *mudou* é bem presente nas falas de Dália e Orquídea, sobre a transição ou assumir-se como trans. Para Dália, ele comenta que superou muitas barreiras para chegar na sua melhor versão (até agora!), e sobre o processo de descobrimento de si enquanto homem trans foi como encontrar sua “caixinha verdadeira”. Quando perguntei ao Dália sobre quando seu nome trans nasceu, ele disse que foi um processo, mas que durante a cirurgia de remoção dos *peitos intrusos*, ele desmaiou e quando acordou foi como um renascimento. Para ele, o novo corpo era um símbolo de melhora: “é dessa pra melhor, não vai regredir”. Ele ainda comenta que, após a cirurgia, ouviu a música “If I Were a Boy” da Beyoncé, que era uma música que ele relacionava muito seu desejo de ser um menino, ainda que não do mesmo jeito da música²¹. Mas, ele continua, esse processo de (re)nascer e se (re)construir a cada dia exigiu que ele fosse forte, e essa força, comenta ele, faz ele sentir que se tornou mais *frio* também.

A palavra *renascimento* é mencionada na história de Orquídea também. Para ela, ao assumir a transexualidade, ela renasceu e isso mudou ela, mudou a sua personalidade, que antes era *tóxica* (como ela menciona que precisou ser durante o ensino fundamental para que não sofresse), para uma mais calma. Olhar para trás, Orquídea conta, é como se fosse outra pessoa, ainda que faça parte dela.

[...] eu olho pra trás e é como se fosse uma outra... uma outra pessoa minha, assim, sabe? Como igual no filme A Substância, sabe, tem a outra e tem eu ali... e eu sou a versão mais bonita, né? Obviamente. Aquelas [risos]. Mas é engraçado, porque as minhas amigas mesmo falam assim “nossa, é muito louco, porque é como se a gente tivesse conhecido uma outra pessoa mesmo” e é realmente uma outra pessoa, porque

²¹ A música If I Were a Boy é uma crítica a comportamentos masculinos e Beyoncé narra, ao longo da música, todas as coisas que faria diferente dos comportamentos masculinos em relações que hoje chamamos de tóxicas.

a partir do momento que eu deixei isso pra trás... e eu não tenho nenhum repúdio, tipo, de nada, do meu passado, de nada, porque eu acho que ainda sou eu, entendeu? Ainda é uma parte de mim (Orquídea)

Retomando a citação que trouxemos no início da subseção, a aceitação e a validação, para Orquídea, é algo que estão imbricadas. Nesse momento do renascimento, ao ser tratada no feminino em ambientes com famílias de amigos, no trabalho (conforme trouxemos na Instituição Trabalho), são pontos importantes para seu processo de ser aceita nos espaços de convívio com o Outro. Apesar de ter vividos episódios de *quase* agressão (como mencionados na Instituição Escolar e na Instituição Política), ela se considera muito privilegiada. Para ela, enquanto uma mulher trans, graduada, empregada, com um convívio bom com familiares (apesar de todos os relatos de discussões, brigas, ela relata amar muito a família) e com uma rede de amigos que lhe apoia, ela está no topo dos privilégios. Mas, ela continua:

E é engraçado, porque você para pra pensar, tipo assim, ah, uma pessoa trans, com privilégios, mas, tipo assim, eu ainda sou trans, entendeu? Tipo, eu ainda tô lá embaixo, sabe? Na grade social, eu ainda tô lá na bosta do cocô do cavalo. Tô lá embaixo, ninguém nem liga pra gente direito, mas dentro da nossa classe, eu tô lá em cima, tipo, porque, ah, por tudo isso que eu falei, né? (Orquídea)

Orquídea não foi a única a considerar-se sortuda ou privilegiada. Edelvais e Lilás entendem-se como sortudos também. Edelvais, por ter aceitação da família, nunca ter sido agredido fisicamente ou verbalmente. Lilás por estar casada, ter aceitação de toda a família (com exceção da mãe, que ainda tem barreiras) e pelo trabalho. Ainda que eles tenham relatados ter vivido momentos de “azar” ao serem questionados, serem tratados diferente em público, há essa sensação de privilégio por poder ser *muito pior*.

Eu acho que, tipo, a minha história, tipo, assim, eu tenho uma história muito tranquila, tipo, em relação à minha sexualidade em comparação com outras pessoas, eu diria, porque tipo, ah, eu tive toda a treta com a minha mãe, mas, tipo, eu não fui expulso de casa, eu não sofri muita das coisas que eu poderia ter sofrido, assim, eu diria. Então, por mais que eu tenha os problemas familiares, todo mundo tem, mas, no geral, assim, eu tipo, eu sinto que deu tudo muito certo, assim, pra mim. E eu não sei, tipo, se o meu ambiente de trabalho, por esse ambiente mais, tipo, não diria pra frente, né, mais evoluído, porque, tipo, eu faço home office e eu trabalho só pra fora, atualmente. Então, tipo, acho que lá fora, tipo, os Estados Unidos, ele tá mais bem preparado pra lidar com a diversidade nesse sentido, pelo menos no âmbito do trabalho. Então, pra mim, é bem tranquilo, né. (Lilás)

5.9.2 “eu tô sempre alerta” – Medo e Preconceito

Desde que eu saí de casa a cada lugar que eu piso é um aprendizado novo. Às vezes eu quebro a cara. A gente tem mais dificuldade por conta da timidez e dos obstáculos todos, os que a gente já tem de construção, até mesmo por sermos pessoas LGBTQIA+, eu acho... pô, você já é criança, você está vivendo, você está sendo livre e alguém vai lá e dá um tapa na sua cara: “Para de ser assim menino”. Isso gera insegurança. (Dália)

Saindo das instituições e olhando para as formas como o medo e preconceito se fazem presentes na vida dos narradores-recordadores, temos alguns relatos sobre áreas de convivência comum que afetam a convivência em sociedade. Olhando primeiramente para a questão de gênero, do ser mulher na sociedade, Camomila comenta sobre a insegurança da mulher de andar sozinha, em ambientes vazios, mesmo por curtas distâncias, pois há o risco constante de não saber o que você vai encontrar no seu caminho.

É a mesma coisa que você sair de um lugar às três horas da manhã e ter que andar duas quadras a pé, você fica apavorada. Apavorada, sabe? Então, assim, a gente tem essa, a gente tem essa insegurança, porque a gente não sabe quem a gente vai encontrar no caminho, então, a mulher passa por isso (Camomila)

Quando conversa com o marido sobre isso, ele entende que houve uma mudança positiva sobre a segurança da mulher no mundo. Ela rebate: “não mudou! Você vai num médico, você vai num, né? E você fica pensando, será que esse cara vai me respeitar? Será que, né, será que essa pessoa vai me respeitar? Será que essa pessoa não vai, né, fazer alguma coisa?” (Camomila). Além da segurança, há os assédios sofridos por mulheres que não se encaixam em padrões estéticos de beleza. Camomila diz que durante a virada de ano (2024-2025), presenciou gordofobia na praia, o que Croco relata também ter comentários sobre seu peso e corpo. Em outro momento, Croco comenta sobre a força da opinião dos outros sobre Si-Mesmo. Margarida, por outro lado, se volta a questão do cabelo, que quando anda no centro da cidade era comum ter pessoas assediando-a para oferecer fazer progressiva, por causa do cabelo cacheado.

No assunto do cabelo cacheado, Íris tem uma visão um pouco mais crítica sobre a atual aceitação. Para ele, ao cabelo cacheado ou crespo virar pauta de grupos minoritários, a mídia se apropriou disso para poder fazer dinheiro ou usufruir para marketing de determinadas marcas. Íris entende que essas diferenças da percepção do Outro quando existe a variável de raça ou cor impacta até na construção dos relacionamentos amorosos, onde existe uma fetichização da pele negra, dos traços.

Enfim, hoje a gente vê isso pra todos os pontos. Tipo assim, isso tanto, isso mais no... no meio na relação homossexual, também tem, mas eu já vi isso muito na relação heterossexual. A mulher preta é a mulher pra você pegar. A mulher branca é a que você namora. O homem branco é o homem que você, claro, isso não generalizado, tem outras variações, mas essas eram as mais corriqueiras de se usar. Normalmente, “ah, eu não consegui dar certo com aquela menina”. Do nada, você aparece com uma menina branca que ela deu certo. “Ah, não, porque ela era mais direitinha e afins”. Ué, mas o que quer dizer uma menina direitinha? Da mesma forma, no meio que tem essas fetichizações também com pessoas com traços de favela, comunidade, enfim. Ah, o menino com cara de marginal. Nossa, me sinto muito atraída por ele. Pra ficar. Mas pra... você não cria um relacionamento com um menino que tem uma tatuagem no pescoço, nem nada do tipo. Então, assim, você não dá respeito, né, que aí são muitos preconceitos dentro do, preconceito com a tatuagem, preconceito com não sei o quê, e aí é um combo de preconceitos e ah, eu não quero apresentar isso pra

minha família. Por que que você não quer apresentar isso pra sua família? Então você já vê que tem toda uma construção ali muito bem-feita de o que a pessoa pensa, acredita. (Íris)

No âmbito dos relacionamentos amorosos e fetichização, temos também a questão da mulher trans, que Orquídea relata um episódio que vivenciou final de 2024. Em São Paulo, em um bar, um homem chegou nela e começou a paquerá-la. Quando ela percebeu que estava sendo paquerada, ela já falou para ele que era uma mulher trans. O rapaz falou que não se importava com isso, mas, conforme a conversa evoluiu, perguntou para ela se ela era garota de programa.

[...] eu tava no interior de São Paulo, né? E aí um cara veio, tipo, puxar papo comigo e tal. Daí ele veio conversar e tal, daí eu tinha comentado pra ele, né? Que, assim, é, ah, eu terminei meu namoro, né? E aí, tipo, eu falei, ah, eu vou sair pra beber, e, mas não com a intenção de sair com alguém, mas, assim, mas, assim, só pra esvaziar a cabeça mesmo. E também porque eu não era uma pessoa muito sociável, né? Eu falei, ah, eu vou dar uma espairecida e viver a vida de verdade, aquela, assim. E aí o cara veio conversar comigo, né? E tal, e ele falando assim, ah, e eu tinha comentado com ele, né, porque eu sempre deixo claro que, ó, que, assim, como eu, assim, de aparência, as pessoas não, não, meio que associam que eu sou diferente e tal. Então muitos caras héteros, tipo, héteros mesmo, assim, chegou em mim e, tipo, quer puxar papo e tal, quer sair. E aí eu já falo assim, “olha, não faça o tipo que você gosta”. Daí ele disse “ah, desculpa e tal”. Então, ali eu falei assim “ah, vai ser mais um desses, né?” daí ele disse “ah, não, tranquilo, tá tudo bem, não me importo com isso”. E aí a gente foi conversando e aí ele perguntou, né, de onde eu era. Daí eu falei assim, “ah, eu sou de [cidade, Estado]”. E aí ele me fez uma pergunta e, tipo assim, na hora eu fiquei meio, meio em choque, mas eu entendi por que que ele tinha feito essa pergunta. Que ele tinha perguntado se eu era garota de programa. E eu falei assim, “não, eu sou formada, eu trabalho e tudo mais”. Daí ele, nossa, porque todos que eu conheci, assim, que eram trans e tal, são garotas de programa, você é a primeira que eu vejo que não é. E aí eu fiquei meio impactada, que eu falei assim “ah, você jura?” Caramba, nossa. Mas realmente, né, tipo, não são todas que tem a mesma oportunidade que eu tive, né, de conseguir ter estudado, ter vivido, porque muitas das meninas, elas são abandonadas, né, tipo, na adolescência mesmo. Então, é uma coisa tensa, é uma coisa complicada, assim, que acaba indo por esse mundo, né. Mas graças a Deus, eu nunca fui desamparada dessa maneira, de ter que recorrer a isso, né. E ali eu meio que, na hora que eu respondi ele, a gente meio que tem uma autoconsciência das coisas, assim, sabe? E eu até falei assim, nossa, realmente, né, parado pra pensar assim, tipo, cara, tem um monte de coisa que elas não têm, sabe? E por falta de oportunidade mesmo, né, e não por falta de vontade, mas é porque a vida é foda. (Orquídea)

Ainda que não tenha sido um comentário com intensões maldosas (ao menos, no relato não pareceu), Orquídea compreende que isso pode ser um pré-conceito sobre mulheres trans devido a um *padrão* sobre a existência desse grupo minoritário. Após isso, ela repete ser privilegiada, mas que *continua sendo uma mulher trans*. Outro ponto importante do trecho é sua necessidade de sempre falar para os homens que é uma mulher trans. Ela conta que quando era um homem gay, não sentia necessidade de falar para outros homens que era gay, pois se identificavam. Mas, enquanto mulher trans, devido a sua passabilidade, ela sente que sempre precisa informar o parceiro que é mulher trans, ainda que tenha medo de rejeição. Além do contar para o parceiro amoroso, ela também relata a diferença desse relacionamento perante a

sociedade: “Eu sinto que pra homens, homem com homem, ainda é um escândalo. Mas homem com uma trans é um escândalo muito maior, muito maior.” (Orquídea).

Nas vezes em que ela assumiu ser mulher trans para outras pessoas, em alguns casos, ela relata que algumas pessoas passam a diminuir ou resumir ela a “garota trans”

[...] no fim, eu, Orquídea, sou uma mulher trans. E isso grita muito mais alto do que qualquer traço de personalidade, qualquer coisa. E eu não falo nem, assim, questão de relacionamento mesmo, mas, assim, de tudo, assim. É engraçado, porque é como se a gente, né... aquele quebra-cabeça que eu comentei, e essa peça do T fosse a maior peça de todas, e que resumisse exatamente a minha personalidade a isso, que resumisse a minha vivência a isso [...] mas é engraçado como esse rótulo, ele grita muito, muito mesmo. Assim, sabe, ao ponto de, tipo, muitas vezes, tipo, você está conversando com alguém e é tipo assim, nossa, vocês deram *match* em tudo, assim, nossa, nossa, muito legal, esses papos fluem, tudo mais. Aí você fala assim “olha, não sei se você reparou, né, mas assim, eu sou diferente”, daí a pessoa já “ah, não sei, né, sei lá também, né”, porque os caras meio maluquinhos, sempre foram, né, na realidade... mas é uma coisa assim que, tipo assim, a partir daquele momento, eu já tenho uma outra visão sobre aquela situação, sabe? E na época, assim, vendo sobre esse lance de rótulos e tudo mais, entender como um gay afeminado foi muito difícil e depois entender-se como uma mulher trans foi mais difícil ainda! E é muito frustrante às vezes você parar pra pensar que essa vida de rótulos mesmo, elas são muito acentuadas. Assim, você até pode tentar lutar contra, mas no fim é aquilo mesmo, sabe? Tipo, as pessoas vivem das aparências porque elas são importantes querendo ou não. A aparência, ela é importante, ela é... tipo assim, a gente pode até falar assim, ah, que é meio fútil isso na realidade, né? Mas e... é mesmo. Mas a aparência foi o que me salvou nos anos todos, né? Ter uma aparência mais afeminada, uma aparência mais feminina e tudo mais foi que abriu as portas pra eu poder conseguir transicionar de uma maneira mais segura e sem correr risco (Orquídea)

Sobre a aparência, ela comenta que no início, quando ela se assumiu mulher trans, ela tinha medo de algum tipo de violação (ao seu bem-estar) e se privou de muitas coisas, como ir no banheiro público. Para ela, a preservação e autocuidado eram mais importantes. Mas, conforme foi evoluindo no processo de transição, ela foi adquirindo maior passabilidade e hoje consegue ir ao banheiro público sem problemas. Ela também comenta que tinha medo de transicionar e se sentir feia, e que teve alguns momentos em que a disforia fazia ela cancelar compromissos, evitar espelhos, e passar de uma sensação de se sentir bela para “a coisa mais feia do universo”. Há de se considerar que Orquídea ainda não fez um processo cirúrgico para transicionar de fato. Ela diz que planeja fazer a cirurgia posteriormente para colocar peito, mas que não é prioridade no momento devido as condições econômicas atuais.

Dália já fez o procedimento cirúrgico e comenta que as cicatrizes são “a prova concreta da nossa história, elas são os registros concretos da nossa história”. Apesar de dizer, de certa forma, com orgulho sobre a cicatriz, Dália diz que as cicatrizes são algo que ele ainda está se acostumando, e diz sobre o medo que tem de mostrar elas.

[...] mas eu sempre fico angustiado. Eu sempre fico muito olhando pros lados, olhando pra ver se não tem alguém estranho, que pareça preconceituoso. É meio doido isso, né? Que pareça preconceituoso, que pareça que tá olhando, que vai dizer alguma coisa, que vai me afrontar. Então eu tô sempre alerta, mesmo quando eu tiro a blusa. É em

praia, na rua, assim, eu nunca ando sem ela também. Então tem, tem os poréns... né, que, enfim, tem muito, tem, tem meninos trans que não tem esses problemas, sabe? Que eu tenho. Assim, em relação a essas inseguranças, de que vai sofrer violência (Dália)

Durante o processo de mastectomia, Dália relata que se sentiu um animal na mesa de cirurgia. No relato, poderíamos entender que não houve o carinho que Louro tanto comenta que falta com grupos minoritários. O procedimento, por si só, já tinha riscos para sua vida. Dália reflete sobre o procedimento cirúrgico como um risco para *poder existir de verdade*. Apesar de já ter passado pelo procedimento e ter ocorrido bem, ele ainda reclama sobre o atraso da medicina para lidar com problemas de pessoas trans relacionados à saúde e a própria estética do sujeito, como os medicamentos que acabam ocasionando espinhas, entre outras coisas.

No que tange à aparência, Dália relata que durante a transição ele teve problemas com disforia, pois não conseguia se enxergar como um homem. Ele relata rindo sobre o medo que tinha de tirar a barba, e por isso deixou ela crescer toda feia, mas que caso ele ajustasse a barba e ela não voltasse a crescer, ele se sentiria mal. Atualmente Dália apresenta uma passabilidade incrível, ao ponto de que a primeira vez que o vi, eu entendi que havia algo de diferente, mas achei que ele era um homem gay. Inclusive lhe contei isso durante nossas conversas, sobre como eu nunca, em nenhum momento, cogitei que ele pudesse ser um homem trans. Com certeza Dália existe de verdade.

Outros medos relatados são relacionados a traumas e relações. Louro relata que, enquanto neuroatípico, ele se obrigava a fingir que estava bem sobre determinadas situações por medo de ficar sozinho. No relacionamento com o Outro, ele comenta sobre se permitir ser egoísta e ter autocuidado e dar razões para se afastarem.

E essa sensação precisa ser remediada por um pouquinho de egoísmo, de cuidado mesmo consigo mesmo. De cuidado, de paciência comigo e de saber que para as pessoas que são neurotípicas é muito normal a pessoa se recusar a fazer as coisas. Mas para quem é neuroatípico, recusar a fazer certas coisas pode ser um motivo para todo mundo se afastar. E aí, tipo, a gente se sente meio, não obrigado, mas há uma palavra chique agora, entrincheirado a fazer aquilo. Tipo, você só tem a opção é ir para frente. Se você for voltar, seu colega vai atirar em você. É meio que assim. Você está preso ali naquele buraco. Só que hoje eu consigo ter esse discernimento, mas demorou. (Louro)

Na relação com o outro, eu comentei em um momento sobre como algumas pessoas próximas que deveriam estar juntos de nós acabam assumindo outro papel, que torna a experiência muito mais dolorosa, Louro comenta: “A gente mal está conseguindo dar conta de curar os traumas... É melhor não construir mais nenhum.”. Em outro momento, ele comenta “[...] ninguém gosta de ser inadequado na sociedade. Então a gente tenta adaptar a sociedade, para que a gente não seja mais inadequado a ela. Mas quando... às vezes a gente sofre as

violências que tem efeitos mais longos e mais dolorosos” (Louro). Algumas questões são marcas que carregamos, são palavras, gestos ou ações que permanecem.

Por fim, voltando-se a outros relatos LGBTQIA+, Lilás comenta que uma vez que estava com uma menina no terminal central da cidade e um segurança veio até ela falar que elas deveriam ficar separadas. O terminal central da cidade, no caso, é um lugar em que não é incomum ver casais héteros próximos um do outro e tendo intimidades leves como beijos, abraços e ficar juntos. No entanto, para elas, um casal lésbico, o segurança sentiu a necessidade de solicitar que elas ficassem separadas. Na hora, ela apenas acatou o que foi solicitado: “eu meio que só seguia pra não causar mais confusão, né?” (Lilás).

Margarida, quando me contou que era bissexual, me disse que ela não anuncia para as pessoas porque geralmente acabam falando que isso é “só para chamar atenção”, ou que é questionada “será que você é bi mesmo?”. Na hora eu até brinquei com ela sobre uma piada comum que bissexuais fazem sobre ter que intercalar entre gêneros para poder *renovar a carteirinha de bissexualidade*. Para ela, essas restrições no amor geram incomodo.

eu sempre vou me incomodar com isso. É uma coisa que eu não consigo ficar calada. Eu falo... gente, se eu ver alguém querendo ditar regras sobre a vida alheia, eu vou falar “não admita esse tipo de coisa, porque muita gente morre por causa disso”, sabe? De ter que querer entrar, se encaixar numa vida que não é dela, só para agradar alguém. Eu acho isso extremamente bizarro e doentio. (Margarida)

5.9.3 “era tudo o que eu queria” – Relações sociais

A minha primeira namorada, ela não era assumida. Tipo, eu já estava pronta para sair do armário. E eu saí. Tipo, eu estava com ela fora do armário. Mas ela não estava fora do armário para a família dela. E, tipo, mano, isso foi uma coisa que doeu muito para mim. Que era tipo assim, mano, eu tenho coragem de assumir você, mas você não tem coragem de me assumir, sabe? Então tipo... Tanto é que quando eu comecei a namorar a minha esposa eu falei para ela “Mano, a coisa que eu mais tinha sonho era ir no almoço de domingo na casa da sogra” e eu finalmente consegui, sabe? Tipo, foi um negócio incrível. Tipo, era a época, tipo, a gente começou a namorar na época da Copa. Daí eu fui assistir um jogo do Brasil, tipo, na casa dela. Falei “mano, era tudo o que eu queria”. E tipo... é uma coisa tão banal, assim... tipo... tão simples. Que é, tipo, que a gente não tem no dia a dia. Então, tipo, eu sinto que é, tipo, eu acho que hoje em dia a sociedade está muito melhor. A gente encontra muito mais problemas dentro de casa do que fora (Lilás)

Sujeitos diversos às vezes encontram barreiras nas suas relações com o Outro, seja este uma amizade, um relacionamento amoroso, ou até mesmo relações de alguém importante para você, como a fala de Lilás traz. Para ela, essa carência do sujeito LGBTQIA+ de necessitar algo que para outros grupos *padrões* é algo comum é equivalente a um sonho. Apesar de podermos questionar a sociedade estar muito melhor como ela coloca em sua fala, eu entendo quando ela

diz que sente uma certa inveja dos adolescentes de hoje que podem vivenciar relacionamentos amorosos durante a adolescência, experimentar a sua sexualidade no momento quando todos os outros estão.

Nas relações de amizade, Azaleia comenta que falar sobre a sua sexualidade com alguém torna a relação mais real, porque antes era como se vivesse um personagem. Para Orquídea, esse ato de “sair do armário” é muito romantizado quando deveria ser entendido como algo arriscado, pois existe a possibilidade das pessoas mudarem como se comportam e agem em relação à você. Ela comenta como as famílias dos ex-namorados mudaram quando souberam que era um homem gay se relacionando com o filho (no primeiro relacionamento) e quando souberam que era uma mulher trans se relacionando com o filho (no segundo relacionamento).

[...] porque eu fico meio perplexa, sabe? Porque eu assim, gente, é um detalhezinho de nada. Até ontem a gente tava conversando super bem, tipo, tava me convidando pra assistir filme na sua casa, todo mundo juntos e tal. E, agora, porque você sabe que eu sou diferente, tudo mudou. Tipo, agora sou o vilão, agora sou a pessoa mais asquerosa, sou a pior coisa do mundo e não sei o que. (Orquídea)

Dália comenta também sobre o receio de construir vínculos com pessoas e, posteriormente, as pessoas mudarem o comportamento com ele. Com receio de que o Outro possa ser um catalisador para lhe colocar para baixo, ou atizar sentimentos negativos. Ele diz que atualmente passa por um processo de ressignificar as interações sociais a partir do que vê que com a esposa, uma pessoa bem sociável e querida.

[...] eu cortei muita coisa, assim, em relação a pessoas que me colocarem pra baixo, no sentido de eu não ficar bem. Então, hoje em dia é muito fácil isso, né? Eu fazer isso, assim, a não ser que seja uma pessoa muito, mas muito, muito, muito querida, e que eu me decepcione muito, assim, me iludi, me decepcionei. Mas fora isso, qualquer coisa “ah, isso aqui? Tá, corto”. Às vezes eu nem crio vínculo, pra não ter que cortá-lo depois, quando eu vejo que a pessoa é meio estranha, né? Meio esquisita, e que não vai dar certo (Dália)

No âmbito da socialização, ele entende que sua dificuldade durante a infância, que antes atrelava somente a ser trans, agora é somada com a recém-descoberta condição autista. A dificuldade na relação com o outro, para ele, ocasionou também a ansiedade sentida para essas interações. Lilás também menciona ter uma bateria social quando se fala sobre interações prolongadas com o Outro. O autismo, como coloca Louro, é um transtorno relacional. Por saber que é autista a mais tempo, ele tem mais consciência sobre os níveis de suporte e necessidades que teve ao longo da vida e que não foram atendidas por não saber que era diferente. Ainda assim, por ter um diagnóstico tardio, ele menciona que hoje ele percebe o quão está cansado (de ter que se adaptar ao Outro).

Louro entende que não tem necessidade de impor a diversidade na relação com o outro, pois existem pessoas que não lidam bem com certos transtornos ou diferenças (como pessoas

com depressão, ele menciona). Mas também menciona que, atualmente, consegue se entender bem com pessoas com autismo e TDAH, pois há um entendimento mútuo na estranheza. Nas relações com pessoas neurotípicas, ele comenta sobre uma amiga que foi sair com ele e se preocupava com ele, que tinha um *тино*, e que isso faz diferença na vida do neuroatípico. O diagnóstico, para ele, facilita encontrar essas pessoas.

O diagnóstico facilita para encontrar pessoas mais corretas, assim, para a nossa vida. Que... Todo mundo precisa de suporte, sabe? Tipo, tanto autista de nível de suporte 1 quanto uma pessoa perfeitamente normal das ideias. Que nunca teve depressão. Tem uma vida saudável. Mesmo assim, essa pessoa precisa de suporte, né? E cada um vai precisar de um nível de suporte diferente, de um tipo de suporte diferente. E pode ser mais especializado ou não, mas... Eu sinto que eu não tinha tanto acesso a esse tipo de suporte, sabe? (Louro)

Íris relata as mudanças que teve não relacionada a uma condição específica, mas só pelo fato de mudar durante a graduação. Com as coisas que ele aprendeu no curso e com as relações que construiu na República, ele diz que, ao voltar para a sua cidade, pode perceber como mudou a sua forma de enxergar as coisas e acabou destoando daqueles amigos que ficaram na cidade. Esses amigos, com o tempo, foram se afastando pelas mudanças de Íris. Por outro lado, os amigos que conheceram Íris em constante mudança (quase como uma ontologia processual), permanecem e lidam melhor com eventuais diferenças que surjam.

Agora Jasmim entende que a formas como se relaciona atualmente com o Outro, no que diz respeito à se sentir mais à vontade sobre a sua sexualidade na presença do Outro, é uma questão de maturidade e não do ambiente. Perguntei a ele como era ser gay na Dinamarca, e ele disse que não tem uma grande diversidade de gênero no ambiente que ele convive (pós-doutorado em Engenharia Elétrica), mas que isso não o impede de se sentir à vontade e falar coisas sobre o marido. Essa postura é um resultado de todas as experiências pelas quais ele passou até o momento.

5.9.4 “mais um dia de luta” – Direitos e Resistência

Toda vez que eu penso, né, em todas as pessoas que decidiram não ser normais... não, decidiram fugir do padrão... que ela tem que acordar na cama assim, ela tem que levantar e falar, “bora, mais um dia de luta”, isso aí me deixa muito incomodada, sabe? (Camomila)

Considerando os sujeitos diversos enquanto ser-no-mundo, devemos considerar também que, enquanto sujeitos diferentes, que fogem do padrão quando não se deseja estabelecer uma proximidade com este, existe a necessidade de resistir e buscar direitos. Apesar de Camomila no trecho apresentado ao início mencionar sobre pessoas que fogem do padrão terem de ir para mais um dia de luta, em outros momentos, ela também afirma que ela, uma mulher branca, católica, teve de *criar uma casca* para suportar certos avanços sobre ela nos diferentes ambientes. Ela relata que, durante a sua experiência no ambiente corporativo da Engenharia Civil, ela teve de se tornar sua própria base para aguentar “eu descobri que o apoio é a gente mesmo que dá, né? Não vai esperar o apoio de ninguém.”.

Existe, na sua fala, um dilema voltado para a preocupação em ser aceito e a liberdade de poder ser quem é. Apesar de que muitas de nossos relatos apresentados voltam-se para questões dos grupos de LGBTQIA+, podemos observar esse dilema na feminilidade na sua própria fala, apresentada anteriormente; na aceitação de suas próprias fragilidades, de pessoas neuroatípicas; na aceitação de sua cor e traços, como o cabelo cacheado e/ou crespo.

Íris, por exemplo, nunca necessitou da aprovação do Outro sobre a sua própria sexualidade. Orquídea, por outro lado, diz que aprendeu a resguardar desde cedo por ser uma criança meio gay, ainda que durante a adolescência se permitiu ser um menino gay e assumiu uma personalidade mais responsiva às ofensas que faziam ou poderiam fazer. Jasmim, por outro lado, diz que por ter uma personalidade não combativa, sua estratégia comum é se afastar para encontrar paz. No entanto, ele pondera logo em seguida: “Só que é difícil, né? Porque se você não se impõe alguma hora, é... Sei lá, você... Não sei, você pode... É... Ah, porque você fica sozinho, né? Com o problema. Então... Sim. Às vezes tem que tomar alguma atitude, né?” (Jasmim).

Lilás, por exemplo, que relata também ter uma personalidade menos combativa e acatar certas coisas para evitar problemas, diz que em momentos pode perceber olhares em direção à ela e a esposa quando andam juntas. Para ela, isso não gera tanto desconforto, mas para sua esposa, já é algo que lhe incomoda. Nem sempre é fácil resistir quando se recebe tratamentos diferentes. Croco, por exemplo, que tinha um comportamento mais *combativo*, diz que hoje parou de discutir, de tentar resolver conflitos no caminho. Ela relata: “então eu parei de querer

discutir e eu passei a chorar, porque eu queria me encaixar naqueles... naquelas... naquelas caixinhas que já existiam.” (Croco). Esse sentimento de se encaixar com o padrão é como o que Louro disse, de ninguém gostar de ser diferente. No entanto, existe a necessidade de se questionar padrões para que momentos de reconhecimento com o Outro passem a acontecer.

Nesses acontecimentos, Louro por exemplo relata duas experiências que teve sobre direitos voltados para pessoas neuroatípicas, os *carinhos* especiais. Em um show que ele foi, existia um espaço especial separado para grupos neuroatípicos, para que não ficassem no meio das pessoas e pudessem assistir ao show. Em outro, indo ao cinema, o rapaz que validava o ingresso usava uma identificação de autista, e ao ver que Louro usava uma identidade que o identificava como autista também, sorriu. Para ele, essa busca pelos direitos é uma forma de recuperar gentilezas que não tinha acesso mais.

E acho que a gente tem que usar o que é de nosso direito. É isso. Às vezes eu me debato com essas coisas e fico me questionando. Mas, por exemplo, eu tenho acesso a meia, certo? Em várias coisas. E uma dessas coisas é cinema. E eu não sei se você já foi no cine-passeio, mas os lanterninhas do cine-passeio, os meninos que ficam pegando o ticket ali, quase todos eles são neuroatípicos. E tem um menino lá que eu já fui ver uns três filmes depois que eu peguei a carteirinha lá. E é toda vez esse menino. E aí, ele pede sempre a meia, porque, enfim, ele é uma pessoa neuroatípico e ele vai seguir as regras. Ele é autista, ele vai seguir as regras. Botou, e aí, tipo, ele pega o... ele pediu e eu mostrei a minha carteirinha. Aí ele abriu um sorriso, assim. Ele abriu um sorriso de, tipo, aquela sensação de, tipo, que bom que você está aqui. E é bem diferente de... de alguns lugares que eu vou que a galera me olha meio estranho quando eu dou a carteirinha. Tipo, “você tem essa porra?” Mas já aconteceu também de, tipo, super bem recebido no Cinemark, assim. A menina pergunta “você precisa de fone de ouvido? De... Você precisa de, tipo... Você precisa de um assento mais tranquilo? Você quer ficar em uma área mais isolada?” Tipo... Então, assim, eu sinto que o fato de a conversa ter começado tem me feito recuperar certas gentilezas que eu não tinha mais, sabe? (Louro)

5.9.5 “no meu tempo era diferente” – Visão de mundo

Eu sinto essa evolução. E eu acho, assim, que cada um que nem você comentou, né? Cada um existe uma construção em si, sabe? Sexual e comportamental que é uma descoberta sua, entendeu? Claro que o meio às vezes você, né, querendo ser aceito ali, você se adapta e vai, né? Que você sabe, bom, também eu tenho que achar um lugar pra mim, né? Então, você tem sempre essa busca entre você ser feliz, né? Se reconhecer. Mas também você tá inserido em algum lugar, né? Não adianta, né? Você quer estar em algum lugar, você quer ter relações, né? Então, assim, eu vejo que a mulher, ao longo do tempo, ela conseguiu, sabe? Ela conseguiu em muitos aspectos, né? Muitos aspectos, dizer, assim, o meu corpo é meu, eu posso cuidar dele, eu posso dizer, a minha vida é minha, eu posso me relacionar de diferentes formas e nenhuma delas tá errada, né? Afinal, não transgrido, nenhuma lei federal, né, cara, deve ser comigo, né? Então, isso melhorou muito, né? Melhorou muito ao longo da história em si, né? Ao longo da história em si, eu acredito que a gente tá numa relação de igualdade muito superior ao que a gente já teve há alguns anos, né? Existe uma fragilidade em alguns aspectos, sempre o sexual é complexo, né? Pra qualquer gênero, né? Porque te fragiliza muito você ser usado, te fragiliza muito você ser assediado, né? Te fragiliza muito você, alguém fazer algum comentário sobre o teu relacionamento, né, um olhar,

alguma coisa, eu acho que isso é muito forte, né? Eu vejo muito, muita gente, né, escrevendo muita coisa e achando no direito, né? Você já viu que eu já falei de novo isso, porque isso aí me incomoda demais, entendeu? Cuidar da vida dos outros me incomoda demais. Então, é... Mas evoluiu bastante, eu sinto assim, eu sinto essa melhora forte, né? (Camomila)

Camomila é uma pessoa muito boa de ouvir. Ao longo de sua história, ela foi contando sua opinião sobre as transformações da sociedade aos seus olhos. Por ser a pessoa mais velha, sua visão de mundo é muito válida sobre as melhorias que ela consegue perceber. Ao mesmo tempo, ela relata que percebe algumas pioras, principalmente nos conflitos de visão de mundo que os mais jovens (abaixo dos 25 anos) trazem na universidade privada em que trabalha, por exemplo.

Comentando um pouco sobre como gosta de se manter aberta para as mudanças que vão acontecendo ao longo do tempo, ela menciona que gosta muito de ouvir músicas atuais com seus filhos. Ao comentar sobre não escutar mais músicas de bandas antigas com frequência, eu comentei para ela que eu adoro ouvir Beatles, ABBA e Queen justamente porque meus pais consumiam muito. Ela comentou sobre isso que precisa escutar algo da época, *viver o nosso tempo*.

Não, eu gosto também bastante. Mas eu, às vezes, falo “pois, ah, não, não, vou escutar outra coisa, vamos escutar alguma coisa da época, do teu tempo, né? Vamos viver o nosso tempo, senão fica “ah, só tinha música boa”, “não é da que você quer”, “ah, porque as pessoas eram mais educadas na época”, “ah, porque os adolescentes eram mais...” Não, não era. Era a mesma coisa, era malaca, igual é agora. É a mesma coisa. Então eu sempre falo: vamos escutar uma música diferente, vamos fazer, mas eles gostam bastante. (Camomila)

É interessante ouvir o posicionamento dela sobre como um pensamento sobre “na minha época tinha música boa” pode levar ao pensamento sobre os comportamentos de grupos de pessoas. Não é incomum ouvir de pessoas que, hoje em dia, as pessoas estão mais libertárias sobre comportamentos estranhos. Como disse Margarida sobre um comentário que ouviu em casa: “hoje em dia todo mundo é gay, normalizou isso... virou festa”.

A própria formação de visão de mundo é um acúmulo de experiência, de vivências muitas vezes em bolhas. Orquídea, por exemplo, relata em outro momento, novamente, ser privilegiada por poder ter estado nas bolhas certas nos momentos certos. Nossa vida privada e vida social estão imbricadas, interrelacionadas, em uma relação que determina muito a forma como pensamos e vivenciamos as coisas no mundo. Íris, por exemplo, comenta sobre seu processo de mudança e (re)construção:

Então, assim, acho que hoje, pra eu ter uma pessoa hoje que eu, em mim, tendo uma opinião muito bem formada sobre as coisas e sobre o que eu quero e o que eu não quero, foi porque muitas outras pequenas coisas tiveram que vir acontecendo e pra cada momento você sempre dando atenção pras pequenas coisas que estão acontecendo, porque elas que vão formar a grande coisa, né, o grande momento. (Íris)

Nem todo mundo é levado, por exemplo, para um *grande momento*, como Íris diz, de uma vivência política, por exemplo. Lilás, por exemplo, diz não ter uma vivência em ambientes de militância. Mas isso não exclui a importância da militância ou das brigas por direitos terem impactado sua vida, como garantir-lhe o direito de estar casada com sua esposa. O próprio direito da mulher de trabalhar, sobre não querer ter filhos, sobre querer ficar em casa foi algo conquistado. Camomila comenta essas conquistas sobre como *ser esposa* era algo mais honrado para mulher e que hoje existe uma liberdade do sujeito de ser quem ele quer ser, ainda que com suas fragilidades.

Os relatos demonstram essas fragilidades. Não há como negar que muitos dos narradores-recordadores talvez não poderiam expressar minimamente sua diversidade em alguns poucos anos atrás. Ainda assim, o direito à vida, à liberdade do sujeito de ser *seu verdadeiro eu*, é algo *frágil*, como demonstramos em nossas construções. Dito isso, passemos para nossa próxima seção, para agora *explanar* esse longo passeio pelo campo de flores.

6 (A) DIVERSIDADE NAS INSTITUIÇÕES

Apresentada essa longa e linda jornada por nosso campo de flores, agora precisamos passar pela segunda etapa da nossa teorização, a *explicação*. Nessa seção, focaremos em *como* nossas memórias relatam os contextos de diversidade nas instituições e *por que* as memórias dizem isso. Para isso, voltaremos para nossa fundamentação e os conceitos apresentados para construir as reflexões necessárias para este exercício teórico.

Retomando brevemente, temos alguns conceitos que são importantes para entender tanto o *como* e o *porquê* das memórias. Para entender a diversidade, nos repousaremos principalmente pela compreensão da localização social, interseccionalidade e universalização. Para observar o sujeito e entender sua constituição de Si-Mesmo e sua relação com o Outro que não o si, nos apropriaremos da dialética da mesmidade-ipseidade e ipseidade-alteridade, sem negligenciar ao longo de toda essa análise a fenomenologia hermenêutica da memória que nos permite olhar as memórias como constituintes dessa construção do Si-Mesmo.

Os contextos das diversidades foram organizados em *estufas-instituições* que representam o local e as relações em que os relatos aconteceram. Ao todo, pudemos observar nove instituições: familiar, religiosa, escolar, midiática, virtual, universitária, política, trabalho e social. Cada instituição apresentou seus próprios relatos, ainda que muitas das instituições se fizessem presente umas nas outras, em diferentes graus. Por exemplo, Azaleia, Íris, Lílas, Dália e Orquídea, quando relatam sobre suas famílias, relatam também o papel da religião, as crenças familiares, influenciam a sua forma de significar coisas, como as vivências LGBTQIA+, das quais todos fazem parte.

Para iniciar a discussão, adotarei uma forma de apresentação diferente. Agora, olharemos como determinados grupos têm suas vivências nas instituições observadas, passando pelos grupos presentes nas narrativas, sendo eles: LGBTQIA+, Mulher, Neurodivergente e Negros²². Por termos sujeitos diversos que se inserem em diferentes grupos, respeitarei o grupo que eles relacionaram a vivência à determinadas instituições para comentar. Por exemplo, quando Íris comenta da instituição universitária, ele pouco menciona o LGBTQIA+, mas comenta bastante sobre sua cor de pele e como isso afeta a relação. Nesse momento também

²² Outros relatos relacionados a xenofobia, PCD, classe social que apareceram nos relatos como categorias de diversidade não tiveram seções próprias devido a quantidade de conteúdo sobre eles. Ainda assim, eles estão na seção anterior quando foram apresentadas as narrativas dos recordadores.

comentarei sobre questões como localização social dos sujeitos, que apesar de pertencerem aos mesmos grupos, têm vivências diferentes.

6.1 SUJEITOS LGBTQIA+: “DECEPÇÃO”

Os relatos voltados para os nossos narradores-recordadores LGBTQIA+ sobre suas vivências em instituições foram os únicos que apareceram em todas as instituições. A própria sigla une grupos específicos por terem uma experiência cotidiana semelhante entre si. No entanto, há de se considerar que existem diferenças significativas entre os subgrupos. Por exemplo, como menciona Orquídea, uma relação entre homens chama atenção, mas uma relação entre um homem e uma mulher trans chama muito mais. Além, de como menciona também Orquídea, a priorização do “G(ay)” em detrimento dos outros companheiros da sigla. A própria Bissexualidade, como Margarida comenta, é algo que é questionado dentro da própria sigla, que parece ter uma sensação de validação constante do Outro para que você possa ser de fato vista como uma pessoa bissexual.

De todo modo, olhemos para as instituições na qual a questão LGBTQIA+ foi mais presente. Primeiro, a Instituição Familiar, de fato, foi algo que apareceu na fala de todos os sujeitos LGBTQIA+. A falta de identificação, a sensação de *decepção*, o medo de abandono e a falta de aceitação foram pautas nas falas de quase todos os narradores-recordadores. Dos pontos que mais me chamaram atenção, a fala de Dália, como mencionei quando apresentei, foi algo que me marcou demais. “não existe uma possibilidade de ir pra casa voltar, regredir entendeu?” é algo que reflete, para Dália, um distanciamento do sujeito de um ambiente do qual ele deixa de fazer parte de “nós” para se tornar “eles” (P. Zanoni & Janssens, 2004). Algo semelhante acontece com Íris, que fora cursar a graduação em outra cidade e, ao retornar, percebe um distanciamento maior entre ele e sua família.

Um dos motivos para o afastamento de Íris da família, ainda residindo na mesma cidade, foi o episódio em que sua “ex-irmã” que buscou *salvá-lo* de ser uma decepção para o pai deles. Como Íris menciona, a palavra decepção foi algo que, naquele momento, o marcou muito e foi necessário terapia para que pudesse superar esse episódio. A decepção, não somente atrelada a uma sexualidade que, na época, Íris não performava (ou se quer se reconhecia como), mas na quebra de expectativa em que ele não tinha comportamentos voltados para a expectativa de um menino *padrão*. Essa dor não é incomum, algo que eu mesmo compartilhei por um tempo, de me culpar por não gostar de coisas que meninos geralmente gostam. Percebo que há um pouco disso na fala de Dália, voltado para a questão da feminilidade, que o levou a ficar no quarto e

estudar. Apesar de ele não falar que o estudo foi uma forma de compensar, o estudo é uma forma de desempenho do(a) filho(a) na época escolar que pode ser compreendido como uma avaliação e aceitação no ambiente familiar.

O medo é atrelado principalmente à rejeição. Como Orquídea comenta sobre o medo de assumir-se um menino gay durante a adolescência, as histórias contadas e relatadas na internet nem sempre são bonitas. Muitos dos relatos vistos envolvem agressões físicas, expulsões de casa e corte de laços (sem contar, é claro, os casos de morte). No caso de Azaleia, felizmente não houve agressões físicas ou corte de laços completamente, mas ele foi expulso de casa durante a adolescência devido a sua sexualidade e, por algum tempo, teve seu contato com a mãe reduzido. Orquídea, ainda que não tenha sido expulsa ou sofrer os outros possíveis cenários, vivenciou tempos de agressões psicológicas, em que ela adotou uma estratégia de revidar na mesma moeda, atacando os familiares que mexessem com ela. Isso se repetiu quando teve de se assumir de novo como uma mulher trans, ainda que ela diga que a implicância da família foi por *zelo*.

A falta de aceitação, uma manifestação concretizada do medo, fez também parte dos relatos. Muitos, felizmente, houve um momento de falta de aceitação do que há de diferente no Outro, mas que foi superado com o passar do tempo, como a história de Jasmim, Azaleia e Orquídea. Íris menciona que sua mãe aceitou sua sexualidade quando visitou ele uma vez em Ouro Preto, mas não comenta sobre outros familiares. Lilás disse que, atualmente, sua mãe se dá bem com sua esposa, *apesar dela ser uma mulher*. Margarida não menciona sua bissexualidade para a mãe por entender que ela não aceitaria bem, como quando comentou que suspeitava que a filha se tornado lésbica por não trazer namorados em casa, ou quando comenta sobre as falas preconceituosas da mãe. Dália tem receio de conviver com a família, pois alguns parentes mais velhos ainda o chamam pelo seu *nome morto* ou erram sem gênero, ainda que nenhuma pessoa sã olharia para Dália e o identificaria como mulher pela sua aparência, comportamento, voz, tudo.

Entendendo a família enquanto uma Instituição de viver junto, a partir dos laços sanguíneos compartilhados ou pela convivência, é uma instituição de atribui expectativas aos sujeitos, que podemos ver como os papéis e funções (Ricoeur, 2014). Aos homens, são atribuídos os papéis *masculinos*, que implicam um certo tipo de comportamento e gostos, e as funções *esportivas*, por exemplo. Na quebra dessa expectativa, os sujeitos são excluídos ou se sentem excluídos, por não se identificarem e se sentirem pertencentes ao contexto familiar. Como muitos relataram, há a falta de *realidade*, de poder ser quem verdadeiramente é com os Outros nessa instituição. Por ser uma instituição que tem sua justiça definida principalmente

pelos mais velhos, a justiça prioriza seguir tradições e reproduzir suas próprias vivências familiares anteriores, dando pouco ou nenhum espaço para diferentes comportamentos.

O mesmo, por exemplo, acontece na Instituição Religiosa, que além dos papéis de relações familiares, há também as crenças, fé, que carregam significações ancestrais e que usam da palavra de Deus para subjugar comportamentos destoantes com o que foi determinado previamente. A Instituição Religiosa e a Instituição Familiar estão intimamente ligadas devido a participação dos familiares na religião, como Dália que sua família chega a abrir uma igreja perto de sua casa, como Lilás que a mãe é catequista e ativa na igreja católica, ou Orquídea que relata a fé de suas tias e avó. Além disso, há também a própria influência da Instituição Religiosa sobre os próprios sujeitos diversos, em que Dália se sentia culpada por não se sentir bem na igreja, ou quando disse à amigos da escola LGBTQIA+ que iriam ao inferno; ou como Azaleia, que com sua criação cristã, vivia um conflito interno por gostar de meninos e não conseguia se aceitar.

Na Instituição Trabalho, focada principalmente nos espaços empresariais, há uma diferença nas discriminações vivenciadas nesses espaços. Não há, por exemplo, uma atribuição de papéis e funções definida pela própria instituição sobre como o sujeito deve agir ou não referente a sua sexualidade nos espaços mencionados. No entanto, há atrito entre os trabalhadores, que acabam deparando-se com ambientes hostis que possam, como diz Jasmim, prejudicar sua progressão de carreira. Orquídea e Dália comentam que não se sentem confortável para assumir a transexualidade no ambiente de trabalho. Como Orquídea coloca, “é uma joia”, como se lhe fosse algo precioso que não poderia ser compartilhada com pessoas *não-merecedoras*. Dália diz o mesmo ao afirmar que reconhece que outras pessoas possam não ser dignas de saber isso, e pelo medo de como possam reagir, tendo em vista que muitas pessoas carregam suas crenças e valores para o ambiente empresarial ou de trabalho.

Diferente das Instituições Familiar e Religiosa, a Instituição Trabalho é um estranhamento entre os sujeitos. Ainda que haja políticas de DEI, políticas de relacionamento nos ambientes de trabalho, quando reunidos entre grupos específicos (como uma *alcateia* de homens), os comportamentos parecem não seguirem legislações ou pressupostos éticos e morais de bom convívio. Ao perceber esse ambiente inóspito, pessoa do grupo LGBTQIA+ optam por se manter afastados. Aqui, há uma quebra da relação *ipseidade-alteridade*, para uma *mesmidade-alteridade*, em que não reconhece no Outro a possibilidade de uma relação mútua, verdadeira e de igualdade (Ricœur, 2014). As interações tornam-se estritamente profissionais, evitando interações que possam trazer a vivência pessoal do sujeito e demonstrando falta de interesse de se relacionar com o *diferente* (Bernstein et al., 2020).

Olhando para a adolescência dos narradores-recordadores LGBTQIA+, muitos mencionam a insegurança de se assumir na escola, como Azaleia, Edelvais, Jasmim e Lilás, sendo que destes, os dois últimos estudaram em colégio particular e mencionam que não havia espaço para diferenças nos colégios, existindo um padrão entre os alunos. O medo de destoar e se tornar alvo de *brincadeiras* foi mais presente na fala dos homens gays do que na fala de Lilás. Para ela, mulheres não praticam bullying direcionado, mas fazem fofocas. Os meninos, por sua vez, sofrem piadas e práticas vexaminosas. Ainda que não tenham relatado vivenciar isso, como Jasmim diz, existia o medo de ver que outras pessoas sofriam esse tipo de comportamento, então optavam por adequar-se ao padrão para evitar o conflito. A única vivência que foi abertamente LGBTQIA+ durante o período escolar (Ensino Fundamental e Médio) foi a Orquídea, que conta que encontrou um amigo gay quando iniciou a 5ª série (ou 6º ano) teve uma identificação com ele. Para lidar com o *bullying*, ela adota uma estratégia igual a que adotou em casa, de devolver na mesma moeda, praticando um *bullying reverso*. Ainda que diga ter sido uma experiência tranquila na escola, ela ainda relata que como os meninos deixavam de mexer com ela, por ela ser *bocuda*, eles buscavam alvos mais vulneráveis para provocar.

Nas Instituições Midiática e Virtual, os narradores-recordadores LGBTQIA+ relatam encontrar espaço de reconhecimento, identificação, e onde possam ser *eles mesmos*. Na mídia, Orquídea conta sobre a identificação com cantoras Pop da época e em como espelhava na Lady Gaga, que tinha uma postura *transgressora*. Em outras mídias, como filmes, Orquídea comenta que não gostava muito de obras voltadas para público LGBTQIA+ por serem trágicas. Atualmente, há produções que buscam um olhar mais leve sobre a vivência LGBTQIA+, mas na época de sua adolescência era mais comum filmes e séries que optavam por uma narrativa mais trágica. A representatividade *forçada* não é bem-vista por Azaleia e Edelvais, que comentam adaptações de obras (como livros em filmes) que mudam sexualidade, gênero ou cor dos personagens. Para eles, mudanças assim acabam dando justificativa para *haters* e preconceituosos reclamarem. Outro ponto comentado por eles é sobre o reforço de estereótipos que acabam tendo em mídias que buscam trazer uma representatividade de grupos, mas que só reforçam papéis definidos socialmente.

Na Instituição Virtual, temos espaços onde eles possam assumir identidades distintas do mundo real. Orquídea relata que no espaço virtual, em jogos, pode desde jovem criar e se aventurar com personagens femininos. No virtual, Azaleia encontrava um acolhimento que não encontrava na escola ou na família. Orquídea, Azaleia e Edelvais relatam que as comunidades online eram ambientes onde conseguiam encontrar pessoas *semelhantes* para conversar.

Edelvais e Azaleia relatam que não buscavam grupos LGBTQIA+, mas pelos seus interesses acabavam esbarrando com pessoas no ambiente virtual. Além disso, o virtual foi mencionado como um espaço seguro para encontrar pessoas com quem possa se relacionar romanticamente e sexualmente, pois fora do virtual existia uma *insegurança* (como conta Lilás).

As Instituições Midiática Virtual atuaram, para os narradores-recordadores, como espaços de identificação, reconhecimento, mas também de *aprendizado*. Como Jammaers e Zanoni (2021) relatam nos espaços organizacionais que regulam a identidade de trabalhadores PCD, na Mídia e no Virtual temos não uma regulação do comportamento, mas a conexão com grupos semelhantes torna-se fonte de vocabulários, símbolos e imagens compartilhadas que significam a sua identidade e sua diferença, podendo dar-lhes força para superar a hostilidade vivenciada em outras instituições.

Na apropriação desses vocabulários, símbolos e imagens compartilhadas e significadoras encontra-se a dialética da ipseidade-alteridade. Na ipseidade, há essa incorporação e identificação com figuras culturais, como a Lady Gaga para Orquídea ou a Ariana Grande para Azaleia, que constituem muito do que se conhece por *Cultura LGBTQIA+*, ou ao menos figuras que instrui a identidade narrativa do sujeito LGBTQIA+ (Ricoeur, 2010). Como Ricoeur, p. (2014, p. 122) coloca: “a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas *identificações* a valores, normas, ideias, modelos, heróis, *nos* quais a pessoa ou a comunidade se reconhecem. [...] um elemento de lealdade, de lealismo, incorpora-se assim no caráter e o faz transformar-se em fidelidade, portanto em manutenção de si”.

Adentrando na vida adulta dos narradores-recordadores LGBTQIA+, temos as Instituições Universitária e Política que aparecem misturadas nos relatos. A Universidade, enquanto Instituição de Ensino Superior, tem como finalidade uma formação cidadã do discente, o que inclui também uma vivência política. Apesar disso, a política só foi mencionada Orquídea e brevemente por Dália. Orquídea, que vivia o início da sua graduação durante as eleições de 2018, foi afetada pelas narrativas políticas das eleições e isso impactou suas relações familiares. Dália, por outro lado, comenta um pouco sobre políticas afirmativas. Enquanto homem trans, não tem certeza se as políticas afirmativas para concursos de docência o beneficiam ou não, pois caso membros da banca avaliadora tenha preconceito, ele entrar com pedido de vaga afirmativa de pessoa transexual pode lhe prejudicar em avaliações de cunho subjetivo, como a prova didática.

Por outro lado, a Instituição Universitária isoladamente apareceu na fala de quase todos, com exceção de Edelvais. Azaleia foi o único que relatou uma experiência ruim, que não se sentia à vontade com os amigos na universidade, o que pode ter relação com o que ele chamou

de *isolamento* que vivia no quarto e conectado com os amigos online conversando e jogando. Lilás, Azaleia e Orquídea todos estudaram na mesma instituição (Universidade Estadual de Londrina). Em todos os relatos, a universidade foi um ambiente que permitiu a eles assumirem identidades e aparências com as quais se identificavam mais. Lilás cortou o cabelo curto e começou a se relacionar com mulheres. Azaleia, que tinha construído um planejamento minucioso de se formar, arranjar um emprego e conquistar a independência para poder começar a se relacionar com outros homens, começou a namorar durante a graduação (“tudo culpa da UEL, né?”). Orquídea relata que a universidade foi um espaço utópico na cidade, onde tinha um contato gigantesco com pessoas LGBTQIA+ e se sentia à vontade, com apoio de professores, principalmente após o resultado das eleições. Para Dália, durante a sua formação da graduação foi um momento em que pode cortar o cabelo e assumir uma aparência mais masculinizada. Ainda que na época sua identidade de gênero e sexual era de uma mulher lésbica, foi durante a graduação que começou a construir uma imagem que se sentisse mais confortável consigo mesmo e *verdadeira* de Si-Mesmo. Os relatos mencionados são todos de universidades públicas, com exceção de Dália que cursou um primeiro curso de graduação em uma Universidade Federal e depois foi para um centro universitário particular.

Apesar das mudanças decorrentes do ingresso na vida adulta na Instituição Universitária, quando observamos os relatos voltados para o ambiente na Instituição Trabalho, o mesmo não se repete. No trabalho, como coloca Jasmim, não tem como saber o nível de contato que a pessoa tem com pessoas diversas, principalmente relacionado às diversidades não-observáveis (sexualidade, religião, cognitiva, como coloca van Bommel et al. (2024)). Atualmente, muitos deles relatam serem abertos quanto à sua sexualidade ou identidade de gênero nos trabalhos, mas isso pode ter mais relação com a maturidade da pessoa, como Jasmim pontua, ou com um ambiente menos masculinizado, como o de Orquídea. Esse segundo nem sempre pode ser acolhedor, pois Croco relata que mesmo em um ambiente em que todas as pessoas são mulheres, um colega de trabalho não se sentiu bem para assumir sua sexualidade perante a equipe.

Na Instituição Social temos uma reflexão maior sobre o peso dos rótulos no sujeito LGBTQIA+. Como coloca Orquídea, a partir do momento que as pessoas sabem que é uma mulher *trans*, o *trans* grita mais alto do que qualquer coisa que tenha feito. Ela vivenciou isso algumas vezes, como relatou na sua narrativa. A imposição dos rótulos, para ela, impacta na relação até com pessoas do mesmo grupo “no mundo gay existe rótulos, as quais quem, tipo, é mais padrão, é mais desejado, mas você, você afeminado, aí já não é tão desejado” (Orquídea). Azaleia e Edelvais reclamam dos rótulos, sobre a imposição de serem identificados como o

fulano gay. Edelvais falou algumas vezes durante sua narrativa que quando vinham lhe perguntar se era gay, ele afirmava “eu sou Edelvais”, pois ele entende que sua existência é maior do que a sua sexualidade.

Algo que fiquei curioso em prestar atenção na fala dos narradores-recordadores foi sobre a mudança desencadeada pela sua aceitação própria e sua validação externa. Orquídea coloca que, apesar de não buscar validação externa, ela entende que é bom ser validado. O reconhecimento do Outro do que nós, os Outros deles, somos também *Si-Mesmo* que não o seu, é algo procurado em ambientes para formação de relações significativas com o Outro. Considerando a construção identitária a partir da relação com o Outro, para os narradores-recordadores LGBTQIA+, existem muitas barreiras a serem superadas pelo papel de gênero imposto por diferentes níveis institucionais. Mesmo pegando pessoas como Margarida, que como eu disse, foi uma surpresa para mim saber de sua bissexualidade, ao demorar para trazer namorado em casa, foi questionada, em tom de brincadeira *ou até medo*, se havia se tornado lésbica. E, mesmo que não faça parte dos narradores-recordadores dessa tese, já ouvi o mesmo comentário e suspeita de familiares de outras amigas.

No quesito de aceitação própria, ao encontrar-se, muitos mudaram o comportamento que tinham perante o Outro. Ao se aceitar, não permitia que determinados comentários fossem feitos em ambientes com os quais estivessem familiarizados ou se sentissem confortáveis para manifestar suas opiniões. Dentre eles, a Instituição Familiar se destaca que, quando confrontados, eles questionavam de volta ou não cediam à provocações de “já experimentou mulher?” ou “é só uma fase”. Assim como Louro comenta sobre sua neurodivergência, é possível observar que a aceitação própria dos sujeitos lhes tornou mais dispostos a buscarem espaços onde pudessem ser eles mesmos, sem ter de se esconder.

Não há menção nos relatos sobre o impacto de espaços seguros por meio de proteção da própria instituição ao grupo. Na Instituição Familiar, tirando a família de Edelvais que o recebeu de *braços abertos*, todos os demais sofreram algum tipo de repressão, ao menos inicialmente. Na Instituição Religiosa, existe um conflito explícito entre a crença e *ser LGBTQIA+*. Todos os narradores-recordadores LGBTQIA+ relataram ter se afastado da religião católica e/ou protestante. Dália foi o único a mencionar que buscou conforto em outra religião e Íris relatou que acredita em Deus, mas não consegue compartilhar da crença protestante como ela é pregada. Na Instituição Escolar, percebe-se um conflito entre expectativa de comportamento e realidade, que se reverbera em *bullying* praticado por homens ou fofocas por mulheres. Na Instituição Midiática e Virtual existe uma identificação e um espaço de segurança maior para o sujeito agir verdadeiramente. A Instituição Universitária é um ambiente de acolhimento

também, em que o sujeito LGBTQIA+ pode ser apenas “mais um” entre tantas pessoas diferentes. A Instituição Política é espaço de luta e insatisfação, em que se percebe a fragilidade dos direitos mediante mudanças ideológicas do governo. Na Instituição Trabalho, encontra-se um ambiente que reforça comportamentos padrões de vivência e retoma a insegurança em relação ao Outro antes da vida Universitária. Na Instituição Social, por fim, é mencionado o interesse no acolhimento e na carência por vivências comuns de pessoas heterossexuais.

Nas relações interpessoais, por fugirem do *padrão*, encontram desvantagens em ambientes que podem ser propiciadas por discriminações ou preconceitos de sujeitos de grupos dominantes naqueles espaços. Não é necessário, por exemplo, ter uma hierarquia para atrapalhar a relação com o outro. No espaço do trabalho, mesmo tendo cargos semelhantes, Jasmim, Dália e Orquídea relatam o desconforto para serem *reais*. O medo de serem provocados e caírem nas provocações lhes atrapalhou a vivência. Para Dália, junto do autismo, ele relata ter de se encontrar agora como uma terceira identidade (homem trans, professor e autista). A incorporação dessa identidade fragiliza mais as relações, lhe deixando mais inseguro e menos aberto para a construção de relacionamentos verdadeiros. No entanto, entendo que quando Jasmim, Dália e Orquídea relatam a pouca abertura para o Outro não é por não estarem aberto ao outrem, mas por sentirem que o Outro não está aberto para eles. Aprofundaremos essa relação mais adiante.

6.2 SUJEITOS MULHERES: “INCAPAZ”

Diferente da sexualidade e identidade de gênero, que são diversidades não-observáveis, a mulher é uma diversidade observável. Como bem coloca Ribeiro (2024), o sexo feminino é colocado como o *Outro* na sociedade, em que o *Si-mesmo* é único do homem branco cis. Nas Instituições, o enquadramento da mulher como Outro ocorre na Escolar, Universitária, Trabalho e Social.

Na Instituição Escolar, temos a vivência da mulher no Ensino Fundamental e Médio sendo marcado por falas que inferiorizam a mulher perante o homem. Croco relata que com 8 anos, um menino já fala para ela que ela não poderia correr mais que ele *por ser menina*. Durante a adolescência, questões voltadas para a sua aparência foram motivos de exclusão, pois ela começou a engordar, teve de usar aparelho e óculos. Isso afetou a sua construção de relacionamentos amorosos, marcante na fase adolescente. Margarida, por mais que não tenha entrado em detalhes, menciona a crueldade dos adolescentes, mas que não deixava nada baixo e *zoava de volta*.

A estória mais marcante da mulher no Ensino Médio foi a de Camomila, que fazia um Ensino Médio Técnico de Edificações. Por ser uma formação voltada principalmente para Engenharia Civil, ali ela já tinha um *gostinho* do que ela vivenciaria mais intensamente durante a graduação. Demonstrar sua feminilidade, algo visto naturalmente por meninas adolescentes em ambientes *normais*, era visto como motivo para fazer piadas voltadas para Camomila. Ao vivenciar essa experiência, Camomila relata que precisou reduzir sua feminilidade para que pudesse se adequar ao contexto masculinizado do Ensino Técnico. Para ela, performar a masculinidade era o equivalente de ser forte, para que não fosse *trucidada* pelos meninos.

Nesses comportamentos, conseguimos enxergar aquilo que Ribeiro (2024) constrói sobre o posicionamento da mulher na sociedade, que diverge do gênero dominante. Em ambos os relatos mais detalhados, há algo em comum: esportes e um ambiente técnico da construção civil são ambientes que são associados a masculinidade. Ainda que não haja grandes diferenças nos corpos durante a infância, o menino colega de Croco já reproduz comportamentos que colocam a mulher como algo *inferior*, alguém que *não pode* ou *consegue* vencer dele. Já no relato de Camomila, ao destoar do ambiente masculinizado, utilizando vestimentas femininas, ela se torna o alvo. Provavelmente, perguntar para meninos o porquê fizeram aquilo, eles vão responder com “é brincadeira”. O comportamento do gênero masculino de transformar ofensas em brincadeiras é repetido em outros ambientes, com outros grupos, como no Trabalho e na Universidade.

Na Instituição Universitária, temos a concretização do que é ser mulher no ambiente das Engenharias²³. Camomila relata que durante o seu curso de graduação, ela e outras mulheres foram constantemente desafiadas por seus colegas e por seus professores. Ao mencionar os sentimentos da época, ela menciona *menosprezada*, *incapaz*, com *restrições*. O ambiente que deveria ser um momento de aprendizado, virou um ambiente de competição, em que a mulher é colocada a prova para ver se é capaz de exercer uma função que é vista como pertencente ao *homem*. “você vai dar conta?”, ela menciona ter sido questionada por um professor durante aulas da graduação. A Instituição, nesse caso, não prestou apoio às mulheres. Ainda que reclamassem sobre os professores, eram apenas informadas que eram professores mais antigos, da casa: “Ah, mas ele é assim mesmo. Não, mas não precisa se preocupar. Ah, mas é só

²³ Apesar do relato de Camomila ter sido sobre sua graduação em Engenharia Civil, quando Jasmim menciona sobre mulheres no ambiente da Engenharia Elétrica, ele comenta que elas também sofrem preconceitos parecidos com o que Camomila relata. Portanto, aqui consideraremos que há uma aversão às mulheres se inserindo no ambiente machista das Engenharias.

brincadeira.”. Nesse sentido, a relação com o professor na universidade pública pode ser diferente da universidade privada, o que Camomila mesmo menciona.

Apesar de nos relatos dos narradores-recordadores LGBTQIA+ verem a universidade como um local utópico, uma celebração da diversidade, essa diversidade talvez se reserve apenas aos estudantes, pois a Instituição, em alguns âmbitos, acaba fechando os olhos para comportamentos vindo do seu próprio corpo docente, que vão em direção contrária a valores da própria Instituição de Ensino Superior. Tem também de se considerar que o momento que Camomila cursava sua graduação era outro. Ela relata que foi quando ela tinha 18/19 anos, ou seja, nos anos iniciais da década de 2000.

Atualmente, coordenadora do curso de Engenharia Civil em uma universidade particular, ela relata não tolerar quaisquer comportamentos discriminatórios dos docentes. Para ela, o docente que se encontra ali com a função de ensinar é uma pessoa que deve receber o *Outro* com respeito e afeto, até porque “ela tá sendo paga [para isso]” (Camomila). Ela comenta que existe também uma diferença geracional, que tratava muito as minorias como piadas. Esses tipos de comportamentos, para ela, não se encaixam mais no mundo em que vivemos.

[...] Ah, mas é só brincadeira.” Então, cara, eu super entendo quando as pessoas falam, né? E eu sou daquela geração que você fazia piada de papagaio, piada de negro, piada de gay, piada de lésbica, piada de tudo. Aí tinha na TV, esses dias eu tava assistindo lá um negócio de Trapalhões e eu falava, misericórdia, o que que é isso? Olha o tipo das piadas, né? Olha o tipo da... O que que era? Que horror, entendeu? Então, assim, são coisas que não encaixam mais no nosso mundo, né? Não se encaixam mais. Eu sou uma que se um professor fizer um negócio desse com uma aluna mulher ou fizer algum tipo de piada, meu, ele tá fora. De maneira nenhuma eu vou aceitar isso. De nenhuma forma de desrespeito. Então, é muito complicado. E a gente passava isso direto. (Camomila)

No trabalho, a discriminação de gênero continua para Camomila. Croco não trabalha na mesma área, mas fala “Todo ambiente corporativo é predominantemente masculino, hétero, não existe a possibilidade de você destoar um pouquinho. Rapidamente você é cortado, substituído”. Mesmo com o discurso da meritocracia, algumas coisas acabam falando mais do que desempenho (e não é a justiça, Brennan (2023)!). Camomila entende que os ambientes corporativos destoam entre si quando olhamos organizações brasileiras e organizações internacionais. No entanto, isso não é compartilhado por outras mulheres que atuam em organizações internacionais, como Croco.

Margarida que atuou em um ambiente de consultoria, relata que já foi invalidada ou diminuída por ser mulher em organizações. Alguns casos, relata ela, envolveram até questões de assédio. Camomila relata o mesmo sobre a indiscrição dos homens em dar em cima das mulheres, ainda que “brincando”: “passa lá no meu quarto depois, pra gente conversar”. A questão do assédio e piadas de teor sexual faz com que a mulher tenha de cuidar de como

aparenta, para não ter de ouvir comentários como “mas também, elas provocam com essas roupas”, algo que a mãe de Margarida comentou sobre um caso relacionado a pessoas famosas que era noticiada ano passado na televisão.

A relação desigual não surge somente de cargos mais elevados, como no relato de Croco em que apenas mulheres que se relacionam com o chefe podem obter promoção. Em um dos relatos de Margarida, a pessoa que a assedia solicitando um beijo de cumprimento era um terceirizado da empresa, e em outro caso ela já exercia cargo de liderança na mesma empresa quando foi comentado sobre seu corpo ter virado de mulher (apesar da vestimenta toda voltada para o trabalho, com botina e outras peças que não ressaltam o corpo feminino). Para Camomila, a *sacanagem* não vinha somente dos superiores como das pessoas abaixo dela na hierarquia, quando os pedreiros e serventes ficavam “validando” com ela coisas que, segundo ela, eles já sabiam.

Eles queriam fazer pegadinha, né, com a gente. “Ah, então, e aí? O que eu faço agora, sabe?” Eles sabiam o que tinha que fazer, só que eles ficavam desafiando, né? Então, eu sentia muito essa questão aí de também ser desafiada, sabe? Então, enche o saco. Toda hora você ser desafiado como se você fosse incompetente. Agora que eu sou velha, eu fico com raiva disso, quando eu lembro, sabe? Que eu falo, cara, eu não faria isso com uma pessoa jovem que está aprendendo alguma coisa, né? Então, eu vejo muito... e daí eu vejo isso em homens e mulheres, né? Você tem uma relação de poder, às vezes, que você está, sei lá, acima, mais maduro, mais equilibrado, e você se aproveita dessa situação pra oprimir alguém ali que não está na mesma fase que você, entendeu? Então, assim, isso aí eu senti bastante. Então, foi uma fase bem complicada, quando eu estava fazendo a obra lá, foi bem difícil. (Camomila)

A relação de poder que ela menciona é algo que provavelmente foi construído desde pequenos. Na história de Croco, a superioridade do gênero masculino já era reproduzida pelo menino de apenas 8 anos. Esses tipos de comportamentos e segurança do homem (principalmente branco, hétero e cis) sobre os outros é um reflexo da visão hegemônica que é reproduzida por aqueles que se encontram em posições de privilégios. Nas instituições, essa atribuição de papéis permite à eles ganharem vantagens sobre os diferentes e dá margem para que esses comportamentos discriminatórios surjam.

6.3 SUJEITOS NEURODIVERGENTES: “INADEQUADOS”

Nos relatos de neurodivergentes, temos três pessoas que se encaixam por serem autistas: Louro, Lilás e Dália. No entanto, ao que parece, Louro é o único que está a mais tempo com essa condição neurológica diagnosticada, ainda que tenha sido tardia. Portanto, muitos (quase todos, na verdade) dos relatos voltados para o neurodivergente baseiam-se na vivência de Louro.

No entanto, convém ressaltar o que Lilás e Dália ressignificaram de suas vivências a partir do diagnóstico de autismo, ainda que recentes. Como Louro mesmo conta quando explica do autismo, ele é uma condição relacional, que afeta a forma como você se relaciona com o outro. Lilás, por exemplo, entende que isso não afeta seu desempenho no trabalho, pois seu trabalho é home-office na área de tecnologia e ciências da informação. Apesar dessa percepção dela (que inclusive informou não ter interesse em *fazer um disclaimer* sobre sua condição neurológica para a organização), ela relata que ela tem uma baixa bateria social, o que afeta seu convívio em ambientes específicos. O autismo também pode explicar o apreço dela pelos aplicativos de namoro, que permitem você identificar melhor mulheres lésbicas que permitam se relacionar, do que, por exemplo, ir em ambientes como bares ou baladas para encontrar interesses amorosos ou sexuais.

Para Dália, o diagnóstico de autismo está lhe fazendo revisitar coisas que ele havia atribuído à transexualidade, o desconforto que sentia no próprio corpo. Durante a infância, Dália costumava falar pouco. Ele relata que uma vez que na igreja que frequentava, por falar pouco, acreditavam que era alguma coisa a ver com um demônio. No relato, podemos perceber que o pouco interesse de Dália em conversar com os outros foi entendido com uma possessão, e para ele escapar da situação, ele falou algo no momento, ainda que no dia seguinte voltou tudo ao *normal* (para ele, é claro).

[...] e aí como eu não falava com ninguém, eu só falava com as pessoas em casa, só em casa ou com minha família especificamente. Se eu estivesse em algum local específico, só com família e pronto. E amigos próximos. Quem quisesse falar comigo que fosse lá em casa, porque eu só falava lá. Na rua, na igreja, não falava. Foda-se. E aí, e aí o que que acontecia... tinha coral de igreja, mas eu não cantava. Eu participava do coral, mas eu não cantava, eu ficava calado. Então eu levantava, era muito engraçado se você for olhar hoje... levanta, aí a gente fazia assim com a mão, levantava ficava lá, blá blá blá. E aí eu não cantava, ficava lá, sentava. Aí começaram a achar que tinha alguma coisa a ver com demônio, que tinha algum demônio dentro de mim. Eu também não sabia o que era. Tipo assim, você é uma criança, você vai se defender como? Hoje eu falo que essas porra é tudo maluco e que tem que internar. Hospício, igreja, é a mesma coisa. Aí, o que que acontece, minha mãe me levou e fez uma oração pra sair o demônio de mim, pra eu conseguir falar. Aí eles fizeram uma oração, botaram a mão na minha cabeça balançou, fechou. Daquele negócio “saí, eu não sei o que, blá blá blá”, aí o cara falou “tá bom, agora fale”. Aí eu falei qualquer coisa, só pra não ter que ficar ali de novo, pra ele não fazer outra oração eu falei “ó curou, tá curado”. No outro dia voltou tudo igual, não falava com ninguém. Eu falei “o demônio errou de endereço então” (Dália)

A mídia, de certa forma, também é importante para a conscientização e busca de identificação ou conhecimento sobre a condição. Dália relata que durante o processo do diagnóstico, começou a se informar mais sobre o assunto. Da mesma forma quando se descobriu homem trans e começou a se informar por podcast, relatos de experiência, sensações, ele replicou essa busca por material que fornecessem uma base para que ele não começasse perdido

com essa nova diversidade. Apesar do esforço, ele relata que está sendo um novo processo de (re)descobrimto de *Dália*, pois ele tem de revisitar o passado novamente para encontrar pistas, sinais, justificar e significar sua vivência a partir dessa nova versão de si.

Em outras mídias, em especial as de entretenimento como séries e filmes, Louro é crítico quando as inclusões feitas de pessoas neuroatípicas em séries que reduzem o personagem a apenas a condição neurológica dele. Quando mencionei *Atypical*, Louro foi extremamente crítico da série e se sente desconfortável com a forma que retratam o autista no seriado da Netflix. Assim como Edelvais e Azaleia se sentem desconfortável com as representações de LGBTQIA+ na mídia de entretenimento, que acaba reforçando estereótipos, Louro parece sentir algo semelhante, pois o neuroatípico não é representado como apenas uma característica do sujeito, mas algo que acaba se sobressaindo acima de tudo.

Na Instituição Universitária, não houve relatos partindo dos neuroatípicos, mas houve uma perspectiva da Camomila, enquanto coordenadora. Para ela, os neurodivergentes são muito discriminados dentro do ambiente universitário. Por ter um olhar da instituição privada, e relatar que ela observa muitas discriminações voltadas para pessoas gênero, sexualidade, e até classes sociais, essa discriminação pode ser mais uma no pacote promovida pelos alunos. Ao que dá a entender, essas práticas partem de alunos homens. Novamente, vemos no espaço institucional, a manifestação da mesmidade em contraponto à alteridade, em que os discentes não buscam construir uma relação mútua com o Outro, mas querem *colocar para baixo*, como diz Dália.

Se na Instituição Universitária aparece esse problema, na Instituição Trabalho, a partir dos relatos principalmente de Louro, existe um reconhecimento do neuroatípico e até a promoção de vagas afirmativas para incorporar esse grupo no mercado de trabalho. No entanto, para Louro, a diversidade não é por *justiça*, mas por um olhar a partir do interesse organizacional, como *desempenho* ou alguma vantagem que possa ser extraída dessa contratação (Brennan, 2023). Nos relatos dele, o caso da freira foi algo que de fato foi chocante de ouvir, tendo em vista que uma freira deveria ter uma postura, como Louro diz, de carinho e afeto pelo Outro, mas não é o que acontece. Como no artigo de Jammaers e Zanoni (2021), a vivência da pessoa com alguma condição que foge do convencional tem sua identidade moldada pela organização para atender aos interesses organizacionais, sem preocupação evidente com o bem-estar e um ambiente que promova condições adequadas para o funcionário.

Croco, que também não é neuroatípica, relata sobre as políticas de diversidade da organização, que solicitam aos funcionários quem tenha uma condição observável ou não observável: “eu preciso de um PCD que tenha uma deficiência não aparente” (disse o Gestor no relato de Croco). Para ela, a discriminação e o preconceito com grupos neurodivergentes não

é algo que parte por justiça pela organização, mas para atender a legislação ou para *esconder* o preconceito existente no ambiente corporativo. Isso se expande para condições de saúde neurológica, como a depressão, que quando ela relatou para seu supervisor, foi desligada da empresa. Dessa forma, pelos relatos, há dúvidas sobre o quanto as organizações estão abertas para acolher e “cobrir a pessoa com um certo carinho especial” (Louro), a partir do reconhecimento das necessidades específicas do sujeito.

Na Instituição Social, Louro comenta sobre como foi a mudança da sua relação com o mundo a partir do diagnóstico. Ele coloca: “porque receber o diagnóstico muda o jeito que a gente se enxerga. Mas, e muda automaticamente, sim” (Louro). Para Louro, receber o diagnóstico fez com que ele ressignificasse sua vida, fazendo-o perceber o quanto ele está *cansado* de se adaptar ao padrão, sem que exista uma adaptação do *padrão* para a sua individualidade, em todos as instituições. Como ele diz, ninguém gosta de ser *inadequado* para a sociedade.

Mas, enquanto uma situação recente, que dentre as diversidades mencionadas essa é uma que começou a ser discutida a pouco tempo (van Bommel et al., 2024), a inclusão já tem seus espaços, como a experiência voltada para o show que Louro foi e o reconhecimento do Outro-diverso no cinema e a preocupação e cuidado que outros funcionários tiveram com ele após ele mostrar a sua carteira de identidade que inclui a informação do autismo: “eu sinto que o fato de a conversa ter começado tem me feito recuperar certas gentilezas que eu não tinha mais, sabe?” (Louro).

Na relação com o Outro, aparentemente existe uma aceitação melhor dos nossos narradores-recordadores neurodivergentes. Importante salientar que, apesar de todos serem pessoas com autismo, todos relataram níveis baixos na classificação do autismo, ou seja, não é algo que afeta totalmente as suas relações, ainda que tenham impacto nas relações interpessoais em instituições. Outro aspecto é que todos os narradores-recordadores tiveram diagnósticos tardios, próximo dos 30 anos de idade. Por ser algo novo para eles também, a ressignificação do impacto do autismo na sua vida é retroativa, um olhar para trás a partir da visão do agora.

Essa reavaliação impacta na própria construção da sua identidade, que agora se reconhece em outro grupo (Louro) ou mais um grupo (Dália e Lilás). Dessa forma, mais uma vez a diversidade pode ser vista na possibilidade de mudança encontrada na *ipseidade*, e na sua relação com a mesmidade na formação do caráter, e no seu distanciamento para a promessa de manutenção de si na relação com o Outro (*ipseidade-alteridade*). A relação com o Outro não é, necessariamente, presencial, podendo ser um reconhecimento do Outro, que não si, a partir das

mídias utilizadas para (re)conhecer-se e (re)entender-se a partir dessa nova visão, desse novo *rótulo* de diversidade.

6.4 SUJEITOS NEGROS: “AGRESSIVOS”

Para os sujeitos negros, existe os relatos de Croco, Íris e Margarida. No entanto, a pessoa que mais manifesta suas dores é Íris sobre sua vivência enquanto um homem negro. Para Croco, a questão da cor não apareceu na sua fala, e Margarida fica em dúvida sobre o que ela vivência por ser mulher e o que é por ser uma mulher negra. A interseccionalidade aqui dificulta até para o sujeito entender o porquê de certos acontecimentos.

Retomando as histórias narradas, iniciamos pelo relato de Íris que contou como o pastor de sua igreja informou Íris que Deus lhe utilizou como intermediário para dizer à Íris que deveria cortar o cabelo, para que seu cabelo não levasse os irmãos a pecarem. Comparando com *Outros* da igreja, Íris conta que não via Deus intercedendo pelos irmãos sobre os cabelos cumpridos lisos de homens brancos. Íris entende que, naquele momento, ainda não existia a conscientização sobre o cabelo crespo ou cacheado, então o cabelo que ele queria deixar crescer naquela época era visto como *fora do padrão*, e impactando as relações interpessoais existentes na *casa de Deus*.

Íris retoma esse episódio quando comenta sua (re)descoberta das coisas a partir da aula de Sociologia que teve na sua graduação. Para ele, as discussões sobre visões únicas da sociedade permitiram observar a influência da religião em ambientes fora da sua estrutura, moldando a forma de ver e pensar das pessoas e ditando regras de comportamento para determinados grupos na sociedade: “Não precisa gostar da diferença. Você só respeita ela e deixa ela viver o dela, e você vive o seu, e é isso. Mas muito, assim, comandado pela igreja. A igreja sempre tá ali. Sempre tá ali” (Íris). A incorporação da palavra o limitava a fazer coisas que, hoje em dia, ele ama fazer, como dançar. Pela época, um menino dançar não seria bem-visto. Presumo que, além de tudo, dado o episódio que ele vivenciou com a família sobre sua sexualidade ainda não descoberta, o ato de dançar só reforçaria comentários e o faria fugir ainda mais do comportamento esperado por um menino nesses espaços.

No ambiente familiar, nenhum dos narradores-recordadores relataram ter vivenciado preconceitos voltados para a cor da sua pele, apesar de Croco e Margarida afirmarem ter parentes racistas. Para Croco, o avô tinha uma postura racista, apesar de ter pessoas com pele negra na família. Margarida comenta que embora a mãe tenha casado e tenha tido filhos com um homem negro, ela faz comentários racistas. Ressalta-se que a mãe de Margarida é uma

mulher branca, então, apesar de ter se casado com um homem negro, a sua construção identitária ao longo de sua vida pode colocá-la numa posição de fazer comentários dos quais nem se quer perceba o impacto que eles têm na vida dos grupos mencionados. Como Margarida coloca, ao comentar sobre grupos LGBTQIA+, “não admita esse tipo de coisa, porque muita gente morre por causa disso”.

No ambiente escolar, embora não relatem diretamente episódios de preconceito, Margarida comenta sobre a relação com o cabelo que, na época, por ter um cabelo cacheado, ela se sentia diferente das outras meninas (“fora da caixa”) e resolveu alisar o cabelo para encaixar no grupo. O sentimento de se sentir *fora da caixa* é devido a diferença e a normalidade atribuída ao cabelo liso na época e, na época, existia um “vício de linguagem” mais evidente de entender que cabelo crespo ou cacheado eram cabelos *ruins*. Lembro que, na 5ª série, uma menina tinha o cabelo bem crespo, apesar de ter a pele mais branca. Os meninos falavam que o cabelo dela serviria até para arear panelas. Esse comportamento de tratar o diferente com hostilidade ou com *brincadeiras* ofensivas não era incomum. Ainda hoje, existe pessoas com “vícios de linguagem”, como Margarida relataria depois no ambiente do trabalho, quando uma mulher “dondoca” usou a Margarida como exemplo para falar do cabelo da menina que trabalha na sua casa: “não estou falando mal não, só estou tentando dar um exemplo que o cabelo da menina que trabalha lá em casa é parecido com o seu, só que o dela é um pouco mais ruinzinho”.

Durante a estória de Margarida, no início do primeiro momento, ela comentou para mim:

[...] eu realmente não recorro de muitos momentos que eu tenha sofrido racismo. Talvez possa ter acontecido alguma coisa, mas eu não me senti afetada, não percebi e segui em frente, sabe? Mas foi bem trabalhar desde cedo. É uma coisa boa e ruim ao mesmo tempo, porque é boa porque você aprende muito sobre a vida, e você se desenvolve e aprende muita coisa, conhece muita gente e tudo mais. (Margarida)

Na visão dela, o fato de ter começado muito nova a trabalhar pode ter afetado sua percepção sobre possíveis episódios de racismo direcionadas à ela no ambiente do trabalho. Talvez, como Camomila comenta, Margarida precisou criar uma casca, para lidar com esse ambiente “masculinizado” (como disse Croco) e, então, sentiu que muitas das situações em que se encontrou foram principalmente voltadas ao fato de ser mulher e não a sua cor de pele.

Ainda que não relate ter vivenciado muitos preconceitos voltado a sua cor de pele, Margarida experienciou, em outro episódio recentemente, com o *velho* que comentou sobre o seu cabelo e da amiga no restaurante, como a forma que ele falou poderia ser visto como um elogio por ele, mas para elas era uma ofensa. Ela complementa, nesse relato:

[...] foram situaçãozinhas específicas que aconteceram que, às vezes, na hora, você nem pensa na parte do preconceito. Mas depois você analisa e fala “gente, mas que merda...”. Porque ninguém vai chegar em um cara, branco, cabelo liso, escorrido e

falar assim “nossa... meu Deus... seu cabelo...”. Ninguém vai falar isso, da característica sabe? Não vai... (Margarida).

Margarida também comenta sobre o mal-estar gerado pelos comentários que os sócios e os haitianos que estavam trabalhando na empresa. Esse mal-estar, acumulado com outros acontecimentos, foram determinantes para a saída posteriormente. Percebe-se que, apesar da afirmação de não se afetar, momentos que comentários inconvenientes a respeito da sua pele ou da sua aparência foram feitos em momentos e apareceram ao longo de sua construção histórica da narrativa.

Em um misto de Instituição Universitária e Trabalho, Íris também relata no ambiente do Programa de Pós-Graduação se sentir acuado a reagir a comportamentos de pessoas brancas, pois sente que pode ser visto como “negro agressivo que gritou com x”. Nesse aspecto, ele ainda sente que muitas pessoas brancas jogam nele o papel de responder situações de pautas racistas. Ele critica a falta de respeito as diferenças no *stricto*, comentando que se busca obter mais conhecimento sobre *hot/trending topics* para fazer publicação do que considerar com assuntos voltados à diversidade. Para ele, essa posição das pessoas de negligenciar o assunto, que inclusive fora pauta em aulas, é uma manutenção do privilégio: “esse conforto que as pessoas se dão em ficar no seu privilégio”.

6.5 O OUTRO COMO... OUTRO?

[...] é como se realmente tudo aquilo que você foi, ou que você era, ou que você fez, não significasse mais nada, e agora você tem aquele rótulo que você assumiu ali, e aí, aquele rótulo é o que você é a partir dali (Orquídea)

Antes de adentrarmos especificamente sobre a construção do Si-Mesmo e do Outro a partir das narrativas, falemos um pouco a partir de um olhar da fenomenologia hermenêutica da memória (Ricoeur, 2020) sobre *o quê, como e quem*. Ao solicitar aos narradores-recordadores que compartilhassem a sua estória, eu entendo que estou solicitando à eles que, por meio da rememoração, busquem memórias para formar sua identidade-narrativa por meio da sua vivência única. O foco, nesse exercício, volta-se para a *anamnésis*, que é a própria rememoração. No entanto, ao longo dos relatos, e por meio de momentos em que eu compartilhei histórias minhas, percebo que houve a presença da *mnēmē*, em que os narradores-recordadores, nessa construção dialogada de suas histórias, recordavam de acontecimentos que não era buscada por eles.

Compreendo que, no exercício de construir sua estória, sua própria narrativa, e sua identidade-narrativa, a prioridade é para a *anamnésis*. Mas, ao exercitar a *anamnésis*, há a

manifestação da *mnēmē* que, involuntariamente, pula na narrativa, para compor sua construção. Ambas as formas da memória, consideradas o *o quê* da memória, fizeram parte desta tese nos relatos dos narradores-recordadores. Ao *como*, entendo que, ao solicitar que me contassem as lembranças voltadas ao contexto de diversidade em suas vivências, houve uma priorização nas memórias que dissessem respeito à esse fenômeno. Em alguns momentos, os narradores-recordadores fugiram da temática, mas depois retomavam. Por se tratar de suas histórias, eu compreendo que talvez não devesse chamar de fugir da temática, pois continua sendo suas vidas e como eles constroem sua percepção do contexto da *diversidade*. Entendo que não existem momentos em que a diversidade possa ser *desligada* para que o sujeito viva como um sujeito *não diverso*. Ao olhar para as memórias colhidas durante o processo de construção das histórias de vida, foi possível observar, em momentos específicos o *Si(-mesmo)*, o *coletivo* e os *Outros* que participam de todas as histórias.

Ao Si-Mesmo, vemos junto dos sujeitos, momentos em que eles vivenciaram medo e incerteza sobre sua própria identidade, como quando muitos deles relatam as dúvidas que tiveram sobre sua diversidade *não observável*, e que buscavam solucionar essa dúvida por meio da relação com o Outro. Alguns sentiam desde jovens (considerando a infância e adolescência) a diferença e sabiam o porquê de ser diferente, ainda que não pudessem *viver* a diferença, como Azaleia e Edelvais, que só foram vivenciar sua sexualidade depois de adulto, ou outros que compreendiam e lidavam com a sua diferença, como Camomila, que percebeu o que significava ser mulher no Ensino Médio Técnico, ou Íris que na igreja sentiu a diferença de ser menino negro. Outros, tal como Louro, que foi descobrir sua neurodivergência aos 30 anos, têm de aprender o que significa ser *diferente* a partir da sua diferença e do seu tempo, pois cada diferença tem seu aspecto único e momento. No caso de Íris, por exemplo, por mais que entendera o impacto da sua cor nas relações em Instituições, foi entender sua sexualidade somente posteriormente, durante a graduação. A diversidade, ele diz, sempre fizera parte de sua vida, em momentos diferentes e de formas diferentes.

Só que essas coisas sempre aconteceram [questionar coisas que lhe geram sofrimento relacionada a diversidade]. Elas sempre aconteceram, só que pra cada momento uma pauta diferente. Mas elas sempre aconteceram. (Íris)

Dália também vivenciou a diferença das pautas. Para ele, em diferentes momentos da vida, teve de compreender-se a partir de uma forma diferente. Primeiro, enquanto mulher. Depois, enquanto lésbica. Posteriormente, enquanto homem trans. E, agora, enquanto autista. Nisso, ele relata que usou de *personagens* para que pudesse vivenciar uma coisa de cada vez, ainda que, como ele mesmo diz, muitos desses *papéis* estão todos juntos, interseccionalizados.

Enquanto exercia pela primeira vez a docência, ele diz que teve de, naquele momento, priorizar essa nova identidade de Dália *professor*, para depois incorporar o Dália *trans*, ainda que o Dália *trans* estivesse ali presente quando ele se identificava com discentes, quando ele construía relações com ele nas quais ele sentia à vontade de compartilhar. Essa vontade se tornou realidade quando, durante uma aula sobre diversidade, ele compartilhou isso com os alunos e contou sobre suas reações que, primeiro viu algumas caras surpresas, mas que logo tudo voltou ao “normal”.

A construção do entendimento sobre *Si-Mesmo*, ainda que aconteça internamente no sujeito, com um processo de *se aceitar*, como Orquídea diz, ou de *ser seu próprio apoio*, como conta Camomila, é um processo que o *Outro* está presente, seja para trazer uma validação externa ao sujeito, ou para *colocar você para baixo*, como Dália comenta. Nas palavras de Camomila, essas vivências com o preconceito nos moldam, tornando-se parte de um *Si-Mesmo* que se encontra com um *Outro*.

E todas as coisas que eu precisei passar. E que vão moldando a gente, né? Desde o curso técnico na universidade. E também nos primeiros empregos, principalmente. Foi o mais, assim, complexo, né? Você ter que assumir várias responsabilidades. E ser cobrado. E saber que as pessoas estão sempre ali te vigiando, né? Esperando você fazer alguma coisa errada pra te apontar, né? Eu acredito que isso moldou em mim, assim, esse caráter de não ter... Não ter essa preocupação mais, sabe? Ao longo do tempo, eu sempre falo isso pros meus alunos. Que esse amadurecimento faz parte, né? Então, você se sente inseguro, né? Então, eu me sentia muito insegura e me sentia sem apoio, né? Depois eu descobri que o apoio é a gente mesmo que dá, né? Não vai esperar o apoio de ninguém. Sempre vai ter alguém criticando. (Camomila)

Aos *Outros*, então, atribuímos esse papel na vivência de sujeitos diversos, ora como a base para tornar o processo de (re)conhecimento próprio mais suportável, ora como os causadores de angústias e de sentimentos negativos sobre o que somos e o que representamos. Não há como entender a construção da identidade-narrativa dos narradores-recordadores desconsiderando, então, esses atores que fizeram parte de suas histórias, quer-queiram ou não.

[...] eu me considero uma pessoa muito privilegiada mesmo, sabe? Porque eu acho que eu estive nas bolhas certas, nos momentos certos, tive meu crescimento pessoal com as pessoas corretas, assim, que sempre me apoiaram, que sempre me respeitaram, né, e deram tempo, ao tempo, né, de se corrigir e tudo mais (Orquídea)

[...] nesse Natal, teve algum momento ali que eu peguei o meu tio falando, mais ou menos, tipo, como eu estivesse falando ali, falando entre eles ali e tal. Só que estavam todos bêbados, aí um dos meus tios falou “ah, cuidado com o que você vai falar, hein?”. Daí, ele meio que dá uma desconversada. E é engraçado, porque a gente sempre... tipo assim, eu, hoje em dia, sou uma pessoa muito segura, tranquila e tal, mas a partir do momento que eu passei por aquilo lá, ali, Natal agora, tá? Me deu até, tipo assim, o coração até saltou um pouco mais rápido, assim, sabe? Como se eu tivesse pego de surpresa e escutado pela primeira vez [alguém caçoando a sua voz]. E aí, eu fiquei, assim, um pouquinho chateadinha, assim, que eu falei assim, caralho, é verdade, né? Existe isso, preconceito. Tinha esquecido, né? Caramba, furou minha bolha aqui. Nossa, é foda. (Orquídea)

No *coletivo* temos, em alguns momentos, espaços de identificação com o *Outro*, em que a semelhança com o *Outro*, inserido nesse coletivo, torna-se uma razão para uma conexão sincera e verdadeira com *aquela que não o si*, como as lembranças de Edelvais e Azaleia que encontraram em comunidades virtuais pessoas LGBTQIA+ que lhe traziam conforto e um espaço para conhecer ao *Outro* e à *Si-Mesmo*, ou como Orquídea encontrou em comunidades online de *divas pop* a identificação necessária para construir sua personalidade transgressora (Jammaers & Zanoni, 2021). No entanto, o ambiente coletivo não atua somente como esse espaço de conforto, mas também pode ser um espaço de construção de grupos que performam preconceitos em conjunto (P. Zanoni & Janssens, 2004). Nos relatos de Croco no ambiente corporativo, ela relata ver o ambiente como “masculinizado”, sem espaço para diferenças. Ela não diz isso do nada, tendo compartilhado preconceitos presenciados em relação a Outros e preconceitos direcionados à Si-Mesma. Ela ainda relata a insatisfação atual com a organização que atua profissionalmente, mas que não pode sair pois precisa do dinheiro para contribuir na renda familiar.

Essa relação do Si-Mesmo, do coletivo e do Outro na construção das identidades dos sujeitos-diversos, portanto, tem um aspecto dialético em que existe uma influência entre as pontas e uma coexistência deles. Nenhum dos narradores-recordadores falam de momentos em que se colocaram completamente sozinhos e isolados do mundo. Azaleia, tentando afastar-se de preconceitos vividos na Instituição Familiar, buscou conforto na Instituição Virtual, em jogos online e comunidades por onde ele firmou amizades que lhe tiraram de dentro do quarto. O mesmo pode ser dito de Dália, que se relacionou com a arte (quadrinhos e desenhos japoneses) e com os estudos, para buscar um conforto que não encontrou no recinto familiar.

Olhando para a dialética da Memória, da História e do Esquecimento, entendo que a História, nas estórias contadas pelos sujeitos, é uma narrativa que costuram as Memórias dos sujeitos-em-instituições para construir uma narrativa única. Essa costura é feita por pessoas que assumem os papéis de *historiadores* nessas instituições e constroem narrativas que visam o melhor interesse do grupo dominante na instituição. Essa História, se costura também com a própria construção do sujeito. Por exemplo, Camomila relata sobre a diferença entre as organizações nacionais e internacionais está em que as organizações internacionais estão mais avançadas no aspecto da diversidade nos seus espaços. No entanto, no relato de Croco, vemos que existe uma incoerência com a narrativa da organização. A empresa que cria comitê de diversidade (gênero, habilidades diversificadas, gerações, orientação sexual e identidade de gênero, etnicidade e cultura), implementam identificações para pessoas com deficiência ou necessidades invisíveis, e até seu site tem uma página para dizer que o local de trabalho deve

ser inclusivo em todos os aspectos. Mas não permite que Croco faça parte do comitê de diversidade, impõe a pessoas os crachás de deficiência *não observável*, tem gestores fazendo comentários como “lipo na língua”, gestora mulher que fala para não participar de palestra do dia da mulher, e episódios de preconceito entre colegas de trabalho. Na visão de Croco, a organização incorpora a narrativa da diversidade para atender à legislação ou para ter validação social. O mesmo diz Louro quando fala sobre políticas de diversidade na ONG em que trabalha.

Podemos dizer isso de outras instituições, como a Religiosa, que, por meio de uma “entidade divina”, tenta moldar a aparência e a identidade dos seus membros para construir uma história única que atenda aos interesses de determinado grupo. Na história de Íris, ao solicitar que Íris, um negro de cabelo cacheado, deixe o cabelo curto, ainda que existam outros homens brancos de cabelo liso na igreja que não fizeram parte da revelação de Deus ao pastor. A história única, nesses relatos, não abre espaço para a diversidade, pois na diversidade não existe unicidade na história, mas sim singularidades que precisam ser reconhecidas e admitidas, ainda que existam condições sociais semelhantes a partir dos grupos de onde falam (Ribeiro, 2024).

Ao esquecimento, temos a sua aparição durante a própria rememoração dos narradores-recordadores, que se lembravam de coisas durante nossas conversas, durante meus próprios relatos. Mas, também, existe na fala aspectos que demonstram receios que eles têm com acontecimentos do passado, quase como um *não se esquecerá* daquilo. Azaleia, por exemplo, ainda tem receio quanto a sua mãe, pelas coisas que ela fez no passado. Ao apresentar o marido, Edelvais, ele diz que fica confirmando com ele se sua mãe não está falando coisas para ele. Íris, depois das experiências na Instituição Religiosa, a do cabelo em sua cidade e a da república na cidade da universidade, ele mudou sua relação com a igreja, ainda que continue tendo sua crença. Em relação à sua ex-irmã também, ele relata que nunca mais conversou com ela, e tão pouco pareceu disposto a reconstruir o laço a partir dos acontecimentos.

O esquecimento também aparece como uma *sugestão* da Instituição o sujeito-diverso em dois momentos. Camomila, ao relatar que quando as mulheres foram reclamar com a coordenação sobre os professores que tinham atitudes machistas na sala de aula ouviram da coordenação o “ele é assim mesmo”, como um *deixar para lá*, pode ser visto como uma sugestão de “esquece isso”, para que as mulheres inseridas naquele ambiente que vivenciavam provocações e desafios parassem de se importar com aqueles acontecimentos. Em outro caso, com Croco, temos as vezes que ela chegou a pessoas que sofriam preconceito sobre a sua sexualidade no ambiente de trabalho. Nesses casos, ao sugerir abrir um *compliance*, recebeu uma resposta negativa, como um ato de *esquece isso e bola para frente*. Esse comportamento não é incomum, como a própria Margarida menciona “Talvez possa ter acontecido alguma

coisa, mas eu não me senti afetada, não percebi e segui em frente, sabe?”. Para ela, esse seguir em frente é um ato de profissionalismo da parte dela, para separar esses comportamentos e fazer o dela no ambiente corporativo. O esquecimento, portanto, é uma forma da Instituição promover um *apagamento* de episódios que não cooperem com a história que se pretende construir ou até para apagar suas falhas.

A constituição do sujeito em Si-Mesmo, a compreensão do *coletivo* e das Instituições, assim como os *Outros* e a dialética da Memória, da História e do Esquecimento estão todas inseridas dentro de uma pressuposta temporalidade, dentro da concepção do *ser* que é um *ser-no-mundo* tanto quanto um *ser-no-tempo*. Ao ser-no-mundo, podemos atribuir a questão de *localização social* dos sujeitos, com as relações no ambiente em que experienciaram os relatos. Ainda que os sujeitos tenham papéis específicos que lhe são atribuídos dentro das Instituições, não podemos ignorar toda sua experiência que foram adquirindo ao longo da construção de suas próprias histórias até aquele momento. Portanto, há dentro das Instituições, uma sobreposição de papéis, o que caracteriza a interseccionalidade presente quando falamos da própria diversidade. Ao ser-no-tempo, identificamos essa questão do sujeito que, em determinado momento histórico, se relaciona com grupos específicos que lhe permitam construir sua identidade, seus grupos de convivência. Não há como ser fora do tempo, pois todos estamos inseridos em um tempo determinado pelo nosso ano, pela nossa própria maturidade.

Me tomarei como exemplo para construir essa reflexão. Acredito que enquanto eu descobria minha sexualidade, tive algumas vantagens e desvantagens em Instituições específicas, considerando aquilo que formaria minha própria identidade. Se eu observo, por exemplo, os conflitos gerados a partir da relação de uma (re)construção de um Si-Mesmo diverso na relação com os *Outros* dentro da Instituição Familiar, tenho de entender que minha sexualidade não era a única coisa que mediava essas relações, pois existiam momentos em que ela era mais expressada, o que ocasionaria os conflitos. Minha família, que é uma família *tradicional brasileira*, com uma classe social intermediária, cristã, traz essa bagagem para construir as reações decorrentes de um *assumir* (que, como eu mesmo disse, nunca o fiz apropriadamente). De todas as coisas, sinto que posicionamento político e crenças religiosas foram os principais catalisadores de todo o conflito, assim como a questão de expectativa relacionada ao papel social do homem que me foi atribuído (casar *com uma mulher*, ter filhos, dar continuidade a linhagem e gostar de coisas chatas de homem, como futebol). Eu entendo que, nos momentos em que a minha sexualidade se tornou algo *real*, quando eu tive um contato maior com a diversidade e pude ali me reconhecer e me sentir acolhido, houve um grande estranhamento inicial (que, sinceramente, nem sei ao certo se já passou totalmente) sobre essa

pequena característica que me colocou na posição de Outro, ou de um *estranho* (na relação entre mesmidade-alteridade). Como Orquídea bem coloca, é como se esse detalhe sobre você ofuscassem todas as outras coisas, porque é somente aquilo que você é a partir de agora. Infelizmente, essa experiência não foi somente minha, mas vivenciado também por Azaleia e Jasmim que tiveram estranhamentos.

Jasmim, por exemplo, superou esse status de Outro, quando sentiu que sua família acolheu seu marido e o aceitou como membro da família. Azaleia, por outro lado, tem uma *aceitação*, e hoje sua mãe até conversa com seu marido, mas ele ainda sente estranhezas. Entendo que quando somos atribuídos o papel de Outro (um outro que, novamente, é construído pela relação da mesmidade-alteridade), não temos esse papel atribuído somente pela clara manifestação de um preconceito em palavras ou atos, mas quando nos sentimos em um ambiente em que não podemos ser *nós mesmos*, ou que não podemos ser *verdadeiros*. Se há um desgaste constante para controlar cada palavra, cada ação que faço, não é possível que haja uma relação de *amizade* ou de *igualdade*.

A noção de mesmidade, ipseidade e alteridade, a partir das falas dos sujeitos e de minha própria história, se faz presente nessas relações de *aceitação* e *rejeição*. A mesmidade, mais do que aquilo que se mantém no sujeito e é reconhecível ao longo do tempo, eu compreendo, a partir dos relatos, como a mesmidade *social*, como o *padrão* existente nas Instituições, onde são construídos papéis e atribuídas funções, vantagens e desvantagens. Por outro lado, à ipseidade, a possibilidade de mudar, encontra-se a própria ideia de diversidade, inclusive por ser por meio dela que nos relacionamos com o *Outro* e o reconhecemos como um *Outro que não si*, como um *Outro* que é um *Si-Mesmo* diferente de mim, que também pode se colocar enquanto sujeito reflexivo nas instituições (como coloca Ricœur: “Eis-me!”).

Na nossa formação da identidade-narrativa, temos em nosso Si-Mesmo a presença dialética da mesmidade e ipseidade. Quando existe uma sobreposição da Mesmidade-Ipseidade, temos o que Ricœur (2014) chama de caráter. Quando temos a separação da Mesmidade-Ipseidade, temos o que o autor chama de manutenção do si, a promessa de me manter fiel a mim. Se atribuirmos a mesmidade o entendimento de que é nela que se encontra os primeiros papéis, as primeiras expectativas comportamentais e de tarefas que deveremos desempenhar, enquanto um *Si-Mesmo*, temos aqui uma mesmidade, a partir dos relatos dos sujeitos, que é masculina, cisgênero, heterossexual, branca e neurotípica. No entanto, por termos a ipseidade, é por ela que encontramos a possibilidade de *mudar*, a possibilidade de *nos construirmos diferentes*. É na relação com o *Outro*, por meio da ipseidade-alteridade, que nos reconhecemos em outras localizações, que nos permitimos construir múltiplas formas de *sermos*, formas *reais*,

que nos permite relacionar com o Outro e construir uma relação de igualdade, no reconhecimento das fragilidades. Se tomamos apenas a mesmidade e por meio dela nos relacionamos com o Outro, podemos ver nele não um Outro Si, mas um Outro que não é como eu, um *estranho* que, portanto, não merece o respeito e o tratamento de igualdade. Isso não quer dizer, obviamente, que o sujeito homem cis hétero branco e neurotípico vá assumir esse comportamento. Esse sujeito só assumirá um comportamento de distanciamento ao não reconhecer sua própria *ipseidade*, que é a possibilidade de mudar, não a exigência de mudar, para reconhecer no Outro a possibilidade de ele ser diferente de Si-Mesmo, de ele ser um Si-Mesmo próprio.

No entanto, o que os relatos demonstram, é que as instituições tendem a priorizar, em sua grande maioria, a *mesmidade*. Ao priorizar essa manutenção *ao longo do tempo*, ele rejeita qualquer alteração que possa simbolizar a quebra dessa permanência, desse padrão. Ao termos grupos de homens que, em grupos no espaço corporativo, sentem-se à vontade para comentar sobre a sexualidade das pessoas, fazerem piada sobre os outros, ou construir ambientes que gerem insegurança e incerteza, não temos uma instituição que seja justa e ética no reconhecimento da diversidade nos seus próprios espaços. Temos, na verdade, instituições injustas e antiéticas, que apenas se interessam pelo Outro quando este pode lhe gerar algum benefício (Louro; Brennan, 2023).

Ao termos esses espaços que marginalizam os grupos, isso também os torna mais divididos, como trazem Dennissen et al. (2020). Se entendermos que a manutenção da mesmidade não é somente uma manutenção de uma identidade, mas é a manutenção de uma identidade dominante, de um *status-quo*, a divisão da diversidade não no seu conceito, mas na sua formação de subgrupos que precisam priorizar-se, torna difícil um eventual questionamento da lógica dominante que dita nossas vantagens (poucas) e nossas desvantagens (muitas) enquanto *os Outros*.

Entendo que, a partir dos relatos, e de minha própria vivência, há a questão do tempo presente nas lutas. Como coloca Camomila, no meu tempo [não] era diferente. A diversidade existia. A diversidade existe. A diversidade continuará a existir. O que muda, ao longo do tempo, são nossos papéis, que são ressignificados, nossas tarefas, que são redistribuídas, nossas vantagens e desvantagens, que são reconstruídas. Temos nesses relatos vivências que passaram por momentos difíceis, momentos de privilégios, momentos que se tornaram experiências e lhes ajudaram a amadurecer. E essa passagem do tempo, não somente do sujeito, mas do sujeito no tempo, do sujeito junto do mundo no tempo, nos mostra que há melhorias. Não é somente pelo amadurecimento, mas também pelo amadurecimento e pelas mudanças sociais, que hoje

podemos sair de mãos dadas na rua, ficar sem camiseta na praia para mostrar nossas cicatrizes, assumir que temos uma condição neurológica sem ter vergonha, entendermos que nosso gênero não representa fragilidade, entendermos que nossa pele carrega uma história que *se faz presente*. Se antes nos foi roubado o direito de ser frágil, hoje é pela fragilidade que construímos e lutamos para termos nossos direitos de ser, de ser reconhecido não um *Outro como Outro*, mas um *Outro como Si-Mesmo*.

7 DESUNIVERSALIZANDO A DIVERSIDADE: RECONHECENDO O OUTRO COMO UM SI QUE NÃO O SI-MESMO

Apesar do *quase grito de guerra* que proferi ao final da última seção, temos de reconhecer que ainda somos colocados na posição de Outros. Nessa seção, então, exploraremos juntos (e isso é um convite para você, leitor/a) uma possibilidade de desuniversalizar a diversidade e construirmos uma diversidade que não somente nos coloca como Outros, mas como um Outro que não o Si-Mesmo, um Si-Mesmo próprio. Talvez, essa seção seja quase como um sonho, um desejo, uma *imaginação* que presumo que compartilhamos de viver em instituições justas e éticas. Mas, ao invés de sonho, gostaria de chamá-la de uma seção *futurista*, tal como Grada Kilomba (Pinacoteca de São Paulo, 2019), nesse último urro da tese para esbravejarmos, com todas nossas forças, “Eis-me aqui!”.

Primeiro, retomemos a ideia de universalismo da diversidade argumentada por Ortiz (2015). Para o autor, há uma pretensão antiga da universalização como a ponte unificadora dos povos, como algo que nos permitirá superar as diferenças e viver em união, como um só povo. A Torre de Babel, da língua única universal, é um símbolo de que, sem as barreiras das línguas, poderíamos dialogar, nos entender, e progredir em conjunto. No entanto, ao adentrarmos na *modernidade*, temos uma inversão narrativa da diversidade, que antes era vista como uma ameaça ao diverso, agora é vista como uma fonte de riqueza, um reconhecimento de uma abertura para diferentes mundos. Essa pretensa abertura dos mundos não é com a intenção de construção de uma compreensão da diferença, mas ela é um passo necessário para retornar a universalidade do homem.

Tal como nas ciências mais tradicionais, a pretensão de olhar o diverso é para identificarmos categorias que nos unem, que permita que voltemos a construção quase fenomenológica da essência do *ser humano*. Esse reconhecimento e interesse pelo diverso não busca, por exemplo, a partir dele questionar as relações de dominação social e historicamente construídas. É nesse sentido que Ortiz (2015) coloca que o universalismo é uma retórica de poder que objetiva, e consegue, marginalizar grupos que não consigam atender à essa construção identitária padrão das *instituições*. Por isso, o autor sugere que devemos desconstruir essa universalização para não mais entendermos que as instituições agregam uma identidade única, mas que dentro das instituições temos múltiplas identidades, dentro das quais temos vantagens e desvantagens atribuídas pela narrativa dominante.

Reconhecer a instituição como um espaço diverso, de identidades-narrativas diferentes, e até mesmo discordantes, permite-nos retomar à ideia de localização social e

interseccionalidade. Temos, neste conceito, o reconhecimento da individualidade dos sujeitos, um reconhecimento da *alteridade* do Outro, sem roubá-lo da possibilidade de ser um Si-Mesmo, ainda que a sua construção da identidade-narrativa seja não individual, mas uma construção junto de Outros, de terceiros, que eu não tenho conhecimento, e que poderão ter semelhanças com ele. Nessas semelhanças entre os sujeitos, são construídos os *rótulos*, que foi questionado por alguns dos narradores-recordadores, como algo limitador da identidade-narrativa, pela forma como ele é imposto à nós de uma forma que apague nossas outras características que fazem parte de nossa identidade-narrativa. Os rótulos, a partir do que vimos na teoria, podem remeter à localização social, como as experiências compartilhadas pelos indivíduos em instituições, que lhe colocam em *desvantagens* compartilhadas pelas relações de poder. Essa relação de poder, como vemos em Ricœur (2014), refere-se ao *poder-sobre* o Outro que permite retirar-lhe a estima de si ou o respeito por Si-Mesmo. Na visão ricœuriana, roubar do Outro essa estima de si é ver o Outro não como um fim-em-si, mas como uma pessoa-coisa-meio para um fim que não ele. Este tratamento promove a construção de instituições injustas e antiéticas.

[...] a prova de universalização, essencial à posição de autonomia, prossegue com a eliminação da máxima oposta: nunca tratar a humanidade simplesmente como meio. [...] Com efeito, o que é tratar a humanidade como meio, em minha pessoa e na de outrem, senão exercer sobre a vontade de outrem esse poder que, cheio de pudor na influência, irrompe em todas as formas de violência e culmina na tortura? (Ricœur, 2014, p. 254, grifo nosso).

É nessa concepção do sujeito-diverso como um *sujeito-coisa-meio* que encontramos as narrativas de diversidade em instituições de trabalho (Jammaers & Zanoni, 2021; P. Zanoni & Janssens, 2004). A diversidade é vista como um meio para a organização obter aceitabilidade da sociedade (Croco), beneficiar-se da diferença como meio para desempenho (Louro), ou, ainda, utilizar a diversidade como meio para promover esforços sobre-humanos para obter um reconhecimento ou uma posição que nos é negada por sermos diferentes (Margarida, Íris). A “inclusão” da diversidade é feita por meio de construções de identidades-narrativas prévia ao sujeito, que promovem ou um apagamento do sujeito, ou uma imposição de uma identidade-narrativa que, às vezes, não lhe pertencem (Orquídea, Edelvais). Nas próprias histórias que trouxemos, a vivência dos sujeitos fora diferente. Como a própria Orquídea coloca, as *bolhas* permitem encontrar um espaço seguro, para se proteger de eventuais maus-tratos ou más intenções à nossa estima de si ou o respeito por Si-Mesmo. Quando saímos das bolhas, somos pegos de surpresa pela intencionalidade de não nos depararmos com uma *Interação Generativa* (Bernstein et al., 2020), mas com uma *Interação Degenerativa* do nosso Si-Mesmo.

Na busca por espaços de *sobrevivência* e de *coexistência*, aqueles que sua interseccionalidade permite, temos o uso de identidades lhe permitam acessar *um pouco* dos

privilégios e vantagens garantidos à identidades dominantes (Dennissen et al., 2020). Neste jogo de rótulos e de distribuição das vantagens para essas *categorias* ou *classificações do sujeito*, damos vazão para estratégias onde os sujeitos priorizam sua identidade “dominante”, para que possa se inserir na Instituição, como um Si-Mesmo, e não ser totalmente marginalizado, como um Outro *estranho*. Como Íris coloca, aqui temos sujeitos que usufruem dos seus privilégios (consciente ou inconscientemente) e não os reconhecem como algo que possa atuar na desvantagem dos grupos que não têm a possibilidade de usufruir de algum desses espaços dominantes, como se eu, enquanto um homem branco e gay usufrui-se da minha posição de homem branco para não me marginalizar nas Instituições. Ainda que use esses espaços dominantes como estratégias de "sobrevivência", quando sua diversidade se manifesta, esse sujeito pode ser colocado na sua posição como o Outro *estranho* novamente. No fim, como coloca Orquídea, acabamos sendo reconhecidos *somente* pelo o que nos torna diferente do padrão, e não *também* pela nossa diferença que nos torna quem somos: únicos.

Essas estratégias, a longo prazo, nada contribuem para a desuniversalização da diversidade, mas contribuem apenas para reforçá-las, ao demonstrar que o *Outro* pode se tornar um Si-Mesmo, desde que ele se adeque ao padrão imposto. Sem a intenção de subjugar o perfil dominante, como Camomila coloca ao falar que não é colocar a mulher acima do homem, mas construir um ambiente de *igualdade*, nossa intenção na desuniversalização da diversidade deve ser na construção de espaços institucionais que permitam, aos sujeitos-diversos vivenciar sua própria diversidade, sem que isso lhe traga desvantagens.

Como dissemos, as instituições que nos referimos ao longo dessa construção teórica são as *estruturas do viver junto*, que são irredutíveis às relações interpessoais, mas vinculadas a elas. É às instituições que são atribuídas a responsabilidade de definir o que é *justo* na sua estrutura, e é também ela a responsável pela distribuição de papéis, tarefas, vantagens e desvantagens (Ricoeur, 2014). Ao termos instituições que são determinadas por um padrão, este padrão, a partir dos dados dessa tese, que nos direcionam à identidade-narrativa de um homem, branco, hétero, cisgênero, neurotípico, de classe alta... e assim por diante, acaba garantindo à esses rótulos as vantagens, e aos seus *diferentes*, as desvantagens. Permitir que essa identidade-narrativa exerça sobre o outro o *poder-sobre*, garante a manutenção não da identidade do sujeito, mas de um padrão, uma relação de poder socialmente e historicamente construída, que posiciona o Outro não como um Si-Mesmo, mas como um sujeito desprovido dessa qualidade de *ser um Si-Mesmo*.

Na nossa construção na seção anterior, atribuímos a essa relação de poder a dialética mesmidade-alteridade, onde a mesmidade reflete essa visão dominante da identidade padrão

que reconhece no Outro apenas o estranhamento. Sem uma relação ipseidade-alteridade, não temos um reconhecimento justo e ético do Outro, garantindo-lhe espaço para ser um Outro como Si-Mesmo, na qualidade de um Si-Mesmo próprio, de uma identidade única e individual. Para construir essa dialogicidade, temos de primeiro desconstruir a ideia de que o particularismo levaria à fragmentação social, mas que o reconhecimento da alteridade do Outro é o que nos permite construir relações de respeito, de amizade “boa” (em que eu amo o Outro pelo o que ele é) e de igualdade. É na igualdade, onde reconhecemos nossas fragilidades (a minha, a sua, a de Outros) e que podemos construir essas relações *verdadeiras* para, então, construir espaços onde os sujeitos-diversos não precisarão mais sentir medo de ser quem são, de que isso possa prejudicar sua carreira ou sua própria existência.

Dentre as instituições mencionadas, mesmo aquelas que temos construções de estruturas que permitem um *viver bem junto* e um *reconhecimento* ou *segurança de ser quem eu verdadeiramente sou*, como a Midiática, Virtual e Universitária, temos também nelas narrativas *Degenerativas*, como quando a mídia reforça papéis de grupos minoritários (Edelvais, Orquídea, Louro), na Virtual quando temos mudanças de normas ou relações com o Outro mediada pelo preconceito (Lilás, Orquídea), e na Universitária, quando temos a própria instituição *esquecendo* seu papel e *obrigando os outros a esquecer* de episódios de discriminação (Camomila, Dália).

Não podemos falar do reconhecimento da unicidade do sujeito sem olharmos para a outra dialética dessa tese, a Memória, a História e o Esquecimento, que exercem papel importante na manutenção da narrativa dominante ou enquanto contranarrativa (Barros et al., 2019; Hodge & Costa, 2020; Pollak, 1989, 1992). A *História* das Instituições identificadas nas memórias dos nossos narradores-recordadores posicionou, muitas vezes, nossos contadores de estória como o Outro, como o diferente, que não se encaixa no padrão. Apoiando-se em tradições, em uma *identidade-idem* coletiva, ela não reconhece ou tenta minimizar eventuais contranarrativas das *identidades-ipse* em relação com a *alteridade*. Por outro lado, ao olharmos as Memórias, temos um reconhecimento de multiplicidade das estórias, a partir da própria individualidade dos sujeitos, das suas localizações sociais, suas interseccionalidades, e suas relações com os Outros que não si. Na memória, temos a possibilidade de reconhecermos as Instituições como espaços organizacionais de múltiplas estórias, espaços que temos pessoas que levantam diariamente para a luta, como coloca Camomila, e esbravejam “Eis-me aqui!” de novo e de novo.

Para construirmos espaços que permitam que esses sujeitos não se cansem (Louro) e que encontrem sua *independência* de poder ser quem verdadeiramente são (Íris, Jasmim),

precisamos, além de ressignificar o particularismo, desconstruir discursos universalistas, que retomam a ideia do unitário identitário e não conseguem construir essa relação de respeito, pois eles são indiferentes à distinção das pessoas (Ricœur, 2014) e posicionam àqueles contrários como *pecadores*, que buscam divisão (Ortiz, 2015). Ao invés de construirmos um *viver junto do Outro*, construímos um *viver às custas do Outro*.

Para isso, volto-me à Brennan (2023) que aponta, brilhantemente, a tensão de ordem filosófica e empírica entre os posicionamentos da diversidade enquanto desempenho e enquanto justiça. Ao desempenho, compreendo a diversidade como um *meio* para obter algo que a instituição (ou seja, o grupo dominante) deseja. Portanto, ela está relacionada ao interesse próprio. À justiça, compreendo a *diversidade* a partir de uma visão moral e visada ética, onde os sujeitos têm a autonomia (moral) de escolherem reconhecer no Outro um si que não o Si-Mesmo.

A narrativa de desempenho acaba minimizando a colaboração entre grupos minoritários (Dennissen et al., 2020) e impondo identidades-narrativas que não pertencem aos grupos para regulá-los (Jammaers & Zanoni, 2021). Ainda que possa ser considerado um passo em direção à igualdade (P. Zanoni et al., 2010), apenas as políticas antidiscriminatórias não significam necessariamente que as organizações conseguirão se adequar a elas corretamente (Köllen, 2021). Por meio das memórias, das histórias de vidas dos sujeitos, podemos encontrar essa manipulação das suas identidades-narrativas.

Esse embaralhamento [da história de vida à história de vida dos outros] pode ser observado tanto no nível individual como no nível coletivo da identidade. [...] É na prova da confrontação com outrem, quer se trate de um indivíduo ou de uma coletividade, que a identidade narrativa revela sua fragilidade. As ameaças que atestam a fragilidade da identidade pessoal ou coletiva não são ilusórias: é digno de nota que as ideologias do poder procurem, com um sucesso inquietador, manipular essas identidades frágeis pelo viés das mediações simbólicas da ação, e principalmente graças a recursos e variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa, pois é sempre possível, como dissemos anteriormente, narrar de um modo diferente. Esses recursos de reconfiguração tornam-se assim recursos de manipulação. A tentação identitária, que consiste no recuo da identidade-*ipse* em relação à identidade-*idem*, prospera nesse solo minado. (Ricœur, 2006, p. 118).

Como coloca Ricœur (2006), essa manipulação permite recuar a identidade-*ipse* à identidade-*idem*, roubando dos sujeitos a possibilidade de reconhecimento no e do Outro, e de terem suas *histórias* manipuladas e direcionadas (Aeon & Lamertz, 2021). Para superarmos, precisamos então subtrair narrativas de desempenho atreladas à diversidade e posicionar que ela deve ser vista a partir de uma visão justa e ética. Não devemos ser vistos por que somos úteis, devemos ser vistos por que somos Si-Mesmo(s), carentes de relações verdadeiras com o Outro, onde possamos ser nós mesmos e não nos forcemos a viver uma vida de máscaras, que

tanto cansam de usar. Devemos promover narrativas de viver-junto e viver-bem-junto, sem que tenhamos hierarquias sociais impostas à nós.

Subtrair o desempenho das narrativas de diversidade é um passo custoso, não vou negar isso. Croco menciona a *ocultação* dos preconceitos por meio das narrativas organizacionais de diversidade, Louro comenta sobre o interesse na diversidade enquanto vantagem, Dália relata o medo de políticas afirmativas que possam lhe colocar em uma situação de exposição que lhe prejudique. Eu acredito, de coração, que sem a narrativa do desempenho não teríamos chegado até onde chegamos nas políticas de Diversidade, Equidade e Inclusão. No entanto, é necessário superar esse discurso e assumir que devemos ser respeitosos com os outros não porque “eu tenho uma irmã, mãe, e por isso devo respeitar mulheres”, mas porque eu devo respeito ao Outro, na sua individualidade, na sua unicidade, naquilo que lhe é diferente de mim, naquilo que lhe torna um Outro que é um Si que não Si-Mesmo.

Eu adoraria trazer uma receita de bolo neste momento que possibilitaria essa *revolução*. Acredito que o trabalho deveria começar desde a infância, com a promoção de valores que coadunem com essas instituições ideais. Como bem coloca Camomila e Croco, há muitas coisas que os sujeitos trazem de casa, de outras Instituições, ou de sua história. Precisamos que as Instituições trabalhem em conjunto para uma mudança. Pois não é possível existir uma melhoria sem que todos os espaços se tornem seguros, justos e éticos. Como Louro diz, não é impor a diversidade nos círculos de socialização da pessoa. Talvez, seja difícil para algumas pessoas construírem amizades boas com o Outro. Mas, apesar de tudo, ainda há de se existir respeito por outrem e de reconhecê-lo como um Si-Mesmo *também*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente nos colocamos nessa última seção, nesse último suspiro, que remete a toda essa construção para compreender como os sujeitos rememoram suas vivências no contexto de diversidade nas suas relações em organizações. Este relatório de tese apresentado trouxe rememorações felizes, rememorações tristes, voltadas para essas vivências únicas, mas em constante relação em organizações. Ao final dessas várias páginas, dessa obra de memórias, devemos retomar, brevemente, toda essa construção para apresentarmos, então, o seu fechamento. Este fechamento, é claro, é um fechamento desse relatório. Não poderia ser um fechamento sobre o tema, que não se esgota aqui, tanto pelo reconhecimento da *pluralidade* dos sujeitos, como pelas lentes teóricas para se construir uma análise que permita problematizar sobre algo *da vida*.

Por ser algo *da vida*, retomo meu argumento inicial de que a diversidade não pertence à organização. O direito de nos rotular, e nos classificar, não pertence às instituições, mas a nós, que por meio desses rótulos, podemos nos identificar e reconhecer em Si-Mesmo e, também, no Outro. Ainda que alguns de nossos sujeitos diversos entendam os rótulos como *limitantes* desse processo de construção de Si(-Mesmo), Ribeiro (2024) e Kilomba (2019) colocam que o rótulo é uma forma *decolonial* de questionar essa norma imposta a partir da visão do *homem branco* (e aqui adiciono: *cis hetero neurotípico*) como humano, e aos demais, o papel de *o outro* (um outro não como o Outro que não Si, mas um *outro*, minúsculo, desprovido de ser um Si-Mesmo).

Esta tese perpassa, então, por uma teorização que problematiza essa visão do diverso como único, como universal, para então desuniversalizar a diversidade, de uma forma que seja possível reconhecer no Outro um Si(-Mesmo) que não o *meu*. Neste sentido, a dialética ricœuriana da mesmidade-ipseidade e ipseidade-alteridade nos permitiu construir este argumento de não rejeitar a mesmidade, àquela identidade que se coloca dominante, mas de desmontar essa dominação para que possamos construir espaços organizacionais que reconheçam o Outro na visão da *alteridade*, que nos traz à possibilidade de amizade e de amar o outro *pelo o que ele é* (Ricœur, 2014). Reconhecer, no Outro, a diversidade, é também reconhecer em mim mesmo a minha própria diversidade, aquilo que me torna único, que me torna *especial*. Um especial que foge de um sentido de herói, mas de um sujeito que pode cobrir os outros e ser coberto de carinho, como Louro comenta.

No entanto, desuniversalizar a diversidade requer um olhar atencioso para os espaços de convívio, aos quais nos referimos como instituições, as estruturas do viver junto que está

vinculada às relações interpessoais, que define o justo e distribui os papéis, as tarefas, as vantagens e as desvantagens (Ricœur, 2014). As instituições têm, por uma tradição histórica, um apego pelo universalizante para que se possa construir uma norma, um padrão a ser construído (Ortiz, 2015). Nas organizações de trabalho, temos o uso de termos como “identidade organizacional”, “cultura organizacional” e “diversidade organizacional” que remetem a essa construção que se pretende unificadora, de promoção de união, mas que na realidade se tornam narrativas que delimitam identidades (Jammaers & Zanoni, 2021; P. Zanoni & Janssens, 2004). Apesar de se dizer neutra, ou até receptiva à diversidade, as organizações ainda promovem divisões (Dennissen et al., 2020) ou usufruem dessa narrativa para conquistar legitimidade de grupos de interesse organizacional (Croco). Aqui, devemos questionar as histórias únicas (Adichie, 2019), e abrir espaço para *memórias* marginalizadas, que possam nos trazer luz para estórias arbitrariamente esquecidas (Aeon & Lamertz, 2021) e que apaga os sujeitos *diversos* que rememoram, pois é a eles que cabe a função de rememorar (Hodge & Costa, 2020).

Não entendemos esse desmonte como uma tarefa fácil. Longe disto. Mas entendemos que um caminho para a *visada ética*, como afirma Ricœur (2014) seja um meio para vermos, no Outro, a possibilidade de um Si(-Mesmo) *também*. Nesses espaços, prezamos por não somente por um *viver junto*, mas um *viver bem juntos*. Para isso, é claro, entendemos que se trata de um projeto *futurista*, como bem dizia Grada (CLINICAND - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE, 2021; Pinacoteca de São Paulo, 2019). Então construímos, na desuniversalização da diversidade este sonho, esta imaginação (Bachelard, 1990) onde o *Outro*, que atualmente é apenas colocado *como Outro*, seja enfim reconhecido como um Si *próprio*, ou seja, *um*, que não o Si-Mesmo. É nessa nova razão, que adotamos uma visão de permissibilidade da *fragilidade*, para que possamos superar narrativas universalizantes que reduzem as diferenças à unicidade, como Glissant (2024, p. 24) poeticamente problematiza:

Pleiteio para todos o direito à opacidade, que não é reclusão.

É para reagir assim contra tantas reduções à falsa clareza dos modelos universais.

Não me é necessário “compreender” quem quer que seja – indivíduo, comunidade, povo –, “levá-lo comigo” ao custo de, desse modo, sufocá-lo, perdê-lo numa totalidade entediante que eu geriria, para que possa aceitar com ele viver, com ele construir, com ele arriscar.

Que, uma vez encontrada, a opacidade – a nossa, em se tratando do outro, e a do outro para nós – não se feche sobre o obscurantismo ou o apartheid, que seja para nós uma festa, não um terror. Que o direito à opacidade, por meio do qual seria possível, na melhor das hipóteses, preservar o diferente e reforçar a aceitação, vele, ó luzes!, por nossas poéticas.

Como dissemos anteriormente, ainda temos de achar um caminho adequado para desconstruir essa *falsa clareza dos modelos universais* para, então, construirmos um espaço de convívio ético e justo. Essa desconstrução ocorre (acreditamos, de fato!) por meio de pesquisas como esta, que buscam questionar a norma e o padrão, e dar, aos sujeitos, o direito de terem suas vozes ouvidas e reverberadas na forma de uma análise situada. Mas, ainda assim, reconhecemos que este trabalho tem suas limitações. Lamento, como iniciei neste trabalho, não poder ouvir todos. Enquanto *o filho de Deus perfeito*, adoraria encerrar dizendo que este trabalho também o é perfeito (no seu conceito tradicional de sem falhas). Infelizmente, não é. Temos vozes que ainda se encontram marginalizadas, *localizações sociais* que refletem *interseccionalidades* que não foram contempladas por este trabalho, mas que certamente buscarei em outro exercício teórico alcançar. Quem sabe eu ainda venha a colher mais trinta, sessenta histórias de vida. Porém, isso fica para outro momento.

A própria base teórica que fundamentou essa tese é, por um lado, um olhar aprofundado e reflexivo, mas, talvez, para alguns leitores, uma limitação. Não a julgo dessa forma, mas nessa possibilidade reconheço que há espaços para pesquisas futuras que continuem a *colher* essas vozes marginalizadas, para que nelas encontremos não somente diversas visões da realidade, mas que possamos também nelas encontrar força para continuar, para persistirmos na teorização para que, um dia, mudemos as práticas de diversidade. A própria memória pode ser apresentada em múltiplas formas, como a textual, a material e a oral (Schultz & Hernes, 2013), o que permite metodologias diferentes para olhar para essas lembranças dos sujeitos diversos.

Olhar para o espaço organizacional nos permite refletir sobre a construção de um trabalho significativo e que se preocupe com trabalhadores vulneráveis e como estes são incluídos no *mundo* (que não é um mundo à parte, mas é uma estrutura de viver junto inserido neste mundo que compartilhamos). Lysova et al. (2023) trazem um caminho interessante, que talvez seja uma forma de olharmos para a diversidade a partir de uma visão mais ética e não instrumental ou funcional (Brennan, 2023).

Por fim, creio que meu maior desejo, ao longo de toda essa jornada, foi de incorporar mais intensamente a discussão decolonial, que se encaixaria tão bem nessa pesquisa (por outro

lado, em nossas discussões também reconhecemos que, embora não tenhamos abordado como caminho teórico, esta não deixa de ser uma pesquisa decolonial, na medida em que se apresenta como uma *atitude* decolonial). Confesso que não conhecia Grada Kilomba, e “esbarrei” com ela nessa longa jornada. Foi reconfortante ver que, em uma jornada que muitas vezes me senti sozinho, pude me *encontrar* (pelas suas pesquisas) com pessoas que têm um olhar tão carinhoso, ético e sério para este assunto. Com certeza, ainda trombarei com outros autores, com diferentes perspectivas, mas trazer um olhar decolonial (Kilomba, 2019; Pinacoteca de São Paulo, 2019; Ribeiro, 2024) me parece uma forma de não somente problematizar as influências de uma norma sobre nossas vivências, como também de problematizar a própria construção de visões hegemônicas. Que nossas produções teóricas sejam essa tão necessária resistência à ortodoxia, como a memória é para a história externa imposta.

REFERÊNCIAS

- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.
- Adorisio, A. L. M. (2014). Organizational remembering as narrative: ‘Storying’ the past in banking. *Organization*, 21(4), 463–476. <https://doi.org/10.1177/1350508414527248>
- Aeon, B., & Lamertz, K. (2021). Those who control the past control the future: The dark side of rhetorical history. *Organization Studies*, 42(4), 575–593. <https://doi.org/10.1177/0170840619844284>
- Agência GOV. (2024, September 18). *Mulheres ganham 20,7% menos que homens em empresas com mais de 100 funcionários, aponta 2º Relatório de Transparência Salarial — Ministério do Trabalho e Emprego*. Gov.Br. <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Setembro/mulheres-ganham-20-7-menos-que-homens-em-empresas-com-mais-de-100-funcionarios-aponta-2deg-relatorio-de-transparencia-salarial>
- Almeida, R. (2025a, January 8). *Meta altera nome de temas do Messenger para remover termos LGBTQ+*. Núcleo. <https://nucleo.jor.br/curtas/2025-01-08-meta-muda-o-nome-de-temas-messenger/>
- Almeida, R. (2025b, January 9). *Meta restaura tema Orgulho LGBTQ+ no Messenger*. Núcleo. <https://nucleo.jor.br/curtas/2025-01-09-meta-restaura-mencao-a-orgulho-lgbt-em-nome-de-tema-mas-remove-outras-opcoes-2/>
- Anteby, M., & Molnár, V. (2012). Collective memory meets organizational identity: Remembering to forget in a firm’s rhetorical history. *Academy of Management Journal*, 55(3), 515–540. <https://doi.org/10.5465/amj.2010.0245>
- Antunes, H. de J. G., & Pinheiro, P. G. (2020). Linking knowledge management, organizational learning and memory. *Journal of Innovation and Knowledge*, 5(2), 140–149. <https://doi.org/10.1016/j.jik.2019.04.002>
- Argote, L., McEvily, B., & Reagans, R. (2003). Managing knowledge in organizations: An integrative framework and review of emerging themes. *Management Science*, 49(4), 571–582. <https://doi.org/10.1287/mnsc.49.4.571.14424>
- Bachelard, G. (1990). *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Martins Fontes.
- Balmer, J. M. T., & Burghausen, M. (2015). Introducing organisational heritage: Linking corporate heritage, organisational identity and organisational memory. *Journal of Brand Management*, 22(5), 385–411. <https://doi.org/10.1057/bm.2015.25>

- Barbosa, L. C. M., Carvalho, R. B., Choo, C. W., Versiani, Â. F., & Pedron, C. D. (2022). Corporate memory dynamics in project-based organizations (PBOs): multiple case study in Brazilian engineering design firms and a framework proposal. *Learning Organization*, 29(4), 297–316. <https://doi.org/10.1108/TLO-12-2020-0226>
- Barros, A., Carneiro, A. de T., & Wanderley, S. (2019). Organizational archives and historical narratives: Practicing reflexivity in (re)constructing the past from memories and silences. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 14(3), 280–294. <https://doi.org/10.1108/QROM-01-2018-1604>
- Bennet, D., & Bennet, A. (2009). Associative Patterning: The Unconscious Life of an Organization. In J. P. Girard (Ed.), *Building Organizational Memories* (pp. 201–224). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-59904-540-5.ch014>
- Bergson, H. (1999). *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (2nd ed.). Martins Fontes.
- Bernstein, R. S., Bulger, M., Salipante, P., & Weisinger, J. Y. (2020). From Diversity to Inclusion to Equity: A Theory of Generative Interactions. *Journal of Business Ethics*, 167(3), 395–410. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04180-1>
- Booth, C., & Rowlinson, M. (2006). Management and organizational history: Prospects. *Management and Organizational History*, 1(1), 5–30. <https://doi.org/10.1177/1744935906060627>
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos* (3 ed.). Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2022). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social* (4th ed.). Ateliê Editorial.
- Brennan, J. (2023). Diversity for Justice vs. Diversity for Performance: Philosophical and Empirical Tensions. *Journal of Business Ethics*, 187(3), 433–447. <https://doi.org/10.1007/s10551-022-05278-9>
- Casey, A. J., & Olivera, F. (2011). Reflections on organizational memory and forgetting. *Journal of Management Inquiry*, 20(3), 305–310. <https://doi.org/10.1177/1056492611408264>
- Cerbone, D. (2014). *Fenomenologia* (3. ed.). Editora Vozes.
- Chaib, J., & Lacombe, V. (2025, March 4). Trump usa palco no Congresso como comício, ressalta políticas da campanha e reforça ameaças externas. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/03/trump-comeca-discurso-ao-congresso-ainda-em-clima-de-campanha-eleitoral.shtml>

- Chang, D. R., & Cho, H. (2008). Organizational memory influences new product success. *Journal of Business Research*, 61(1), 13–23. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2006.05.005>
- CLINICAND - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE. (2021, March 19). *GRADA KILOMBA: DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO*. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>
- CNN. (2025, January 23). *O que é “DEI”, programa de diversidade que Trump pôs fim nos EUA | CNN Brasil*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-dei-programa-de-diversidade-que-trump-pos-fim-nos-eua/>
- Cornelissen, J., Höllerer, M. A., & Seidl, D. (2021). What Theory Is and Can Be: Forms of Theorizing in Organizational Scholarship. *Organization Theory*, 2(3). <https://doi.org/10.1177/26317877211020328>
- Cornelissen, J. P. (2017). Preserving Theoretical Divergence in Management Research: Why the Explanatory Potential of Qualitative Research Should Be Harnessed Rather than Suppressed. *Journal of Management Studies*, 54(3), 368–383. <https://doi.org/10.1111/joms.12210>
- Cury, C. (2023, July 21). *Folha em Branco*. Téó & O Mini Mundo (@teoeominimundo). https://www.instagram.com/p/CtxL8GaR12j/?img_index=1
- Czarniawska, B. (2004). Narratives in Social Science Research. In B. Czarniawska (Ed.), *Narratives in Social Science Research*. SAGE Publications, Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781849209502>
- Decker, S., Hassard, J., & Rowlinson, M. (2021). Rethinking history and memory in organization studies: The case for historiographical reflexivity. *Human Relations*, 74(8), 1123–1155. <https://doi.org/10.1177/0018726720927443>
- Delahaye, A., Booth, C., Clark, P., Procter, S., & Rowlinson, M. (2009). The genre of corporate history. *Journal of Organizational Change Management*, 22(1), 27–48. <https://doi.org/10.1108/09534810910933898>
- Dennissen, M., Benschop, Y., & van den Brink, M. (2020). Rethinking Diversity Management: An Intersectional Analysis of Diversity Networks. *Organization Studies*, 41(2), 219–240. <https://doi.org/10.1177/0170840618800103>
- Elliott, J. (2005). Listening to People’s Stories: The Use of Narrative in Qualitative Interviews. In J. Elliott (Ed.), *Using Narrative in Social Research: Qualitative and Quantitative Approaches* (pp. 17–35). SAGE Publications Ltd.

- Etter, M. A., & Nielsen, F. Å. (2015). Collective remembering of organizations: Co-construction of organizational pasts in Wikipedia. *Corporate Communications*, 20(4), 431–447. <https://doi.org/10.1108/CCIJ-09-2014-0059>
- Farooq, R. (2019). Developing a conceptual framework of knowledge management. *International Journal of Innovation Science*, 11(1), 139–160. <https://doi.org/10.1108/IJIS-07-2018-0068>
- Feldman, R. M., & Feldman, S. P. (2006). What links the chain: An essay on organizational remembering as practice. *Organization*, 13(6), 861–887. <https://doi.org/10.1177/1350508406068500>
- Foroughi, H., Coraiola, D. M., Rintamäki, J., Mena, S., & Foster, W. M. (2020). Organizational Memory Studies. *Organization Studies*, 41(12), 1725–1748. <https://doi.org/10.1177/0170840620974338>
- Foster, W. M., Suddaby, R., Minkus, A., & Wiebe, E. (2011). History as social memory assets: The example of Tim Hortons. *Management and Organizational History*, 6(1), 101–120. <https://doi.org/10.1177/1744935910387027>
- Glissant, É. (2021). *A poética da relação*. Bazar do Tempo.
- Glissant, É. (2024). *Tratado do todo-mundo*. N-1 Edições.
- Guimarães Silva, M., Colvero, R. B., & Fernandes, F. F. (2020). Comunicação como Memória Organizacional: Pertencimento e Identidade nas Organizações. *Cadernos de Comunicação*, 24(2), 1–18. <https://doi.org/10.5902/2316882X38589>
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. Edições Vértice.
- Harley, B., & Cornelissen, J. (2022). Rigor With or Without Templates? The Pursuit of Methodological Rigor in Qualitative Research. *Organizational Research Methods*, 25(2), 239–261. <https://doi.org/10.1177/1094428120937786>
- Hatch, M. J., & Schultz, M. (2017). Toward a Theory of Using History Authentically: Historicizing in the Carlsberg Group. *Administrative Science Quarterly*, 62(4), 657–697. <https://doi.org/10.1177/0001839217692535>
- Hodge, P. A., & Costa, A. D. S. M. da. (2020). Do particular para o geral: memória, história oral e estudos organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(3), 303–336. <https://doi.org/10.21529/recadm.2020013>
- Jammaers, E. (2023). Theorizing Discursive Resistance to Organizational Ethics of Care Through a Multi-stakeholder Perspective on Disability Inclusion Practices. *Journal of Business Ethics*, 183(2), 333–345. <https://doi.org/10.1007/s10551-022-05079-0>

- Jammaers, E., & Zanoni, P. (2021). The Identity Regulation of Disabled Employees: Unveiling the ‘varieties of ableism’ in employers’ socio-ideological control. *Organization Studies*, 42(3), 429–452. <https://doi.org/10.1177/0170840619900292>
- Jasimuddin, S. M., Connell, N. A. D., & Klein, J. H. (2009). Understanding Organizational Memory. In J. P. Girard (Ed.), *Building Organizational Memories* (pp. 263–271). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-59904-540-5.ch017>
- Johnson, I. (2017). *Brazil 2017 Report — Out Now Global LGBT2030 Study*. www.OutNow.LGBT
- Katriel, T. (2012). Analyzing the Social Life of Personal Experience Stories. In J. A. Holstein & J. F. Gubrium (Eds.), *Varieties of Narrative Analysis* (pp. 273–291). SAGE Publications, Inc.
- Kiffer, A., & Pereira, E. de A. (2021). Prefácio. In É. Glissant (Ed.), *A poética da relação*. Bazar do Tempo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Cobogó.
- Köllen, T. (2021). Diversity Management: A Critical Review and Agenda for the Future. *Journal of Management Inquiry*, 30(3), 259–272. <https://doi.org/10.1177/1056492619868025>
- Lysova, E. I., Tosti-Kharas, J., Michaelson, C., Fletcher, L., Bailey, C., & McGhee, P. (2023). Ethics and the Future of Meaningful Work: Introduction to the Special Issue. *Journal of Business Ethics*, 185(4), 713–723. <https://doi.org/10.1007/s10551-023-05345-9>
- McNair-Brown, T. (2016). The time is now: Committing to equity and inclusive excellence. *Diversity & Democracy*, 19(1), 4–7.
- META. (2025a, January 7). *Conduta de ódio | Central de Transparência*. META. <https://transparency.meta.com/pt-br/policies/community-standards/hate-speech/>
- META. (2025b, January 7). *Hateful conduct | Transparency Center*. META. <https://transparency.meta.com/en-us/policies/community-standards/hateful-conduct/>
- Miller, K. D., Pentland, B. T., & Choi, S. (2012). Dynamics of Performing and Remembering Organizational Routines. *Journal of Management Studies*, 49(8), 1536–1558. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2012.01062.x>
- Moorman, C., & Miner, A. S. (1998). Organizational Improvisation and Organizational Memory. *The Academy of Management Review*, 23(4), 698–723.
- Moreland, R. L., & Argote, L. (2003). Transactive Memory in Dynamic Organizations. In R. Peterson & E. Mannix (Eds.), *Leading and Managing People in the Dynamic Organization*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Newton, C. (2025, January 9). *Inside Meta's dehumanizing new speech policies for trans people*. Platformer. <https://www.platformer.news/meta-new-trans-guidelines-hate-speech/>
- Nissley, N., & Casey, A. (2002). The Politics of the Exhibition: Viewing Corporate Museums Through the Paradigmatic Lens of Organizational Memory. *British Journal of Management*, 13(S2), 35–45. <https://doi.org/10.1111/1467-8551.13.s2.4>
- Olivera, F. (2000). Memory systems in organizations: An empirical investigation of mechanisms for knowledge collection, storage and access. *Journal of Management Studies*, 37(6), 811–832. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00205>
- Ortiz, R. (2015). *Universalismo e Diversidade*. Boitempo.
- Ozório, L. (2025, January 8). *Em meio a 'adeus' global para a diversidade, vagas afirmativas cresceram 37% no Brasil em 2024 | Exame*. Exame. <https://exame.com/esg/em-meio-a-adeus-global-para-a-diversidade-vagas-afirmativas-cresceram-37-no-brasil-em-2024/>
- Paoli, M., & Prencipe, A. (2003). Memory of the Organisation and Memories within the Organisation. *Journal of Management and Governance*, 7, 145–162.
- Pinacoteca de São Paulo. (2019, July 6). *Roda de Conversa Grada Kilomba e Djamilá Ribeiro*. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ovSKrDLs9Ro>
- Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3–15. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200–212. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>
- Ravasi, D., Rindova, V., & Stigliani, I. (2019). The Stuff of Legend: History, Memory, and the Temporality of Organizational Identity Construction. *Academy of Management Journal*, 62(5), 1523–1555. <https://doi.org/10.5465/amj.2016.0505>
- Ren, Y., & Argote, L. (2011). Transactive memory systems 1985-2010: An integrative framework of key dimensions, antecedents, and consequences. *Academy of Management Annals*, 5(1), 189–229. <https://doi.org/10.1080/19416520.2011.590300>
- Ribeiro, D. (2024). *Lugar de Fala*. Editora Jandaíra.
- Ricœur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento*. Edições Loyola.
- Ricœur, P. (2010). *Tempo e Narrativa - Tomo III: O tempo narrado*. Editora WMF Martins Fontes.
- Ricœur, P. (2014). *O Si-Mesmo como Outro* (1st ed.). Editora WMF Martins Fontes.
- Ricœur, P. (2020). *A memória, a história, o esquecimento*. Editora da Unicamp.

- Roux, J. (2020). *Floriography: An Illustrated Guide to the Victorian Language of Flowers*. Andrews McMeel Publishing.
- Rowlinson, M., Booth, C., Clark, P., Delahaye, A., & Procter, S. (2010). Social remembering and organizational memory. *Organization Studies*, 31(1), 69–87. <https://doi.org/10.1177/0170840609347056>
- Rowlinson, M., Casey, A., Hansen, P. H., & Mills, A. J. (2014). Narratives and memory in organizations. *Organization*, 21(4), 441–446. <https://doi.org/10.1177/1350508414527256>
- Schomaker, R. M., & Bauer, M. W. (2020). What Drives Successful Administrative Performance during Crises? Lessons from Refugee Migration and the Covid-19 Pandemic. *Public Administration Review*, 80(5), 845–850. <https://doi.org/10.1111/puar.13280>
- Schultz, M., & Hernes, T. (2013). A temporal perspective on organizational identity. *Organization Science*, 24(1), 1–21. <https://doi.org/10.1287/orsc.1110.0731>
- Spender, J.-C. (1996). Organizational knowledge, learning and memory: three concepts in search of a theory. *Journal of Organizational Change Management*, 9(1), 63–78. <https://doi.org/10.1108/09534819610156813>
- Stoyko, P. (2009). Organizational Culture and the Management of Organizational Memory. In J. P. Girard (Ed.), *Building Organizational Memories* (pp. 1–17). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-59904-540-5.ch001>
- Suddaby, R., Coraiola, D., Harvey, C., & Foster, W. (2020). History and the micro-foundations of dynamic capabilities. *Strategic Management Journal*, 41(3), 530–556. <https://doi.org/10.1002/smj.3058>
- Sukevicius, R. (2025, March 6). *De que forma o Brasil vai adaptar discurso contra diversidade de Trump? - 06/03/2025 - Todas as letras - Folha*. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/todas-as-letras/2025/03/de-que-forma-o-brasil-vai-adaptar-discurso-contra-diversidade-de-trump.shtml>
- van Bommel, H. M., Hubers, F., & Maas, K. E. H. (2024). Prominent Themes and Blind Spots in Diversity and Inclusion Literature: A Bibliometric Analysis. *Journal of Business Ethics*, 192(3), 487–499. <https://doi.org/10.1007/s10551-023-05522-w>
- Van Maanen, J. (2011). *Tales of the Field: on writing ethnography* (2nd ed.). The University of Chicago Press.
- Vasconcelos, C. (2023, January 26). *Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans*. UOL. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm>

- Vaujany, F. X. de, Vaast, E., Clegg, S. R., & Aroles, J. (2021). Organizational memorialization: spatial history and legitimation as chiasms. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 16(1), 76–97. <https://doi.org/10.1108/QROM-01-2020-1887>
- Wadhvani, R. D., Suddaby, R., Mordhorst, M., & Popp, A. (2018). History as Organizing: Uses of the Past in Organization Studies. *Organization Studies*, 39(12), 1663–1683. <https://doi.org/10.1177/0170840618814867>
- Walsh, J. P., & Ungson, G. R. (1991). Organizational Memory. *Academy of Management Review*, 16(1), 57–91.
- Wegner, D. M. (1987). Transactive Memory: A Contemporary Analysis of the Group Mind. In B. Mullen & G. R. Goethals (Eds.), *Theories of Group Behavior* (Vol. 1, pp. 185–208). Springer. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-1-4612-4634-3_9
- Wegner, D. M., Erber, R., & Raymond, P. (1991). Transactive Memory in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 923–929.
- Wexler, M. N. (2002). Organizational memory and intellectual capital. *Journal of Intellectual Capital*, 3(4), 393–414. <https://doi.org/10.1108/14691930210448314>
- Zanoni, B. (2024). *A tradução enquanto prática: o movimento dos sentidos da sustentabilidade no campo organizacional* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Paraná.
- Zanoni, P., & Janssens, M. (2004). Deconstructing Difference: The Rhetoric of Human Resource Managers' Diversity Discourses. In *Organization Studies* (Vol. 25, Issue 1, pp. 55–74). <https://doi.org/10.1177/0170840604038180>
- Zanoni, P., Janssens, M., Benschop, Y., & Nkomo, S. (2010). Unpacking diversity, grasping inequality: Rethinking difference through critical perspectives. In *Organization* (Vol. 17, Issue 1, pp. 9–29). <https://doi.org/10.1177/1350508409350344>